



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

EDITH WHARTON

A época da inocência

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

EDITH WHARTON (1862-1937), nascida Edith Newbold Jones, pertencia a uma das famílias mais ilustres de Nova York e estudou com preceptores nos Estados Unidos e no exterior. Viveu por longos períodos na Europa, e de 1913 até sua morte morou na França. Publicou poesias e contos em revistas e em forma de livro antes de lançar o romance *The House of Mirth* (1905), um best-seller que tanto confirmou suas qualidades literárias como demonstrou sua capacidade de agradar ao grande público. Ao longo da vida, publicou mais de quarenta títulos: romances, contos, poesias, ensaios, livros de viagem e memórias. Sua obra mais famosa é, provavelmente, *A época da inocência* (1920), contemplada com o prêmio Pulitzer e adaptada para o cinema por Martin Scorsese em 1993.

HILDEGARD FEIST é formada em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, cursou Mass Media in Society na American University, Washington, D.C., onde morou em 1969-70, e trabalhou durante quinze anos na extinta Abril Cultural, redigindo e, depois, editando fascículos. Desde 1986, traduziu, sobretudo do inglês, mas também do francês, do espanhol e do italiano, mais de cinquenta livros, a maioria sobre história contemporânea, história da arte e história das religiões e quase todos para a Companhia das Letras. É autora de paradidáticos sobre história da arte, publicados pela Editora Moderna, e de adaptações de clássicos ingleses para público juvenil, publicadas pela Editora Scipione.

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF estudou na Universidade Harvard, lecionou na Universidade de Boston, no Queens College, no Manhattanville College, na Universidade de Massachusetts, em Amherst e no MIT (Massachusetts Institute of Technology). Escreveu três livros: *Samuel Richardson and the Eighteenth Century Puritan Character*, *A Feast of Words: The Triumph of Edith Wharton* (segunda

edição publicada em 1995 por Addison-Wesley) e *Emily Dickinson*. Organizou mais de uma dúzia de títulos e escreveu monografias e dezenas de ensaios — mais recentemente estudos de narrativas escravagistas e abolicionistas de meados do século XIX.

LAURA DLUZYNSKI QUINN cresceu em Ohio e fez doutorado em inglês na Universidade de Boston.

EDITH
WHARTON

A época
da inocência

Tradução

HILDEGARD FEIST

Introdução

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF

Notas

LAURA DLUZYNSKI QUINN

PENGUIN 

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Introdução — Cynthia Griffin Wolff

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

Notas explicativas

Sugestões de leitura

Notas

Introdução

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF

Na décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês de 1918, os canhões silenciaram. A Primeira Guerra Mundial chegou ao fim e tiveram início os preparativos para a paz. Um sentimento de alívio e gratidão propagou-se pelos países aliados, mas até mesmo a felicidade tinha um lado melancólico. Velhas ordens ruíram nessa *primeira* guerra “mundial”: sonhos foram desfeitos; o mundo mudou irreversivelmente; e nenhum artista compreendeu as contradições e complexidades da guerra e sua “trágica vitória” melhor que Edith Wharton, a grande romancista americana. Ela registrou sua vívida reação em *Fighting France* (1915): “Uma das coisas mais detestáveis da guerra é que tudo que está relacionado com ela, afora a morte e a ruína resultantes, constitui uma exaltação da vida, é visualmente estimulante e absorvente. ‘Era divertido e terrível’ é uma frase recorrente em *Guerra e paz* [de Tolstói]”.

Edith Wharton começou a escrever *A época da inocência* tão logo cessaram os combates, e a narrativa assumiu sua forma final catorze meses depois. Sob muitos aspectos, esse é seu “romance de guerra”: uma saudação à nova era e um memorial da era que terminara; mas é, principalmente, um estudo das complexas e íntimas relações entre coesão social e crescimento individual, e a recente experiência do conflito e da devastação por parte da autora entristece, aprofunda e enriquece sua visão.

Sempre isentas de sentimentalismo, as narrativas de Wharton geralmente exploram o incerto terreno entre dois perigos opostos. Num extremo, estão a anarquia, a erradicação de todos os sistemas de ordem. Seus caóticos resultados são expostos no primeiro romance de Wharton, *The Valley of Decision*, uma saga dos levantes napoleônicos na Itália: “Por fim o homem estava livre — mais livre do que jamais sonharam seus supostos libertadores — e usava sua liberdade como um animal!”. No outro extremo, está a repressão sufocante, cujas consequências potencialmente fatais são descritas em obras-primas famosas como *The House of Mirth* e *Ethan Frome*. Contudo, se ambos os extremos são letais, o território intermediário é repleto de incertezas e só pode fornecer respostas parciais para nossos problemas humanos e nossas terríveis tribulações. Edith Wharton sustenta que a noção de felicidade “perfeita” — como a de liberdade “perfeita” — não passa de uma sedutora quimera que nos leva à destruição inevitável; e quase toda a sua ficção anterior à guerra focaliza a busca e a aceitação individual de alguma forma de felicidade parcial (e necessariamente *imperfeita*).

A nova dimensão introduzida pela Primeira Guerra Mundial foi uma preocupação com a sobrevivência não só de homens e mulheres individualmente, mas de uma cultura — de toda uma sociedade. Pouco antes de iniciar-se o conflito, Wharton começou a estudar arqueologia e antropologia — e não abandonou esses estudos durante as hostilidades. Aprendeu muito sobre culturas antigas e primitivas, porém mais importante que esses conhecimentos foi, talvez, sua constatação de que as culturas podem morrer, tornar-se “extintas”, como espécies que não passaram no teste da evolução. A guerra demonstrou, como nenhuma outra experiência, o que acontece quando uma sociedade inteira e suas tradições são implacavelmente atacadas. A conclusão do conflito revelara a heroica capacidade da França de resistir a esse ataque — resistir e até mesmo se fortalecer. No entanto, mostrara bem pouco da fortitude dos Estados Unidos, a terra natal de Edith Wharton, que só entraram na guerra pouco antes de seu final. Quais seriam as fontes da força americana? Que elementos da cultura americana poderiam contribuir não só para a

verdadeira felicidade individual, mas também para a capacidade de resistência desse país que ainda não fora testado?

As experiências de Wharton durante o conflito transformaram-na para sempre; e não é por acaso que *A época da inocência* é um romance pós-*Guerra Civil*, ambientado na década de 1870, mas concebido para descobrir essas forças culturais que permitiriam aos americanos sobreviverem à década de 1920.

Desde seu divórcio, em 1913, até sua morte, Wharton morou em Paris; já então uma escritora renomada, não fez dos anos de guerra um período de criatividade artística. Preferiu dedicar suas energias à causa dos Aliados e nisso, como em muitas outras coisas, foi prodigiosamente ativa e excepcionalmente bem-sucedida. Realizou feitos tão extraordinários que em 1916 recebeu a comenda de cavaleiro da Legião de Honra francesa, provavelmente a mais notável das muitas honrarias que lhe seriam concedidas por seu trabalho. Durante o conflito, desempenhou um papel admirável, prestando ajuda e apoio a civis e soldados.

Pouco depois que tiveram início as hostilidades, assumiu o comando dos American Hostels for Refugees [Albergues Americanos para Refugiados]. Sempre competente em sua profissão, porém inexperiente no mundo dos negócios, agora estava à frente de uma grande organização internacional. Os albergues acolhiam os milhares de pessoas desalojadas que semanalmente chegavam a Paris — fornecendo-lhes moradia, comida, cuidados médicos, emprego (ou, se necessário, treinamento profissional), creche e até mesmo um hospital específico para tuberculosos. Como diretora dessa organização durante quatro anos, Wharton trabalhou até a exaustão, muitas vezes pondo em risco sua saúde. Nessa época, praticamente deixou de lado sua atividade literária, publicando apenas uma obra de ficção, *Summer*, em 1917. Mas não parou de escrever, pois, além de administrar essa imensa rede de instituições de caridade patrióticas e angariar o dinheiro para mantê-las, tornou-se uma excelente correspondente de guerra.

Em *Fighting France*, as descrições de Paris — cidade que às vezes se empolgava com tantos homens preparando-se para seguir para a

frente de batalha, mas com frequência mergulhava em profunda melancolia — nos permitem entender a apaixonada sensibilidade que a levou a uma atividade tão extraordinária:

Em toda parte, em todo quarteirão e a toda hora, entre os atarefados e confiantes parisienses de passo firme, veem-se outras pessoas, atordoadas e vagarosas — homens e mulheres carregando nas costas trouxas imundas, arrastando os pés hesitantes em seus sapatos rasgados, conduzindo pelas mãos crianças que igualmente se arrastam e levando no colo bebês exaustos: o grande exército dos Refugiados. Seus rostos são inconfundíveis e inesquecíveis. Quem já viu aquele olhar de muda perplexidade — ou aquele outro olhar de horror concentrado, com seus reflexos de chamas e ruínas — não consegue mais livrar-se da obsessão dos Refugiados.

Há muitas coisas excepcionais nos esforços de Wharton durante a guerra, porém um fio os percorre. Em nenhuma acepção do termo ela foi uma “benfeitora” da sociedade: via esses soldados aliados e esses refugiados como pessoas complexas, cujas alegrias e cujos horrores sentia tão intensamente quanto suas próprias alegrias e seus próprios horrores. Em *No Gifts from Chance*, sua biógrafa Shari Benstock lembra uma história inesquecível:

Uma mulher, “Mme. Marguerite M.”, passara catorze meses num cubículo de uma prisão alemã onde estavam confinados cerca de cinco mil civis. Durante esse tempo, recebeu a notícia de que seu marido, um soldado, morrera num campo de prisioneiros militares. Viu sua filha de sete anos morrer diante de seus olhos. Escutou os gritos de sua irmã ao ser estuprada por oficiais alemães diante dos dois filhos no cubículo vizinho. A irmã morreu; os filhos dela foram levados embora e nunca mais foram vistos. “Mme. Marguerite M.” adoeceu de tristeza, e, julgando-a insana, os guardas a libertaram. Um policial encontrou-a numa estação ferroviária de Paris e encaminhou-a para a casa de repouso de um dos albergues. “Ela estava lá havia algumas semanas, quando a vi pela primeira vez”, Edith escreveu, “e não me admirei de que seus carcereiros a

considerassem louca. Hoje, ela está tranquila e recuperou o autocontrole; mas continua um trapo irreparável, uma vida desperdiçada. [...] Eu poderia falar de muitas outras pessoas como ela.

Pouca gente entendeu tão prontamente quanto Edith Wharton que a frente de batalha não começa e termina “lá fora”, em algum lugar “distante”, em algum campo arquetípico, onde jovens heroicos competem entre si na disputa pela “honra”. A guerra é “divertida”, mas também é “terrível”: destrói nossas harmonias fundamentais; e, se proporciona empolgação, energia e um senso de finalidade, também pode ameaçar-nos a todos com o desespero e a loucura.

Tendo visto os “reflexos de chamas e ruínas” no rosto de seus refugiados, Wharton resolveu assistir aos combates. Em 1915, foi várias vezes ao front, caminhou pelas linhas de batalha, conversou com os soldados e meditou sobre a fragilidade daquele equilíbrio sempre instável entre coerência e caos. Com frequência tinha uma missão específica a cumprir, como levar suprimentos para os hospitais e inspecionar as condições ali reinantes. Às vezes, o sofrimento de crianças órfãs lhe chamava a atenção, como atesta R. W. B. Lewis, outro de seus biógrafos:

Como os refugiados mais velhos, elas chegavam doentes em função das privações e da sujeira e estupificadas pelo medo: uma criança fora encontrada numa fazenda, onde passara cinco dias sozinha e sem comida; duas meninas foram tiradas dos braços do pai morto. Foram banhadas, vestidas, alimentadas e levadas ao jardim para brincar. As acomodações [providenciadas às pressas] funcionaram tão bem que o governo belga perguntou se Mme. Wharton poderia cuidar de outras seiscentas. [Logo] o Comitê de Resgate das Crianças da Flandres [...] administrava uma organização quase tão grande quanto a dos American Hostels.

O drama individual dos refugiados acabou se tornando um horror corriqueiro.

Mas as estadas no front revelaram também um horror maior — uma destruição generalizada, sistemática: aldeias arrasadas em conformidade com a tática da terra devastada; pessoas indefesas — mulheres, velhos, crianças — brutalizadas “por brincadeira”. Eram atos calculados para aniquilar a civilização de um país e, assim, matar sua vontade de resistir.

Como Wharton repete ao longo de *Fighting France*, o objetivo final do inimigo era anular o sentido de comunidade dos Aliados. Numa aldeia após outra,

deparava-se [...] constantemente com o espetáculo de todos os terrores, angústias, extrusões e dilaceramentos envolvidos na destruição das mais obscuras comunidades humanas. As fotografias nas paredes, os raminhos murchos sobre os crucifixos, os velhos vestidos de noiva nos baús, os maços de cartas escritas zelosa e penosamente decifradas, todos os mil e um fragmentos do passado que dão sentido e continuidade ao presente.

Assim, talvez não surpreenda que ela também constatasse um impulso “doméstico” entre os soldados no front. Homens que conviviam com a incerteza, homens que marcharam e lutaram no campo desfigurado, homens que corriam o risco da mutilação e da morte — eram também homens que muitas vezes construía casas e aldeias provisórias.

As casas são parcialmente subterrâneas, interligadas por profundas “entranhas” sinuosas providas de pontes rústicas e tão cobertas de relva que a parte situada acima do solo é à prova de bomba. Mas são casas de verdade, com portas e janelas de verdade. [...] Em outras animadas catacumbas encontramos fileiras ordenadas de beliches, mesas comunitárias, panelas chiando no fogão. A inventividade era infinita em todo canto.

Wharton concluiu que o impulso de criar uma comunidade se tornara componente indispensável da sanidade no front. Assim, tão logo o inimigo destruía aquelas lembranças triviais que, em conjunto,

criaram um “passado”, reuniam-se novas associações e novas lembranças para substituí-las. O que Wharton observou e registrou foi, portanto, a firme determinação dos soldados de estabelecer uma rede de relações e espaços familiares — a mais primitiva reação da sociedade à ameaça de extermínio.

Edith Wharton tinha 53 anos quando testemunhou a violência e a brutalidade que suscitaram essa domesticidade nas trincheiras. A coragem e a preocupação que a levaram para as frentes de batalha e a vigorosa criatividade com que assumiu o comando das instituições de caridade dos Aliados eram incomuns em qualquer pessoa; numa mulher — e sobretudo numa mulher de sua idade e em suas circunstâncias — eram extraordinárias. Não só sua formação não a preparara para isso, como tudo que existira no mundo de sua infância era claramente contrário a tamanha ousadia e a tanto espírito de iniciativa.

Edith Newbold Jones nasceu em 24 de janeiro de 1862. Seus pais faziam parte de um círculo exclusivo de indivíduos que herdaram fortunas e gozavam de privilégios sociais, um pequeno mundo chamado “Velha Nova York”.

Se existem americanos de origens aristocráticas, Edith Wharton certamente é um deles: seu bisavô, Ebenezer Stevens, participou do Boston Tea Party.* Mais tarde, como oficial na Guerra de Independência, participou das vitórias de Saratoga e Yorktown, e dizia-se que suas engenhosas manobras foram responsáveis por frustrar o bloqueio de Annapolis pelos ingleses. Depois da guerra, estabeleceu-se em Nova York e tornou-se um próspero comerciante das Índias Orientais, mas continuou agindo em conformidade com sua noção de dever cívico. Assim, embora se dedicasse ao comércio, destacou-se também em numerosas áreas do serviço público: viajou em missões confidenciais a mando dos governos francês e americano e atuou em inumeráveis comitês da cidade de Nova York. Edith Wharton o admirava por sua astúcia, seu sucesso e seu elevado senso de honra. Homenageou-o, chamando sua casa em Lenox de “O Monte” — o mesmo nome da casa de campo do bisavô —, e em sua

autobiografia, *A Backward Glance*, descreve longamente seu ilustre antepassado, explicando:

Se me demorei na trajetória desse cidadão exemplar foi por causa de uma secreta predileção por ele. [...] Gosto sobretudo da abundante energia, da pronta adaptabilidade e da *joie de vivre* que o levavam de uma aventura a outra, em meio à guerra, ao comércio e à família (ele se casou duas vezes e teve catorze filhos). [...] Mas talvez eu me sinta mais próxima dele quando olho para meus suportes de achas em forma de águia e penso nas belas molduras de lareira policromadas que ele encontrou tempo para trazer da Itália a fim de fazer companhia às laranjeiras em seu terraço.

Wharton se deliciava com a estética do parente distante; respeitava-o pela capacidade de combinar dinamismo e tino para os negócios com dedicação à família e realização de serviços de interesse público em tempos de paz; na verdade, parece que sua vontade de imitá-lo e até mesmo sua identificação com ele na vida adulta foram muito além de simplesmente batizar sua casa com o nome da casa dele.

No entanto, se foi uma inspiração para a bisneta (e, talvez, sobretudo durante e após os anos turbulentos da Primeira Guerra Mundial), o general Ebenezer Stevens foi um modelo distante e indistinto. As influências mais próximas na vida de Edith Jones Wharton foram os pais e os amigos dos pais; e, de modo geral, a Velha Nova York de sua mocidade preferiu manter-se à margem daquela era de arrojado vigor e atuante virtude. É bem verdade que uns e outros ainda tentavam viver tão intensamente quanto Ebenezer Stevens e contribuía com grandes ou pequenos gestos para a honra e o aprimoramento de sua comunidade. O melhor desses cidadãos, segundo Wharton, era Theodore Roosevelt, um amigo pessoal que gozava de seu profundo respeito. Contudo, muitos integrantes dessa classe privilegiada se tornaram fracos e cheios de si — tacanhos, rígidos e, às vezes, despropositadamente punitivos. Quando Edith Jones nasceu, o pequeno mundo da Velha Nova York, que já havia

sido vibrante, era, em linhas gerais, sufocante, até mesmo para os homens; e para as mulheres suas convenções se tornaram opressivas.

George Frederic Jones, pai da escritora, recebeu uma polpuda pensão até o momento em que, com a morte do pai, herdou uma considerável fortuna. Consta que era um homem bom e generoso; a filha o adorava. Ele nunca trabalhou para ganhar a vida e ocupava o tempo com os hobbies de seu círculo — “pesca, regata, caça a aves selvagens”. Seus defeitos eram os pecados da omissão: indiferença e propensão a ser dominado pela vontade forte da esposa.

Lucretia Rhineland Jones, a mãe de Edith, podia orgulhar-se de sua herança, embora tivesse crescido em condições relativamente modestas: seu pai morrera aos trinta anos, deixando a jovem viúva e os quatro filhos dependentes da generosidade da família. Lucretia era uma beleza na juventude e, quando se casou com George Jones, finalmente pôde cultivar essa beleza. O casal passou uma longa lua de mel na Europa, e, mais tarde, Edith Wharton lembrou as histórias que os pais lhe contaram desse início de sua vida conjugal e sobretudo de sua primeira viagem a Paris:

Os ombros caídos e a cintura fina [da mamãe] se destacavam lindamente nos maravilhosos vestidos adquiridos nessa primeira viagem à capital da moda. Tudo isso aconteceu anos antes de meu nascimento; mas a tradição de elegância nunca foi abandonada, e [...] eu participava da empolgação causada pela chegada anual do “baú de Paris” e do encantamento suscitado pelos vestidos esplendorosos que, um após outro, eram retirados de seu invólucro de papel de seda. Uma vez, quando eu era pequena, minha bela e séria tia Mary Newbold, irmã de minha mãe, perguntou-me, com edificante interesse: “O que você quer ser quando crescer?”. E com toda a minha boa-fé, obedientemente respondi: “A mulher mais bem-vestida de Nova York”. Ao que ela exclamou, horrorizada: “Oh, não diga isso, querida!”. E eu repliquei, admirada: “Mas, titia, você sabe que a mamãe é”.

Lucretia e George Jones eram gregários; adoravam receber; e dizia-se que a expressão “*keeping up with the Joneses*”** foi cunhada para

descrever o esplêndido entusiasmo social dos pais de Edith Jones Wharton!

Seria de se esperar que, com pais como esses, Edith tivesse diante de si pelo menos a promessa de uma vida despreocupada, com muita diversão e muita atividade social. Mas a realidade estava longe de ser divertida para ela. Seus dois irmãos tinham, respectivamente, treze e quinze anos por ocasião de seu nascimento, e parece que a família não só não planejou sua chegada como, em grande parte, não a viu com bons olhos. A mãe não fazia segredo de sua preferência pelos filhos homens.

Lucretia era crítica e distante com relação à filha, estava sempre pronta a ridicularizá-la em tudo, do cabelo ruivo e dos pés supostamente “grandes” à seriedade da menina. Quando o talento literário de Edith aflorou (em tenra idade), a reação da mãe foi um misto de horror e fascínio. E quando ela realmente começou a escrever ficção, Lucretia tratou de sufocar esse impulso com o maior rigor possível:

Não se considerava necessário alimentar minhas ambições literárias com papel ofício, e, na falta desse material, fui obrigada a esmolar o papel dos embrulhos entregues em casa. Depois de algum tempo, esse papel passou a ser visto como propriedade minha, e eu sempre tinha em meu quarto uma pilha de grandes folhas pardas. Nunca me ocorreu dobrá-las e cortá-las, e eu costumava espalhá-las pelo chão e engatinhar sobre elas.

Assim, embora viesse a expressar admiração pela beleza, pelo bom gosto e pelo desvelo de Lucretia com a elegância da linguagem precisa, Edith Wharton tinha poucas outras lembranças positivas da “mamãe”; na verdade, a escritora adulta constantemente a descreve com imagens de frieza glacial, como indiferente na melhor das hipóteses e desdenhosa na pior delas. Uma mãe com a hostilidade de Lucretia seria difícil em quaisquer circunstâncias; na atmosfera da Velha Nova York, sua atitude reforçava o efeito de um ambiente já infestado de elementos perniciosos.

Todas as lembranças da infância de Wharton reconhecem uma curiosa mistura de força e carência na sociedade em que ela nasceu.

Por um lado, muitos dos antigos valores se mantinham: a honra, a lealdade e a dedicação à família que caracterizaram a vida de Ebenezer Stevens ainda eram visíveis na vida de seus descendentes. Os méritos da Velha Nova York, Wharton diria,

estão na preservação de dois padrões importantes em qualquer comunidade: o da educação e das boas maneiras e o da escrupulosa probidade nos negócios e nos assuntos particulares. Nova York sempre foi uma comunidade comercial, e em minha infância os méritos e defeitos de seus cidadãos eram os de uma classe média mercantil. O primeiro dever dessa classe consistia em observar um rígido padrão de honestidade nos negócios; e os homens da época de meu pai o observaram: nas leis, nas atividades bancárias, na navegação, no comércio atacadista. [...] Eu diria que as qualidades que justificavam a existência de nossa velha sociedade eram urbanidade social e incorruptibilidade financeira.

Por outro lado, no entanto, a Velha Nova York perdera a imaginação, tornara-se letárgica e potencialmente rígida no exercício dessas virtudes.

Um pequeno mundo tão bem organizado e tão rico não costuma produzir águias ou fanáticos, e parece que ambos estiveram ausentes da esfera em que meus ancestrais transitavam. [...] O conformismo é a praga das comunidades de classe média. [...] Relembrando aquele pequeno mundo e o “estoque de pequenas máximas” com que os velhos destruíam qualquer tipo de iniciativa, muitas vezes eu me surpreendia com tamanha apatia nos descendentes dos homens que conquistaram seu espaço no novo mundo. O que foi feito do espírito dos [...] revolucionários?

Talvez tenha sido justamente esse conformismo que, no plano individual, parecia mais opressivo a Edith Jones, escritora em potencial.

Seus pais e os amigos de seus pais não se interessavam por música ou por artes plásticas; achavam os escritores potencialmente perigosos, “boêmios” — gente que devia ser excluída dos círculos refinados. Paradoxalmente, os Velhos Nova-Iorquinos tinham profunda veneração pela beleza, venerando em especial (e quase exclusivamente) a aparência dos filhos — e, claro está, sobretudo das filhas.

Naquela sociedade simples, havia uma adoração quase pagã da beleza física, e a primeira pergunta que se fazia sobre qualquer jovem que acabava de entrar na vida social era, invariavelmente: “Ela é bonita?” ou “Ele é bonito?” — pois a boa aparência era tão valorizada nos rapazes como nas moças. [...] Minha lembrança mais vívida é das pitorescas reuniões do clube de arco e flecha. [...] E uma reunião dessas era um bonito espetáculo, com os pais e os mais velhos sentados em semicírculo no gramado, atrás das lindas arqueiras com suas sedas ou musselinas esvoaçantes, seus largos chapéus de palha, seus véus pesados jogados para trás no momento de mirar o alvo. Esses véus estão associados com todas as festividades dos verões de minha infância. [...] Nenhum atributo era tão bem cotado quanto “uma boa cútis”. [...] A beleza era impensável, sem “uma boa cútis”, e para defender esse tesouro contra o sol, o vento e a arqui-inimiga aragem marinha usavam-se habitualmente véus espessos como cortinas.

Afora o respeito pela graça juvenil, a capacidade dessa sociedade de apreciar a beleza era ridiculamente restrita.

Jovens casais em lua de mel na Europa adquiriam cópias ricamente emolduradas de telas dos “velhos mestres”; jovens matronas colecionavam porcelana ou rendas antigas; e a casa dos recém-casados era, em geral, tão desconfortável e formal que até as paredes pareciam estofadas. Essas eram suas noções de cultura e bom gosto.

Nesse ambiente, as moças tinham uma relação específica e obrigatória com a beleza: tinham de ser objetos supinamente belos. Assim, o véu que protegia as jovens arqueiras pode bem representar uma prática mais geral de confinamento e proibição. As moças

tinham de ser belas. *Criar* beleza — tornar-se *artista* — *escrever romances!* (Por dinheiro!) Tais ocupações já seriam reprováveis num homem; numa mulher eram simplesmente inconcebíveis!

Assim, no mundo em que Edith Jones Wharton cresceu — ou seja, no mundo em que ela ambientou *A época da inocência*, seu grande romance —, a conduta aceitável numa jovem era tão rígida quanto seu espartilho (que ficava em pé sozinho); as perspectivas dos rapazes também eram limitadas; e o resultado era mutilante — potencialmente letal — para o espírito de homens e mulheres.

Libertar-se das restrições desse mundo e dos padrões de mediocridade vigentes na casa de sua mãe foi uma façanha heroica na vida de Edith Wharton. O relato de sua luta pessoal é, por si só, uma narrativa absorvente que ainda hoje pode nos esclarecer e inspirar.

Talvez não surpreenda que, no início de sua carreira literária, sua imaginação tenha sido dominada pelas deficiências da Velha Nova York — e em especial pela escassez de opções para *mulheres* talentosas e vigorosas. Como escrevi em outro texto: “A menina passara anos assistindo, extasiada, à abertura do baú anual dos vestidos que chegavam de Paris para a mãe. Tinha fome de beleza em todas as formas e devia ser excepcionalmente suscetível à imagem da mulher como uma bela obra de arte”. Pouco a pouco, porém, Wharton “se convenceu de que ‘fazer’ era uma fonte de força, enquanto ‘ser’ apenas cerceava a inventividade individual. Sim, havia problemas objetivos para a mulher que escolhia criar beleza; mas, tudo somado, escrever não colocava nenhum obstáculo intrínseco à intimidade emocional [...] e infundia uma força que não se podia encontrar em parte alguma”.

Os primeiros contos, como “The Muse’s Tragedy” e “The Valley of Childish Things and Other Emblems”, investigam os trágicos efeitos da injunção de “ser” em lugar do estímulo para “fazer”; nesses textos, Wharton muitas vezes dá particular atenção à relação entre as mulheres e a beleza ou a arte, ao mesmo tempo que se mostra mais e mais determinada a realizar todo o seu potencial como artista ativa e bem-sucedida. A mais magnífica e complexa análise dessa trágica

herança “feminina” é *The House of Mirth* (1905), seu primeiro romance nova-iorquino (e uma de suas melhores obras de ficção); a heroína, Lily Bart, sofre as desastrosas consequências de uma tradição que permitiu às mulheres apenas uma responsabilidade — a de tornar-se a encarnação da beleza e da perfeição artística — e apenas uma “carreira” — a de conseguir um bom casamento.

Contudo, sob certos aspectos essa crítica do mundo ao qual ela pertencia é enganosa. Wharton sempre abominou “soluções” fáceis para problemas difíceis; assim, sua condenação da tacanhice da Velha Nova York sempre é contrabalançada por seu reconhecimento das dificuldades presentes em qualquer tentativa de encontrar alternativas práticas. Pouco lhe interessavam grandes gestos de ousadia individual: ela nunca admirou a rebeldia pela rebeldia, nem acreditava que qualquer indivíduo inteiramente livre do fardo das imposições sociais pudesse “realizar-se”.

A seu ver, a relação entre o eu e a sociedade é *intrínseca e inescapável*; para tornar-se um “eu” maduro — um adulto realizado e feliz — todos (homens e mulheres) precisam desempenhar papéis sociais gratificantes e viáveis. Ademais, Wharton acha que não conseguir encontrar um lugar realmente significativo numa comunidade vital e admirável acaba tendo consequências fatais: a exclusão do convívio com outros indivíduos significativos equivale a uma forma de morte. Assim, os desejos tentadores de “absoluta realização pessoal” ou “liberdade total” nunca podem ser mais que quimeras sedutoras e letais; e é catastrófico perseguir tais ilusões.

Se os romances de Wharton têm um “final feliz”, a felicidade é restrita, porque (como ela muitas vezes assinala) na vida real a alegria sempre é limitada. Portanto, o *verdadeiro* desafio de cada homem e de cada mulher nunca pode ser o de encontrar a perfeita felicidade; antes, deve ser o de criar alguma forma de felicidade *possível* — com amor-próprio e a parcial realização das esperanças e aspirações pessoais. Nesta vida, ninguém pode esperar mais que isso.

As experiências de Wharton durante a Primeira Guerra Mundial afetaram profundamente sua visão da condição humana, sempre sóbria e equilibrada. Os romancistas americanos que costumamos associar com a desilusão subsequente ao conflito eram mais jovens

que ela, porque em geral foram só os jovens, como Fitzgerald e Hemingway, que testemunharam a carnificina. Edith Wharton era única: era capaz de lembrar os “velhos hábitos” do mundo pós-Guerra Civil no qual transcorreu sua infância em Nova York e também de entender os “novos hábitos”. Conseguia partilhar o desencanto da “geração perdida” e até compreender que essa geração se sentisse traída nos anos de 1920; não obstante, talvez como decorrência de sua maturidade, esse confronto com a melancólica realidade da destruição não a levou ao desespero, e sim a uma visão mais complexa da condição humana e a um sentimento de compaixão mais desenvolvido.

Edith Wharton admirava os franceses pela persistência na luta apesar das privações e das devastações que sofreram, pela capacidade de recuperação e pela força como nação. “Nas grandes tribulações, uma raça é testada por seus valores”, escreveu, “e a guerra mostrou ao mundo os verdadeiros valores da França.” Ela se perguntava como o povo desse país em guerra conseguira sobreviver, ser forte, resistir; e concluiu que isso ocorrera porque os franceses tinham preservado seu senso de “significados maiores”: “Entenderam que a vida é feita de muitas coisas passadas e futuras, de renúncia e de satisfação, de tradições e de experimentos, de morrer e de viver”.

A França triunfara sobre a guerra por causa de sua honestidade, seu senso realista de valores e sua fidelidade a um conjunto coerente de tradições. Wharton observa em *Fighting France*:

“Todos os civis parecem formar uma única figura simbólica, levando ajuda e esperança aos combatentes ou debruçando-se com desvelo sobre os feridos. A dedicação, a abnegação parecem instintivas; mas na verdade se devem a um conhecimento racional da situação e a uma sólida estimativa dos valores. A França inteira sabe hoje que a *‘vida’ real* consiste nas coisas que a tornam digna de ser vivida.

As experiências de Wharton durante a Primeira Guerra Mundial acabaram demonstrando uma verdade poderosa, mas paradoxal. É preciso haver sempre um equilíbrio entre “renúncia” e “satisfação”: a

felicidade pessoal depende da sobrevivência da comunidade; contudo, a sobrevivência da comunidade depende da disposição de cada indivíduo de sacrificar ao bem geral uma parte de sua gratificação pessoal. Sem esse equilíbrio, os direitos individuais e a existência civilizada coletiva estarão perdidos.

Assim, enquanto os jovens romancistas americanos da geração do pós-guerra dançavam na febril excitação da era do jazz, com seu amor “livre” e sua interminável, vertiginosa busca do prazer, Edith Wharton abraçava a maturidade. Num pequeno livro posterior à guerra, intitulado *French Ways and Their Meaning* (1919), ela recorda uma conversa que teve com William Dean Howells*** em 1906:

Falávamos dessa estranha exigência do público americano que compele o dramaturgo (se quer ser representado) a concluir sua peça, seja qual for o ponto de partida, com o “foram felizes para sempre” dos contos de fada. [...]

“Sim”, disse Mr. Howells, “o que o público americano quer é *uma tragédia com final feliz*. [...]”

“Uma tragédia com final feliz” é exatamente o que a criança quer [ouvir] antes de dormir [...], mas, enquanto precisa disso, permanece criança, e o mundo em que ela vive é um mundo-berçário. As coisas nem sempre correm bem para o mundo inteiro, e todo homem tem de descobrir isso ao crescer. É a descoberta que o faz crescer, e ele só cresce quando encara esse fato e aprende a lição [...]

Isso vale também para países e povos. A “vida numa redoma”, seja do indivíduo, seja da nação, tem de sofrer um despertar violento e trágico — ou não despertar nunca.

Terminada a guerra, Wharton esperava que os Estados Unidos também abraçassem a maturidade — que, como país, comesçassem a procurar um equilíbrio entre “tradição” e “experimento”, entre “renúncia” e “satisfação” — e alcançassem por fim a judiciosa sabedoria que fortalecera a França em seu perigo mortal.

Nos primeiros anos do pós-guerra, ela estava otimista em relação ao futuro dos Estados Unidos.

Finalmente estamos crescendo; e é só na maturidade que um homem olha para o passado e vê a utilidade das restrições que o irritaram em sua impaciente juventude. Assim é também com os povos e os países; e os Estados Unidos chegaram ao ponto de seu desenvolvimento em que poderão entender melhor o que tem mantido a robustez de povos mais antigos e civilizações mais maduras.

Assim, seu melhor e mais sutil “romance de guerra” não é nem uma tragédia brutal transcorrida no campo de batalha, nem uma sátira apocalíptica da era do jazz. É um “olhar para o passado” a fim de analisar as “restrições” que a atormentaram em sua “impaciente juventude”. Agora, Wharton tinha a vantagem da idade e da perspectiva; e seu “romance de guerra” é tão singular quanto a presença ativa dessa americana de meia-idade em Paris durante o conflito. Talvez seu romance mais pessoal, talvez seu romance mais americano, talvez mesmo seu maior romance: *A época da inocência* é sua extraordinária narrativa do pós-guerra.

Os críticos que viram *A época da inocência* como um retorno sentimental da autora à época de sua juventude não compreenderam isso. Seria interessante, por exemplo, anotar todas as vezes que as palavras *real* e *realista* são utilizadas, sobretudo mais perto do final do romance; pois, quando mais não seja, trata-se de um apelo urgente e encorajador aos leitores para que abandonem fantasias irrealizáveis e procurem desfrutar os prazeres profundos e concretos que a “vida real” pode proporcionar. *Newland Archer* é o herói quintessencialmente americano de Wharton, lembrando, talvez, *Christopher Newman*, do romance *O americano*, de Henry James. Como muitos heróis de James, *Newland Archer* só consegue aprender alguma coisa sobre si mesmo e sua terra natal após deparar com as perversões de antigas civilizações europeias — o que ocorre não por ocasião de uma viagem ao exterior, e sim em função de suas conversas com uma visitante estrangeira, Ellen, mulher do depravado conde Olenski.

Se tinha em mente o exemplo de seu querido amigo Henry James quando escreveu *A época da inocência*, Edith Wharton também estava pensando em outros romancistas, sobretudo em Tolstói. A frase “era divertido e terrível”, de *Guerra e paz*, ressoava em sua cabeça durante o conflito; agora, nesses anos do pós-guerra, outra obra-prima de Tolstói seduzia sua imaginação: *Anna Kariênina*. Esse romance investiga as mesmas tensões sobre as quais Wharton escreveu com tanta frequência — o conflito entre as imposições da tradição e as exigências da liberdade individual. Nesse momento de sua trajetória, ela estava tão determinada a descrever com exatidão e vigor a tensão entre essas antíteses que experimentou diversas possibilidades narrativas antes de escolher a versão final de *A época da inocência*.

Os arquivos Edith Wharton da Beinecke Library, na Universidade Yale, contêm dois enredos alternativos inteiramente desenvolvidos. No primeiro, Archer está noivo quando encontra Mme. Olenska e se apaixona por ela; casa-se com a noiva, estabelece-se em Nova York e constata que sua paixão permanece inalterada. Corre a encontrar-se secretamente com Mme. Olenska na Flórida e decide romper com todo o resto. Mas pouco a pouco se dá conta de que lhe é profundamente *desconfortável* tentar viver fora da sociedade que conhece desde sempre. Por sua vez, Mme. Olenska logo se cansa de Archer. No fim, ambos entendem que, *na realidade*, nada têm em comum. Voltam para Nova York sem que ninguém saiba de sua aventura romântica, e pouco depois Mme. Olenska parte em definitivo para a Europa.

Na segunda versão, May libera Newland de seu compromisso; ela se casa com outro homem, e ele se casa com Mme. Olenska. Newland e Ellen conhecem a suprema felicidade durante a lua de mel, porém, quando voltam para Nova York, suas diferenças de personalidade e de interesses se evidenciam. Archer só é feliz no mundo que o plasmou; Ellen se entedia terrivelmente fora do mundo sofisticado e culto que conheceu na Europa. O casal opta por uma separação formal: Ellen se muda definitivamente para o exterior, e Newland volta para casa, onde pretende viver o resto de seus dias com a mãe e a irmã.

O que esses dois enredos mostram é o inevitável fracasso da visão puramente romântica — uma história nos moldes de *Anna Kariênina*, mas talvez ainda mais melancólica por faltar-lhe o impacto do suicídio no final. O primeiro é profundamente comovente; o segundo poderia ser terrivelmente trágico.

O que Wharton constata com benevolência e absoluta clareza é que tanto Newland quanto Ellen se percebem um ao outro basicamente em termos de uma necessidade pessoal romantizada. Assim, embora possa parecer a realização dos *sonhos* de Newland Archer — representando “liberdade”, mistério e o mundo desconhecido da arte e do intelecto —, Ellen Olenska é uma mulher de carne e osso com quem ele tem pouco ou nada em comum. Da mesma forma, Ellen, vulnerável e enfraquecida, sente-se atraída por Newland — que representa estabilidade, ordem e proteção —, mas o que ela ama é a segurança e a honra que ele parece encarnar, e não as particularidades de sua personalidade. (Na verdade, Ellen acha a companhia do sofisticado Beaufort mais interessante que a de Newland Archer.)

O centro do romance é a busca da verdadeira felicidade, que coincide com a busca da maturidade, por parte de Newland. Um fato inescapável restringe essa busca: os componentes mais profundos e indelévels da natureza de Newland Archer foram forjados e alimentados nos estreitos limites do mesmo mundo cujas restrições o exasperam. Ele pode ser capaz de melhorar, de crescer — até de alcançar a sabedoria e a satisfação. Porém nunca será capaz de operar uma transformação fundamental. Ainda que encontre a felicidade, a natureza de sua satisfação sempre será, necessariamente, limitada pelo tipo de pessoa que ele é.

Por causa de suas falhas, é importante perceber até onde a história é contada de seu ponto de vista. Ainda mais importante é reconhecer a frequência com que ele emite julgamentos equivocados, sobretudo no começo do romance. Quando o vemos pela primeira vez, ele nos parece decente e honrado — desde que essas virtudes não exijam muito mais que boas maneiras. A pior possibilidade aventada pelo romance é que Newland nunca vá além dessa estreita consciência de seus deveres e de suas relações no mundo; que acabe se tornando

uma espécie de cópia carbono de Larry Lefferts e seus amigos. O capítulo inicial aponta claramente para essa possibilidade. A minuciosa apreciação que Newland faz de sua jovem noiva e os planos que tem para o futuro dela — “Queria que (graças a sua instrutiva companhia) ela adquirisse tato social e agilidade mental para manter-se em pé de igualdade com as mulheres casadas mais benquistas da ‘ala jovem’” — mostram convincentemente a fatuidade potencial de sua personalidade. Tais opiniões constituem um bom indício das possibilidades morais e emocionais de situações concretas; o leitor atento deve ter em mente as sérias limitações das tendências românticas, egoísticas e visionárias que interferem na maneira como Newland vê seu mundo.

Em contrapartida, May e Ellen são realistas ferrenhas; ironicamente, sempre sabem mais que Newland o que está “de fato” acontecendo. *O ramo de ouro*, obra que Wharton leu pouco antes de escrever *A época da inocência*, mostrou-lhe o poder implacável do Culto de Diana — uma força usada para proteger mães e filhos —, e May, que se torna uma “Arqueira” ao casar-se, encarna o vigor resolutivo representado por essa protetora do reino doméstico. A fim de chamar a atenção dos leitores para essa sugestão, Wharton entremeia a narrativa com alusões a culturas antigas e à mitologia clássica e com referências às várias formas de combate que podem ser associadas a essa deusa militante e a seus pares olímpicos. May está longe de ser ignorante, como tenta inutilmente mostrar a Newland. (É um exercício interessante observar, a cada momento crucial do romance, o que May provavelmente sabe — apesar de Newland estar convencido de sua ignorância e de sua “inocência”.) Ademais, ela é capaz de grande generosidade; ao perceber que Newland está emocionalmente envolvido com outra mulher, oferece-lhe a liberdade, quando ele parece desejá-la, ainda na época do noivado. Contudo, uma vez selado o compromisso definitivo, passa a proteger seu lar com uma determinação digna da deusa Diana. May desconhece o mundo sombrio e depravado em que Ellen sofreu e do qual acabou de fugir; mas entende muitas das limitações de Newland Archer e concorda com Ellen no tocante às necessidades da vida — em especial às relacionadas com lealdade e honra.

Paradoxalmente, portanto, May e Ellen com frequência expressam sentimentos semelhantes. Quando Newland impulsivamente lhe propõe fugirem para se casar, May sensatamente aniquila seu plano romântico: “Não podemos agir como personagens de romance”. Bem mais adiante, quando Newland propõe a Ellen que fujam para um lugar onde possam ser inteiramente livres, ela descarta a ideia com ceticismo: “Onde fica esse lugar?”.

Ademais, a seu modo, Ellen por certo é tão “inocente” quanto May; durante grande parte de sua estada nos Estados Unidos, acredita que, em Nova York, poderá encontrar pessoas descomplicadas e simplesmente “boas” e “generosas”. Apesar da sombria iniciação de seu casamento, evidentemente não percebeu dois fatos incontornáveis: que as paixões perigosas e primitivas existem em toda parte porque estão no âmago da própria humanidade e que são os rituais concebidos para controlar e refrear a expressão violenta desses sentimentos que variam de uma cultura para outra. O que ela descobre, no fundo de seu ser, é que todos — em todo lugar — precisam da segurança que só uma sociedade bem estruturada pode proporcionar. No fim, como parte da generosidade de May (e uma notável indicação da “bondade” da Velha Nova York), a família oferece a Ellen a proteção e o apoio “tribais” que lhe serão necessários para levar uma vida confortável e relativamente livre na Europa.

Wharton estava bem ciente das limitações do mundo que retrata neste romance: entendia que sua brutalidade apenas se revestia prudentemente dos costumes gentis da cordialidade. Por outro lado, também reconhecia que seu mundo tinha elementos positivos e vivia um processo de mudança inevitável. Novas famílias estavam invadindo os domínios da Velha Nova York; antigos costumes e restrições pouco a pouco cediam lugar a inovações e melhorias. A mudança era lenta, dolorosamente lenta. Não obstante, havia uma clara possibilidade de que esse processo de evolução acabasse por produzir um novo tipo de sociedade, que preservasse as qualidades admiráveis da Velha Nova York e as combinasse com práticas mais esclarecidas. E — o mais importante — havia esperança de que essa mistura de retidão moral com liberdades mais generosas criasse uma

comunidade mais forte e uma cultura cujos valores pudessem perdurar.

A *época da inocência* é, portanto, um romance de paciência e compaixão. Nunca afirma que a Velha Nova York era um idílio ao qual a frenética sociedade moderna deveria retornar (ao contrário, revela com implacável precisão as falhas da Velha Nova York). Tampouco sugere que o mundo dos herdeiros seja ideal. Ao contrário, propõe crescimento, equilíbrio e tolerância. E, no caso de Newland Archer, apresenta o dom imprevisível e incomparável do amor-próprio na meia-idade: “Havia algo de bom nos costumes antigos [...] Havia algo de bom na nova ordem também”.

Por fim, como grande parte do romance sugere, poucas pessoas — mesmo “naquela época” — eram tão “inocentes” quanto nós, modernos, podemos ingenuamente imaginar. Edith Wharton recorreu ao gracejo gentil para mostrar isso. *A época da inocência* é o título de um quadro famoso de Sir Joshua Reynolds. É o retrato de uma menina de quatro ou cinco anos. Essa é a única “época da inocência” verdadeira, Wharton ironicamente insinua. Não devemos pensar que um intrincado sistema social seja inocente, pois é quase certo que acabaremos enrascados em suas sutis complexidades.

* Em 16 de dezembro de 1773, colonos de Boston disfarçados de índios atacaram três navios ingleses e jogaram no mar várias caixas de chá, em protesto contra medidas britânicas que prejudicavam os comerciantes locais. O episódio se tornou conhecido como Boston Tea Party, ou Festa do chá em Boston. (N.T.)

** Tentar alcançar ou superar o padrão de vida de amigos, vizinhos, colegas e conhecidos endinheirados. (N.T.)

*** Jornalista, romancista e crítico literário americano (1837-1920). (N.T.)

Nota do tradutor: O texto desta edição de *A época da inocência* segue a edição de Scribner (1993), que, por sua vez, baseia-se na abalizada edição da Library of America (1985).

A época da inocência

LIVRO I

Numa noite de janeiro, nos primeiros anos da década de 1870, Christine Nilsson¹ apresentava-se em *Fausto*² na Academia de Música de Nova York.³

Embora já se falasse que nos remotos rincões metropolitanos “acima das ruas Quarenta” seria construído um novo teatro de ópera⁴ que rivalizaria em custo e esplendor com os similares das grandes capitais europeias, o mundo elegante ainda estava contente por reunir-se a cada inverno nos surrados camarotes vermelhos e dourados da velha e simpática Academia. Os conservadores gostavam dela por ser pequena e incômoda e, assim, afugentar os “novos”⁵ que começavam a inspirar a Nova York uma mistura de temor e atração; os sentimentais a apreciavam por suas associações históricas; e os musicais por sua excelente acústica, uma qualidade sempre problemática nas salas construídas para se ouvir música.

Era a primeira apresentação de madame Nilsson nesse inverno, e o que os jornais diários já haviam aprendido a descrever como “um público excepcionalmente brilhante” se reunira para ouvi-la, transportado pelas ruas escorregadias e cobertas de neve em berlindas particulares, no espaçoso landô da família ou no mais modesto, porém mais prático, “cupê Brown”.⁶ Ir à ópera num cupê Brown era quase tão honroso quanto chegar em carruagem própria; e ir para casa no mesmo veículo tinha a imensa vantagem de permitir que a pessoa (com uma bem-humorada alusão aos princípios

democráticos) se aboletasse no primeiro carro da fila, em vez de esperar até que o nariz congestionado pelo frio e pelo gim de seu cocheiro despontasse sob o pórtico da Academia. Uma das intuições mais geniais do grande alquilador foi descobrir que os americanos têm mais pressa de voltar para casa depois da diversão que de chegar ao local de seu entretenimento.

Quando o jovem Newland Archer entrou no camarote do clube, a cortina acabava de abrir-se sobre a cena do jardim. Não havia motivo para ele não ter chegado mais cedo, pois jantara às sete, só com a mãe e a irmã, e depois se demorara com um charuto na biblioteca gótica de luzidias estantes de noqueira negra e cadeiras com encosto entalhado que era o único cômodo da casa onde Mrs. Archer permitia que se fumasse. Mas, em primeiro lugar, Nova York era uma metrópole com plena consciência de que nas metrópoles “não ficava bem” chegar cedo à ópera; e o que ficava ou não ficava bem era tão importante na Nova York de Newland Archer quanto os inescrutáveis terrores totêmicos que regeram os destinos de seus antepassados, milhares de anos antes.

A segunda razão de seu atraso era de ordem pessoal. Ele havia se demorado com o charuto porque, no fundo, era um diletante, e pensar no prazer que estava por vir geralmente lhe proporcionava uma satisfação mais sutil que a fruição desse prazer. Isso ocorria sobretudo quando se tratava de um prazer delicado, como era a maioria de seus prazeres; e, nessa ocasião, o momento que ele aguardava com ansiedade era tão raro e intenso que — bem, se tivesse programado sua chegada de comum acordo com o diretor de cena, não teria entrado na Academia num momento mais significativo do que quando a prima-dona estava cantando: “Ele me ama — não me ama — *me ama!* —” e arrancando as pétalas da margarida, que caíam com notas claras como gotas de orvalho.

Evidentemente, ela cantou “*M’ama!*”, e não “ele me ama”, pois uma lei inalterável e incontestada do mundo musical exigia que o texto alemão de óperas francesas cantadas por artistas suecos fosse traduzido para o italiano para melhor entendimento de plateias de língua inglesa. O que era tão natural para Newland Archer quanto todas as outras convenções que pautavam sua vida: como a

obrigação de usar duas escovas de prata com seu monograma em esmalte azul para repartir o cabelo e de nunca aparecer em público sem uma flor (de preferência uma gardênia) na lapela.

“*M’ama... non m’ama...*”,⁷ a prima-dona cantou, e “*M’ama!*”, numa derradeira explosão de amor triunfante, levando aos lábios a margarida despetalada e erguendo os grandes olhos para o enganoso semblante do baixinho e moreno Fausto-Capoul,⁸ que, vestido num apertado gibão de veludo roxo e com um chapéu de pluma na cabeça, inutilmente tentava parecer tão puro e sincero quanto sua ingênua vítima.

Encostado à parede no fundo do camarote, Newland Archer desviou os olhos do palco e correu-os pelo lado oposto do teatro. Ali estava o camarote da velha Mrs. Manson Mingott, cuja monstruosa obesidade desde muito a impedia de ir à ópera, mas que nas noites de gala sempre era representada por parentes mais jovens. Nessa ocasião, encontravam-se na primeira fila do camarote sua nora, Mrs. Lovell Mingott, e sua filha, Mrs. Welland; e ligeiramente atrás dessas matronas cobertas de brocado uma moça de branco fitava, extasiada, os amantes no palco. Quando o “*M’ama!*” de madame Nilsson vibrou pela sala silenciosa (os ocupantes dos camarotes sempre paravam de falar na cena do jardim), um cálido rubor assomou às faces da jovem, espargiu-se testa acima até as raízes de suas tranças loiras e desceu-lhe pela curva do busto até a linha onde encontrou uma recatada berta⁹ de tule presa com uma gardênia. Ela baixou os olhos para o imenso buquê de lírios-do-vale¹⁰ que tinha sobre os joelhos e com as pontas dos dedos enluvados de branco tocou as flores suavemente. Ao ver isso, Newland Archer soltou um suspiro de vaidade satisfeita e mais uma vez dirigiu sua atenção para o palco.

Não se pouparam despesas com a montagem, que até mesmo quem conhecia os teatros de ópera de Paris e Viena, como era o caso de Archer, achou muito bonita. Toda a frente do palco, até a ribalta, estava coberta de um tecido verde-esmeralda. A meia distância, montes simétricos de musgo verde contornados por arcos de croquê formavam a base de arbustos que pareciam laranjeiras, mas estavam carregados de grandes rosas vermelhas. Gigantescos amores-

perfeitos, consideravelmente maiores que as rosas e muito semelhantes aos limpa-penas em formato de flor que as paroquianas faziam para os clérigos elegantes, brotavam do musgo ao pé do roseiral; e cá e lá uma margarida enxertada num galho de roseira vicejava com uma exuberância que profetizava os distantes prodígios de Mr. Luther Burbank.¹¹

No centro desse jardim encantado, madame Nilsson, de caxemira branca com nergas de cetim azul-claro, uma bolsinha pendurada numa faixa azul e grandes tranças amarelas arrumadas cuidadosamente em ambos os lados da blusa de musselina, ouvia com os olhos baixos o apaixonado galanteio de M. Capoul e afetava uma ingênua incompreensão de suas intenções, sempre que, com a palavra ou com o olhar, ele indicava a janela do andar térreo da casa de tijolos à vista no lado direito do palco.

“Que amor!”, pensou Newland Archer, voltando a fitar a jovem com os lírios-do-vale. “Ela não faz ideia do que se trata.” E contemplou-lhe o rosto absorto com um vibrante sentimento de posse em que o orgulho pela própria iniciação masculina se misturava a uma terna reverência pela infinita pureza da moça. “Vamos ler *Fausto* juntos... à beira dos lagos italianos...”, pensou, vagamente confundindo o cenário de sua planejada lua de mel com as obras-primas da literatura que, como homem, teria o privilégio de revelar à esposa. Foi só naquela tarde que May Welland lhe disse que “gostaria” (era assim que a donzela devia declarar-se em Nova York), e já sua imaginação, saltando à frente do anel de noivado, do beijo de noivado e da marcha do *Lohengrin*,¹² posicionava-a a seu lado em algum cenário imerso na velha magia europeia.

Ele definitivamente não desejava que a futura Mrs. Newland Archer fosse uma simplória. Queria que (graças a sua instrutiva companhia) ela adquirisse tato social e agilidade mental para manter-se em pé de igualdade com as mulheres casadas mais benquistas da “ala jovem”, que costumavam atrair as homenagens masculinas e, ao mesmo tempo, desencorajá-las graciosamente. Se tivesse sondado as profundezas de sua vaidade (como às vezes quase fazia), teria encontrado lá o desejo de que sua esposa fosse tão experiente e

ansiosa para agradar quanto a senhora casada cujos encantos dominaram sua fantasia ao longo de dois anos meio agitados; sem, naturalmente, nem sombra da fragilidade que por pouco arruinara a vida daquela infeliz criatura e atrapalhara seus planos para todo um inverno.

Como esse milagre de fogo e gelo se operaria e como se sustentaria num mundo cruel era algo em que ele nunca havia parado para pensar; mas se contentava em manter essa opinião sem analisá-la, pois sabia que era a de todos os cavalheiros bem escovados, de colete branco e flor na lapela que se sucediam no camarote do clube, cumprimentavam-no amistosamente e, imbuídos de espírito crítico, apontavam seus binóculos para o círculo de damas que eram o produto do sistema. Em questões intelectuais e artísticas, Newland Archer se sentia nitidamente superior a esses seletos espécimes da velha aristocracia nova-iorquina; provavelmente havia lido mais, pensado mais e até visto mais do mundo que qualquer outro homem de sua classe. Individualmente, eles traíam a própria inferioridade; mas em conjunto representavam “Nova York”, e o hábito da solidariedade masculina o fazia aceitar sua doutrina sobre todas as questões ditas morais. Quanto a isso, instintivamente achava que seria problemático — e um tanto grosseiro — discordar.

“Ora essa!”, Lawrence Lefferts exclamou, abruptamente desviando o binóculo do palco. Lawrence Lefferts era tido como a maior autoridade em “bom-tom” em Nova York. Provavelmente dedicara mais tempo que qualquer outra pessoa ao estudo desse tema intrincado e fascinante; mas só o estudo não explicaria sua absoluta competência. Bastava olhar para ele, da inclinação de sua testa calva e da curva de seu belo bigode loiro até seus pés calçados em sapatos de verniz, na outra extremidade de sua figura esguia e elegante, para perceber que o conhecimento do “bom-tom” devia ser congênito em qualquer indivíduo que soubesse usar boas roupas com tamanha displicência e conseguisse ser tão garboso apesar da alta estatura. Como um jovem admirador afirmara certa vez: “Se existe alguém capaz de dizer a um sujeito quando usar ou não gravata preta com traje de noite, esse alguém é Larry Lefferts”. E no tocante a sapatos

sem cadarços e sapatos de amarrar, sua autoridade nunca fora questionada.

“Meu Deus!”, ele exclamou e, em silêncio, passou o binóculo para o velho Sillerton Jackson.

Seguindo o olhar de Lefferts, Newland Archer constatou, com surpresa, que suas exclamações se deveram à entrada de mais uma pessoa no camarote da velha Mrs. Mingott. Era uma jovem esguia, um pouco mais baixa que May Welland, o cabelo castanho preso por uma estreita tiara de diamantes, à exceção de pequenos cachos nas têmporas. A sugestão desse penteado, que lhe conferia o que se chamava então de “estilo Joséphine”,¹³ confirmava-se no vestido de veludo azul-escuro um tanto teatralmente ajustado sob o busto por um cinto de fivela grande e antiquada. Quem usava esse modelo incomum e parecia alheia à atenção que despertava permaneceu por um instante de pé no centro do camarote, tentando explicar a Mrs. Welland que não achava correto ficar com o lugar dela, no canto direito da primeira fila; por fim, cedeu, com um ligeiro sorriso, e sentou-se ao lado de Mrs. Lovell Mingott, cunhada de Mrs. Welland, que estava no canto oposto.

Mr. Sillerton Jackson devolveu o binóculo a Lawrence Lefferts. Todos se voltaram instintivamente, prontos para ouvir o que ele tinha a dizer; pois o velho Mr. Jackson era uma autoridade tão grande em “família” quanto Lawrence Lefferts em “bom-tom”. Conhecia todos os laços de parentesco de Nova York; e não só sabia elucidar questões complicadas como o do parentesco entre os Mingott (através dos Thorley) com os Dallas da Carolina do Sul e a da relação do ramo mais antigo dos Thorley de Filadélfia com os Chivers de Albany (que de modo algum deviam ser confundidos com os Manson Chivers da University Place), mas também era capaz de enumerar as principais características de cada família; como, por exemplo, a fabulosa avareza das gerações mais jovens dos Lefferts (os de Long Island); ou a fatal tendência dos Rushworth para fazer casamentos equivocados; ou a insanidade recorrente a cada duas gerações dos Chivers de Albany, com os quais seus primos de Nova York sempre se recusaram a casar-se — com a desastrosa exceção da

pobre Medora Manson, que, como todo mundo sabia... mas, afinal, a mãe dela era uma Rushworth.

Além dessa floresta de árvores genealógicas, Mr. Sillerton Jackson carregava entre as têmporas estreitas e fundas e sob a macia cabeleira prateada um registro da maioria dos escândalos e mistérios que fervilharam sob a imperturbada superfície da sociedade nova-iorquina nos últimos cinquenta anos. Seus conhecimentos eram tão vastos e sua memória tão prodigiosa que se acreditava ser ele o único homem capaz de dizer quem era na verdade Julius Beaufort, o banqueiro, e o que acontecera com o belo Bob Spicer, pai da velha Mrs. Manson Mingott, que desaparecera tão misteriosamente (com uma polpuda quantia de dinheiro de menores que lhe fora confiada) menos de um ano depois de casar-se, no mesmo dia em que uma linda dançarina espanhola que encantara plateias lotadas no velho teatro de ópera do Battery embarcou para Cuba. Mas esses mistérios, e muitos outros, estavam bem guardados no íntimo de Mr. Jackson; pois não só seu forte senso de honra o impedia de repetir qualquer coisa que ouvira em confidência, como ele tinha plena consciência de que sua reputação de discrição multiplicava suas oportunidades de descobrir o que queria saber.

Portanto, os ocupantes do camarote aguardaram, em visível suspense, enquanto Mr. Sillerton Jackson devolvia o binóculo a Lawrence Lefferts. Por um instante ele observou em silêncio o grupo atento com seus embaciados olhos azuis sob pálpebras sulcadas de veias; depois, cofiou o bigode, pensativo, e disse, simplesmente: “Não imaginei que os Mingott se atrevessem a tanto”.

Durante esse breve episódio, Newland Archer viu-se dominado por um estranho constrangimento.

Era embaraçoso que o camarote que atraía a total atenção da Nova York masculina fosse o mesmo em que sua noiva se encontrava entre a mãe e a tia; e por um momento ele não conseguiu identificar a dama de vestido império, nem entendeu por que sua presença suscitava tamanho alvoroço entre os iniciados. Depois, fez-se a luz em sua mente, acompanhada de uma onda de indignação. Não, realmente: quem iria imaginar que os Mingott se atrevessem a tanto!

Mas se atreveram; indubitavelmente, pois os comentários cochichados atrás dele não lhe deixavam dúvida de que a jovem senhora era prima de May Welland, a prima à qual a família sempre se referia como “a pobre Ellen Olenska”. Archer sabia que ela chegara inesperadamente da Europa havia um dia ou dois; sabia que miss Welland tinha ido visitar a pobre Ellen na casa da velha Mrs. Mingott. Aprovava plenamente a solidariedade da família, e uma das qualidades que mais admirava nos Mingott era sua resoluta defesa das poucas ovelhas negras que seu impecável rebanho produzira. Não abrigava no coração nada mesquinho ou pouco generoso e achava muito bom que falsos pruridos não impedissem sua futura esposa de ser gentil (em particular) com a prima infeliz; mas receber a condessa Olenska no círculo familiar era uma coisa muito diferente de exibí-la em público, ainda por cima no teatro de ópera e no mesmo camarote

em que estava a jovem cujo noivado com ele, Newland Archer, seria anunciado ao cabo de algumas semanas. Não, ele pensava como o velho Sillerton Jackson; não imaginava que os Mingott se atrevessem a tanto!

Naturalmente, sabia que o que qualquer homem ousasse fazer (dentro dos limites da Quinta Avenida) a velha Mrs. Manson Mingott, a matriarca da família, também ousaria. Sempre admirara a arrogante matrona, que, apesar de um dia ter sido apenas Catherine Spicer de Staten Island, com um pai misteriosamente desacreditado, sem dinheiro nem posição suficientes para fazer as pessoas esquecerem esse fato, acabara por unir-se ao chefe da rica família Mingott, casara duas de suas filhas com “estrangeiros” (um marquês italiano e um banqueiro inglês) e coroara suas ousadias com a construção de um casarão de pedra cor de creme (quando o arenito pardo¹ parecia uma alternativa tão única quanto a sobrecasaca² à tarde) num ermo inacessível, próximo do Central Park.³

As filhas estrangeiras da velha Mrs. Mingott tornaram-se uma lenda. Nunca voltaram para ver a mãe, que, como muitas pessoas de mente ativa e vontade imperiosa, sedentária e corpulenta, filosoficamente ficara em seu canto. Mas o casarão cor de creme (que teria sido inspirado nos hotéis particulares da aristocracia parisiense) ali estava como prova visível de sua coragem moral; e ali, entre móveis pré-revolucionários⁴ e lembranças das Tulherias⁵ de Luís Napoleão (onde ela brilhara em sua meia-idade), a matriarca reinava placidamente, como se não houvesse nada de estranho em morar acima da rua 34⁶ ou em ter janelas francesas que se abriam como portas, em vez de janelas de guilhotina.

Todos (inclusive Mr. Sillerton Jackson) concordavam que a velha Catherine nunca fora uma beldade — sendo a beleza um dom que, aos olhos de Nova York, justificava todo sucesso e desculpava alguns fracassos. Os maledicentes asseguravam que, como sua homônima imperial,⁷ ela havia trilhado o caminho do sucesso com força de vontade e dureza de coração e uma espécie de altiva insolência que, de algum modo, era contrabalançada pelas extremas decência e dignidade de sua vida particular. Mr. Manson Mingott morrera

quando ela contava apenas 28 anos e deixara seu dinheiro “bloqueado” — precaução que se devia à desconfiança geral em relação aos Spicer —, porém a jovem e ousada viúva seguiu em frente, destemida, circulou livremente pela sociedade estrangeira, casou as filhas sabe-se lá em que círculos corruptos e elegantes, conviveu com duques e embaixadores, fez amizade com papistas, recebeu cantores de ópera e foi amiga íntima de madame Taglioni;⁸ e durante todo esse tempo (como Sillerton Jackson era o primeiro a proclamar) nunca se ouviu um só murmúrio sobre sua reputação — o único aspecto, ele sempre acrescentava, em que Catherine diferia da outra Catarina.

Havia já meio século que Mrs. Manson Mingott conseguira desbloquear a fortuna do marido e vivia na riqueza; mas as lembranças de suas antigas dificuldades a tornaram excessivamente econômica, e embora ela sempre procurasse o melhor, quando decidia comprar um vestido ou um móvel, não conseguia gastar muito com os efêmeros prazeres da mesa. Assim, por motivos inteiramente distintos, sua comida era tão parca quanto a de Mrs. Archer e seus vinhos nada faziam para redimi-la. Os parentes achavam que a penúria de sua mesa depunha contra o nome dos Mingott, que sempre fora associado a viver bem; mas todo mundo continuava visitando-a, apesar dos “pratos feitos” e do champanhe chocho, e em resposta às reclamações de seu filho Lovell (que tentou recuperar a reputação da família contratando o melhor *chef*⁹ de Nova York), ela dizia, risonha: “Para que dois bons cozinheiros numa única família, agora que casei as meninas e não posso comer molhos?”.

Enquanto pensava nessas coisas, Newland Archer mais uma vez voltou os olhos para o camarote dos Mingott. Constatou que Mrs. Welland e a cunhada enfrentavam seu semicírculo de críticos com o *aplomb* mingottiano que a velha Catherine incutira em toda a tribo e que só May Welland demonstrava, pelo rubor (devido, talvez, ao fato de saber que ele a observava), uma consciência da gravidade da situação. Quanto à causa da comoção, continuava graciosamente sentada no canto do camarote, os olhos fitos no palco, e revelando, ao inclinar-se para a frente, um pouco mais de ombros e busto do

que Nova York estava acostumada a ver, pelo menos nas senhoras que tinham motivos para querer passar despercebidas.

Para Newland Archer havia poucas coisas mais terríveis que uma ofensa ao “Bom Gosto”, essa divindade distante da qual o “Bom-Tom” era o mero representante visível. O rosto pálido e sério de madame Olenska parecia-lhe adequado às circunstâncias e à triste situação em que ela se encontrava; porém, a maneira como o decote do vestido (sem berta) deslizava por seus ombros magros deixava-o chocado e perturbado. Ele detestava pensar que May Welland estava exposta à influência de uma jovem tão displicente com os ditames do Bom Gosto.

“Afim”, um dos rapazes começou a dizer atrás dele (todo mundo conversava durante as cenas de Mefistófeles e Martha),¹⁰ “afim, o que exatamente aconteceu?”

“Bom... ela o deixou; não há como negar isso.”

“Ele é um brutamontes, não é?”, prosseguiu o rapaz, um cândido Thorley, que evidentemente estava se preparando para entrar no torneio como o paladino da dama.

“Da pior espécie; eu o conheci em Nice”, Lawrence Lefferts informou, com autoridade. “Um sujeito meio parado, pálido, sarcástico... com um rosto bonito, mas com muitas pestanas. Quando não estava com mulheres, estava colecionando porcelana. Pagando qualquer preço por ambas, pelo que sei.”

Todos riram, e o jovem paladino perguntou: “Bom, e então...?”

“E então ela fugiu com o secretário do marido.”

“Ah, entendi.” O paladino murchou.

“Não durou muito, porém; meses depois, eu soube que ela estava morando, sozinha, em Veneza. Parece que Lovell Mingott foi buscá-la. Ele falou que ela estava muito infeliz. Até aí tudo bem... mas exibi-la na ópera é outra coisa.”

“Decerto ela está infeliz demais para ficar sozinha em casa”, o cândido Thorley arriscou.

Com isso provocou uma irreverente gargalhada; corando intensamente, tentou demonstrar que pretendia insinuar o que chamavam de “*double entendre*”.¹¹

“Bom... de qualquer modo, é esquisito trazerem miss Welland”, alguém comentou em voz baixa, olhando de esguelha para Archer.

“Ah, isso faz parte da campanha: ordens da vovó, sem dúvida”, Lefferts riu. “Quando a velha faz alguma coisa, faz por inteiro.”

O ato estava terminando, e houve uma movimentação geral no camarote. De repente, Newland Archer sentiu-se impelido a um gesto decisivo. O desejo de ser o primeiro homem a entrar no camarote de Mrs. Mingott, de proclamar ao mundo seu noivado com May Welland e de ajudá-la em quaisquer dificuldades que a anômala situação da prima pudesse envolvê-la superou abruptamente todos os seus escrúpulos e hesitações e levou-o a precipitar-se pelos corredores vermelhos até o lado oposto do teatro.

Quando entrou no camarote e seus olhos encontraram os de miss Welland, percebeu que ela imediatamente compreendeu seu motivo, embora a dignidade familiar que ambos consideravam uma virtude tão elevada não lhe permitisse dizê-lo. As pessoas de seu mundo viviam num clima de vagas implicações e tênues delicadezas, e o fato de os dois se entenderem mutuamente sem palavras parecia aproximá-los mais que qualquer explicação. Os olhos dela disseram: “Você está vendo por que a mamãe me trouxe”. E os dele responderam: “Por nada no mundo eu iria querer que você não tivesse vindo”.

“Conhece minha sobrinha, a condessa Olenska?”, Mrs. Welland perguntou, ao apertar a mão do futuro genro. Archer fez uma reverência sem estender a mão, como cumpria ao cavalheiro que era apresentado a uma dama; e Ellen Olenska inclinou ligeiramente a cabeça, mantendo as mãos enluvadas ocupadas com seu enorme leque de penas de águia.¹² Depois de cumprimentar Mrs. Lovell Mingott, uma senhora corpulenta e loira, vestida de cetim farfalhante, Archer sentou-se ao lado de May Welland e murmurou: “Você contou a madame Olenska que estamos noivos? Quero que todo mundo saiba... quero que você me deixe anunciar nosso compromisso no baile desta noite.”

O rosto da jovem tingiu-se de rosa como o amanhecer, e ela o fitou, radiante. “Se você conseguir convencer a mamãe...”, falou.

“Mas por que vamos mudar o que já está decidido?” E, como ele respondesse apenas com o olhar, acrescentou, ainda mais confiante e sorridente: “Diga você mesmo a minha prima: eu lhe dou permissão. Ela contou que vocês brincavam juntos quando eram crianças”.

Em seguida, empurrou a cadeira para lhe dar passagem, e de imediato, um tanto ostensivamente, desejando que o teatro inteiro visse o que estava fazendo, Archer sentou-se ao lado da condessa Olenska.

“Nós brincávamos juntos, não é?”, disse ela, muito séria, fitando-o nos olhos. “Você era um menino horrível e uma vez me beijou atrás da porta; mas eu estava apaixonada por seu primo Vandie Newland, que nunca reparou em mim.” Ela correu os olhos pelos camarotes em semicírculo. “Ah, como isso me faz lembrar... Vejo todas essas pessoas de *knickerbockers* e *pantalettes*”,¹³ comentou com seu leve sotaque estrangeiro, fitando-o novamente.

Por mais agradável que fosse a expressão de seus olhos, eles refletiam uma imagem altamente imprópria do augusto tribunal que, naquele mesmo instante, julgava seu caso. Frivolidade fora de hora era o cúmulo do mau gosto; e, chocado, Archer respondeu, um tanto secamente: “Sim, você passou muito tempo no exterior”.

“Ah, séculos e séculos”, ela concordou; “tanto tempo que acho que estou morta e enterrada e que este lugar querido é o céu.” O que, por motivos que ele não conseguiu identificar, pareceu-lhe uma forma ainda mais desrespeitosa de descrever a sociedade nova-iorquina.

Acontecia invariavelmente da mesma maneira.

Mrs. Julius Beaufort nunca deixava de ir à ópera na noite de seu baile anual; na verdade, sempre fazia seu baile coincidir com a ópera para enfatizar sua absoluta superioridade em relação a questões domésticas e o fato de contar com uma criadagem competente para organizar em sua ausência cada detalhe do acontecimento.

A casa dos Beaufort era uma das poucas em Nova York que tinham um salão de baile (anterior até mesmo ao de Mrs. Manson Mingott e ao dos Headly Chivers); e, numa época em que se começava a achar “provinciano” esvaziar a sala de visitas, levando toda a mobília para o andar de cima, a posse de um salão de baile que não era usado para nenhuma outra finalidade e permanecia fechado e escuro durante 364 dias por ano, com suas cadeiras douradas empilhadas num canto e seu lustre coberto com pano, demonstrava uma superioridade indiscutível que compensava o que quer que houvesse de lamentável no passado de Beaufort.

Mrs. Archer, que gostava de traduzir sua filosofia social em axiomas, certa vez afirmara: “Todos nós temos nossos plebeus de estimação...”, e, embora a frase fosse ousada, muitos exclusivistas no íntimo reconheciam sua verdade. Mas os Beaufort não eram exatamente “plebeus”; uns e outros diziam que eram ainda piores. Mrs. Beaufort pertencia, na verdade, a uma das famílias mais honradas do país; quando solteira, era a encantadora Regina Dallas

(do ramo da Carolina do Sul), uma beldade pobre apresentada à sociedade nova-iorquina pela prima, a imprudente Medora Manson, que sempre fazia a coisa errada pelo motivo certo. Quem era parente dos Manson e dos Rushworth tinha um “*droit de cité*”¹ (como dizia Mr. Sillerton Jackson, que frequentara as Tulherias) na sociedade nova-iorquina; mas quem se casava com Julius Beaufort não perdia esse direito?

A pergunta era: quem *era* Julius Beaufort? Ele passava por inglês, era agradável, bonito, genioso, hospitaleiro e espirituoso. Chegara aos Estados Unidos com cartas de recomendação do genro inglês de Mrs. Manson Mingott, o banqueiro, e logo conquistara uma importante posição no mundo dos negócios; porém tinha hábitos desregrados, a língua ferina e antecedentes misteriosos; e, quando Medora Manson anunciou o noivado da prima com ele, achou-se que se tratava de mais uma loucura na longa lista de imprudências da pobre Medora.

Mas os frutos da loucura muitas vezes demonstram sua sabedoria, e dois anos após o casamento da jovem Mrs. Beaufort admitiu-se que sua casa era a mais distinta de Nova York. Ninguém sabia exatamente como se operara o milagre. Ela era indolente, passiva, os cáusticos até a qualificavam de obtusa; no entanto, vestida como um ídolo, coberta de pérolas, tornando-se a cada ano mais jovem, mais loira e mais bonita, reinava no palácio de arenito pardo de Mr. Beaufort e para lá atraía todo mundo sem ter de mover o dedinho repleto de anéis. Os bem informados diziam que o próprio Beaufort treinava os empregados, ensinava novos pratos ao *chef*, escolhia as flores que os jardineiros deviam cultivar na estufa para enfeitar a mesa de jantar e as salas de visita, selecionava os convidados, preparava o ponche servido após o jantar e ditava os bilhetes que a esposa escrevia para os amigos. Se de fato era assim, realizava essas atividades domésticas entre suas quatro paredes e apresentava-se ao mundo como um milionário despreocupado e hospitaleiro que circulava por sua própria sala com o desembaraço de um convidado, comentando: “As gloxínias de minha mulher são uma maravilha, não são? Acho que ela as manda vir de Kew”.²

Achava-se que o segredo de Mr. Beaufort estava em sua maneira de conduzir as coisas. Murmurava-se que ele deixara a Inglaterra com a “ajuda” do banco internacional em que trabalhara; ele enfrentava esses rumores com a mesma tranquilidade com que enfrentava todo o resto — embora a consciência empresarial e os padrões morais dos nova-iorquinos fossem igualmente sensíveis — e atraía para seus salões tudo que havia a sua frente e toda Nova York; havia mais de vinte anos que as pessoas diziam que “iam à casa dos Beaufort” com a mesma segurança com que diriam que iam à casa de Mrs. Manson Mingott e ainda com a satisfação de saber que comeriam pato selvagem devidamente quente e tomariam bons vinhos, em vez da morna *Veuve Clicquot*³ com menos de um ano e dos croquetes requentados de Filadélfia.

Assim, Mrs. Beaufort entrou em seu camarote pouco antes da ária das joias,⁴ como sempre; e, quando se levantou no final do terceiro ato, também como sempre, colocou a capa sobre seus lindos ombros e saiu, Nova York entendeu que o baile começaria meia hora depois.

A casa dos Beaufort era uma que os nova-iorquinos tinham orgulho de mostrar aos visitantes, sobretudo na noite do baile anual. Os Beaufort estavam entre as primeiras pessoas de Nova York a ter seu próprio tapete de veludo vermelho, com o qual seus próprios criados cobriam a escadaria, sob o toldo de sua propriedade, e não alugado juntamente com as cadeiras do salão de baile. Eles também inauguraram o costume de fazer as senhoras deixarem a capa no saguão, em vez de subirem para o quarto da anfitriã e lá ajeitarem o cabelo com o bico de gás; Beaufort teria dito que por certo todas as amigas de sua esposa tinham empregadas que se encarregavam de deixá-las devidamente *coiffées*⁵ antes de sair de casa.

Assim, a casa fora ousadamente projetada com salão de baile, de modo que, em vez de apertar-se numa passagem estreita para chegar lá (como na casa dos Chivers), caminhava-se solenemente por uma sucessão de salas (a verde-mar, a carmim e a *bouton d'or*),⁶ vendo, de longe, os lustres de muitas velas refletidos no parquet reluzente e, mais além, as profundezas de um jardim de inverno, onde camélias⁷ e

samambaias debruçavam sua viçosa folhagem sobre bancos de bambu negro e dourado.

Como convinha a um jovem de sua posição, Newland Archer chegou ligeiramente atrasado. Deixou o sobretudo com os lacaios de meias de seda (as meias eram uma das poucas fatuidades de Beaufort), demorou-se por alguns instantes na biblioteca revestida de couro espanhol e provida de móveis adornados com marchetaria e malaquita, onde alguns homens conversavam e calçavam as luvas para dançar, e finalmente foi para a fila dos convidados que Mrs. Beaufort recebia na entrada da sala carmim.

Estava visivelmente nervoso. Não voltara ao clube depois da ópera (como era costume entre os jovens ricos e elegantes), mas, como a noite estava bonita, caminhara um pouco pela Quinta Avenida, antes de ir para a casa dos Beaufort. Temia que os Mingott fossem longe demais; que, por ordem da avó, levassem a condessa Olenska ao baile.

Pelos comentários que ouvira no camarote do clube percebera que esse seria um erro grave; e, embora estivesse mais que decidido a ajudar, sentia-se menos disposto a defender a prima de sua noiva que antes da breve conversa no teatro.

Enquanto se dirigia à sala *bouton d'or* (onde Beaufort tivera a audácia de colocar *Amor vitorioso*, o discutido nu de Bouguereau),⁸ avistou Mrs. Welland e a filha na porta do salão de baile. Alguns pares já deslizavam pela pista de dança: as velas de cera iluminavam volteantes saias de tule, virginais cabeças engrinaldadas com flores singelas, penteados de jovens senhoras adornados com plumas e outros enfeites vistosos, luzidios peitilhos engomados e luvas acetinadas.

Miss Welland, que evidentemente estava prestes a participar da dança, aguardava, os lírios-do-vale na mão (nunca portava outro buquê), o rosto um pouco pálido, os olhos brilhando de cândida empolgação. Um grupo de rapazes e moças reuniu-se a seu redor, e seguiram-se muitos apertos de mão, risos e gracejos, que, a pequena distância, Mrs. Welland observava com um sorriso de restrita aprovação. Era óbvio que a donzela estava anunciando seu noivado,

enquanto a mãe afetava o ar de relutância que se considerava adequado à ocasião.

Archer parou por um momento. O anúncio fora feito por seu expresso desejo, e, contudo, não era assim que ele queria que se desse a conhecer sua felicidade. Proclamá-la no calor e no barulho de um salão de baile repleto equivalia a despojá-la da delicada flor da privacidade que deveria ser apanágio das coisas mais caras ao coração. Sua alegria era tão profunda que esse turvamento da superfície não lhe afetou a essência; mas ele preferia que a superfície também se mantivesse pura. Foi uma satisfação constatar que May Welland partilhava esse sentimento. Os olhos dela encontraram os seus e, suplicantes, disseram: “Lembre-se, estamos fazendo isso porque é correto”.

Nenhum apelo teria encontrado uma resposta mais imediata em seu coração; porém ele gostaria que o que estavam fazendo se devesse a um motivo ideal, e não à pobre Ellen Olenska. O grupo ao redor de miss Welland lhe deu passagem, sorrindo significativamente, e, depois de receber sua parte das felicitações, ele conduziu a noiva para o meio do salão de baile e enlaçou-a pela cintura.

“Agora não temos de falar”, comentou, sorrindo para os olhos cândidos de seu par, enquanto flutuavam nas ondas suaves do *Danúbio azul*.

Ela não respondeu. Seus lábios sorriram, trêmulos, porém seus olhos permaneceram distantes e sérios, como se contemplassem uma inefável visão. “Querida”, Archer murmurou, estreitando-a junto ao peito: acreditava que as primeiras horas de um noivado, ainda que passadas num salão de baile, tinham em si algo de momentoso e sacramental. Que vida nova haveria de ser a sua, ao lado dessa pureza, desse esplendor, dessa bondade!

Ao terminar a dança, os dois, como convinha a um casal de noivos, foram para o jardim de inverno; sentaram-se atrás de uma densa cortina de samambaias e camélias, e Newland levou aos lábios a mão enluvada da jovem.

“Viu? Eu fiz como você me pediu”, May falou.

“Sim: eu não podia esperar”, ele respondeu com um sorriso e, depois de um instante, acrescentou: “Eu só queria que não tivesse

sido num baile.”

“Sim, eu sei.” Ela o fitou nos olhos, compreensiva. “Mas, afinal... aqui estamos sozinhos, não estamos?”

“Ah, minha querida... sempre!”, Archer exclamou.

Evidentemente, May sempre compreenderia; sempre diria a coisa certa. Essa descoberta fez transbordar a taça de sua felicidade, e ele prosseguiu, exultante: “O pior é que eu quero beijar você e não posso”. Ao mesmo tempo, rapidamente olhou em torno, assegurou-se de sua momentânea privacidade e, abraçando-a, depositou-lhe nos lábios um beijo fugidio. Para contrabalançar a ousadia desse procedimento, conduziu-a até o sofá de bambu, numa parte menos isolada do jardim de inverno, e, sentando-se a seu lado, arrancou-lhe do buquê um lírio-do-vale. Ela permaneceu em silêncio, o mundo estendendo-se a seus pés como um vale ensolarado.

“Você contou para minha prima Ellen?”, perguntou por fim, como se falasse num sonho.

Ele se lembrou de que não tinha contado. Uma invencível repugnância em falar sobre essas coisas com a estranha forasteira retivera as palavras em seus lábios.

“Não... não tive oportunidade”, mentiu.

“Ah.” May parecia decepcionada, mas gentilmente decidida a conseguir o que queria. “Então, você precisa contar, porque eu também não falei nada; e não quero que ela pense...”

“Claro que não. Mas não é você a pessoa indicada para isso?”

“Se eu tivesse contado no momento certo, sim”, foi a resposta, após alguns segundos de reflexão. “Mas agora, com esse atraso, acho que você deve explicar que eu lhe pedi para contar a ela no teatro, antes de darmos a notícia a todo mundo aqui. Senão, a coitada pode pensar que me esqueci dela. Ellen faz parte da família, você sabe, e ficou fora tanto tempo que está meio... sensível.”

Archer fitou-a, radiante. “Meu anjo querido! Claro que vou contar para sua prima.” E, ligeiramente apreensivo, correu os olhos pelo apinhado salão de baile. “Mas ainda não a vi. Ela não vem?”

“Não; no último instante resolveu não vir.”

“No último instante?”, o rapaz repetiu, mostrando-se surpreso por ela ter sequer cogitado na possibilidade dessa alternativa.

“Sim. Ela adora dançar”, a jovem respondeu simplesmente. “Mas de repente encasquetou que o vestido não era adequado para ir a um baile, apesar de que nós o achamos lindo; e, assim, a titia precisou levá-la para casa.”

“Ah, bom...”, Archer murmurou com alegre indiferença. Nada em sua noiva lhe agradava mais que a resoluta determinação de levar ao limite extremo o ritual de ignorar o “desagradável” que ambos conheciam de cor.

“Ela sabe tão bem quanto eu por que a prima não veio”, refletiu. “Mas nunca vou deixá-la perceber que estou ciente da existência de uma sombra sobre a reputação da pobre Ellen Olenska.”

No dia seguinte, teve lugar a primeira das habituais visitas de noivado. O ritual nova-iorquino era preciso e inflexível nessas questões; e, em conformidade com ele, Newland Archer primeiro foi com a mãe e a irmã visitar a futura sogra e depois foi com Mrs. Welland e May à casa de Mrs. Manson Mingott, a fim de receber a bênção da venerável matriarca.

Sempre achava divertido visitar a velha senhora. A casa em si já era um documento histórico, embora não fosse, evidentemente, tão venerável quanto certos casarões antigos da University Place e da baixa Quinta Avenida.¹ Essas eram do mais puro estilo 1830, com uma austera harmonia de tapetes com estampas de rosas, consoles de jacarandá, lareiras de mármore preto e imensas estantes de mogno; já Mrs. Mingott, que construía sua casa bem depois, desfizera-se pessoalmente da mobília pesadona de sua juventude e misturara as peças tradicionais da família com frívolos estofados do Segundo Império.² Era seu hábito sentar-se junto à janela da saleta, no andar térreo, como se esperasse calmamente que a vida e a moda tomassem o rumo do norte e fossem bater a suas portas solitárias. Não parecia ter pressa nenhuma de que chegassem, pois sua paciência estava à altura de sua certeza. Não tinha dúvida de que os atuais tapumes, pedreiras, bares, estufas de madeira em jardins abandonados, matacões dos quais as cabras contemplavam o panorama desapareceriam ante o avanço de residências tão imponentes quanto

a sua — talvez (pois era uma mulher imparcial) até mesmo mais imponentes — e que as pedras do calçamento por onde sacolejavam os velhos ônibus barulhentos seriam substituídas por asfalto liso, como as pessoas diziam ter visto em Paris. Entrementes, como todos que lhe interessavam iam até *ela* (permitindo-lhe lotar suas salas tão facilmente quanto os Beaufort, e sem acrescentar um único prato ao cardápio de suas ceias), seu isolamento geográfico não lhe causava nenhum sofrimento.

A enorme quantidade de gordura que se abatera sobre ela na meia-idade como uma torrente de lava sobre uma cidade condenada³ transformara uma ativa mulherzinha rechonchuda, de pés e tornozelos bem torneados, numa coisa tão vasta e augusta quanto um fenômeno natural. Ela aceitara essa submersão filosoficamente, como aceitara todas as suas tribulações, e agora, na velhice, colhia a recompensa de poder apresentar ao espelho uma pele quase lisa, firme, branca e rosada, em cujo centro os vestígios de um rostinho sobreviviam como se aguardassem escavação. Uma série de flácidas papadas conduzia às vertiginosas profundezas de um busto ainda níveo sob níveas musselinas presas por um pequenino retrato do falecido Mr. Mingott; e em volta e embaixo, ondas e ondas de seda preta transbordavam de uma imensa poltrona, em cujos braços duas mãozinhas brancas pousavam como gaivotas sobre vagalhões.

Como o fardo de seu peso desde muito a impedia de subir e descer escada, com sua característica independência Mrs. Manson Mingott transferira seus salões para o andar superior e se instalara no térreo (em flagrante violação de todas as convenções nova-iorquinas); assim, sentado em sua companhia junto à janela da saleta, o visitante inesperadamente entrevia (através de uma porta que permanecia sempre aberta e de um reposteiro de damasco amarelo que se mantinha sempre preso) um quarto com uma cama enorme e baixa estofada como um sofá e um toucador com frívolos babados de renda e um espelho de moldura dourada.

As visitas se surpreendiam e se encantavam com a estranheza desse arranjo, que lembrava cenas da ficção francesa e incentivos arquitetônicos à imoralidade com os quais o americano comum

jamais sonhara. Assim viviam nas velhas sociedades depravadas as mulheres que tinham amantes: em apartamentos com todos os cômodos num único andar e com toda a indecente proximidade que seus romances descreviam. Newland Archer (que secretamente situava as cenas de amor de *Monsieur de Camors*⁴ no quarto de Mrs. Mingott) divertia-se com imaginar a vida impecável dessa senhora transcorrendo no cenário teatral do adultério; mas dizia a si mesmo, com considerável admiração, que, se quisesse um amante, a intrépida criatura o teria.

Para alívio geral a condessa Olenska não estava na saleta quando os noivos chegaram. A avó explicou que ela havia saído; o que, num dia tão ensolarado e na “hora das compras”, parecia por si só indecoroso, em se tratando de uma mulher numa situação tão delicada. De qualquer modo, isso os poupou do constrangimento de sua presença e da tênue sombra que seu passado infeliz pudesse lançar sobre o radioso futuro do jovem casal. A visita foi um sucesso, como era de se esperar. A anfitriã exultou com o noivado, que, desde muito aguardado pelos parentes vigilantes, fora criteriosamente aprovado no conselho familiar; e o anel de noivado, uma grande safira com engaste invisível, despertou-lhe irrestrita admiração.

“É o novo tipo de engaste: sem dúvida destaca bem a pedra, mas parece meio simples a olhos antiquados”, Mrs. Welland comentou, olhando de soslaio para o futuro genro.

“Olhos antiquados? Espero que não esteja se referindo aos meus, querida. Eu gosto de todas as novidades”, declarou a matriarca, aproximando o anel dos olhinhos brilhantes, jamais desfigurados por um par de óculos. “Muito bonito”, acrescentou, devolvendo a joia; “muito valioso. Em minha época, bastaria um camafeu de pérolas. Mas é a mão que realça o anel, não é, meu caro Mr. Archer?”, e balançou a mãozinha de unhas pequenas e pontudas, os rolos de gordura cingindo o pulso como braceletes de marfim. “O meu foi feito em Roma pelo grande Ferrigiani. Você devia ter-lhe encomendado o de May: sem dúvida ele o teria feito, meu filho. A mão dela é grande... esses esportes modernos engrossam as juntas...”

mas a pele é branca. E quando vai ser o casamento?”, perguntou, fitando o rosto de Archer.

“Oh...”, Mrs. Welland murmurou, enquanto o jovem, sorrindo para a noiva, respondeu: “Assim que possível, se a senhora me ajudar, Mrs. Mingott”.

“Eles precisam de tempo para se conhecer melhor, mamãe”, Mrs. Welland argumentou, com a adequada afetação de relutância. E a velha matrona rebateu: “Conhecer? Bobagem! Todo mundo em Nova York sempre conheceu todo mundo. Deixe o rapaz fazer como quer, minha cara; não espere o champanhe perder o gás. Faça o casamento antes da quaresma; posso pegar pneumonia em qualquer inverno e quero oferecer a recepção... um desjejum”.

Essas sucessivas declarações foram recebidas com as devidas expressões de alegria, incredulidade e gratidão; e a visita transcorria num clima de amena jocosidade, quando a porta se abriu e a condessa Olenska entrou, de chapéu boneca e capa, seguida pela inesperada figura de Julius Beaufort.

As primas trocaram um murmúrio de prazer, e Mrs. Mingott mostrou ao banqueiro o anel de Ferrigiani. “Ah! Beaufort, este é um raro privilégio!” (Tinha o curioso costume estrangeiro de chamar os homens pelo sobrenome.)

“Obrigado. Eu gostaria que isso acontecesse com mais frequência”, o recém-chegado respondeu com sua arrogância. “Geralmente estou muito ocupado; mas encontrei a condessa na Madison Square,⁵ e ela teve a bondade de me deixar acompanhá-la.”

“Ah... Espero que a casa fique mais alegre, agora que Ellen está aqui!”, Mrs. Mingott exclamou com gloriosa ousadia. “Sente-se... sente-se, Beaufort; puxe a poltrona amarela; quero ouvir um bom mexerico. Eu soube que seu baile foi esplêndido; e que você convidou Mrs. Lemuel Struthers. Bom, estou curiosa para ver essa mulher.”

Esquecera os parentes, que agora se dirigiam ao saguão, conduzidos por Ellen Olenska. Sempre professara grande admiração por Julius Beaufort, e havia uma espécie de afinidade entre a postura fria e dominadora de ambos e a maneira como se esgueiravam por entre as convenções. Agora ela estava ansiosa para saber o que levaria

os Beaufort a convidarem (pela primeira vez) Mrs. Lemuel Struthers, viúva do dono da graxa de sapatos Struthers, que, no ano anterior, retornara de uma longa estada iniciatória na Europa para sitiar a pequena e sólida cidadela de Nova York. “É claro que, se você e Regina a convidam, está encerrado o assunto. Bom, precisamos de sangue novo e de dinheiro novo... E ouvi dizer que ela ainda é muito bonita.”

No saguão, enquanto Mrs. Welland e May vestiam suas peliças, Archer percebeu que madame Olenska o fitava com um sorriso no olhar ligeiramente inquisitivo.

“Naturalmente você já soube... do noivado”, ele falou, respondendo a esse olhar com um riso tímido. “May me repreendeu por não ter lhe contado ontem à noite, no teatro, como me ordenara... mas não foi possível, com toda aquela multidão.”

O sorriso passou dos olhos para os lábios da condessa e tornou-a mais jovem, mais parecida com a Ellen Mingott atrevida e morena de sua infância. “Claro que sei. E estou muito contente. Mas essas coisas não devem ser ditas em meio a uma multidão.” As damas estavam na porta, e ela estendeu a mão.

“Até mais ver; venha me visitar qualquer dia”, disse, ainda fitando Archer.

Na carruagem, descendo a Quinta Avenida,⁶ falaram de Mrs. Mingott, de sua idade, sua energia e seus esplêndidos atributos. Ninguém aludiu a Ellen Olenska; mas Archer sabia o que Mrs. Welland estava pensando: “É um erro Ellen ser vista, no dia seguinte ao de sua chegada, desfilando com Julius Beaufort pela Quinta Avenida, na hora de maior movimento...”. E acrescentou mentalmente: “Ela deve saber que um homem que acabou de ficar noivo não perde tempo visitando mulheres casadas. Mas imagino que onde ela morava fazem isso... nunca fazem outra coisa”. E, apesar das opiniões cosmopolitas de que se orgulhava, agradeceu a Deus por ser nova-iorquino e estar prestes a unir-se a uma jovem de sua própria espécie.

Na noite seguinte, o velho Mr. Sillerton Jackson foi jantar com os Archer.

Mrs. Archer era uma senhora tímida e arredia; mas gostava de manter-se bem informada. Mr. Sillerton Jackson aplicava à investigação dos atos de seus amigos a paciência de um colecionador e a ciência de um naturalista; e sua irmã, miss Sophy Jackson, que morava com ele e era recebida por todas as pessoas que não conseguiam a companhia de um homem tão requisitado, levava para casa pequenos mexericos que preenchiam as lacunas das informações que ele colhia.

Assim, sempre que queria saber alguma coisa, Mrs. Archer convidava seu velho amigo para jantar; e, como honrava pouca gente com seus convites e formava com sua filha Janey uma excelente plateia, Mr. Jackson geralmente comparecia a esses jantares, em vez de mandar a irmã. Se pudesse estabelecer todas as condições, preferiria as noites em que Newland não estava; não porque o achasse antipático (os dois se davam muito bem no clube), mas porque às vezes percebia nele uma tendência a analisar suas informações que as mulheres da família nunca demonstravam.

Se fosse possível alcançar a perfeição na terra, Mr. Jackson também gostaria que a comida de Mrs. Archer fosse um pouco melhor. Entretanto, até onde a mente humana conseguia lembrar, Nova York estava dividida nos dois grandes grupos fundamentais dos

Mingott e Manson e todo o seu clã, que apreciavam boa mesa, roupa e dinheiro, e a tribo Archer-Newland-van-der-Luyden, que se dedicava a viagens, horticultura e boa ficção e desprezava as formas mais grosseiras de prazer.

Porém não se pode ter tudo, afinal. Os jantares dos Lovell Mingott incluíam pato selvagem, tartaruga e bons vinhos; na casa de Adeline Archer podia-se falar da paisagem alpina e do *Fauno de mármore*,¹ e felizmente o madeira era de boa qualidade. Portanto, quando Mrs. Archer o convidava, Mr. Jackson, que era um autêntico eclético, geralmente dizia à irmã: “A gota tem me atormentado desde o último jantar nos Lovell Mingott... uma dieta na casa de Adeline vai me fazer bem”.

Viúva de longa data, Mrs. Archer morava com os dois filhos na rua 28 Oeste. Newland ocupava um andar inteiro, e as duas mulheres se espremiavam nos cômodos menores do andar de baixo. Em perfeita harmonia de gostos e interesses, cultivavam samambaias em recipientes de vidro, faziam macramê, bordavam peças de linho com fios de lã, colecionavam louça esmaltada da época da Revolução Americana, assinavam *Good Words* e liam romances de Ouida por causa da atmosfera italiana. (Preferiam os que focalizavam a vida no campo, por causa das descrições de paisagem e dos sentimentos mais amenos, embora em geral gostassem de romances sobre pessoas da sociedade, cujos motivos e hábitos eram mais compreensíveis. Criticavam duramente Dickens, que “nunca descreveu um cavalheiro”, e consideravam Thackeray menos à vontade na alta-roda que Bulwer — que, no entanto, começava a ser considerado antiquado.)²

Ambas gostavam muito de paisagens. Era o que mais buscavam e apreciavam em suas ocasionais viagens ao exterior; achavam que arquitetura e pintura eram assuntos para homens e sobretudo para eruditos que liam Ruskin.³ Mrs. Archer era uma Newland, quando solteira, e mãe e filha, que se pareciam como irmãs, eram “verdadeiras Newland”, diziam as pessoas: altas, pálidas, ombros ligeiramente caídos, nariz comprido, sorriso doce e uma espécie de lânguida distinção como a que está presente em certos retratos

desbotados de Reynolds.⁴ Sua semelhança física seria completa, se um *embonpoint*⁵ próprio da idade não tivesse apertado o brocado preto de Mrs. Archer, enquanto com o passar dos anos as popelines marrons e roxas de miss Archer se tornavam cada vez mais folgadas em seu corpo virginal.

Mentalmente, a semelhança entre elas era menos completa do que seus maneirismos idênticos muitas vezes sugeriam. A longa convivência numa relação de dependência mútua lhes dera o mesmo vocabulário e o mesmo hábito de começar as frases com “a mamãe acha” ou “Janey acha”, segundo uma ou outra desejasse expressar a própria opinião; na realidade, porém, enquanto a serena falta de imaginação de Mrs. Archer tranquilamente se restringia ao que era aceito e conhecido, Janey estava sujeita a surtos e aberrações de fantasia que se deviam a amores reprimidos.

Mãe e filha se adoravam e veneravam Newland, que por sua vez as amava com um carinho que a admiração exagerada de ambas e sua secreta satisfação com isso tornavam contrito e complacente. Afinal, ele achava bom que sua autoridade masculina fosse respeitada em sua própria casa, embora seu senso de humor às vezes o fizesse questionar o poder de tal autoridade.

Nessa ocasião, estava convencido de que Mr. Jackson preferia que ele fosse jantar fora; mas tinha seus motivos para ficar.

Naturalmente, o velho amigo queria falar de Ellen Olenska, e naturalmente Mrs. Archer e Janey queriam ouvir o que ele tinha a dizer. Os três ficariam um tanto constrangidos com a presença de Newland, agora que sua futura relação com o clã dos Mingott se tornara pública; e o rapaz estava curioso para ver como contornariam essa dificuldade.

Começaram falando de Mrs. Lemuel Struthers.

“É uma pena que os Beaufort a convidassem”, Mrs. Archer comentou gentilmente. “Mas Regina sempre faz o que ele pede; e *Beaufort...*”

“Certos detalhes escapam a Beaufort”, Mr. Jackson atalhou, examinando atentamente o sável assado e perguntando-se pela milésima vez por que o cozinheiro de Mrs. Archer sempre queimava

as ovas do peixe.⁶ (Newland, que desde muito se fazia a mesma pergunta, sempre conseguia detectá-la na melancólica desaprovação que o velho silenciosamente expressava.)

“Sem dúvida”, Mrs. Archer concordou. “Beaufort é um homem vulgar. Meu avô Newland sempre dizia para minha mãe: ‘Faça o que quiser, mas não deixe aquele tal Beaufort ser apresentado às meninas’. Pelo menos ele tinha a vantagem de conviver com cavalheiros; na Inglaterra também, segundo dizem. É tudo muito misterioso...” Ela olhou para Janey e fez uma pausa. Ambas conheciam todos os meandros do mistério de Beaufort, porém em público Mrs. Archer continuava fingindo que considerava o assunto impróprio para solteiras.

“Mas essa Mrs. Struthers”, prosseguiu; “de onde você falou que *ela* veio, Sillerton?”

“De uma mina: ou melhor, do bar que ficava perto do poço da mina. Depois viajou pela Nova Inglaterra com um museu de cera. Quando a polícia acabou com isso, diz-se que ela morou...” Foi a vez de Mr. Jackson olhar para Janey, cujos olhos começavam a esbugalhar-se. Para ela ainda havia lacunas no passado de Mrs. Struthers.

“Então”, Mr. Jackson retomou (e Newland percebeu que ele se perguntava por que ninguém ordenava ao mordomo que nunca cortasse pepino com faca de aço), “então, Lemuel Struthers entrou em cena. Consta que o publicitário usou o rosto da moça nos cartazes da graxa de sapato; o cabelo muito preto, sabe... no estilo egípcio. De qualquer modo, ele... acabou... casando com ela.” A maneira como proferiu a palavra “acabou”, dando a cada uma das sílabas a devida ênfase, continha um sem-número de insinuações.

“Ah, bom... hoje em dia isso já não importa”, Mrs. Archer comentou com indiferença. No momento, as damas não estavam realmente interessadas em Mrs. Struthers; Ellen Olenska era o assunto novo que as fascinava. Na verdade, Mrs. Archer mencionara o nome de Mrs. Struthers só para agora poder perguntar: “E a nova prima de Newland... a condessa Olenska? Também estava no baile?”.

Havia um ligeiro tom de sarcasmo na referência ao filho, e ele já o esperava. Até mesmo Mrs. Archer, que raramente se empolgava com acontecimentos sociais, estava contente com o noivado. (“Sobretudo depois daquela história boba com Mrs. Rushworth”, dissera a Janey, aludindo ao que Newland considerara uma tragédia que deixaria em sua alma uma cicatriz indelével.) Não havia em Nova York melhor partido que May Welland, de qualquer ângulo que se analisasse a questão. Claro está que Newland fazia jus a esse casamento; mas os rapazes são tão tolos e imprevisíveis — e algumas mulheres são tão envolventes e inescrupulosas — que era simplesmente um milagre ver o único filho passar a salvo pela ilha das Sereias⁷ e entrar no porto do lar irrepreensível.

Assim pensava Mrs. Archer, e Newland sabia disso; mas também sabia que o anúncio prematuro de seu noivado, ou melhor, a causa desse anúncio prematuro a perturbara; e não foi por outro motivo que — sendo no fundo um chefe de família amoroso e indulgente — ficara em casa nessa noite. “Não é que eu não aprove o *esprit de corps*⁸ dos Mingott; mas não vejo por que o noivado de Newland tenha de misturar-se com as idas e vindas da tal Olenska”, Mrs. Archer resmungara para Janey, única testemunha das pequenas falhas em sua perfeita doçura.

Conduzira-se esplendidamente — em termos de conduta esplêndida era insuperável — por ocasião da visita a Mrs. Welland; mas Newland sabia (e May sem dúvida imaginava) que durante todo o tempo ela e Janey aguardaram com nervosismo a possível intrusão de madame Olenska; e, quando saíram juntos, ela se permitira um desabafo: “Sou grata por Augusta Welland ter nos recebido a sós”.

Essas indicações de desconforto interior o comoviam muito, até porque ele também achava que os Mingott tinham ido um pouco longe demais. No entanto, como contrariava todas as regras do código de mãe e filho aludirem ao que dominava seus pensamentos, simplesmente respondeu: “Ah, bom, quem fica noivo sempre tem de passar por uma fase de reuniões familiares, e quanto antes terminar, melhor”. Ao que Mrs. Archer apenas franziu os lábios sob o véu de

renda que lhe pendia do chapéu de veludo cinzento adornado com uvas.

Sua vingança — legítima vingança — consistiria em fazer Mr. Jackson falar da condessa Olenska; Newland percebeu isso e, tendo publicamente cumprido seu dever como futuro integrante do clã dos Mingott, não se opunha de modo algum à discussão desse assunto em particular — embora começasse a achá-lo cansativo.

O convidado serviu-se do filé morno que o mordomo macambúzio lhe oferecera com um olhar tão cético quanto o dele e rejeitou o molho de cogumelo depois de cheirá-lo quase imperceptivelmente. Parecia frustrado e faminto, e Newland pensou que ele provavelmente encerraria a refeição com o tema Ellen Olenska.

Mr. Jackson recostou-se na cadeira e ergueu os olhos para os Archer, os Newland e os Van der Luyden iluminados pelas velas em suas molduras escuras sobre as paredes escuras.

“Ah, como seu avô Archer gostava de um bom jantar, meu caro jovem!”, exclamou, fitando o retrato de um rechonchudo rapaz de plastron e casaco azul que tinha ao fundo uma casa de campo com colunas brancas. “Bom... bom... bom... Eu me pergunto o que ele diria de todos esses casamentos com estrangeiros!”

A anfitriã ignorou a alusão à *cuisine* ancestral, e o convidado prosseguiu, deliberadamente: “Não, ela *não* foi ao baile”.

“Ah...”, Mrs. Archer murmurou, num tom que significava: “Ela teve essa decência”.

“Pode ser que os Beaufort não a conheçam”, Janey sugeriu com sua ingênua malícia.

O visitante engoliu a própria saliva como se provasse um madeira invisível. “Mrs. Beaufort pode ser que não, mas Beaufort com certeza a conhece, pois hoje à tarde Nova York inteira a viu caminhando com ele pela Quinta Avenida.”

“Misericórdia...”, Mrs. Archer murmurou, evidentemente percebendo que era inútil tentar relacionar os atos dos estrangeiros com alguma noção de delicadeza.

“Eu queria saber se à tarde ela usa chapéu redondo ou chapéu boneca”, disse Janey. “Na ópera, sei que ela estava com um vestido

de veludo azul-escuro muito simples e sem graça... parecia uma camisola.”

“Janey!”, a mãe ralhou; e a filha corou e procurou mostrar audácia.

“De qualquer modo, foi de bom-tom não ter ido ao baile”, Mrs. Archer prosseguiu.

Um impulso perverso levou o filho a argumentar: “Não creio que, no caso dela, fosse uma questão de bom-tom. May falou que ela queria ir, mas achou que o vestido não era adequado”.

A mãe sorriu ante essa confirmação de sua inferência. “Pobre Ellen”, suspirou e logo advertiu, compassiva: “Devemos sempre ter em mente a educação excêntrica que Medora Manson deu a ela. O que se pode esperar de uma menina que usou um vestido de cetim preto no baile de sua apresentação à sociedade?”.

“Ah... bem me lembro dela com aquele vestido!”, Mr. Jackson exclamou. “Pobre menina!”, acrescentou no tom de quem, ao mesmo tempo que saboreia a lembrança, demonstra que, já naquela ocasião, entendera perfeitamente o que estava por vir.

“É estranho que ela tenha conservado um nome tão feio como Ellen. Eu o teria mudado para Elaine”, Janey opinou, correndo os olhos pela mesa para ver o efeito de suas palavras.

Newland riu: “Por que Elaine?”.

“Não sei; parece mais... mais polonês”, a irmã respondeu, enrubescendo.

“Parece mais chamativo; e não deve ser isso que ela deseja”, Mrs. Archer friamente comentou.

“Por que não?”, o filho provocou, subitamente disposto a discutir. “Por que ela não pode ser chamativa, se quiser? Por que haveria de viver encolhida, como se fosse a causa da própria desgraça? ‘Pobre Ellen’, sem dúvida, porque ela teve o azar de fazer um mau casamento; mas isso não é motivo para ela se esconder, como se fosse culpada.”

“Acho que essa é a postura que os Mingott pretendem adotar”, Mr. Jackson ponderou.

Newland corou. “Eu não precisei esperar que me dessem a deixa, se é isso que o senhor quer dizer. Madame Olenska levou uma vida

infeliz: isso não faz dela uma marginal.”

“Correm rumores”, o convidado começou, olhando para Janey.

“Ah, eu sei: o secretário”, o dono da casa interrompeu-o. “Bobagem, mamãe; Janey é adulta. Dizem que o secretário a ajudou a fugir do brutamontes do marido, que praticamente a mantinha prisioneira. E se assim foi? Espero que não exista entre nós um homem que não faria a mesma coisa nesse caso.”

Mr. Jackson dirigiu-se por cima do ombro ao mordomo macambúzio: “Será que... aquele molho... só um pouquinho, afinal...”. E, depois de servir-se, informou: “Disseram-me que ela está procurando casa. Pretende morar aqui”.

“Eu soube que ela quer o divórcio”, Janey ousadamente completou.

“Espero que consiga!”, Newland exclamou.

A frase caiu como uma bomba na pura e tranquila atmosfera da sala de jantar. Mrs. Archer ergueu as delicadas sobrelanceiras, dando-lhes a curvatura específica que significava: “O mordomo...”, e Newland, ciente de que era de mau gosto discutir em público problemas tão íntimos, rapidamente mudou de assunto, pondo-se a falar de sua visita à velha Mrs. Mingott.

Em conformidade com um costume imemorial, depois do jantar mãe e filha arrastaram suas longas saias de seda escada acima até uma saleta, onde havia uma mesa de jacarandá e uma sacola de seda verde; sentaram-se à mesa, cada qual numa extremidade, e, à luz de um candeeiro, puseram-se a bordar flores do campo numa tapeçaria destinada a adornar uma “eventual” cadeira na sala da jovem Mrs. Newland Archer.

Enquanto esse rito se processava na saleta, o dono da casa conduziu Mr. Jackson à biblioteca gótica, acomodou-o numa poltrona perto da lareira e lhe ofereceu um charuto. O velho afundou na poltrona, satisfeito, acendeu o charuto com absoluta confiança (era Newland que os comprava) e, estendendo as pernas finas para a lareira, falou: “Você disse que o secretário só a ajudou a fugir, meu caro? Bom, ele ainda a estava ajudando um ano depois, pois alguém encontrou os dois morando juntos em Lausanne”.

Newland corou. “Morando juntos? Ora, por que não? Quem teria o direito de refazer a vida dela, a não ser ela mesma? Estou cansado da hipocrisia que é capaz de enterrar viva uma mulher da idade dela, só porque o marido prefere conviver com prostitutas.”

Fez uma pausa e afastou-se, irritado, para acender seu charuto. “As mulheres têm de ser livres... tão livres quanto nós”, prosseguiu, realizando uma descoberta cujas terríveis consequências estava irritado demais para avaliar.

Mr. Sillerton Jackson aproximou os pés do fogo e soltou um sardônico assobio.

“Bom”, começou, um instante depois, “parece que o conde Olenski é da mesma opinião; pois eu nunca soube que ele tivesse levantado um dedo para ter a mulher de volta.”

Nessa noite, depois que Mr. Jackson se retirou e as damas se recolheram ao quarto com cortinas de chintz, Newland Archer subiu, pensativo, para seu gabinete. Como sempre, uma mão vigilante mantivera o fogo ardendo e a lâmpada acesa; e o aposento, com suas fileiras e fileiras de livros, suas estatuetas de esgrimistas em bronze e aço sobre a lareira e suas muitas fotografias de quadros famosos, parecia singularmente familiar e aconchegante.

Ao mergulhar na poltrona perto do fogo, Archer pousou os olhos numa grande fotografia de May Welland, que ela lhe dera no início do namoro e que agora substituíra todos os outros retratos da mesa. Com renovada admiração contemplou a fronte sincera, os olhos sérios e a boca alegre e inocente da jovem criatura de cuja alma seria o guardião. Aquele aterrorizante produto do sistema social ao qual ele pertencia e no qual acreditava, a moça que nada sabia e tudo esperava, fitava-o como uma estranha através das conhecidas feições de May Welland; e uma vez mais lhe ocorreu que o casamento não era o porto seguro que o ensinaram a acreditar, mas uma viagem por mares inexplorados.

O caso da condessa Olenska abalara antigas convicções, que agora vagavam perigosamente por sua cabeça. Sua afirmação — “As mulheres têm de ser livres... tão livres quanto nós” — tocara a raiz de um problema que seu mundo decidira considerar inexistente. As mulheres “direitas”, por mais que fossem injustiçadas, nunca

reivindicariam o tipo de liberdade que ele mencionara, e, portanto, os homens generosos como ele estavam — no calor da discussão — mais cavalheirescamente dispostos a conceder-lhes essa liberdade. Tais generosidades verbais não passavam, na verdade, de um disfarce para as inexoráveis convenções que mantinham as coisas nos devidos lugares e as pessoas submissas aos velhos padrões. Mas ele se comprometera a defender uma conduta da prima de sua noiva que, se fosse adotada por sua própria esposa, lhe daria razão para invocar contra ela todas as imprecizações da Igreja e do Estado. Claro está que o dilema era puramente hipotético; não sendo ele um nobre polonês salafrário, não fazia sentido especular sobre os direitos que sua esposa teria, se ele o *fosse*. No entanto, sua imaginação era suficientemente fértil para levá-lo a pensar que o vínculo com May poderia vir a ser um fardo por motivos muito menos flagrantes e palpáveis. O que cada um realmente poderia saber sobre o outro, já que era dever dele, como um sujeito “decente”, esconder-lhe seu passado, e dever dela, como donzela casadoira, não ter passado nenhum para esconder? E se, por alguma das razões mais sutis de ambos, acabassem se cansando um do outro, se desentendendo ou se irritando mutuamente? Archer pensou no casamento dos amigos — nos supostamente felizes — e não encontrou nenhum que correspondesse, ainda que de longe, ao terno e apaixonado companheirismo que desejava em sua relação permanente com May Welland. Percebeu que tal companheirismo pressupunha, da parte de sua noiva, a experiência, a versatilidade, a liberdade de opinião que ela fora treinada para não ter; e estremeceu ao imaginar que seu casamento se tornaria igual à maioria dos outros casamentos que via a seu redor: uma insípida comunhão de interesses materiais e sociais mantida pela ignorância de um lado e pela hipocrisia do outro. Ocorreu-lhe que Lawrence Lefferts era o marido que mais completamente realizara esse ideal invejável. Como sumo sacerdote do bom-tom, de tal maneira moldara a esposa segundo sua própria conveniência que, nos momentos mais flagrantes de suas frequentes aventuras amorosas com as mulheres de outros homens, ela sorria, inconsciente, afirmando que “Lawrence é terrivelmente austero”; e dizia-se que corava de indignação e desviava o olhar, quando ouvia

alguém aludir ao fato de que Julius Beaufort (como “estrangeiro” de origem duvidosa) tinha o que em Nova York se chamava “outra família”.

Archer procurou consolar-se com a ideia de que não era exatamente um asno como Larry Lefferts, nem May era uma bobalhona como a pobre Gertrude; mas a diferença, afinal, era de inteligência, e não de padrões. Na verdade, todos eles viviam numa espécie de mundo hieroglífico, em que a realidade nunca era mencionada, vivida ou sequer pensada, mas apenas representada por um conjunto de signos arbitrários; como quando Mrs. Welland, que sabia muito bem por que Archer a pressionara para anunciar o noivado da filha no baile dos Beaufort (e não esperava dele nada menos que isso), sentiu-se na obrigação de simular relutância e fingir que havia sido forçada, como a noiva selvagem que é arrastada aos gritos da tenda dos pais nos livros sobre o Homem Primitivo que as pessoas de cultura avançada começavam a ler.

O resultado, evidentemente, foi que a jovem que era o centro desse elaborado sistema de mistificação permanecia ainda mais inescrutável em função de sua sinceridade e de sua segurança. Era sincera, pobrezinha, porque nada tinha a esconder; e segura, porque não sabia de nada que a ameaçasse; e sem melhor preparação que essa, ia ser jogada, de uma hora para outra, no que evasivamente chamavam de “as coisas da vida”.

A paixão de Archer era verdadeira, mas serena. Encantavam-no a beleza radiante da noiva, sua saúde, sua habilidade de amazona, sua graça e sua agilidade nos jogos, seu tímido interesse por livros e ideias que ele a ajudava a desenvolver. (May progredira o bastante para ridicularizar com ele os *Idílios do rei*, mas não para apreciar a beleza de “Os comedores de lótus”.)¹ Era direta, leal e corajosa; tinha senso de humor (que demonstrava sobretudo ao rir das piadas *dele*); e nas profundezas de sua alma inocente decerto haveria o calor de um sentimento que seria uma alegria despertar. Contudo, ao concluir esse breve inventário das qualidades da noiva, Archer voltou a pensar, desanimado, que tanta sinceridade e tanta inocência eram apenas um produto artificial — a natureza humana em estado bruto

não era sincera e inocente; estava cheia das artimanhas e defesas de uma astúcia instintiva. E sentiu-se oprimido por essa criação de pureza factícia, obra engenhosa de uma conspiração de mães, tias, avós e ancestrais desde muito falecidas, porque todos achavam que era o que ele queria, era o que ele tinha o direito de ter, para poder exercer seu senhoril prazer de esmagá-la como um boneco de neve.

Havia certa banalidade nessas reflexões: eram as mesmas que os rapazes costumavam fazer quando estavam prestes a casar. Mas em geral as faziam contritos e humildes, e nem remotamente era assim que Newland Archer se sentia. Ele não conseguia lamentar (como os heróis de Thackeray² que tantas vezes o exasperavam por essa razão) não ter uma página em branco para oferecer à noiva em troca da página imaculada que ela lhe entregaria. Não podia ignorar o fato de que, se tivesse sido criado como ela, ambos seriam tão incapazes de encontrar o caminho quanto as “Crianças na floresta”;³ e, apesar de todas essas ansiosas cogitações, não atinava com nenhum motivo válido (isto é, desvinculado de seu próprio prazer momentâneo e de sua vaidade masculina) para sua noiva não ter a mesma liberdade de experiência que ele.

Era inevitável que tais reflexões lhe ocorressem nessa hora; porém Archer estava ciente de que sua incômoda persistência e sua desagradável precisão se deviam à inoportuna chegada de madame Olenska. Ali estava ele, no exato momento de seu noivado — um momento para pensamentos puros e esperanças límpidas —, lançado num torvelinho de escândalo que levantava todos os problemas especiais que preferia deixar intocados. “Maldita seja Ellen Olenska!”, resmungou, enquanto apagava o fogo e começava a despir-se. Não conseguia realmente entender por que o destino dela haveria de ter a menor relação com o dele; no entanto, sentia vagamente que tinha apenas começado a avaliar os riscos da posição de defensor que o noivado o obrigara a assumir.

Dias depois, o raio caiu.

Os Lovell Mingott convidaram para um “jantar formal” (ou seja, com três criados extras, dois pratos diferentes em cada parte da

refeição e um ponche no intervalo), anunciando: “Para conhecer a condessa Olenska”, pois assim exige a hospitalidade americana, que trata os estrangeiros como se fossem membros da realeza ou, no mínimo, seus embaixadores.

Os convidados foram escolhidos com uma ousadia e uma diferenciação em que o iniciado reconhecia a mão firme de Catherine, a Grande. A lista incluía presenças imemoriais — como os Selfridge Merry, que eram requisitados em toda parte porque sempre o foram; os Beaufort, com os quais haveria uma relação de parentesco; Mr. Sillerton Jackson e miss Sophy (que ia aonde o irmão lhe dizia para ir) — e também alguns dos componentes mais elegantes e irreprocháveis do principal grupo de “jovens casados”: os Lawrence Lefferts, Mrs. Lefferts Rushworth (a encantadora viúva), os Harry Thorley, os Reggie Chivers e Morris Dagonet e sua esposa (que era uma Van der Luyden). Era uma seleção realmente perfeita, pois todos pertenciam ao pequeno círculo íntimo que, durante a longa temporada nova-iorquina, divertia-se junto de dia e de noite com um entusiasmo aparentemente inalterado.

Quarenta e oito horas depois, o inacreditável aconteceu: todos recusaram o convite dos Mingott, exceto os Beaufort, o velho Mr. Jackson e sua irmã. Agravavam a desfeita o fato de até os Reggie Chivers, que pertenciam ao clã dos Mingott, estarem entre os que a infligiram e a uniformidade das respostas, em que todos “lamentavam não poder aceitar”, sem atenuar a recusa com o pretexto de “outro compromisso”, como prescrevia a cortesia usual.

Nessa época, a sociedade nova-iorquina era tão restrita e dispunha de tão poucas opções que todos os seus integrantes (inclusive alquiladores, mordomos e cozinheiros) sabiam exatamente em que noites as pessoas estavam livres; assim, os destinatários dos convites de Mrs. Lovell Mingott puderam demonstrar com cruel clareza sua determinação de não conhecer a condessa Olenska.

O golpe foi inesperado; mas os Mingott, como de hábito, suportaram-no bravamente. Mrs. Lovell Mingott comunicou o fato a Mrs. Welland, que o comunicou a Newland Archer, que, indignado com o ultraje, apelou apaixonada e autoritariamente à mãe, que, após um doloroso período de resistência interior e contemporização

exterior, sucumbiu a sua insistência (como sempre) e de imediato abraçou sua causa com uma energia redobrada pelas próprias hesitações anteriores, colocou o chapéu de veludo cinzento e anunciou: “Vou visitar Louisa van der Luyden”.

A Nova York desse tempo era uma pequena pirâmide escorregadia, na qual, até então, raramente se abria uma fenda ou se conquistara uma posição segura. Assentava-se sobre um alicerce firme, formado pelo que Mrs. Archer chamava de “gente simples”, uma honrada mas obscura maioria de famílias respeitáveis que (como no caso dos Spicer, dos Lefferts ou dos Jackson) melhoraram de posição graças ao casamento com um membro dos clãs dominantes. As pessoas já não eram tão especiais como antes, Mrs. Archer sempre dizia; e, com a velha Catherine Spicer numa extremidade da Quinta Avenida e Julius Beaufort na outra, não se podia esperar que as antigas tradições perdurassem por mais tempo.

Estreitando-se consideravelmente para cima, a partir desse substrato abastado mas obscuro, estava o grupo compacto e dominante que os Mingott, os Newland, os Chivers e os Manson tão ativamente representavam. A maioria os via como o próprio vértice da pirâmide; porém eles mesmos (pelo menos os que faziam parte da geração de Mrs. Archer) estavam cientes de que, aos olhos de um genealogista profissional, apenas um número ainda menor de famílias fazia jus a tal eminência.

“Não me falem de toda essa baboseira dos jornais modernos sobre uma aristocracia nova-iorquina”, Mrs. Archer pedia aos filhos. “Se existe essa aristocracia, nem os Mingott, nem os Manson pertencem a ela; nem os Newland, nem os Chivers. Nossos avós e bisavós eram apenas respeitáveis comerciantes ingleses ou holandeses que vieram para as colônias a fim de fazer fortuna e aqui ficaram porque tiveram sucesso. Um de nossos bisavós assinou a Declaração; outro foi general do estado-maior de Washington e recebeu a espada do general Burgoyne depois da batalha de Saratoga.⁴ Temos do que nos orgulhar, mas isso não tem nada a ver com posição ou classe. Nova York sempre foi uma comunidade mercantil, e não há aqui mais que

três famílias que podem ostentar uma origem aristocrática no verdadeiro sentido da palavra.”

Como todos em Nova York, Mrs. Archer e os filhos sabiam quem eram essas criaturas privilegiadas: os Dagonet da Washington Square,⁵ que vinham de uma antiga família inglesa consanguínea dos Pitt⁶ e dos Fox;⁷ os Lanning, que se casaram com os descendentes do conde de Grasse;⁸ e os Van der Luyden, descendentes diretos do primeiro governador holandês de Manhattan⁹ e aparentados, através de casamentos anteriores à Revolução, com vários membros da aristocracia francesa e britânica.

Os Lanning sobreviviam em duas senhoritas muito idosas, porém fortes e alegres, que cultivavam suas lembranças entre retratos de família e móveis Chippendale;¹⁰ os Dagonet eram um clã considerável, relacionado com os melhores nomes de Baltimore e Filadélfia; mas os Van der Luyden, que estavam acima de todos eles, haviam mergulhado numa espécie de penumbra supraterrrestre, da qual apenas duas figuras emergiam: Mr. e Mrs. Henry van der Luyden.

Mrs. Henry van der Luyden nascera Louisa Dagonet; sua mãe era neta do coronel Du Lac, que pertencia a uma antiga família das ilhas do Canal,¹¹ lutara sob o comando do general Cornwallis¹² e depois da guerra se estabelecera em Maryland com sua noiva, Lady Angelica Trevenna, quinta filha do conde de St. Austrey. Os laços entre os Dagonet, os Du Lac de Maryland e os Trevenna, seus aristocráticos parentes da Cornualha, sempre se mantiveram firmes e cordiais. Mr. e Mrs. van der Luyden mais de uma vez visitaram o atual chefe da casa de Trevenna, o duque de St. Austrey, em seu solar, na Cornualha, e em St. Austrey, Gloucestershire;¹³ e Sua Graça com frequência anunciara a intenção de um dia retribuir a visita (sem a duquesa, que tinha medo de atravessar o Atlântico).

Mr. e Mrs. van der Luyden se dividiam entre Trevenna, sua casa em Maryland, e Skuytercliff, a grande propriedade à margem do Hudson que havia sido uma das doações coloniais do governo holandês ao famoso primeiro governador e da qual Mr. van der Luyden ainda era “Patroon”.¹⁴ Seu solene casarão na Madison

Avenue raramente era aberto, e, quando estavam na cidade, eles recebiam apenas os amigos mais íntimos.

“Eu queria que você fosse comigo, Newland”, Mrs. Archer falou, detendo-se subitamente à porta do cupê Brown. “Louisa gosta de você; e, naturalmente, é por causa de nossa querida May que estou tomando esta atitude... e também porque, se não nos unirmos, o que chamamos de sociedade deixará de existir.”

Mrs. Henry van der Luyden ouviu em silêncio o relato da prima, Mrs. Archer.

Era muito bom saber que Mrs. van der Luyden sempre se mantinha em silêncio e que, embora reservada por natureza e educação, tratava com extrema gentileza as pessoas das quais realmente gostava. Mas saber disso por experiência própria nem sempre constituía uma proteção contra o gelo reinante na sala de visitas da Madison Avenue, com seu teto alto e suas paredes brancas, com as poltronas de brocado claro cujas capas haviam sido obviamente retiradas para a ocasião, com os enfeites dourados sobre a lareira e a bela e antiga moldura entalhada da *Lady Angelica du Lac* de Gainsborough¹ ainda recobertos por finos véus.

O retrato de Mrs. van der Luyden (de veludo negro e renda veneziana)² pintado por Huntington³ estava na parede oposta, de frente para o da encantadora ancestral. Considerado, em geral, “bonito como um Cabanel”,⁴ ainda guardava “perfeita semelhança” com o modelo, embora já tivessem se passado vinte anos desde sua execução. Na verdade, a Mrs. van der Luyden que estava sentada logo abaixo, ouvindo Mrs. Archer, poderia ser a irmã gêmea da bela jovem recostada numa poltrona dourada, tendo ao fundo uma cortina de repes verde. Ainda usava veludo negro e renda veneziana quando saía — ou melhor (pois nunca jantava fora), quando abria a porta de sua casa para receber figuras da sociedade. Seu cabelo loiro,

que desbotara sem embranquecer, ainda era repartido ao meio, em bandós, e o nariz reto, que separava seus olhos azul-claros, estava só um pouco mais afilado na ponta do que quando o retrato fora pintado. Na verdade, Newland Archer achava até meio repulsiva a maneira como ela se preservara no ar rarefeito de sua existência absolutamente irreprochável: lembrava-lhe aqueles corpos encerrados nas geleiras que durante anos conservam um tom rosado de vida.

Como toda a sua família, ele a estimava e admirava; mas considerava a submissa doçura da ilustre senhora menos acessível que a rispidez de algumas velhas tias de sua mãe, temíveis solteironas que diziam “não” antes mesmo de saber o que lhes iriam pedir.

A atitude de Mrs. van der Luyden nunca significava sim ou não, mas parecia sempre inclinada à clemência, até seus lábios finos se entreabrirem num vago sorriso e pronunciarem a resposta praticamente invariável: “Primeiro, preciso falar com meu marido”.

Ela e o marido eram tão parecidos que Newland muitas vezes se perguntava como, depois de quarenta anos de vida conjugal, duas identidades tão coesas conseguiram separar-se o bastante para algo tão controverso como uma discussão. Mas, como nenhum deles nunca tomara uma decisão antes desse misterioso conclave, Mrs. Archer e o filho expuseram a situação e resignadamente aguardaram a conhecida frase.

E Mrs. van der Luyden, que raramente surpreendia quem quer que fosse, agora os surpreendeu, ao estender a mão para tocar a sineta.

“Quero que Henry escute o que vocês me contaram”, explicou, antes de ordenar ao criado que acabava de entrar na sala: “Se Mr. van der Luyden terminou de ler o jornal, peça-lhe, por favor, que tenha a bondade de vir até aqui”.

Disse “ler o jornal” no mesmo tom em que a esposa de um ministro teria dito “presidir a reunião do gabinete” — não por arrogância, mas porque o hábito de uma vida inteira e a atitude dos amigos e parentes a levaram a atribuir aos mínimos atos do marido uma importância quase sacerdotal.

Sua presteza demonstrou que considerava o caso tão urgente quanto Mrs. Archer; contudo, temendo comprometer-se, acrescentou,

com a maior doçura: “Henry sempre gosta de vê-la, Adeline querida; e há de querer cumprimentar Newland”.

A porta dupla reabriu-se solenemente, e o dono da casa apareceu: alto, magro, de sobrecasaca, cabelo loiro desbotado, nariz reto como o da esposa e a mesma expressão de gélida gentileza nos olhos cinzentos, em vez de azul-claros.

Cumprimentou Mrs. Archer com a afabilidade de um primo, murmurou suas congratulações a Newland nos mesmos termos utilizados por sua mulher e sentou-se numa das poltronas de brocado com a simplicidade de um soberano reinante.

“Acabei de ler o *Times*”,⁵ informou, juntando as pontas dos longos dedos. “Quando estou na cidade, tenho tanto o que fazer de manhã que prefiro ler os jornais depois do almoço.”

“Há muitos argumentos favoráveis a esse hábito... Meu tio Egmont achava menos inquietante ler os jornais da manhã depois do jantar”, Mrs. Archer comentou, compreensiva.

“Sim: meu bom pai tinha horror à pressa. Mas agora vivemos numa eterna correria”, Mr. van der Luyden falou pausadamente, contemplando com vagar a grande sala amortalhada que para Newland constituía uma imagem perfeita de seus proprietários.

“Mas você terminou a leitura, Henry?”, a dona da casa perguntou.

“Terminei... terminei.”

“Então, eu gostaria que Adeline lhe contasse...”

“Na verdade, a história é de Newland”, Mrs. Archer esclareceu com um sorriso, antes de mais uma vez relatar a monstruosa afronta infligida a Mrs. Lovell Mingott.

“Naturalmente”, concluiu, “pensando sobretudo no noivado de Newland, Augusta Welland e Mary Mingott acharam que você e Henry *deviam saber*.”

“Ah...”, Mr. van der Luyden suspirou.

Fez-se um silêncio durante o qual o tique-taque do monumental relógio dourado sobre a lareira de mármore branco soava como o estrondo de um canhão. O jovem visitante observou com admiração as duas figuras esguias e desbotadas, sentadas lado a lado com a rigidez de vice-reis, porta-vozes de uma remota autoridade ancestral

que o destino os compelira a assumir, quando teriam preferido viver na simplicidade e no isolamento, arrancando invisíveis ervas daninhas dos gramados perfeitos de Skuytercliff e jogando paciência à noite.⁶

Mr. van der Luyden foi o primeiro a falar.

“Você realmente acredita que isso se deve a uma... uma interferência intencional de Lawrence Lefferts?”, perguntou a Newland.

“Tenho certeza que sim. Ultimamente, Larry tem se arriscado mais que de hábito... se a prima Louisa não se importa que eu toque nesse assunto... Ele está tendo um caso com a mulher do agente do correio da cidadezinha ou algo assim; e, sempre que a pobre Gertrude Lefferts começa a desconfiar de alguma coisa, dando-lhe motivo para ter medo de se ver em maus lençóis, ele arma uma confusão dessas para mostrar que é muito virtuoso e em alto e bom som discorre sobre o atrevimento de convidar a esposa para conhecer pessoas que não quer que ela conheça. Ele só está usando madame Olenska como um para-raios; já o vi fazer isso muitas vezes.”

“Os *Lefferts!*...”, Mrs. van der Luyden exclamou.

“Os *Lefferts!*...”, Mrs. Archer repetiu. “O que o tio Egmont diria se ouvisse Lawrence Lefferts se pronunciar sobre a posição social de qualquer pessoa? Isso mostra a que ponto chegou a sociedade.”

“Esperamos que não tenha realmente chegado a esse ponto”, o dono da casa comentou.

“Ah, se ao menos você e Louisa saíssem mais!”, Mrs. Archer suspirou.

Porém logo se deu conta de seu erro. Os Van der Luyden eram doentamente sensíveis a qualquer crítica a sua vida reclusa. Eram os árbitros da moda, a Suprema Corte; sabiam disso e aceitavam seu destino. Entretanto, sendo tímidos e retraídos, sem nenhuma vocação natural para seu papel, na medida do possível viviam na solidão campestre de Skuytercliff e, quando iam à cidade, declinavam todos os convites com a desculpa da saúde de Mrs. van der Luyden.

Newland Archer tratou de socorrer a mãe. “Todo mundo em Nova York sabe o que o senhor e a prima Louisa representam. Foi por isso

que Mrs. Mingott achou que não devia deixar passar essa desfeita à condessa Olenska sem consultá-los.”

Mrs. van der Luyden olhou para o marido, que, por sua vez, olhou para ela.

“O que me desagrada é o princípio”, ele começou. “Se um membro de uma família conhecida tem o apoio dessa família, o assunto deve ser dado por encerrado.”

“Também penso assim”, Mrs. van der Luyden declarou, como se expressasse um novo parecer.

“Eu não fazia ideia de que as coisas estivessem nesse pé”, ele prosseguiu e, depois de uma pausa, novamente olhou para a esposa. “Ocorre-me, querida, que a condessa Olenska já é uma espécie de parente... através do primeiro marido de Medora Manson. De qualquer modo, ela vai entrar para a família, quando Newland se casar.” E perguntou ao primo: “Você leu o *Times* de hoje?”

“Sim, senhor”, respondeu o rapaz, que sempre folheava meia dúzia de jornais durante o desjejum.

Marido e mulher mais uma vez se entreolharam. Seus olhos claros se mantiveram fitos numa longa e séria deliberação; então, um vago sorriso pairou sobre o rosto de Mrs. van der Luyden. Evidentemente, ela entendera e aprovara.

O dono da casa se voltou para Mrs. Archer. “Se a saúde de Louisa lhe permitisse jantar fora... eu gostaria que você dissesse a Mrs. Lovell Mingott... que teríamos prazer em... ahn... ocupar o lugar dos Lefferts no jantar.” Ele aguardou até que todos captassem a ironia. “Como você sabe, isso é impossível.” Mrs. Archer concordou, compreensiva. “Mas Newland falou que leu o *Times* de hoje; portanto, provavelmente soube que o duque de St. Austrey, parente de Louisa, chega no *Russia* na semana que vem. Ele vai inscrever sua nova chalupa, a *Guinevere*, na Regata Internacional⁷ do próximo verão; e também vai caçar patos selvagens em Trevenna.” Fez mais uma pausa e depois continuou, com crescente benevolência: “Antes de levá-lo para Maryland, estamos convidando alguns amigos para conhecê-lo aqui... só um jantarzinho... seguido de uma recepção. Tenho certeza de que Louisa ficará tão contente quanto eu se a

condessa Olenska nos deixar incluí-la entre os convidados”. Ele se levantou, inclinou-se diante da prima com rígida amabilidade e acrescentou: “Creio que tenho a permissão de Louisa para dizer que ela mesma levará o convite para o jantar, quando sair daqui a pouco; com nossos cartões... naturalmente, com nossos cartões”.

Ciente de que isso era um aviso de que os baios que nunca deviam ficar esperando estavam à porta, Mrs. Archer levantou-se também, murmurando seus agradecimentos. Mrs. van der Luyden dirigiu-lhe o sorriso de Ester intercedendo junto a Assuero;⁸ seu marido, porém, ergueu a mão em sinal de protesto.

“Não há o que agradecer, cara Adeline. Esse tipo de coisa não pode acontecer em Nova York; e não vai acontecer, enquanto eu puder impedir”, declarou com soberana gentileza, enquanto conduzia os visitantes até a porta.

Duas horas depois, todos sabiam que a grande carruagem na qual Mrs. van der Luyden saía para tomar ar em todas as estações do ano fora vista diante da casa da velha Mrs. Mingott, onde foi entregue um enorme envelope quadrado; e naquela noite, na ópera, Mr. Sillerton Jackson pôde afirmar que o envelope continha um convite para a condessa Olenska ir ao jantar que, na semana seguinte, os Van der Luyden ofereceriam a seu primo, o duque de St. Austrey.

Alguns rapazes trocaram um sorriso e olharam de soslaio para Lawrence Lefferts, que, sentado na primeira fila do camarote do clube, cofiando seu longo bigode loiro, alheio à conversa, comentou com autoridade, durante uma pausa da soprano: “Ninguém além da Patti⁹ devia cantar a *Sonnambula*”.¹⁰

Nova York concordava que a beleza da condessa Olenska era “coisa do passado”.

Ela era uma linda menina de nove ou dez anos — “deviam pintarlhe o retrato”, dizia-se — quando apareceu na cidade, durante a infância de Newland Archer. Havia percorrido continentes na companhia dos pais, vagando de um lugar a outro em seus primeiros anos de vida, e, quando eles morreram, ficou aos cuidados da tia, Medora Manson, também uma viajante inveterada, que decidira voltar para Nova York a fim de “estabelecer-se”.

A pobre Medora, muitas vezes viúva, sempre voltava para estabelecer-se (numa casa menos cara a cada volta) e sempre trazia um novo marido ou um filho adotivo; depois de alguns meses, porém, invariavelmente se separava do marido ou se desentendia com o tutelado, desfazia-se da casa com prejuízo e retomava suas andanças. Como era filha de uma Rushworth e, em virtude de seu último casamento desastroso, aparentada com os malucos dos Chivers, Nova York era indulgente com suas excentricidades; no entanto, quando ela retornou com a pequena sobrinha órfã, cujos pais eram muito queridos, apesar do gosto deplorável por viagens, todos lamentaram que a linda criança ficasse em tais mãos.

Todos estavam dispostos a ser amáveis com a pequena Ellen Mingott, embora suas faces muito coradas e seus cachos compactos lhe dessem um ar de alegria que parecia inadequado a uma criança

que ainda devia usar luto pelos pais. Uma das muitas esquisitices da destrambelhada Medora consistia em desafiar as regras inalteráveis que regiam o luto dos americanos,¹ e, quando ela desembarcou, a família ficou escandalizada ao ver que seu véu de crepe, usado em respeito ao próprio irmão, era quase vinte centímetros mais curto que o das cunhadas e que a pequena Ellen estava de merino carmim e colar de contas, como uma cigana enjeitada.

Contudo, fazia tanto tempo que Nova York se resignara com Medora que só uma ou outra senhora idosa desaprovava as roupas vistosas de Ellen; os demais parentes se rendiam ao encanto de sua cor viva e de seu bom humor. Ela era uma criaturinha destemida e descarada que fazia perguntas desconcertantes e comentários precoces e conhecia artes exóticas — sabia, por exemplo, executar a dança do xale espanhola e entoar canções de amor napolitanas² com acompanhamento de guitarra. Sob a tutela da tia (que se chamava, na verdade, Mrs. Thorley Chivers, mas que, tendo recebido um título papal, retomara o patronímico do primeiro marido e se apresentava como marquesa Manson, porque na Itália podia transformar Manson em Manzoni),³ a menina recebeu uma educação cara porém incoerente, que incluía “desenhar a partir de modelo vivo”,⁴ algo inimaginável até então, e tocar piano com músicos profissionais.

Claro está que disso não poderia resultar nada de bom; e, quando o pobre Chivers morreu num hospício, anos depois, a viúva (envolta num estranho traje de luto) mais uma vez arrumou as malas e partiu com a sobrinha, agora uma jovem alta e magra de olhos extraordinários. Durante algum tempo não se soube mais delas; então chegou a notícia de que Ellen se casara com um nobre polonês imensamente rico e lendariamente famoso que conhecera num baile nas Tulherias e que, dizia-se, possuía suntuosas residências em Paris, Nice e Florença, um iate em Cowes⁵ e muitos quilômetros quadrados de reserva de caça na Transilvânia.⁶ Ela desapareceu numa espécie de sulfúrea apoteose, e quando, anos depois, Medora novamente retornou a Nova York, murcha, empobrecida, de luto por um terceiro marido e procurando uma casa ainda menor, todos se admiraram que a sobrinha rica não tivesse feito nada para ajudá-la. Então chegou a

notícia de que o casamento de Ellen terminara em desastre e que ela também estava voltando em busca de paz e esquecimento no seio da família.

Newland Archer lembrou essas coisas uma semana depois, quando viu a condessa Olenska entrar na sala dos Van der Luyden, na noite do momentoso jantar, e, um tanto receoso, perguntou-se como ela se sairia nessa ocasião solene. Ela chegou atrasada, fechando o bracelete, sem luva numa das mãos; porém não demonstrou pressa nem constrangimento diante da fina flor da sociedade nova-iorquina.

No meio da sala, parou e olhou em torno, a boca séria, os olhos sorridentes; e nesse instante Newland Archer discordou do veredicto geral sobre sua beleza. Era bem verdade que seu antigo esplendor se apagara. As faces coradas empalideceram; ela estava magra, parecia cansada e um tanto envelhecida para os cerca de trinta anos que teria agora. Mas possuía a misteriosa autoridade da beleza, uma segurança na postura da cabeça e no movimento dos olhos, que, sem nada de teatral, impressionaram-no por revelar experiência e a consciência do próprio poder. Ao mesmo tempo, suas maneiras eram mais simples que a da maioria das senhoras presentes, e muita gente (como Janey depois contou ao irmão) ficou decepcionada por ela não ser mais “elegante” — pois elegância era o que Nova York mais valorizava. Talvez porque sua antiga vivacidade se extinguiu; porque ela parecia tão serena — serena nos movimentos e no tom grave da voz. Nova York esperava algo muito mais vibrante de uma jovem com essa história.

O jantar foi um acontecimento grandioso. Jantar com os Van der Luyden não era coisa de pouca monta, na melhor das hipóteses, e jantar com um duque, primo deles, era quase uma solenidade religiosa. Archer pensou, com prazer, que só um nova-iorquino de velha cepa conseguia perceber a sutilíssima diferença (para Nova York) entre ser apenas um duque e ser o duque dos Van der Luyden. Nobres desgarrados eram recebidos com serenidade e até com certa arrogância e alguma desconfiança; contudo, quando apresentavam tais credenciais, eram recebidos com uma cordialidade à moda antiga

que não se devia apenas a sua posição no Debrett.⁷ Era por essas distinções que Archer adorava sua velha Nova York, mesmo quando ria dela.

Os Van der Luyden se esmeraram para enfatizar a importância da ocasião. Tiraram do armário a Sèvres⁸ dos du Lac, a baixela Jorge II⁹ dos Trevenna, a Lowestoft (Companhia das Índias Orientais)¹⁰ dos Van der Luyden e a Crown Derby¹¹ dos Dagonet. Mrs. van der Luyden parecia, mais que nunca, um Cabanel, e Mrs. Archer, com as pérolas e as esmeraldas da avó, lembrava uma miniatura de Isabey.¹² Todas as senhoras usavam suas melhores joias, a maioria um tanto pesadas e antiquadas, como exigiam a casa e a ocasião; e a velha miss Lanning, que fora persuadida a comparecer, usava os camafeus da mãe e um xale espanhol de renda de seda.

A condessa Olenska era a única jovem presente; no entanto, os rostos lisos e rechonchudos das mulheres idosas, entre colares de diamantes e plumas de avestruz, pareciam curiosamente imaturos em comparação com o dela. Archer estremeceu ao imaginar o que ela teria vivido para ter aqueles olhos.

Naturalmente, o duque de St. Austrey, sentado à direita da anfitriã, era a principal figura da noite. Contudo, se a condessa era menos notável do que se esperava, o duque era quase invisível. Sendo um homem bem-educado, não fora ao jantar com jaqueta de caçador (como recentemente fizera outro visitante ducal); porém estava com um traje de noite tão surrado, tão largo e com tanta aparência de confecção caseira que (com sua postura curvada e a vasta barba cobrindo-lhe o peitilho da camisa) não parecia vestido para a ocasião. De pouca estatura, queimado de sol, tinha ombros caídos, nariz largo, olhos pequenos e um sorriso amistoso; nas raras vezes em que abriu a boca, falou tão baixinho que só seus vizinhos de mesa conseguiram ouvi-lo.

Depois do jantar, quando os cavalheiros foram ter com as senhoras, o duque se dirigiu à condessa, e os dois se puseram a conversar animadamente, sentados num canto. Pareciam não se dar conta de que ele devia ter cumprimentado primeiro Mrs. Lovell Mingott e Mrs. Headly Chivers, e ela deveria ter trocado algumas

palavras com aquele amável hipocondríaco, Mr. Urban Dagonet da Washington Square, que, para ter o prazer de conhecê-la, infringira a própria regra de não jantar fora entre janeiro e abril. Uns vinte minutos depois, madame Olenska se levantou e, sozinha, atravessou a vasta sala para ir conversar com Newland Archer.

Nos salões de Nova York, uma dama não se afastava de um cavalheiro para buscar a companhia de outro. Rezava a etiqueta que ela permanecesse imóvel como um ídolo, enquanto os homens que desejassem lhe falar se sucedessem a seu lado. Mas Ellen parecia não perceber que transgredira uma norma; inteiramente à vontade, sentou-se no sofá ao lado de Archer e brindou-o com seu olhar mais amável.

“Fale-me de May”, pediu.

Em vez de atendê-la, ele perguntou: “Você já conhecia o duque?”.

“Ah, sim... todo inverno o encontrávamos em Nice. Ele adora jogar... ia muito a nossa casa.” Disse isso com toda a simplicidade, como se tivesse dito: “Ele adora flores silvestres”. E após um instante, acrescentou, candidamente: “É o homem mais enfadonho que já conheci na vida”.

Essa declaração agradou tanto a Archer que o fez esquecer o pequeno choque provocado pelo comentário anterior. Era inegavelmente fantástico encontrar uma senhora que achava o duque dos Van der Luyden enfadonho e tinha a coragem de expressar tal opinião. Ele queria perguntar-lhe algumas coisas, queria saber mais sobre a vida que suas palavras despreocupadas lhe permitiram vislumbrar; porém temia tocar em lembranças amargas; e antes que lhe ocorresse o que dizer, ela retomou o assunto inicial.

“May é um amor; não vi em Nova York nenhuma outra moça tão bonita e tão inteligente. Você está muito apaixonado?”

Newland Archer corou e riu. “Tanto quanto um homem pode estar.”

Ellen continuou fitando-o atentamente, como se não quisesse perder nenhuma nuance de suas palavras. “Então você acha que existe um limite?”

“Para a paixão? Se existe, eu não o encontrei!”

Ela sorriu, compreensiva. “Ah... então é mesmo uma história de amor?”

“A mais romântica das histórias de amor!”

“Que maravilha! E vocês chegaram a isso sozinhos? Não foi nada arranjado?”

O jovem lançou-lhe um olhar de incredulidade. “Você esqueceu que neste país não permitimos que arranjem casamentos para nós?”, perguntou-lhe com um sorriso.

Um rubor intenso cobriu as faces da condessa, e no mesmo instante ele se arrependeu do que havia dito.

“Sim, esqueci”, ela respondeu. “Perdoe-me se às vezes cometo esses erros. Nem sempre me lembro de que tudo que é bom aqui era... ruim no lugar de onde eu venho.” Seus olhos se voltaram para seu leque vienense de penas de águia, e seus lábios tremeram.

“Perdoe-me”, Archer pediu, impulsivamente. “Mas você sabe que agora está entre amigos.”

“Sim... eu sei. Sinto isso aonde quer que eu vá. Foi por isso que voltei. Quero esquecer todo o resto, quero ser de novo inteiramente americana, como os Mingott e os Welland, como você e sua encantadora mãe, como todas as ótimas pessoas que estão aqui hoje. Ah, May está chegando, e você vai querer correr para ela”, acrescentou, porém não se moveu; e seus olhos se afastaram da porta para deter-se no rosto de seu interlocutor.

Os convidados para a recepção começavam a lotar as salas, e, seguindo o olhar de madame Olenska, Archer viu May Welland entrar com a mãe. Com seu vestido branco e prateado e sua tiara de flores de prata, parecia Diana¹³ voltando da caçada.

“Ah, tenho tantos rivais”, disse ele. “Veja só: já a cercaram. Lá está o duque, sendo apresentado.”

“Então fique comigo mais um pouco”, a condessa murmurou, roçando-lhe o joelho com seu leque de penas. Foi um toque levíssimo, mas que o fez estremecer como se fosse uma carícia.

“Sim, eu fico”, ele respondeu no mesmo tom de voz, mal sabendo o que dizia; porém, nesse instante, Mr. van der Luyden apareceu, seguido pelo velho Mr. Urban Dagonet. Mme. Olenska os

cumprimentou com seu sorriso grave, e Archer, sentindo o olhar repreensivo do anfitrião, levantou-se e cedeu seu lugar.

“Então, amanhã, depois das cinco... espero você”, ela falou, estendendo-lhe a mão para despedir-se e ao mesmo tempo recuando para dar espaço a Mr. Dagonet.

“Amanhã...”, Archer repetiu, embora não tivessem combinado nada e, durante a conversa, ela não lhe tivesse dado nenhuma indicação de que gostaria de revê-lo.

Ao afastar-se, viu Lawrence Lefferts, alto e resplandecente, conduzindo a esposa para ser apresentada; e ouviu Gertrude Lefferts dizer, enquanto dirigia a madame Olenska seu largo sorriso insciente: “Mas acho que íamos juntas à escola de balé, quando éramos crianças...”. Atrás dela, esperando a vez de apresentar-se à condessa, encontravam-se alguns dos casais recalcitrantes que haviam recusado o convite para conhecê-la na casa de Mrs. Lovell Mingott. Como dizia Mrs. Archer, os Van der Luyden sabiam dar uma lição, quando queriam. Era de admirar que o quisessem tão raramente.

Archer sentiu tocarem-lhe o braço e deparou com Mrs. van der Luyden olhando-o do alto de uma pura eminência de veludo negro e diamantes de família. “Foi muita bondade sua, caro Newland, dedicar-se com tanto altruísmo a Mme. Olenska. Eu disse a seu primo Henry que ele precisava acudi-lo.”

O rapaz sorriu vagamente, e ela acrescentou, condescendente com sua timidez natural: “Nunca vi May tão linda. O duque acha que ela é a moça mais bonita da sala”.

A condessa Olenska dissera “depois das cinco”; e às cinco e meia Newland Archer tocou a campainha da casa com o reboco¹ descascando e uma glicínia gigantesca sufocando o frágil terraço de ferro fundido² que ela havia alugado da errante Medora na rua 23 Oeste.³

Certamente era um lugar estranho para ela se instalar. Costureirinhas, empalhadores de aves e “gente que escreve” eram os vizinhos mais próximos; e mais abaixo, nessa rua malcuidada, o rapaz reconheceu a casa de madeira caindo aos pedaços onde morava um escritor e jornalista chamado Winsett, que ele encontrava de quando em quando. Winsett não convidava ninguém a visitá-lo, porém uma vez, durante uma caminhada noturna, apontara-lhe sua lamentável residência, e Archer se perguntara, com leve estremeção, se em outras capitais os intelectuais também viviam em condições tão precárias.

A casa de madame Olenska só não tinha a mesma aparência graças a um pouco mais de tinta nas janelas; e, enquanto observava a fachada modesta, Archer pensou que o conde polonês a despojara não só da fortuna, mas também das ilusões.

Seu dia deixara muito a desejar. Ele almoçou com os Welland, esperando que depois pudesse passear no parque com May. Queria ficar a sós com ela para dizer-lhe como estava encantadora na noite anterior e como o deixara orgulhoso e também para convencê-la a

antecipar o casamento. Mas Mrs. Welland lembrou-lhe que a série de visitas familiares não estava nem na metade e, quando ele aludiu à antecipação do casamento, ergueu as sobrancelhas reprovadamente e suspirou: “Doze dúzias de cada... tudo bordado à mão...”.

Aboletados no landô da família, peregrinaram de uma porta a outra, e, quando acabaram de cumprir a programação da tarde, Archer se despediu da noiva com a sensação de ter sido exibido como um animal selvagem habilmente capturado. Atribuiu a suas leituras de antropologia essa visão negativa do que, afinal, era uma simples e natural demonstração de sentimentos familiares; mas sucumbiu ao desalento, quando lembrou que os Welland desejavam que o casamento só tivesse lugar no outono e imaginou como seria sua vida até lá.

“Amanhã, vamos ver os Chivers e os Dallas”, a futura sogra avisara, o que o fez perceber que sua peregrinação se realizaria em ordem alfabética e estava apenas começando.

Ele pretendia contar a May que madame Olenska o convidara — ou melhor, o intimara — a visitá-la naquela tarde; contudo, nos breves momentos em que ficaram a sós, teve coisas mais urgentes para dizer. Ademais, achava meio absurdo aludir ao assunto. Sabia que May queria que fosse gentil com a prima; não foi esse desejo que apressara o anúncio do noivado? Causou-lhe uma estranha sensação a ideia de que, não fosse a chegada da condessa, ele agora ainda estaria, se não livre, menos irrevogavelmente comprometido. Mas, sendo essa a vontade de May, sentiu-se dispensado de maiores responsabilidades — e, portanto, livre para visitar a prima sem lhe dizer nada.

Dominado pela curiosidade, aguardou diante da casa. Intrigava-o o tom em que madame Olenska o convocara e que o levava a concluir que ela era menos simples do que parecia.

Uma criada morena, com aspecto de estrangeira (Archer vagamente a imaginou siciliana), busto farto sob um xale vistoso, abriu a porta. Sorriu-lhe com todos os dentes, muito brancos, e, balançando a cabeça para mostrar que não compreendia suas perguntas, conduziu-o por um corredor estreito até uma sala mal iluminada pelo fogo baixo da lareira. Ali, sozinho, ele passou um

tempo considerável tentando adivinhar se a moça tinha ido chamar a patroa, se não entendera o motivo de sua visita ou se pensara que lhe cabia dar corda aos relógios — dos quais o único exemplar visível estava parado. Sabia que os meridionais se comunicavam por meio de mímica e estava mortificado por não conseguir decifrar os gestos e sorrisos da serviçal. Por fim, ela voltou com uma lâmpada, e, tendo entremetido formado uma frase a partir de Dante e Petrarca,⁴ Archer obteve a seguinte resposta: “*La signora è fuori; ma verrà subito*”; que traduziu como: “A patroa saiu, mas volta logo”.

O que viu nesse meio-tempo foi o vago encanto de uma sala diferente de todas que conhecia. Sabia que a condessa Olenska trouxera alguns pertences — restos de um naufrágio, como ela dizia —, que decerto incluíam essas esguias mesinhas de madeira escura, o delicado bronze grego sobre a lareira, o damasco vermelho que escondia parte do desbotado papel de parede e o par de quadros aparentemente italianos com velhas molduras.

Newland Archer se orgulhava de conhecer a arte italiana. Fora impregnado de Ruskin na infância e lera todos os livros mais recentes: John Addington Symonds,⁵ *Euphorion*, de Vernon Lee,⁶ os ensaios de P. G. Hamerton⁷ e *The Renaissance*, obra esplêndida de Walter Pater.⁸ Discorria com facilidade sobre Botticelli⁹ e falava de Fra Angelico¹⁰ com certo desdém. Mas estava confuso com esses quadros, que não se pareciam com nada que costumava ver, quando ia à Itália; e talvez seus poderes de observação estivessem prejudicados pela curiosa circunstância de encontrar-se nessa estranha casa vazia, onde aparentemente ninguém o esperava. Lamentou não ter dito nada a May Welland sobre o convite da condessa Olenska e inquietou-se ao imaginar que ela poderia aparecer para visitar a prima. O que ela pensaria se o visse ali sentado, sozinho — o que implicava intimidade —, aguardando na penumbra junto à lareira de uma dama?

Contudo, já que viera, iria esperar; assim, instalou-se numa cadeira e estirou as pernas na direção do fogo.

Achava esquisito ter sido convocado daquela forma e depois esquecido; porém estava mais curioso que ofendido. A atmosfera da

sala era tão diferente de qualquer outra que ele já respirara que o desconforto se diluiu numa sensação de aventura. Já estivera em salas forradas de damasco vermelho e decoradas com quadros da “escola italiana”; o que o impressionava era a maneira como a casa pobre, alugada de Medora Manson, com seu capim-dos-pampas¹¹ e suas estatuetas de Rogers,¹² tinha se transformado, com certa habilidade e a inclusão de alguns objetos, em algo íntimo, “estrangeiro”, sutilmente sugestivo de velhos cenários e sentimentos românticos. Ele tentou entender o truque, encontrar uma pista no modo como as cadeiras e as mesas estavam agrupadas, no fato de o vaso comprido a seu lado conter apenas duas rosas Jacqueminot¹³ (das quais ninguém comprava menos que uma dúzia), no perfume penetrante que não era o que se põe nos lenços, mas parecia a fragrância de um bazar distante, uma mistura de café turco, âmbar gris¹⁴ e rosas secas.

E de repente se pôs a imaginar como seria a sala de visitas de May. Sabia que Mr. Welland, que vinha sendo “muito generoso”, já estava interessado numa casa nova da rua 39 Leste.¹⁵ O bairro era distante e a casa fora construída com uma pedra amarela-esverdeada horrorosa que os arquitetos mais jovens começavam a utilizar em protesto contra o arenito pardo, cuja cor uniforme cobria Nova York como uma calda fria de chocolate; porém o encanamento era perfeito. Archer preferia viajar, adiar a questão da moradia; mas, embora concordassem com uma longa lua de mel na Europa (talvez até um inverno no Egito), os Welland foram firmes quanto à necessidade de o casal ter onde morar ao voltar da viagem. Seu destino estava selado: toda noite, até o fim da vida, ele subiria aqueles degraus amarelo-esverdeados entre corrimãos de ferro fundido, atravessaria um vestíbulo pompeiano¹⁶ e entraria num saguão com lambris amarelos de madeira envernizada. Não conseguia imaginar nada além disso. Sabia da existência de uma *bay window* na sala do andar de cima, porém não tinha ideia do que May faria ali. Ela aceitava de bom grado o cetim púrpura e os pompons amarelos da sala de visitas dos Welland, as mesas com imitação de marchetaria e as cristaleiras douradas repletas de Saxe moderna.¹⁷ Archer não via motivo para ela querer algo diferente na própria casa; e seu único consolo era pensar

que provavelmente teria permissão para arrumar a biblioteca como bem entendesse — ou seja, com “autêntico” mobiliário Eastlake¹⁸ e as novas estantes sem portas de vidro.

A criada de busto farto entrou, fechou a cortina, colocou uma acha na lareira, disse “*Verrà... verrà*”¹⁹ num tom consolador e saiu. Então ele se levantou e se pôs a andar de um lado para o outro. Será que devia esperar mais? Sua situação estava se tornando ridícula. Talvez tivesse entendido mal — talvez madame Olenska não o tivesse convidado.

Um cavalo trotando pelas pedras do calçamento rompeu o silêncio, aproximou-se e parou diante da casa. Uma porta de carruagem se abriu. Archer afastou a cortina e, à luz da rua, viu a compacta berlinda de Julius Beaufort, puxada por um grande ruão, e o banqueiro descendo para ajudar madame Olenska a apearse.

Depois disso, Beaufort, de chapéu na mão, disse alguma coisa com a qual a condessa pareceu não concordar; os dois se despediram com um aperto de mãos, ele voltou para a berlinda, e ela subiu a escada da frente até a porta.

Quando entrou na sala, não demonstrou surpresa por encontrar seu visitante; surpresa parecia a emoção a que estava menos sujeita.

“O que você achou desta casa engraçada?”, perguntou. “Para mim é o céu.”

Enquanto falava, fitando-o com olhos pensativos, tirou o chapeuzinho de veludo e a capa e jogou-os num canto.

“Você arrumou tudo muito bem”, ele respondeu, ciente da banalidade das palavras, mas preso ao convencional pela vontade de ser simples e, ao mesmo tempo, marcante.

“Ah, é só uma casinha pobre. Minha família a detesta. De qualquer modo, é menos sombria que a mansão dos Van der Luyden.”

O comentário produziu no jovem o efeito de um choque elétrico, pois eram poucos os espíritos rebeldes que ousariam qualificar de sombrio o imponente casarão dos Van der Luyden. Quem tinha o privilégio de ir lá estremecia e o qualificava de “elegante”. Mas foi um prazer ouvi-la dar nome ao estremecimento geral.

“É muito bom... o que você fez aqui”, ele repetiu.

“Gosto desta casinha; mas acho que gosto mesmo é da felicidade de estar aqui, em meu país, em minha cidade; e de estar aqui sozinha”, ela murmurou.

Archer mal ouviu a última frase, porém, apesar de constrangido, aproveitou a deixa: “Você gosta tanto de ficar sozinha?”.

“Sim; desde que, com a ajuda dos amigos, eu não me sinta solitária.” Ela se sentou perto do fogo. “Nastasia já vai nos trazer o chá”, anunciou, convidando-o com um gesto a voltar para sua poltrona. “Estou vendo que você já escolheu seu cantinho”, comentou. Depois, recostou-se, colocou as mãos na nuca e contemplou o fogo com os olhos semicerrados. “Esta é minha hora favorita... E a sua?”

Seu senso de dignidade o levou a declarar: “Eu estava com medo de que você tivesse esquecido a hora. Beaufort deve ter sido muito envolvente”.

“Ora essa... Você esperou muito? Mr. Beaufort me levou para ver umas casas... pois parece que não poderei ficar aqui.” Como se tirasse Beaufort e Archer da cabeça, ela prosseguiu: “Nunca estive numa cidade tão contrária a morar em *des quartiers excentriques*.²⁰ Que importância tem o lugar onde se mora? Disseram-me que esta é uma rua respeitável”.

“Não é elegante.”

“Elegante! Vocês dão tanto valor a isso? Por que não se pode estabelecer os próprios padrões de elegância? Mas acho que tenho sido muito independente; de qualquer modo, quero fazer o que todos vocês fazem... quero me sentir amada e segura.”

Ele se comoveu, como na véspera, quando a ouviu dizer que precisava de orientação.

“E é assim que seus amigos querem que você se sinta. Nova York é um lugar seguríssimo”, afirmou com uma ponta de sarcasmo.

“Não é? Logo se vê”, ela concordou, sem se dar conta da zombaria. “Estar aqui é como... como... sair de férias, porque a gente foi uma boa menina e fez todas as lições.”

A analogia era bem-intencionada, porém não agradou a Archer. Ele se permitia ser irreverente com Nova York, mas não gostava que outra pessoa o fosse. E se perguntou se Ellen não entendera que a cidade era uma engrenagem poderosa e quase a esmagara. O jantar dos Lovell Mingott, salvo *in extremis* por todos os meios possíveis, devia ter-lhe mostrado que escapara por pouco; mas ela ou não tomara consciência de que estivera à beira do desastre, ou se esquecera disso no triunfo da noite proporcionada pelos Van der Luyden. Archer tendia à primeira hipótese; imaginava que a Nova York de madame Olenska ainda era um todo indiferenciado e irritou-se com isso.

“Ontem à noite, Nova York se desdobrou por você”, comentou. “Os Van der Luyden não fazem nada pela metade.”

“Eles são muito gentis! A festa foi linda. Parece que todo mundo os estima.”

Os termos não eram muito adequados: prestavam-se mais a um chá na casa das velhas Misses Lanning. “Os Van der Luyden são a influência mais poderosa na sociedade nova-iorquina”, Archer declarou, sentindo-se pomposo. “Infelizmente, suas recepções são raríssimas... por causa da saúde dela.”

A condessa tirou as mãos da nuca e fitou-o, pensativa. “Não será essa a razão?”

“A razão...?”

“Da grande influência deles; o fato de suas recepções serem tão raras.”

Ele enrubesceu ligeiramente, encarou-a e, ao perceber a sagacidade da observação — os Van der Luyden acabavam de ser alfinetados e desmoronaram —, riu e os sacrificou.

Nastasia levou o chá e colocou numa mesa baixa a bandeja com xícaras japonesas e pratinhos cobertos.

“Mas você vai me explicar essas coisas... vai me dizer tudo que preciso saber”, Ellen prosseguiu, inclinando-se para passar-lhe sua xícara.

“É você que está me dizendo, abrindo-me os olhos para coisas que vejo há tanto tempo que nem as enxergo mais.”

Ela pegou uma pequena cigarreira de ouro que trazia presa a um de seus braceletes, ofereceu-lhe um cigarro e serviu-se de outro. Na lareira havia longos tições para acendê-los.

“Ah, então podemos nos ajudar mutuamente. Mas eu preciso muito mais de ajuda. Preciso que você me diga o que fazer.”

O jovem tinha a resposta na ponta da língua: “Não seja vista circulando pelas ruas com Beaufort...”, porém estava por demais impregnado da atmosfera da sala, que era a atmosfera de sua anfitriã, e dar esse tipo de conselho seria como dizer a alguém que estivesse comprando atar de rosas em Samarcanda²¹ que devia providenciar galochas para enfrentar o inverno em Nova York. Nova York parecia muito mais distante que Samarcanda, e, se de fato pretendiam ajudar um ao outro, ela já estava prestando o que se revelaria o primeiro de seus serviços recíprocos, fazendo-o olhar objetivamente para sua cidade natal. Vista desse modo, como se fosse pelo lado errado do telescópio, Nova York parecia desconcertantemente pequena e longínqua — como o seria desde Samarcanda.

Uma chama se ergueu na lareira, e madame Olenska abaixou-se, aproximando tanto as mãos finas do fogo que um halo tênue brilhou em torno de suas unhas ovais. A luz tingiu de ruivo os caracóis escuros que lhe escapavam das tranças e empalideceu ainda mais seu rosto pálido.

“Há muita gente para lhe dizer o que fazer”, Archer falou, com uma vaga inveja.

“Ah... todas as minhas tias? E minha velha e querida vovó?” Ela considerou a ideia com imparcialidade. “Estão todas meio aborrecidas comigo, porque resolvi morar sozinha... principalmente a coitadinha da vovó, que queria que eu ficasse com ela; mas eu tinha de ser livre...” O rapaz ficou impressionado com essa maneira simples de falar da formidável Catherine e comovido ao tentar descobrir o que teria suscitado essa sede de liberdade, ainda que do tipo mais solitário. Porém a lembrança de Beaufort o atormentava.

“Acho que entendo como você se sente”, disse. “Mas sua família pode aconselhá-la; explicar algumas diferenças; mostrar-lhe o

caminho.”

Ela ergueu as finas sobrancelhas negras. “Nova York é um labirinto? Eu pensava que fosse toda reta, para cima e para baixo... como a Quinta Avenida. E com todas as ruas transversais numeradas!” Tendo provavelmente percebido a ligeira desaprovação de seu interlocutor, acrescentou, com o raro sorriso que lhe iluminava todo o rosto: “Se você soubesse como gosto daqui justamente por *isso*... por essas linhas retas, para cima e para baixo, e pelos letreiros em tudo!”.

Ele aproveitou a deixa. “Tudo pode ter letreiro... menos as pessoas.”

“Pode ser. Talvez eu simplifique demais... mas você vai me avisar, se eu fizer isso.” Ela se voltou e fitou-o. “Acho que tenho aqui só duas pessoas que me entendem e podem me explicar as coisas: você e Mr. Beaufort.”

Archer estremeceu com essa associação, porém logo se recompôs, compreendeu e lamentou. Ela devia ter vivido tão perto dos poderes do mal que ainda respirava melhor nesse ar. Contudo, como achava que ele também a entendia, cabia-lhe fazê-la ver Beaufort como realmente era, com tudo que representava — e abominá-lo.

“Eu entendo”, respondeu gentilmente. “Mas não se afaste dos velhos amigos: ou seja, das senhoras mais velhas, de sua avó Mingott, de Mrs. Welland, de Mrs. van der Luyden. Elas gostam de você e a admiram... querem ajudá-la.”

Ela balançou a cabeça e suspirou. “Ah, eu sei... eu sei! Mas desde que não escutem nada desagradável. Foi o que a tia Welland falou, quando tentei... Ninguém aqui quer saber a verdade? A verdadeira solidão é viver entre todas essas pessoas gentis que só querem fingimento!” Ela cobriu o rosto com as mãos, e um soluço estremeceu-lhe os ombros frágeis.

“Madame Olenska!... Não, Ellen”, o rapaz exclamou, levantando-se para aproximar-se, tomar-lhe uma das mãos e acariciá-la como o faria com uma criança, ao mesmo tempo que murmurava palavras tranquilizadoras; mas num instante ela se soltou e olhou-o por entre os cílios molhados.

“Aqui ninguém chora? Decerto no céu não há necessidade de chorar.” Ela riu, ajeitando as tranças, e voltou-se para a chaleira. Archer tinha gravado a fogo em sua consciência o fato de que a chamara de “Ellen” — por duas vezes — e ela não percebera. De longe, avistou, pelo telescópio invertido, a frágil figura branca de May Welland — em Nova York.

De repente, Nastasia apareceu na porta e disse alguma coisa em italiano.

Novamente com a mão no cabelo, a patroa assentiu com uma exclamação — um rápido “*Già... già*” —,²² e o duque de St. Austrey entrou, conduzindo uma enorme senhora de peruca preta, plumas vermelhas e peles em profusão.

“Querida condessa, trouxe-lhe minha velha amiga Mrs. Struthers. Ela não foi convidada para a festa de ontem e quer conhecê-la.”

O duque sorriu, e madame Olenska aproximou-se dos recém-chegados com um murmúrio de boas-vindas. Parecia alheia ao fato de que formavam um estranho par e à liberdade que o duque tomara de levar-lhe sua amiga — ao que o duque, justiça seja feita, também parecia alheio.

“É claro que quero conhecê-la, minha cara”, Mrs. Struthers proclamou numa voz retumbante que combinava bem com suas plumas ousadas e sua peruca insolente. “Quero conhecer todo mundo que é jovem, interessante e simpático. E o duque me falou que você gosta de música... não foi, duque? Você é pianista, não é? Bom, amanhã à noite Sarasate²³ vai tocar em minha casa; não quer ir? Sempre arrumo alguma coisa para o domingo à noite... é o dia em que Nova York não sabe o que fazer, e por isso eu digo: ‘Venham e divirtam-se’. E o duque achou que você ficaria tentada a ir ouvir Sarasate. Muitos amigos seus estarão lá.”

Madame Olenska exultou. “Quanta gentileza! É muita bondade do duque pensar em mim!” E puxou uma cadeira para perto da mesa de chá, e Mrs. Struthers sentou-se, deliciada. “É claro que terei muito prazer em ir.”

“Então, está combinado, querida. E leve esse jovem cavalheiro.” Mrs. Struthers estendeu a mão para Archer como se fossem velhos

amigos. “Não me lembro de seu nome... mas tenho certeza de que o conheço... conheço todo mundo aqui, em Paris, em Londres. Você não é diplomata? Todos os diplomatas vêm a mim. Você também gosta de música? Duque, não deixe de levá-lo.”

O duque disse “Claro” desde as profundezas de sua barba, e Archer se retirou com uma reverência tão rígida e formal que se sentiu como um colegial acanhado entre adultos indiferentes.

Não lamentava o desfecho de sua visita: só desejava que tivesse ocorrido antes, poupando-o de certo desperdício de emoção. Quando saiu para a noite invernal, Nova York novamente se tornou imensa e iminente e May Welland voltou a ser a mulher mais adorável da cidade. Ele foi até a floricultura para mandar-lhe a caixa diária de lírios-do-vale, que, para seu embaraço, se esquecera de enviar pela manhã.

Enquanto escrevia algumas palavras em seu cartão e aguardava que lhe dessem um envelope, olhou em torno e deparou com um ramo de rosas amarelas.²⁴ Nunca tinha visto rosas tão douradas quanto o sol e imediatamente pensou em mandá-las para May, em lugar dos lírios. Mas não combinavam com ela — eram demasiado intensas, demasiado fortes, em sua flamejante beleza. Subitamente mudando de ideia e quase sem saber o que fazia, com um gesto ordenou ao florista que pusesse as rosas em outra caixa e colocou seu cartão num segundo envelope, no qual escreveu o nome da condessa Olenska; então, quando já estava para afastar-se, retirou o cartão e deixou o envelope vazio.

“Vai entregá-las já?”, perguntou, indicando as rosas.

O florista garantiu-lhe que sim.

No dia seguinte, ele convenceu May a dar uma escapada para passear no parque, depois do almoço. Como era costume na velha Nova York episcopal,¹ no domingo à tarde ela geralmente ia à igreja com os pais; mas Mrs. Welland desculpou-lhe a falta, pois, naquela manhã, conseguira convencê-la da necessidade de um noivado longo, com tempo suficiente para preparar um enxoval bordado à mão com todas as dúzias necessárias.

O dia estava lindo. O céu de lápis-lazúli cobria a abóbada de árvores nuas que se estendia por toda a alameda, onde a neve brilhava como estilhaços de cristal. Esse era o tempo que destacava o esplendor de May, e ela reluzia como um jovem bordo coberto de geadas. Archer estava orgulhoso com os olhares que se voltavam para ela, e a simples alegria de tê-la afastou suas dúvidas.

“É uma delícia... acordar toda manhã e sentir o perfume de lírios-do-vale no quarto!”, ela exclamou.

“Ontem, chegaram com atraso. Não tive tempo de manhã...”

“Mas o fato de todo dia você se lembrar de mandá-los me faz amá-los muito mais do que se os tivesse encomendado em caráter permanente e chegassem toda manhã na mesma hora, como um professor de música... como acontecia com Gertrude Lefferts, por exemplo, quando estava noiva de Lawrence.”

“Ah... sim!” Archer riu, contente com sua perspicácia. Depois, olhou de relance para suas faces viçosas e sentiu-se suficientemente

seguro para acrescentar: “Ontem à tarde, quando lhe mandei os lírios, vi umas rosas amarelas muito bonitas e resolvi enviá-las a madame Olenska. Você acha que fiz bem?”

“Fez muito bem! Ela adora esse tipo de coisa. Mas é estranho que não tenha me contado: almoçou conosco hoje e falou que recebeu orquídeas maravilhosas de Mr. Beaufort e uma cesta de cravos de Skuytercliff do primo Henry van der Luyden. Parecia surpresa com as flores. Ninguém manda flores na Europa? Ela acha que é um belo costume.”

“Ah, bom, não admira que as flores de Beaufort ofuscassem as minhas”, o rapaz comentou, irritado. Então lembrou que não enviara um cartão e se arrependeu de ter tocado no assunto. Teve vontade de dizer: “Ontem, fui visitar sua prima”, porém hesitou. Se madame Olenska não dissesse nada sobre isso, seria estranho que ele dissesse. No entanto, omitir a visita conferia-lhe um ar de mistério que o desagradava. Para afastar a questão, passou a falar dos planos de ambos, de seu futuro e da insistência de Mrs. Welland num noivado longo.

“Você acha longo? Isabel Chivers e Reggie noivaram durante dois anos; Grace e Thorley durante quase um ano e meio. Não estamos bem como estamos?”

Era a tradicional pergunta das moças, e ele se envergonhou por achá-la singularmente infantil. Sem dúvida, May apenas repetiu o que ouvira; mas logo completaria vinte e dois anos, e Archer se perguntou em que idade as mulheres “direitas” começavam a falar por si mesmas.

“Nunca, se não lhes permitirmos”, respondeu mentalmente e recordou sua acalorada discussão com Mr. Sillerton Jackson: “As mulheres têm de ser tão livres quanto nós...”.

Logo seria seu dever tirar a venda dos olhos dessa jovem e fazê-la encarar o mundo. Mas quantas gerações das mulheres que a precederam haviam descido vendadas ao jazigo da família? Ele estremeceu, lembrando algumas das novas ideias de seus livros científicos e o muito citado exemplo do peixe cavernícola de Kentucky,² que não tinha olhos porque lhe eram desnecessários. E se,

uma vez abertos, os olhos de May Welland só conseguissem enxergar o vazio?

“Poderíamos estar muito melhor. Poderíamos estar realmente juntos... poderíamos viajar.”

“Seria ótimo”, ela admitiu, radiante: adoraria viajar. Mas sua mãe não entenderia essa vontade de fazer as coisas de um jeito tão diferente.

“Como se o simples ‘diferente’ não bastasse!”

“Newland! Você é tão original!”

Ele sentiu um aperto no coração, pois se deu conta de que estava dizendo todas as coisas que os rapazes deviam dizer nessas circunstâncias e May estava dando as respostas que o instinto e a tradição a ensinaram a dar — como chamá-lo de original.

“Original! Somos tão parecidos uns com os outros como aqueles bonecos recortados numa tira de papel dobrado. Como aquelas figuras estampadas na parede a partir do mesmo molde. Será que não podemos tomar nossas próprias decisões?”

No calor da discussão, Archer havia parado e a encarara, e May o fitava com absoluta admiração.

“Misericórdia... nós vamos fugir para casar?”, ela riu.

“Se você quiser...”

“Você me ama *de verdade*! Estou muito feliz.”

“Então... por que não ser ainda mais feliz?”

“Não podemos agir como personagens de romance.”

“Por que não... por que não... por que não?”

Ela parecia um pouco cansada de tanta insistência. Sabia muito bem que não podiam, mas achava desagradável ter de apresentar um motivo. “Eu não sou suficientemente inteligente para argumentar com você. Mas esse tipo de coisa é meio... vulgar, não é?”, falou, aliviada por ter encontrado uma palavra que certamente encerraria o assunto.

“Você tem tanto medo assim de ser vulgar?”

A pergunta a deixou visivelmente confusa. “Claro que eu detestaria... do mesmo jeito que você”, ela respondeu, ligeiramente irritada.

Archer permaneceu em silêncio, batendo nervosamente com a bengala na ponta da bota; e May, acreditando que encontrara a melhor maneira de encerrar a discussão, prosseguiu, exultante: “Já lhe contei que mostrei meu anel para Ellen? Ela falou que o engaste é o mais bonito que já viu. Disse que não há nada parecido na Rue de la Paix.³ Eu realmente amo você, Newland, por ter tanto bom gosto!”.

No dia seguinte, antes do jantar, Archer estava macambúzio, fumando em seu gabinete, quando Janey entrou. Ele não havia passado no clube ao voltar do escritório onde exercia a profissão de advogado com a pachorra comum aos nova-iorquinos abastados de sua classe. Estava deprimido e ligeiramente mal-humorado, horrorizado com a ideia de ter de fazer a mesma coisa todos os dias à mesma hora.

“Mesmice... mesmice!”, resmungou, a palavra martelando-lhe a cabeça como uma melodia persistente, ao ver do outro lado do vidro os mesmos homens de cartola no ócio de sempre; e porque geralmente ia ao clube nesse horário, resolvera variar e ir para casa. Sabia não só do que estariam falando, como a parte que cada um teria na conversa. O duque, naturalmente, seria o tema principal; mas a pauta sem dúvida incluiria também a presença de uma senhora loira numa berlinda amarelo-canário⁴ que, puxada por uma parelha de robustos cavalos pretos, circulava pela Quinta Avenida (obra de Beaufort, no consenso geral). Essas “mulheres” (como as chamavam) eram poucas em Nova York; as que conduziam a própria carruagem eram ainda mais raras; e a presença de miss Fanny Ring na Quinta Avenida àquela hora causara profunda comoção na sociedade. Ainda na véspera, Mrs. Lovell Mingott cruzara com ela e imediatamente ordenara ao cocheiro que a levasse para casa. “E se isso tivesse acontecido com Mrs. van der Luyden?”, uns e outros se perguntavam, horrorizados. Archer imaginou Lawrence Lefferts discorrendo no mesmo instante sobre a desintegração da sociedade.

Quando Janey entrou, ele ergueu a cabeça, irritado, e logo tornou a baixá-la sobre o livro que estava lendo (*Chastelard*, de Swinburne⁵

— recém-publicado), como se não a tivesse visto. Ela correu os olhos pela escrivaninha abarrotada de livros, abriu um exemplar dos *Contes drôlatiques*,⁶ fez uma careta ao deparar com o francês arcaico e suspirou: “Você lê umas coisas tão eruditas!”.

“E então...?”, ele perguntou, enquanto a irmã aguardava como uma Cassandra.⁷

“A mamãe está furiosa.”

“Furiosa? Com quem? Com quê?”

“Miss Sophy Jackson esteve aqui. Veio avisar que Mr. Sillerton pretende vir depois do jantar; não falou muito, porque ele a proibiu, quer dar os detalhes pessoalmente. Agora ele está com a prima Louisa van der Luyden.”

“Pelo amor de Deus, minha querida, comece tudo de novo. Só uma divindade onisciente seria capaz de entender o que você está dizendo.”

“Não é hora para blasfemar... A mamãe já está bastante aborrecida por você não ir à igreja...”

Ele soltou um grunhido e retomou a leitura.

“*Newland!* Escute. Sua amiga, madame Olenska, foi à festa de Mrs. Lemuel Struthers ontem à noite; com o duque e Mr. Beaufort.”

A última parte da informação suscitou-lhe uma raiva sem sentido. E para escondê-la ele riu. “E daí? Eu sabia que ela pretendia ir.”

Janey empalideceu e arregalou os olhos. “Você sabia... e não fez nada para impedi-la? Para alertá-la?”

“Impedi-la? Alertá-la?” Ele riu mais uma vez. “Não sou noivo da condessa Olenska!” Essas palavras lhe soaram fantásticas.

“Mas é noivo de uma moça que faz parte da família dela.”

“Ah, família... família!”, ele zombou.

“Newland... Família não tem nenhuma importância para você?”

“Não.”

“E o que a prima Louisa van der Luyden vai pensar também não tem importância?”

“Também não... se o que ela pensa são essas bobagens de solteirona.”

“A mamãe não é nenhuma solteirona”, protestou a virginal criatura, crispando os lábios.

Ele teve vontade de gritar: “É, sim, e os Van der Luyden também são, e todos nós somos, quando a pontinha da asa da Realidade nos toca dessa maneira”. No entanto, ao ver o rosto da irmã contraído, os olhos marejados de lágrimas, envergonhou-se do sofrimento inútil que estava causando.

“Maldita seja a condessa Olenska! Não seja boba, Janey... eu não sou o guardião dela.”

“Não; mas você *pediu* aos Welland para antecipar o anúncio do noivado a fim de que todos nós pudéssemos apoiá-la; não fosse por isso, a prima Louisa nunca a teria convidado para o jantar do duque.”

“Bom... que mal havia em convidá-la? Ela era a mulher mais bonita da sala; graças a ela, o jantar foi um pouco menos fúnebre que o típico banquete dos Van der Luyden.”

“Seu primo Henry a convidou para agradar você: convenceu a prima Louisa. E agora estão tão aborrecidos que amanhã vão voltar para Skuytercliff. Acho melhor você descer. Parece que você não entende como a mamãe está se sentindo.”

Newland foi ao encontro de Mrs. Archer na sala de visitas. Ela parou de bordar e ergueu um rosto preocupado. “Janey lhe contou?”, perguntou.

“Contou.” Ele tentou falar no mesmo tom comedido da mãe. “Mas não consigo levar isso muito a sério.”

“Nem o fato de ter ofendido a prima Louisa e o primo Henry?”

“O fato de eles terem se ofendido com uma bobagem como a visita da condessa Olenska a uma mulher que consideram vulgar.”

“*Consideram...!*”

“Está bem: que é. Mas que oferece boa música e diverte as pessoas no domingo à noite, quando Nova York morre de inanição.”

“Boa música? Tudo que sei é que uma mulher subiu na mesa e cantou aquelas coisas que cantam nos lugares que você frequenta em Paris. As pessoas fumaram e tomaram champanhe.”

“Ora... esse tipo de coisa acontece em outros lugares, e o mundo continua girando.”

“Será que você está realmente defendendo o domingo dos franceses?”⁸

“Muitas vezes ouvi você reclamar do domingo dos ingleses, quando estivemos em Londres.”

“Nova York não é Paris nem Londres.”

“Ah, não, não é mesmo!”, ele resmungou.

“Está querendo dizer que nossa sociedade não é tão brilhante? Até concordo com você, mas somos daqui, e quem está entre nós deveria respeitar nossos costumes. Principalmente Ellen Olenska, que voltou para se livrar do tipo de vida que se leva nas sociedades brilhantes.”

Newland não respondeu, e, depois de um instante, Mrs. Archer arriscou: “Eu ia pôr o chapéu e pedir para você me levar até a casa da prima Louisa antes do jantar”. O rapaz fechou a cara, e a boa senhora prosseguiu: “Assim você vai poder explicar a ela o que acabou de me dizer: que a sociedade estrangeira é diferente... que as pessoas não são tão exigentes e que madame Olenska talvez não tenha percebido como nos sentimos em relação a essas coisas. Seria bom para madame Olenska se você fizesse isso, meu filho”, concluiu, com inocente habilidade.

“Mãezinha querida, eu realmente não entendo o que nós temos a ver com isso. O duque levou madame Olenska à casa de Mrs. Struthers... na verdade, levou Mrs. Struthers à casa de madame Olenska. Eu estava lá quando chegaram. Se os Van der Luyden querem brigar com alguém, o verdadeiro culpado está debaixo de seu próprio teto.”

“Brigar? Você alguma vez ouviu falar de alguma briga do primo Henry? Além disso, o duque é hóspede dele; e é estrangeiro. Os estrangeiros não veem diferença nenhuma: como haveriam de ver? A condessa Olenska é nova-iorquina e deveria respeitar os sentimentos de Nova York.”

“Bom, então, se precisam de uma vítima, você tem minha permissão para lhes dar madame Olenska”, Newland gritou, exasperado. “Não me imagino... nem imagino você... oferecendo-nos para expiar os crimes dela.”

“Ah, naturalmente você só vê o lado dos Mingott”, a mãe retrucou no tom ofendido que era o que tinha de mais parecido com raiva.

O mordomo macambúzio abriu o reposteiro e anunciou: “Mr. Henry van der Luyden”.

Mrs. Archer soltou a agulha e empurrou a cadeira com a mão trêmula.

“Traga mais uma lâmpada”, ordenou ao serviçal, enquanto Janey se inclinava para arrumar a touca da mãe.

Mr. van der Luyden assomou à porta, e Newland se aproximou para cumprimentá-lo.

“Estávamos justamente falando do senhor.”

O visitante pareceu chocado com a informação. Tirou a luva para apertar a mão das damas e se pôs a alisar timidamente a cartola, enquanto Janey lhe oferecia uma poltrona. “E da condessa Olenska”, o rapaz completou.

Mrs. Archer empalideceu.

“Ah... uma mulher encantadora. Estive com ela ainda há pouco”, o recém-chegado comentou, recuperando a serenidade. Depois, sentou-se, colocou o chapéu e as luvas no chão, à maneira antiga, e prosseguiu: “Ela tem um talento especial para fazer arranjos de flores. Mande-i-lhe uns cravos de Skuytercliff e fiquei admirado. Em vez de arrumá-los em grandes buquês, como nosso jardineiro-chefe costuma fazer, ela os distribuiu a esmo, cá e lá... não sei explicar. O duque me falou: ‘Vá ver com que habilidade ela decorou a sala.’ Realmente. Eu levaria Louisa lá, se o bairro não fosse tão... desagradável.”

O mais absoluto silêncio recebeu essa torrente de palavras, tão inusitada em Mr. van der Luyden. Mrs. Archer tirou o bordado da cesta em que nervosamente o jogara, e Newland, apoiando-se na lareira, correu os dedos pelo anteparo de penas de beija-flor,⁹ enquanto uma segunda lâmpada iluminava o rosto estupefato de Janey.

“O fato é que”, o visitante continuou, afagando a longa perna com a mão muito branca, que ostentava o grande e pesado anel com sinete do Patroon, “o fato é que fui até lá para agradecer a linda

mensagem que ela me enviou a propósito de minhas flores; e também... mas isso fica entre nós, claro... para aconselhá-la, como amigo, a não ir a tantas festas com o duque. Não sei se vocês ficaram sabendo...”

Mrs. Archer sorriu, indulgente. “Ela tem ido a festas com o duque?”

“Vocês sabem como são esses aristocratas ingleses. São todos iguais. Louisa e eu gostamos muito de nossa prima... mas é inútil esperar que pessoas acostumadas a frequentar as cortes europeias atentem para nossas pequenas diferenciações republicanas. O duque vai aonde se diverte.” Mr. van der Luyden fez uma pausa, mas ninguém abriu a boca. “É... parece que, ontem à noite, ele a levou à casa de Mrs. Lemuel Struthers. Sillerton Jackson acabou de nos contar, e Louisa ficou meio preocupada. Diante disso, achei que o caminho mais curto era procurar a condessa Olenska e explicar... indiretamente... como nos sentimos em relação a certas coisas. Achei que podia fazer isso sem indelicadeza, porque, quando jantou conosco, ela insinuou... ou melhor, deu-me a entender que agradecería nossa orientação. E de fato agradeceu.”

O grande homem olhou em torno com uma expressão que seria de vanglória num rosto menos livre de paixões vulgares. No seu, era de leve benevolência e prontamente se refletiu no semblante de Mrs. Archer.

“Vocês são muito bondosos, meu caro Henry... sempre! Newland em especial lhe será muito grato pelo que tem feito por causa de nossa querida May e de seus novos parentes.”

Ela lançou ao filho um olhar de repreensão que o obrigou a dizer: “Agradeço imensamente, senhor. Mas eu tinha certeza de que gostaria de madame Olenska.”

Mr. van der Luyden fitou-o com extrema gentileza e falou: “Nunca convido uma pessoa da qual não goste, meu caro. Acabei de explicar isso a Sillerton Jackson”. Depois, consultou o relógio e, levantando-se, explicou: “Louisa está me esperando. Vamos jantar cedo para levar o duque à ópera”.

O visitante se retirou, o reposteiro se fechou solenemente, e a sala mergulhou no silêncio.

“Deus do céu... que romântico!”, Janey por fim exclamou num impulso. Ninguém sabia exatamente o que inspirava seus elípticos comentários, e havia muito tempo a família desistira de tentar decifrá-los.

Mrs. Archer balançou a cabeça. “Tomara que tudo isso acabe da melhor maneira possível”, suspirou, no tom de quem sabe que certamente não será assim. “Newland, você precisa ficar em casa para conversar com Sillerton Jackson: eu realmente não sei o que dizer a ele.”

“Coitadinha! Mas ele não vem...” O filho riu e inclinou-se para beijar a testa preocupada da mãe.

Cerca de duas semanas depois, Newland Archer estava distraído e ocioso na saleta que ocupava no escritório de advocacia Letterblair, Lamson e Low, quando o chefe o chamou.

O velho Mr. Letterblair, consultor jurídico de três gerações da alta sociedade nova-iorquina, estava visivelmente perplexo. Sentado a sua escrivaninha de mogno¹ como se estivesse num trono, com uma das mãos apoiada nas brancas suíças cortadas rente e com a outra afagava as madeixas grisalhas que lhe caíam em desalinho pela testa, acima de suas hirsutas sobrancelhas. Nessa circunstância, seu jovem sócio desrespeitosamente o achava muito parecido com o médico de família angustiado por não conseguir identificar os sintomas do paciente.

“Meu caro senhor...” — ele sempre o tratava de “senhor” —, “chamei-o aqui para lhe falar de um pequeno assunto que, no momento, prefiro não mencionar a Mr. Skipworth ou a Mr. Redwood.” Os cavalheiros em questão eram os outros sócios da firma, pois, como sempre ocorria nos vetustos escritórios de advocacia nova-iorquinos, todos os nomes que figuravam no timbre da empresa pertenciam a pessoas desde muito falecidas; e, profissionalmente falando, Mr. Letterblair, por exemplo, era o neto do fundador homônimo.

Ele se reclinou na cadeira, a testa franzida. “Por motivos de família...”, prosseguiu.

O rapaz ergueu os olhos.

“Da família Mingott”, o velho esclareceu com um sorriso e uma mesura. “Ontem, Mrs. Manson Mingott mandou me chamar. A neta dela, a condessa Olenska, quer se divorciar. Ela me entregou uns papéis.” Silenciou por um instante, tamborilando na mesa. “Como o senhor logo fará parte da família, eu gostaria de consultá-lo... de analisar o caso com o senhor... antes de tomar qualquer providência.”

Archer sentiu o sangue latejar-lhe nas têmporas. Desde que visitara a condessa Olenska, voltara a vê-la apenas uma vez — na ópera, no camarote dos Mingott. Nesse meio-tempo, ela se tornara uma imagem menos vívida e importuna e deixara o primeiro plano, no qual May Welland retomou seu devido lugar. Ele não ouvira mais falar do divórcio desde que Janey aludira pela primeira vez ao assunto, ocasião em que o descartara como um mexerico sem fundamento. Teoricamente, a ideia do divórcio lhe era quase tão desagradável quanto para sua mãe; e incomodava-o o fato de Mr. Letterblair (sem dúvida instigado pela velha Catherine Mingott) pretender tão claramente confiar-lhe o caso. Afinal, havia muitos homens na família Mingott para cuidar do assunto, e por enquanto ele nem sequer era um desses homens.

O sócio abriu uma gaveta e pegou um envelope. “Se correr os olhos por esta papelada...”

Archer franziu a testa. “Desculpe, mas, por causa de meu futuro parentesco, prefiro que o senhor consulte Mr. Skipworth ou Mr. Redwood.”

Mr. Letterblair se mostrou surpreso e ligeiramente ofendido. Não era comum um novato rejeitar tal oportunidade.

“Respeito seus escrúpulos”, prosseguiu, com uma leve mesura; “mas, neste caso, creio que a verdadeira delicadeza exige que o senhor faça o que estou lhe pedindo. Na verdade, a sugestão não é minha, mas de Mrs. Manson Mingott e do filho dela. Estive com Lovell Mingott; e também com Mr. Welland. Todos indicaram o senhor.”

O jovem se irritou ainda mais. Nas últimas semanas, deixara-se levar languidamente pelos acontecimentos, a beleza e a natureza

radiante de May neutralizando a incômoda pressão dos Mingott. Mas essa ordem da velha Mrs. Mingott o fez ver o que o clã se achava no direito de exigir de um futuro genro; e tal papel o enfurecia.

“Os tios dela deviam cuidar disso”, ele falou.

“E cuidaram. A família analisou a questão e não concorda com a decisão da condessa, porém ela se mantém firme e insiste numa opinião jurídica.”

Archer ficou em silêncio: não abriera o envelope que tinha na mão.

“Ela quer se casar de novo?”

“Creio que se falou nisso; mas ela nega.”

“Então...”

“Primeiro examine esses papéis, por favor. Depois, quando discutirmos o caso, eu lhe darei minha opinião.”

Archer se retirou com relutância, levando os indesejados documentos. Desde a última vez que estivera com madame Olenska, colaborara meio inconscientemente com os acontecimentos para livrar-se do fardo que ela representava. A hora que passaram sozinhos, à luz do fogo, criara entre ambos uma intimidade momentânea, providencialmente rompida pela intrusão do duque de St. Austrey e de Mrs. Lemuel Struthers e pela alegria com que a condessa os recebera. Dois dias depois, Archer assistira à comédia de sua reabilitação perante os Van der Luyden e dissera a si mesmo, com uma ponta de azedume, que uma dama capaz de tão bem agradecer um ramo de flores a velhos cavalheiros todo-poderosos não precisava das consolações particulares ou da defesa pública de um jovem de modesta influência. Ver os fatos sob essa luz simplificava as coisas para ele e surpreendentemente renovava o brilho de todas as esmaecidas virtudes domésticas. Ele não conseguia imaginar May Welland, em qualquer emergência concebível, apregoando suas dificuldades particulares e esbanjando confidências a estranhos; e nunca a achara tão linda e perfeita como na semana seguinte. Até concordara com seu desejo de um noivado longo, desarmado por sua resposta.

“Seus pais sempre deixaram você fazer tudo que queria, desde que você era menininha”, dissera. E ela replicara, com seu olhar mais

límpido: “E por isso mesmo é tão difícil recusar a última coisa que me pedem, enquanto ainda sou a menininha deles”.

Essa era a marca da velha Nova York; esse era o tipo de resposta que ele queria sempre obter de sua esposa. Para quem estava acostumado a respirar o ar de Nova York qualquer coisa menos cristalina às vezes parecia sufocante.

Os papéis que ele levava para ler não lhe revelaram muita coisa, mas o mergulharam numa atmosfera que o fez sentir-se asfixiado e tenso. Consistiam basicamente na correspondência entre os advogados do conde Olenski e um escritório de advocacia francês que a condessa contratara para cuidar de sua situação financeira. Incluía também um bilhete do conde para a esposa; depois de lê-lo, o jovem se levantou, recolocou os papéis no envelope e voltou para a sala de Mr. Letterblair.

“Aqui estão as cartas. Se o senhor quiser, vou falar com madame Olenska”, disse, constrangido.

“Obrigado... obrigado, Mr. Archer. Venha jantar comigo hoje, se estiver livre, e depois trataremos do assunto, caso pretenda visitar nossa cliente amanhã.”

No fim do dia, Newland Archer novamente foi direto para casa. Era uma noite de inverno clara e límpida, com uma inocente lua nova reluzindo logo acima dos telhados; e ele queria encher de luz pura os pulmões de sua alma e não trocar uma palavra com ninguém até estudar a questão com Mr. Letterblair, depois do jantar. Não poderia ter tomado outra decisão: precisava falar com madame Olenska e impedir que seus segredos se revelassem a outros olhos. Uma grande onda de compaixão varrera-lhe a indiferença e a impaciência: ele a via como uma figura exposta e digna de pena que devia ser salva a todo custo antes que se ferisse ainda mais em suas insanas investidas contra o destino.

Lembrou que ela lhe falara do pedido de Mrs. Welland para poupá-la do que houvesse de “desagradável” em sua história e estremeceu ao pensar que talvez fosse essa postura mental que mantinha tão puro o ar de Nova York. “Será que não passamos de fariseus?”, perguntou-se, perplexo com o esforço de conciliar sua

instintiva aversão à vileza humana com sua piedade, igualmente instintiva, pela fragilidade humana.

Pela primeira vez percebeu como seus próprios princípios sempre foram elementares. Passava por um jovem que não temia riscos e sabia que seu caso secreto com a pobre Mrs. Thorley Rushworth não fora suficientemente secreto para dar-lhe o devido ar de aventura. Mas Mrs. Rushworth era “aquele tipo de mulher”: tola, fútil, clandestina por natureza e muito mais empolgada com o sigilo e o perigo da situação que com seus encantos e qualidades. A descoberta desse fato quase lhe partiu o coração, porém agora lhe parecia o elemento redentor da história. O caso, em suma, fora do tipo que a maioria dos rapazes de sua idade deviam ter e do qual deviam sair com a consciência tranquila e a crença inabalada na imensurável diferença entre as mulheres que lhes cumpria amar e respeitar e aquelas que só lhes proporcionavam prazer — e inspiravam pena. Nessa perspectiva, eles contavam com o incansável apoio das mães, tias e outras parentes mais velhas, todas as quais acreditavam, como Mrs. Archer, que, quando “essas coisas aconteciam”, tratava-se, sem dúvida, de uma loucura por parte do homem, mas sempre de um erro por parte da mulher. Todas as senhoras idosas que Archer conhecia viam qualquer mulher imprudente no amor como necessariamente inescrupulosa e interesseira e o homem como um simplório, uma presa impotente em suas garras. A única coisa a fazer era convencê-lo a casar, o mais prontamente possível, com uma boa moça, a quem caberia cuidar dele.

Nas complexas e antigas comunidades europeias, os problemas amorosos talvez fossem menos simples e menos fáceis de se classificar. As sociedades ricas, ociosas e decorativas deviam produzir muito mais situações como essa; e poderia até haver alguma em que uma mulher naturalmente sensível e altiva acabasse sendo levada pela força das circunstâncias, pelo desamparo e pela solidão a uma relação imperdoável segundo os padrões convencionais.

Uma vez em casa, Archer escreveu um bilhete para a condessa Olenska, perguntando-lhe a que hora poderia recebê-lo no dia seguinte, e o enviou através de um mensageiro, que pouco depois voltou com a resposta: na manhã seguinte, ela ia para Skuytercliff,

onde ficaria até domingo com os Van der Luyden, porém estaria disponível logo mais à noite, depois do jantar. A resposta fora escrita num pedaço de papel comum, sem data nem endereço, mas a letra era firme e fluida. Pareceu-lhe engraçada a ideia de um fim de semana na solene solidão de Skuytercliff, porém logo lhe ocorreu que lá, mais que em qualquer outro lugar, ela sentiria o gelo das cabeças que rigorosamente fugiam do “desagradável”.

Às sete horas em ponto ele estava na casa de Mr. Letterblair, contente com o pretexto que lhe permitiria sair logo após o jantar. Já formara uma opinião sobre os papéis que lhe foram confiados e não tinha a menor vontade de discutir o assunto com o sócio. Mr. Letterblair era viúvo, de modo que jantaram sozinhos, copiosa e vagarosamente, numa sala escura e vetusta, entre amareladas reproduções de *A morte de Chatham*² e *A coroação de Napoleão*.³ No aparador, entre faqueiros Sheraton,⁴ havia uma garrafa de Haut Brion⁵ e uma do velho porto Lanning (presente de um cliente), que o perdulário Tom Lanning vendera um ano ou dois antes de sua morte misteriosa e vergonhosa em San Francisco — incidente publicamente menos humilhante para a família que a venda da adega.

A uma cremosa sopa de ostras seguiram-se sável com pepinos, peru assado com bolinhos de milho, pato selvagem com geleia de groselha e maionese de salsão. Mr. Letterblair, que no almoço comia um sanduíche e tomava chá, jantou com gosto, lentamente, e insistiu com seu convidado para que o imitasse. Por fim, concluídos os ritos de encerramento, retirou-se a toalha, acenderam-se os charutos, e o anfitrião, reclinando-se na cadeira, as costas voltadas para o agradável calor do fogo de carvão, informou: “A família inteira é contra o divórcio. E eu lhe dou razão”.

No mesmo instante, Archer percebeu que estava do lado oposto. “Mas por quê? Se já houve um caso...”

“Bom... para quê? *Ela* está aqui... ele está lá, com o Atlântico no meio. Ela nunca vai recuperar um dólar a mais do dinheiro que ele voluntariamente lhe devolveu: seus malditos acordos nupciais

cuidaram bem disso. Do jeito que as coisas são por lá, Olenski até que foi generoso: podia tê-la despachado sem um centavo sequer.”

O jovem sabia disso e permaneceu em silêncio.

“Mas acho que ela não dá importância ao dinheiro”, o velho prosseguiu. “Sendo assim, como diz a família, por que não deixar a situação como está?”

Uma hora antes, ao entrar ali, Archer estava de pleno acordo com a opinião do sócio; porém agora as palavras desse homem egoísta, empanturrado e supinamente indiferente soaram-lhe como a voz farisaica de uma sociedade concentrada em proteger-se do desagradável.

“Acho que cabe a ela decidir.”

“Hum... já pensou nas consequências, se ela optar pelo divórcio?”

“O senhor está se referindo à ameaça do marido? Que peso teria? É só uma vaga ameaça de um salafrário furioso.”

“Sim; mas pode dar margem a falatórios desagradáveis, se ele realmente contestar a ação.”

“Desagradáveis...!”, Archer explodiu. E calou-se em seguida, pois o olhar inquisitivo do sócio indicava que seria inútil tentar expor sua opinião.

“Divórcio sempre é desagradável”, o velho continuou e, depois de aguardar em silêncio por um instante, perguntou: “Concorda comigo?”.

“Claro.”

“Então, podemos contar com o senhor? Vai usar sua influência para acabar com essa ideia?”

O rapaz hesitou. “Não posso prometer nada antes de falar com a condessa Olenska”, disse por fim.

“Não entendo o senhor. Quer entrar para uma família ameaçada por um escandaloso processo de divórcio?”

“Acho que isso não tem nada a ver com o caso.”

Mr. Letterblair lançou-lhe um olhar cauteloso e apreensivo, ao mesmo tempo que depositava seu cálice de porto.

Archer compreendeu que corria o risco de perder o encargo e por algum motivo obscuro não gostou disso. Agora que recebera a incumbência não pretendia desistir; e para proteger-se dessa

possibilidade sabia que devia tranquilizar esse velho sem imaginação que vinha a ser a consciência jurídica dos Mingott.

“Pode ter certeza de que não farei nada sem lhe comunicar; o que eu quis dizer foi que prefiro não opinar antes de ouvir madame Olenska.”

Mr. Letterblair aprovou com um gesto esse excesso de cautela, digno da melhor tradição nova-iorquina, e o jovem, consultando o relógio, alegou um compromisso e despediu-se.

A velha Nova York jantava às sete, e o hábito das visitas após o jantar, embora ridicularizado no círculo de Archer, ainda prevalecia. Assim, a Quinta Avenida estava praticamente deserta, quando o rapaz deixou a Waverley Place;¹ havia apenas umas carruagens paradas em frente à porta dos Reggie Chivers (que estavam oferecendo um jantar ao duque) e, cá e lá, um senhor de sobretudo pesado e cachecol entrando numa casa de arenito pardo e desaparecendo num saguão à luz do gás. Ao passar pela Washington Square, Archer percebeu que o velho Mr. du Lac estava visitando os primos, os Dagonet, e, ao dobrar a esquina da rua Dez Oeste, viu Mr. Skipworth, seu colega de trabalho, obviamente indo para a casa das duas Misses Lanning. Mais adiante, Beaufort abriu a porta, lançando uma sombra escura contra uma luz intensa, desceu a escada, acomodou-se em sua berlinda e partiu para um destino misterioso e provavelmente inominável. Como nessa noite não havia ópera e ninguém estava dando uma festa, sem dúvida se tratava de uma saída clandestina. Archer relacionou-a com uma casinha para lá da Lexington Avenue,² onde recentemente foram instaladas cortinas com fitas e jardineiras nas janelas recém-pintadas e diante da qual a berlinda amarelo-canário de miss Fanny Ring era vista com frequência à espera.

Mais além da pequena pirâmide escorregadia que compunha o mundo de Mrs. Archer situava-se o bairro praticamente desconhecido

habitado por artistas, músicos e “gente que escreve”. Esses esparsos fragmentos de humanidade nunca demonstraram o menor desejo de incorporar-se à estrutura social. Dizia-se que, apesar de seus hábitos estranhos, essas criaturas em geral eram bastante respeitáveis; mas preferiam viver à parte. Em seus bons tempos, Medora Manson inaugurara um “salão literário” que logo fechou as portas, pois os literatos relutavam em frequentá-lo.

Foram feitas outras tentativas nesse sentido, e a casa das Blenker — uma mãe intensa e falastrona e três filhas desgrenhadas que a imitavam — era um lugar onde se podia encontrar Edwin Booth,³ Patti, William Winter,⁴ o novo ator shakesperiano George Rignold,⁵ editores de revista, críticos musicais e literários.

Mrs. Archer e seu grupo tinham certo receio dessas pessoas. Elas eram esquisitas, nada confiáveis, e na vida e na mente guardavam coisas das quais ninguém sabia. O círculo de Archer tinha profundo respeito por arte e literatura, e Mrs. Archer sempre se esforçava para fazer os filhos entenderem que a sociedade havia sido muito mais aprazível e refinada quando incluía personalidades como Washington Irving, Fitz-Greene Halleck e o poeta de “A fada culpada”.⁶ Os autores mais célebres daquela geração eram “cavalheiros”; os obscuros indivíduos que os sucederam talvez tivessem sentimentos cavalheirescos, porém sua origem, sua aparência, seu cabelo, sua intimidade com o teatro e a ópera tornavam qualquer critério da velha Nova York inaplicável a eles.

“Quando eu era menina”, Mrs. Archer dizia, “conhecíamos todo mundo entre o Battery e a Canal Street;⁷ e só nossos conhecidos tinham carruagem. Era muito fácil identificá-los; agora isso não é possível, e prefiro nem tentar.”

A velha Catherine Mingott, com sua ausência de preconceitos morais e sua indiferença de *parvenu* a distinções mais sutis, era a única que poderia estabelecer a ponte; mas nunca abriu um livro ou contemplou um quadro e só gostava de música porque lhe lembrava as noites de gala no Italiens,⁸ na época de seu triunfo nas Tulherias. Talvez Beaufort, que no tocante a ousadia estava a sua altura, tivesse conseguido realizar a fusão; mas seu palacete e seus criados de meias

de seda constituíam um obstáculo à sociabilidade informal. Ademais, ele era tão inculto quanto a velha mrs. Mingott e via os “sujeitos que escrevem” como simples provedores dos prazeres dos homens ricos; e nunca nenhum homem suficientemente rico para fazê-lo mudar de opinião questionara isso.

Newland Archer sabia dessas coisas desde que se entendia por gente e as aceitava como parte da estrutura de seu universo. Sabia da existência de sociedades em que pintores, poetas, romancistas, cientistas e até grandes atores eram requisitados como se fossem duques; muitas vezes imaginara a vida na intimidade dos salões dominados pela conversa de Mérimée (cujas *Lettres à une inconnue* eram um de seus livros inseparáveis), Thackeray, Browning ou William Morris.⁹ Mas essas coisas eram inconcebíveis em Nova York, e nem se devia pensar nelas. Archer conhecia a maioria dos “sujeitos que escrevem”, dos músicos e dos pintores: encontrava-os no Century¹⁰ ou nos pequenos clubes musicais e teatrais que começavam a surgir. Divertia-se com eles nesses lugares e entediava-se com eles na casa das Blenker, onde se misturavam com mulheres entusiásticas e deselegantes que os viam como curiosidades; e mesmo depois de suas conversas mais interessantes com Ned Winsett, sempre se afastava com a sensação de que, se seu mundo era pequeno, o deles também era, e pensava que só seria possível ampliá-los, alcançando-se um estágio dos costumes em que se fundiriam naturalmente.

Lembrou-se disso ao tentar visualizar a sociedade na qual a condessa Olenska vivera e sofrera e também — talvez — experimentara misteriosas alegrias. Lembrou com que prazer ela lhe contara que sua avó Mingott e os Welland se opuseram a sua mudança para um bairro “boêmio”,¹¹ habitado por “gente que escreve”. Não era o perigo, mas a pobreza que desagradava a família; porém essa nuance lhe escapara, e ela atribuía a desaprovação a uma concepção da literatura como algo arriscado.

Ela mesma não a temia, e os livros espalhados em sua sala de visitas (uma parte da casa onde estavam “fora de lugar”, no consenso geral), embora fossem, em sua maioria, obras de ficção, chamaram a

atenção de Archer para nomes novos como Paul Bourget,¹² Huysmans¹³ e os irmãos Goncourt.¹⁴ Refletindo sobre essas coisas enquanto se aproximava da casa da condessa, o jovem mais uma vez se deu conta da curiosa maneira como ela revertera seus valores e da necessidade de imaginar-se em condições muito diferentes de qualquer uma que conhecia se pretendia ser-lhe útil na atual dificuldade.

Nastasia abriu a porta com um misterioso sorriso. No banco do saguão estavam um sobretudo forrado de zibelina, um claque de seda fosca com um J. B. dourado no forro e uma echarpe de seda branca: não havia dúvida de que essas peças caras pertenciam a Julius Beaufort.

Archer ficou irritado: tão irritado que por pouco não rabiscou um recado em seu cartão e foi embora; então lembrou que, ao escrever para madame Olenska, por excesso de zelo não explicitara que gostaria de vê-la em particular. Portanto, só podia culpar a si mesmo se ela recebera outros visitantes; e entrou na sala com a firme determinação de fazer Beaufort sentir-se um estorvo e retirar-se.

O banqueiro estava de pé junto à lareira, sobre a qual havia uma velha toalha bordada e uns castiçais de latão com velas litúrgicas de cera amareladas. O peito estufado, os ombros encostados na moldura de pedra, jogava todo o peso do corpo sobre um dos pés calçados de verniz. Sorria e fitava a anfitriã, sentada num sofá disposto em ângulo reto com a lareira. Uma mesa repleta de flores formava um anteparo atrás do sofá, e diante das orquídeas e azaleias que Archer reconheceu como tributos das estufas de Beaufort, a condessa estava meio reclinada, a cabeça apoiada numa das mãos, a manga larga desnudando o braço até o cotovelo.

Para receber à noite as damas costumavam usar o que se chamava de “vestido de jantar simples”: uma armadura justa de seda com barbatanas de baleia,¹⁵ ligeiramente aberta no pescoço, com rufos de renda fechando a abertura, e mangas justas terminando num folho que encobria o pulso apenas o suficiente para não esconder um bracelete de ouro etrusco¹⁶ ou uma fita de veludo. Já madame

Olenka, indiferente à tradição, usava uma longa túnica de veludo vermelho debruada de reluzente pele negra em torno do pescoço e na frente. Archer lembrou que, em sua última estada em Paris, vira um retrato de Carolus Duran,¹⁷ o novo pintor cujos quadros eram a sensação do Salon,¹⁸ em que a dama trajava uma dessas túnicas ousadas, com pele sob o queixo. Havia algo de perverso e provocante no uso de pele à noite numa sala aquecida e na combinação de pescoço coberto e braços nus; porém o efeito era inegavelmente agradável.

“Deus nos acuda... três dias inteiros em Skuytercliff!”, Beaufort estava dizendo com sua voz alta e sarcástica, quando Archer entrou. “É melhor você levar todas as suas peles e uma bolsa de água quente.”

“Por quê? A casa é tão fria assim?”, a condessa perguntou, estendendo a mão esquerda para o recém-chegado de um modo que misteriosamente sugeria a expectativa de um beijo.

“Não, mas a dona da casa é”, o banqueiro respondeu, cumprimentando o jovem com indiferença.

“Eu a achei muito simpática. Ela veio me convidar pessoalmente. A vovó diz que eu devo ir.”

“A vovó diz, claro. E *eu* digo que é uma pena você perder a pequena ceia de ostras que planejei para você no Delmonico,¹⁹ domingo que vem, com Campanini²⁰ e Scalchi²¹ e uma porção de gente divertida.”

Ela olhou, em dúvida, de Beaufort para Archer.

“Ah... que tentação! A não ser na casa de Mrs. Struthers, onde estive uma noite dessas, ainda não conheci um único artista desde que cheguei.”

“Que tipo de artista? Eu conheço alguns pintores, ótimas pessoas, que posso lhe apresentar, se me permitir”, Archer arriscou.

“Pintores? Existem pintores em Nova York?”, o banqueiro perguntou, dando a entender que não podiam existir, já que não lhes comprava os quadros.

E madame Olenka respondeu a Archer com seu sorriso grave: “Eu adoraria. Mas, na verdade, eu estava pensando em atores, cantores,

músicos. Muitos deles frequentavam a casa de meu marido.”

Disse “meu marido” como se essas palavras não sugerissem nada de sinistro e num tom que parecia quase um lamento pelas delícias perdidas da vida conjugal. Archer fitou-a, perplexo, tentando entender se era por leviandade ou por dissimulação que ela conseguia referir-se com tamanha facilidade a um passado com o qual desejava tanto romper que punha em risco a própria reputação.

“Acredito piamente”, ela continuou, dirigindo-se aos dois visitantes, “que o *imprévu*²² aumenta o prazer. Talvez seja um erro ver as mesmas pessoas todos os dias.”

“De qualquer modo, é um tremendo tédio; Nova York está morrendo de tédio”, Beaufort resmungou. “E, quando tento animá-la para você, você me trai. Venha... pense melhor! Domingo é sua última oportunidade, pois na próxima semana Campanini vai para Baltimore e Filadélfia; e eu tenho uma sala particular, e um Steinway, e eles vão cantar a noite inteira para mim.”

“Que beleza! Posso pensar e escrever para você amanhã de manhã?”

A condessa formulou a pergunta com toda a amabilidade, porém seu tom de voz sugeria vagamente que ele se retirasse. Beaufort evidentemente percebeu a sugestão e, como não estava habituado a ser dispensado, ficou encarando-a com um vinco entre os olhos.

“Por que não agora?”

“Porque é uma decisão muito séria para ser tomada a esta hora: já é tarde.”

“Acha tarde?”

Ela também o encarou friamente. “Sim, porque ainda vou tratar de negócios com Mr. Archer.”

“Ah”, o banqueiro concluiu. Compreendendo que seria inútil insistir, deu de ombros, recobrou a compostura e beijou a mão de sua anfitriã. Dirigiu-se então para a porta e antes de sair, com seu passo pesado e arrogante, voltou-se para dizer: “Newland, se a convencer a ficar na cidade, também está convidado para a ceia”.

Por um momento Archer imaginou que Mr. Letterblair a tivesse informado de sua visita, mas a irrelevância do comentário que ouviu

a seguir mostrou-lhe que se enganara.

“Então você conhece pintores? Você frequenta o meio?”, ela perguntou, os olhos revelando grande interesse.

“Ah, não é bem assim. Pelo que sei, não existe aqui um meio de artistas, qualquer que seja a modalidade; eles vivem espalhados na periferia.”

“Mas você gosta de arte?”

“Muito. Quando vou a Paris ou a Londres, nunca perco uma exposição. Procuo me manter atualizado.”

Madame Olenska baixou os olhos para a ponta da botinha de cetim que aparecia sob a fímbria da túnica.

“Eu também gostava muito: minha vida era repleta dessas coisas. Mas agora procuro não gostar.”

“Procura não gostar?”

“Sim: quero me despojar de minha antiga vida e ser como todo mundo é aqui.”

Archer corou. “Você nunca vai ser como todo mundo”, argumentou.

Ela ergueu ligeiramente as sobrancelhas. “Ah, não diga isso. Se você soubesse como detesto ser diferente!”

Seu rosto se ensombreceu como uma máscara trágica. Ela se inclinou para a frente, segurando o joelho com as mãos finas e contemplando remotas distâncias escuras.

“Quero fugir de tudo isso”, murmurou.

O jovem aguardou um momento e limpou a garganta para dizer: “Eu sei. Mr. Letterblair me contou.”

“Ah é?”

“Foi por isso que vim. Ele me pediu para... eu trabalho com ele, você sabe.”

Uma leve expressão de surpresa estampou-se no rosto da condessa, e seus olhos brilharam. “Então pode tratar disso para mim? Posso falar com você, em vez de falar com Mr. Letterblair? Ah, vai ser muito mais fácil!”

Seu tom de voz o comoveu, e Archer se sentiu mais seguro e contente consigo mesmo. Entendeu que, momentos antes, ela

mencionara a palavra “negócios” só para se livrar de Beaufort; e derrotar Beaufort não deixava de ser um triunfo.

“Estou aqui para isso”, repetiu.

Madame Olenska se manteve em silêncio, a cabeça apoiada no braço que repousava no encosto do sofá, o rosto pálido e apagado, como se o vermelho intenso da túnica o ofuscasse. Archer de repente a viu como uma figura patética e digna de pena.

“Agora vamos aos fatos”, pensou, consciente do mesmo recuo instintivo que tantas vezes criticara na mãe e nos contemporâneos dela. Como tinha pouca experiência em lidar com situações incomuns! Desconhecia até mesmo o vocabulário usado em tais circunstâncias, que lhe parecia restrito à ficção e ao teatro. Diante do que estava por vir sentiu-se inepto e acanhado como um menino.

Por fim ela declarou com inesperada veemência: “Quero ser livre; quero apagar todo o passado”.

“Entendo.”

Ela se animou. “Então vai me ajudar?”

“Primeiro... acho que preciso saber um pouco mais.”

A reação foi de surpresa. “Você sabe de meu marido... de minha vida com ele?”

O rapaz fez sinal que sim.

“Bom... sendo assim... o que mais precisa saber? Aqui se tolera esse tipo de coisa? Eu sou protestante...²³ nossa Igreja não proíbe o divórcio nesses casos.”

“Claro que não.”

Mais uma vez ficaram em silêncio, e Archer teve a sensação de que o espectro da carta do conde Olenski careteava horrivelmente entre ambos. A carta ocupava apenas meia página e era tal como ele a definira para Mr. Letterblair: uma vaga ameaça de um salafrário furioso. Mas quanta verdade estava por trás? Só a condessa Olenska poderia dizer.

“Eu examinei os papéis que você entregou a Mr. Letterblair”, ele informou, por fim.

“E... pode haver alguma coisa mais abominável?”

“Não.”

Ela mudou ligeiramente de posição, cobrindo os olhos com a mão erguida.

“Você deve saber que, se seu marido resolver brigar... como ameaçou...”, o jovem prosseguiu.

“Sim...?”

“Ele pode falar coisas... que talvez sejam desagr... sejam embaraçosas para você: pode dizê-las publicamente, de modo que se espalhem e prejudiquem você, ainda que...”

“Que...?”

“Que sejam infundadas.”

A dona da casa permaneceu em silêncio por longos instantes; tão longos que, por não querer continuar olhando para seu rosto sombrio, Archer teve tempo de registrar na mente a forma exata da mão sobre o joelho e todos os detalhes dos três anéis no quarto e no quinto dedos — entre os quais não viu nenhuma aliança.

“Que mal essas acusações, mesmo que sejam feitas publicamente, poderiam me causar, estando eu aqui?”

“Minha pobre criança... muito mais mal do que em qualquer outro lugar!”, ocorreu-lhe responder. Mas o que disse, numa voz que lhe soou aos ouvidos como a de Mr. Letterblair, foi: “A sociedade nova-iorquina é um mundo muito pequeno em comparação com aquele em que você vivia. E, apesar das aparências, é guiada por poucas pessoas com... bem, com ideias antiquadas. Nossas ideias sobre casamento e divórcio são particularmente antiquadas. Nossa legislação aprova o divórcio... nossos costumes sociais não”.

“Nunca?”

“Bom... não, se a mulher, ainda que injustiçada, ainda que irrepreensível, tiver alguma coisa, por mínima que seja, que deponha contra ela, ou se tiver praticado algum ato não convencional que dê margem a... insinuações ofensivas...”

Ela abaixou um pouco mais a cabeça, e o rapaz novamente aguardou, esperando uma explosão de indignação ou pelo menos um breve grito de recusa. E nada aconteceu.

Um pequeno relógio de viagem tiquetaqueava baixinho perto dela, e uma acha se partiu ao meio, lançando uma chuva de centelhas. A

sala inteira, mergulhada no silêncio e na penumbra, parecia esperar junto com Archer.

“Sim”, ela murmurou por fim, “é o que minha família me diz.”

Ele estremeceu. “É natural...”

“*Nossa* família”, ela se corrigiu, fazendo-o corar, e gentilmente acrescentou: “Pois logo você será meu primo.”

“Assim espero.”

“E você pensa da mesma forma?”

Ele se levantou, andou pela sala, pousou um olhar vazio sobre um dos quadros na parede forrada com o velho damasco vermelho e voltou, indeciso, para perto do sofá. Como poderia dizer: “Sim, se o que seu marido insinua é verdade, ou se você não tem como provar que não é”?

“Sinceramente...”, a condessa começou, quando ele estava prestes a falar.

Archer olhou para o fogo. “Sinceramente... o que você ganharia que compensasse a possibilidade... a certeza... de muito falatório indigesto?”

“Minha liberdade... não vale nada?”

Nesse momento o jovem pensou que a ameaça da carta tinha fundamento e que ela esperava casar com seu cúmplice na culpa. Como poderia lhe explicar que tal projeto, se de fato existia, esbarraria na inexorável oposição das leis do Estado? A simples suspeita de que ela queria isso deixou-o irritado e impaciente. “Mas você já não está livre como o vento? Quem poderia prejudicá-la? Mr. Letterblair me informou que a questão financeira foi resolvida...”

“Ah, sim”, ela o interrompeu com indiferença.

“Então: vale a pena correr o risco de uma situação que pode ser infinitamente desagradável e dolorosa? Pense nos jornais... na vilania! É tudo tão estúpido, tão mesquinho, tão injusto... mas não se pode reformar a sociedade.”

“Não”, ela concordou num fio de voz tão desolado que o fez arrepender-se de seus severos pensamentos.

“Nesses casos, o indivíduo quase sempre é sacrificado ao que se acredita ser o interesse coletivo: as pessoas se agarram a qualquer convenção que mantenha a família unida... que proteja os filhos,

quando os há”, ele disparou, despejando todas as frases feitas que lhe vinham aos lábios, ditadas por seu ardente desejo de encobrir a feia realidade que o silêncio de sua anfitriã parecia ter desnudado. Como ela não dizia ou não podia dizer a única palavra capaz de desanuviar a atmosfera, Archer queria agora assegurar-lhe que não estava tentando penetrar em seu segredo. Era melhor ficar na superfície, como sempre ficava a velha e prudente Nova York, do que correr o risco de expor uma ferida que ele não podia curar.

“Minha função”, prosseguiu, “é ajudá-la a ver essas coisas como as pessoas que mais gostam de você as veem. Os Mingott, os Welland, os Van der Luyden, todos os seus amigos e parentes: não seria justo não lhe mostrar honestamente o que eles acham dessas questões, seria?” Falou com insistência, quase suplicante, ansioso para preencher o vasto silêncio.

“Não, não seria justo”, ela respondeu lentamente.

O fogo se reduzira a cinzas e uma lâmpada gorgolejou, pedindo atenção. Madame Olenska se levantou, aumentou o pavio e voltou para perto da lareira, porém não tornou a sentar-se.

O fato de permanecer de pé parecia indicar que nada mais tinham a dizer, e o jovem também se levantou.

“Muito bem; farei o que deseja”, ela declarou abruptamente. Archer sentiu o sangue subir-lhe às têmporas e, surpreso com a rapidez dessa rendição, desajeitadamente tomou as mãos da condessa.

“Eu... eu quero ajudá-la.”

“Você está me ajudando. Boa noite, primo.”

Ele se inclinou, beijou-lhe as mãos frias e sem vida e saiu da sala. Depois de localizar o casaco e o chapéu à luz fraca do saguão, mergulhou na noite invernal, explodindo com a tardia eloquência do inarticulado.

O teatro Wallack¹ estava lotado.

A peça era *The Shaughraun*,² com Dion Boucicault³ no papel-título⁴ e Harry Montague⁵ e Ada Dyas⁶ como os amantes. A popularidade da admirável companhia inglesa estava no auge, e essa peça sempre lotava a casa. Nas primeiras filas da plateia e nos camarotes, ria-se um pouco do sentimentalismo barato e das situações triviais, porém apreciava-se o espetáculo tanto quanto nas galerias, onde o entusiasmo era irrestrito.

Uma cena⁷ em especial prendia a atenção do público, de alto a baixo. Era aquela em que Harry Montague se despedia de miss Dyas num diálogo triste e quase monossilábico, e voltava-se para sair. De pé junto à lareira, contemplando o fogo, a atriz usava um vestido cinzento de caxemira sem laços nem adornos que lhe modelava o corpo e caía em ondas sobre seus pés. Uma fita estreita de veludo preto cingia-lhe o pescoço, as pontas pendendo na nuca.

Quando Harry se afastava, ela apoiava os braços na lareira e cobria o rosto com as mãos. Na porta, ele parava, olhava para trás e furtivamente se aproximava para pegar uma das pontas da fita de veludo e beijá-la; depois se retirava, sem que ela escutasse seus movimentos ou mudasse de posição. E a cortina se fechava após essa despedida silenciosa.

Era sempre por causa dessa cena que Newland Archer ia assistir a *The Shaughraun*. Achava o adeus de Montague e Ada Dyas tão bom

quanto qualquer coisa que tinha visto Croizette e Bressant⁸ fazerem em Paris, ou Madge Robertson e Kendal⁹ fazerem em Londres; em sua reticência, sua tristeza muda, a cena o comovia mais que as mais famosas efusões melodramáticas.

Na noite em questão, a breve passagem foi ainda mais tocante por lembrar-lhe — ele não saberia dizer por quê — sua despedida de madame Olenska depois da conversa confidencial que tiveram uma semana ou dez dias antes.

Seria tão difícil encontrar qualquer semelhança entre as duas situações como na aparência das pessoas envolvidas. Newland Archer não tinha nada da romântica beleza do jovem ator inglês, e miss Dyas era uma ruiva alta, monumental, cujo rosto pálido e agradavelmente feio contrastava com a vívida fisionomia de Ellen Olenska. Tampouco Archer e a condessa eram amantes que se separavam num silêncio pungente; eram cliente e advogado que se despediram depois de uma conversa que dera ao advogado a pior impressão possível do caso da cliente. Onde estava, então, a semelhança que fazia o coração do rapaz bater numa espécie de comoção retroativa? Parecia estar na misteriosa faculdade de madame Olenska de sugerir possibilidades trágicas e patéticas à margem das experiências cotidianas. Ela nunca lhe dissera nada que produzisse tal impressão, mas isso fazia parte dela, era uma projeção de sua vivência misteriosa e bizarra ou um traço inerentemente dramático, apaixonado e incomum de sua personalidade. Archer sempre fora propenso a acreditar que o acaso e as circunstâncias desempenhavam um papel pequeno no destino das pessoas em comparação com sua tendência inata a fazer as coisas acontecerem. Desde o primeiro instante percebera essa tendência em Ellen Olenska. A seu ver, a jovem quieta, quase passiva, era o tipo de pessoa a quem as coisas fatalmente aconteciam, por mais que tentasse evitá-las. O mais interessante era que vivera numa atmosfera tão carregada de drama que sua própria tendência a provocá-lo aparentemente passava despercebida. Era precisamente por causa de sua estranha ausência de surpresa que parecia ter sido arrancada de

um turbilhão: as coisas que considerava normais davam a medida daquelas contra as quais se rebelava.

Archer se despedira dela convencido de que a acusação do conde Olenski não era infundada. O misterioso indivíduo que figurava no passado da condessa como “o secretário” provavelmente fora recompensado por ajudá-la a fugir. As condições das quais ela fugira eram intoleráveis, indizíveis, inacreditáveis: ela era jovem, estava assustada, estava desesperada — nada mais natural que fosse grata a seu salvador. Infelizmente, aos olhos da lei e do mundo sua gratidão a colocava em pé de igualdade com seu abominável marido. Archer a fizera entender isso, como era sua obrigação; também a fizera entender que a Nova York franca e bondosa, com cuja caridade ela parecia contar, era justamente o lugar onde menos podia esperar indulgência.

Mostrar-lhe isso — e ver sua resignada aceitação — havia sido insuportavelmente doloroso. Obscuros sentimentos de ciúme e piedade atraíam-no para madame Olenska, como se o erro que ela mudamente confessara a tivesse colocado a sua mercê, humilhando-a e, não obstante, tornando-a benquista. Ainda bem que seu segredo fora revelado a ele, e não ao frio escrutínio de Mr. Letterblair ou ao olhar constrangido de sua família. Archer imediatamente tratou de assegurar a ambos que ela desistira do divórcio, pois entendera que seria inútil; e com infinito alívio todos desviaram os olhos do “desagradável” a que foram poupados.

“Eu tinha certeza de que Newland resolveria isso”, proclamara Mrs. Welland, orgulhosa do futuro genro; e a velha Mrs. Mingott, que o chamara para uma conversa confidencial, parabenizara-o pela habilidade, acrescentando, com impaciência: “Que bobona! Eu mesma disse a ela que isso era um despautério. Querer passar por Ellen Mingott e solteirona, quando tem a sorte de ser casada e condessa!”.

Esses incidentes tornaram tão vívida a lembrança de sua última conversa com madame Olenska que, quando a cortina se fechou após a despedida dos dois atores, seus olhos se encheram de lágrimas, e ele se levantou para ir embora.

Foi então que se voltou para trás e viu, sentada num camarote com os Beaufort, Lawrence Lefferts e mais um ou dois homens, a dama na qual estava pensando. Desde que a visitara naquela noite não lhe falara a sós e tentara evitar sua companhia; agora, porém, os olhos de ambos se encontraram, e, como Mrs. Beaufort imediatamente o reconheceu e o convidou com um gesto lânguido, foi impossível não ir até o camarote.

Beaufort e Lefferts lhe deram passagem, e depois de trocar algumas palavras com Mrs. Beaufort, que sempre preferia limitar-se a ser bonita e não ter de falar, Archer sentou-se atrás da condessa. Só havia mais uma pessoa no camarote: Mr. Sillerton Jackson, que em tom confidencial relatava à esposa do banqueiro a recepção de Mrs. Lemuel Struthers no último domingo (onde uns e outros disseram que houve baile). Com a proteção dessa narrativa circunstancial, à qual Mrs. Beaufort escutava com seu sorriso perfeito e com a cabeça no ângulo certo para ser vista pelos ocupantes das primeiras filas da plateia, madame Olenska se voltou e, relanceando o palco, murmurou: “Você acha que ele vai lhe mandar rosas amarelas, amanhã de manhã?”.

Archer corou e se surpreendeu a tal ponto que seu coração deu um salto. Visitara-a somente duas vezes, e em ambas lhe mandara uma caixa de rosas amarelas, sem cartão. Ela nunca havia feito qualquer alusão a essas flores, levando-o a imaginar que não o via como o remetente. Agora seu repentino reconhecimento do presente e o fato de associá-lo com a terna despedida apresentada no palco suscitaram-lhe um misto de agitação e prazer.

“Eu também estava pensando nisso... eu ia sair logo para guardar essa cena na memória”, falou.

Para sua surpresa, ela também corou intensamente. E, baixando os olhos para o binóculo de madrepérola em sua mão enluvada, perguntou depois de uma pausa: “O que você faz, quando May está longe?”.

“Eu me concentro no trabalho”, ele respondeu, vagamente irritado com a pergunta.

Fiéis a um velho hábito, na semana anterior os Welland haviam ido para St. Augustine,¹⁰ onde, em consideração à suposta suscetibilidade dos brônquios de Mr. Welland, sempre passavam a última parte do inverno. Mr. Welland era um homem doce e calado, sem opinião nenhuma, porém com muitos hábitos. E ninguém podia interferir nesses hábitos, um dos quais exigia que a esposa e a filha o acompanhassem em sua viagem anual para o sul. Era essencial para sua paz de espírito que sua vida familiar nunca sofresse qualquer alteração; sem Mrs. Welland por perto, ele não saberia onde estavam suas escovas de cabelo ou os selos para suas cartas.

Como todos os integrantes da família se adoravam, e como Mr. Welland era o objeto central dessa adoração, a esposa e a filha jamais pensaram em deixá-lo ir sozinho para St. Augustine; e os dois filhos, que eram advogados e não podiam sair de Nova York no inverno, sempre viajavam para lá na Páscoa e voltavam com ele.

Não havia como Archer discutir a necessidade de May acompanhar o pai. A reputação do médico de família dos Mingott devia-se, em grande parte, à pneumonia que Mr. Welland nunca tivera; e sua insistência em St. Augustine era, portanto, inflexível. A princípio, cogitara-se em anunciar o noivado de May depois que a família voltasse da Flórida, e era inútil esperar que a antecipação desse anúncio alterasse os planos de Mr. Welland. Archer bem que gostaria de acompanhar os viajantes e passar algumas semanas tomando sol e passeando de barco com a noiva; mas também estava preso a costumes e convenções. Embora não se esfalfasse no trabalho, seria acusado de frivolidade por todo o clã dos Mingott se expressasse o desejo de tirar férias no meio do inverno; e aceitou a partida de May com a resignação que, como percebia, teria de ser um dos principais elementos da vida conjugal.

Sabia que madame Olenska o fitava com os olhos semicerrados. “Fiz o que você queria... o que você aconselhou”, ela disse abruptamente.

“Ah... que bom”, Archer respondeu, constrangido com a menção ao assunto nesse momento.

“Entendi... que você tinha razão”, ela prosseguiu, ligeiramente ofegante; “mas às vezes a vida é difícil... confusa...”

“Eu sei.”

“E eu queria lhe dizer que *realmente* lhe dou razão e lhe sou grata”, ela concluiu, rapidamente levando o binóculo aos olhos, quando a porta se abriu e a voz de Beaufort ressoou no camarote.

Archer se levantou e saiu do camarote e do teatro.

Na véspera, recebera uma carta de May Welland na qual, com sua habitual candura, ela lhe pedia para “ser gentil com Ellen” em sua ausência. “Ela gosta de você e o admira muito... e, você sabe, ainda está muito sozinha e infeliz, embora não o demonstre. Acho que nem a vovó, nem o tio Lovell Mingott a entendem; consideram-na muito mais cosmopolita e sociável do que ela realmente é. E creio que ela se entedia em Nova York, embora a família não o admita. Acho que está acostumada com uma porção de coisas que não temos aqui: boa música, exposições de pintura, celebridades... artistas, escritores e todas essas pessoas inteligentes que você admira. A vovó nem imagina que ela queira algo além de muitos jantares e roupas... mas eu sei que você é praticamente a única criatura em Nova York com quem ela pode conversar sobre o que de fato lhe interessa.”

Sábria May... como ele a amava por essa carta! Mas não pretendia seguir suas recomendações; estava ocupado demais, para começar, e, sendo um homem comprometido, não pretendia desempenhar abertamente o papel de defensor de madame Olenska. Julgava-a capaz de cuidar de si mesma muito melhor do que a ingênua May imaginava. A condessa tinha Beaufort a seus pés, Mr. van der Luyden velando por ela como uma divindade protetora e muitos candidatos (Lawrence Lefferts, por exemplo) aguardando uma oportunidade. No entanto, sempre que a via ou lhe dirigia a palavra, ele sentia que a ingenuidade de May tinha algo de divinatório, afinal. Ellen Olenska estava sozinha e infeliz.

No saguão, Archer encontrou Ned Winsett, o único de seus “amigos inteligentes”, como dizia Janey, com quem gostava de conversar num nível um pouco mais profundo que o das brincadeiras no clube e no restaurante.

Avistara sua mal-ajambrada figura de ombros caídos no outro lado da sala e numa ocasião reparara que seu olhar se voltava para o camarote de Beaufort. Os dois apertaram-se as mãos, e Winsett propôs tomarem uma cerveja num pequeno restaurante alemão das proximidades. Sem a menor disposição para o tipo de conversa que provavelmente teria, o rapaz recusou a proposta, alegando que tinha levado trabalho para casa. “Eu também levei; também vou ser o Aprendiz Laborioso”, o outro replicou.

Saíram juntos, e momentos depois Winsett falou: “Eu gostaria muito de saber o nome daquela senhora morena que estava naquele camarote elegante... com os Beaufort. Aquela com quem seu amigo Lefferts parece encantado”.

Archer ficou ligeiramente aborrecido, sem entender por quê. Para que Ned Winsett queria saber o nome de Ellen Olenska? E por que o associava ao nome de Lefferts? Não costumava demonstrar tamanha curiosidade; mas, enfim, era jornalista.

“Espero que não seja para uma entrevista”, Archer riu.

“Bom... não é para publicar; é só para mim. Acontece que ela é minha vizinha... que bairro esquisito para uma beldade morar... e foi

extremamente gentil com meu menino, que caiu no quintal dela, quando estava tentando pegar o gato, e se cortou feio. Ela saiu do jeito que estava, sem chapéu nem nada, e o levou para casa no colo, com o joelho muito bem enfaixado; e minha mulher ficou tão deslumbrada com tanta simpatia e tanta beleza que nem se lembrou de perguntar-lhe o nome.”

Um agradável calor dilatou o coração de Archer. O episódio nada tinha de extraordinário: qualquer mulher teria feito a mesma coisa pelo filho de um vizinho. Mas era bem próprio de Ellen sair sem chapéu, carregando o menino no colo, e deslumbrar a pobre Mrs. Winsett a ponto de fazê-la esquecer-se de perguntar seu nome.

“É a condessa Olenska... neta da velha Mrs. Mingott.”

“Caramba... condessa!”, Ned exclamou. “Eu não sabia que as condessas eram tão prestativas. Os Mingott não são.”

“Eles seriam, se você deixasse.”

“Ah, bom...” Era inútil recomeçar sua velha e interminável discussão sobre a obstinada recusa dos “inteligentes” em frequentar os elegantes. “Como é que uma condessa foi parar naquele bairro miserável?”

“Ela não dá a menor importância para o lugar onde mora... ou para qualquer um de nossos pequenos indicadores sociais”, Archer explicou, no íntimo orgulhoso da maneira como a via.

“Hum... já morou em lugares maiores, imagino. Bom, esta é minha esquina.”

Winsett atravessou a Broadway¹ com seu passo lento, as costas curvadas, e Archer ficou olhando e meditando sobre suas últimas palavras.

Considerava esses lampejos de sagacidade seu traço mais interessante, e sempre se perguntava como o deixaram aceitar o fracasso tão impassivelmente numa idade em que a maioria dos homens continua lutando.

Sabia que ele tinha mulher e filho, porém nunca os viu. Sempre o encontrava no Century ou em algum local frequentado por jornalistas e gente do teatro, como o restaurante onde ele propusera que fossem tomar uma cerveja. Winsett lhe dera a entender que a

esposa era inválida; o que podia ser verdade, mas também podia significar que a pobre senhora carecia de traquejo social ou de trajes de noite ou de ambas as coisas. Ele mesmo abominava as convenções sociais: Archer, que se vestia à noite porque achava mais asseado e confortável e nunca parara para pensar que asseio e conforto são dois dos itens mais caros num orçamento modesto, via a atitude do amigo como parte da tediosa pose “boêmia” diante da qual os elegantes, que mudavam de roupa sem falar sobre isso e não viviam mencionando o número de criados que tinham, pareciam muito mais simples e espontâneos. Não obstante, sempre se sentia estimulado por Winsett e, sempre que avistava seu rosto magro e barbudo e seus olhos tristonhos, arrancava-o de seu cantinho e o levava para uma longa conversa.

Winsett não era jornalista por opção. Era um autêntico literato, nascido fora de época num mundo que não precisava de letras; contudo, depois de publicar um livro de sucintas e excelentes apreciações literárias, do qual 120 exemplares foram vendidos, trinta foram doados e o restante acabara sendo destruído pelos editores (conforme o contrato) para dar lugar a títulos mais vendáveis, abandonou sua verdadeira vocação e assumiu um cargo de subeditor num semanário feminino, em que modelos e moldes de vestidos se alternavam com histórias de amor da Nova Inglaterra e anúncios de bebidas não alcoólicas.

Quando se punha a discorrer sobre o *Hearth-fires* (o nome do periódico), era extremamente engraçado; mas por trás de tanta graça espreitava a amargura estéril do homem ainda jovem que havia tentado e desistido. O que ele dizia sempre levava Archer a avaliar a própria vida e perceber o pouco que continha; porém a vida de Winsett continha ainda menos, e, embora os interesses e curiosidades intelectuais de ambos animassem suas conversas, sua troca de ideias geralmente permanecia dentro dos limites de um melancólico diletantismo.

“A verdade é que a vida não tem sido grande coisa para nenhum de nós”, Winsett certa vez afirmara. “Eu estou acabado; quanto a isso não há o que fazer. Só tenho um produto para fabricar, e aqui não há nem haverá mercado para ele enquanto eu estiver vivo. Mas você é

livre e rico: por que não muda de vida? Para isso só existe um caminho: entrar para a política.”

Archer jogou a cabeça para trás e riu. Evidenciava-se assim a insuperável diferença entre homens como Winsett e os outros — do tipo de Archer. Nas altas rodas, todos sabiam que, nos Estados Unidos, “um cavalheiro não pode entrar para a política”. Entretanto, como dificilmente conseguiria explicar isso ao amigo, o rapaz respondeu evasivamente: “Veja como é a trajetória do homem honesto na política americana! Eles não nos querem”.

“‘Eles’ quem? Por que vocês todos não se juntam e se tornam ‘eles’?”

A risada de Archer assumiu a forma de um sorriso ligeiramente condescendente. Era inútil prolongar a discussão: todos conheciam a triste sina dos poucos cavalheiros que correram o risco de perder sua boa reputação na política municipal ou estadual de Nova York. Foi-se o tempo em que esse tipo de coisa era possível: o país agora estava nas mãos dos chefões² e dos imigrantes, e as pessoas decentes ficavam com esporte ou cultura.

“Cultura! Pois sim... se tivéssemos cultura! O que temos são uns poucos canteirinhos locais, morrendo cá e lá por falta de enxada e de adubo: os últimos remanescentes da velha tradição europeia que nossos antepassados trouxeram. Mas vocês são uma pequena e lamentável minoria: vocês não têm um centro, não têm concorrência, não têm público. São como os quadros nas paredes de uma casa deserta: *Retrato de um cavalheiro*. Nunca vão chegar a nada, se não arregaçarem as mangas e meterem a mão no estreme. É isso ou emigrar... Meu Deus! Se eu pudesse emigrar...”

Archer deu de ombros mentalmente e voltou a falar de livros, assunto em que Winsett, embora imprevisível, sempre era interessante. Emigrar! Como se um cavalheiro pudesse abandonar a própria terra! Isso era tão impossível quanto arregaçar as mangas e meter as mãos no estreme. Um cavalheiro sempre ficava em seu país e se abstinha. Mas era impossível fazer uma pessoa como Winsett ver isso; e era por essa razão que a Nova York dos clubes literários e dos restaurantes exóticos, embora a uma primeira sacudidela parecesse

um caleidoscópio, acabava revelando-se uma caixinha com um desenho mais monótono que o de todos os átomos da Quinta Avenida.

Na manhã seguinte, Archer inutilmente vasculhou a cidade em busca de rosas amarelas. Por causa disso chegou tarde ao escritório — o que não fez a menor diferença para ninguém — e exasperou-se com a primorosa futilidade de sua vida. Por que não podia estar nas areias de St. Augustine com May Welland? Sua pretensa atividade profissional não enganava ninguém. Nas velhas firmas de advocacia, como a de Mr. Letterblair, voltadas basicamente para a administração de grandes propriedades e de investimentos “conservadores”, sempre havia dois ou três rapazes abastados e desprovidos de ambição profissional que, durante algumas horas por dia, sentavam-se à escrivaninha e realizavam tarefas triviais ou simplesmente liam os jornais. Achava-se que deviam ter uma ocupação, porém ganhar dinheiro ainda era visto como algo desairoso, e a profissão de advogado parecia mais adequada a um cavalheiro que a de negociante. Contudo, nenhum desses rapazes tinha grande esperança ou sequer o sincero desejo de progredir na carreira; e sobre muitos deles o mofo verde da indiferença já se espalhava visivelmente.

Archer estremecia ao pensar que pudesse estar se espalhando sobre ele também. Por certo tinha outros gostos e interesses; passava as férias viajando pela Europa; cultivava suas relações com as “pessoas inteligentes” a que May se referia e geralmente procurava manter-se “atualizado”, como dissera a madame Olenska com uma ponta de tristeza. No entanto, depois do casamento, como seria essa estreita margem de vida em que vivia suas verdadeiras experiências? Sabia de muitos jovens que sonharam seu sonho, talvez com menos ardor, e pouco a pouco mergulharam na plácida e luxuosa rotina dos velhos.

Do escritório mandou um mensageiro levar para madame Olenska um bilhete no qual lhe perguntava se podia visitá-la naquela tarde e implorava que enviasse a resposta para o clube; porém lá não encontrou nada e tampouco recebeu notícias dela no dia seguinte. Irrracionalmente magoado com esse inesperado silêncio, nem pensou

em mandar-lhe o glorioso buquê de rosas amarelas que, na manhã seguinte, viu na vitrine de uma floricultura. Só na manhã do terceiro dia recebeu uma carta da condessa. Chegou pelo correio e, para sua surpresa, fora escrita em Skuytercliff, onde os Van der Luyden se refugiaram após a partida do duque.

“Fugi”, ela começava abruptamente (sem os habituais preliminares), “depois de vê-lo no teatro, e esses bons amigos me acolheram. Eu queria ficar quieta e pensar. Você estava certo quando disse que eles são muito gentis; aqui me sinto segura. Gostaria que você estivesse conosco.” Concluía com um convencional “cordialmente” e sem qualquer alusão à data de seu retorno.

O tom da mensagem o surpreendeu. Do que ela estava fugindo? E por que sentia necessidade de segurança? Primeiro, ele pensou em alguma sombria ameaça vinda do exterior; depois, ocorreu-lhe que não conhecia o estilo epistolar da condessa e, portanto, não sabia se tendia ao exagero. As mulheres sempre são exageradas; e, ademais, ela não se expressava muito à vontade em inglês, que com frequência falava como se estivesse traduzindo do francês. “*Je me suis évadée...*”: dita dessa forma, a frase inicial imediatamente sugeria que só estivesse querendo fugir de uma série de compromissos enfadonhos; o que era bem provável, pois Archer a julgava uma mulher caprichosa que logo se cansava do prazer do momento.

Foi engraçado imaginar os Van der Luyden arrastando-a para Skuytercliff pela segunda vez e, agora, por tempo indeterminado. Raramente — e com relutância — eles abriam as portas de Skuytercliff a visitantes, e em geral o que ofereciam aos poucos privilegiados era um frio fim de semana. Mas, durante sua última estada em Paris, Archer assistira a *Le Voyage de M. Perrichon*,³ a deliciosa peça de Labiche,⁴ e lembrou-se da obstinada e inabalável afeição de M. Perrichon pelo rapaz que salvara da geleira. Os Van der Luyden salvaram madame Olenska de um gelo parecido; e, embora a atração que sentiam por ela se devesse a muitos outros motivos, o que estava por trás de todos era a gentil e obstinada determinação de continuar sendo seus salvadores.

Archer ficou desapontado ao saber que ela estava longe; e então lembrou que, ainda na véspera, recusara um convite para passar o domingo seguinte na casa dos Reggie Chivers à margem do Hudson, a alguns quilômetros de Skuytercliff.

Fazia tempo que se cansara das reuniões barulhentas em Highbank, dos passeios de barco e de trenó, das caminhadas na neve, dos flertes e das piadinhas de salão. Acabara de receber de seu livreiro de Londres uma caixa de novos títulos e optara por um domingo tranquilo em casa com seus tesouros. Agora, porém, tomou outra decisão: foi para o clube, onde redigiu às pressas um telegrama e pediu ao empregado que o enviasse imediatamente. Sabia que Mrs. Reggie não se importava com repentinas mudanças de ideia por parte de seus convidados e sempre dispunha de um quarto para oferecer-lhes em seu casarão.

Newland Archer chegou à casa dos Chivers na sexta-feira à noite e no sábado cumpriu à risca todos os ritos relacionados com um fim de semana em Highbank.

De manhã, passeou de trenó à vela com a anfitriã e alguns convidados mais intrépidos; à tarde, “inspeccionou” a fazenda com Reggie e, nos estábulos primorosamente equipados, ouviu longas e impressionantes dissertações sobre o cavalo; depois do chá, conversou num canto do saguão com uma jovem que se declarou arrasada com seu noivado, mas também lhe falou das próprias esperanças matrimoniais; e enfim, por volta da meia-noite, participou da brincadeira que consistiu em colocar um peixinho dourado na cama de um dos hóspedes, disfarçou-se de ladrão para assustar uma tia medrosa no banheiro e engajou-se na guerra de travesseiros que se espalhou do quarto das crianças ao porão. Mas no domingo, depois do almoço, pediu um trenó emprestado e rumou para Skuytercliff.

Dizia-se que a casa de Skuytercliff era uma vila italiana. Quem nunca tinha ido à Itália acreditava; assim como algumas pessoas que tinham ido. Mr. van der Luyden a construía na juventude, quando retornou de sua grande viagem à Europa e se preparava para em breve esposar miss Louisa Dagonet. Tratava-se de uma vasta estrutura quadrada de madeira com paredes de tábuas ensambladas pintadas de verde-claro e branco, varanda com colunas coríntias e pilastras acanaladas entre as janelas. Erguia-se no alto do terreno,

onde tinha início uma série de terraços com balaustradas e vasos que, como numa gravura, se estendiam até a borda asfaltada de um pequeno lago irregular sobre o qual se debruçavam raras coníferas pêndulas. À direita e à esquerda, os famosos gramados impecáveis, pontilhados de árvores “exemplares” (cada uma de uma espécie diferente), ondulavam pela encosta com seus esplêndidos ornamentos de ferro fundido; e embaixo, no vale, situava-se a casa de pedra de quatro cômodos construída pelo primeiro Patroon na terra que ganhara em 1612.

A vila italiana era um tanto assustadora sobre o tapete de neve e contra o céu cinzento; mesmo no verão impunha distância, e nem o mais ousado canteiro de côleo se atrevia a aproximar-se de sua terrível fachada. Agora, o longo tilintar da campainha parecia ecoar num mausoléu; e o mordomo, que finalmente abriu a porta, mostrou-se surpreso como se o tivessem acordado de seu último sono.

Por sorte Archer era da família e, por mais inesperada que fosse sua chegada, fazia jus à informação de que a condessa Olenska saíra com Mrs. van der Luyden para o culto da tarde havia exatamente 45 minutos.

“Mr. van der Luyden está”, o mordomo acrescentou; “mas tenho a impressão de que está cochilando ou lendo o *Evening Post*.¹ De manhã, quando voltou da igreja, ele falou que pretendia ler o *Evening Post* depois do almoço; se o senhor quiser, posso ir até a biblioteca para verificar...”

Archer agradeceu e disse que preferia ir ao encontro das senhoras. Visivelmente aliviado, o mordomo fechou a porta num gesto majestoso.

Um cavaliariço levou o trenó para o estábulo, e Archer se pôs a atravessar o parque, rumo à estrada. Pouco mais de dois quilômetros separavam a vila do centro de Skuytercliff, porém, sabendo que Mrs. van der Luyden nunca andava a pé, ele tinha de tomar a estrada para encontrar a carruagem. No entanto, ao cortar caminho por um atalho, avistou um vulto esguio de capa vermelha e um cachorro de grande porte. Apressou o passo, e madame Olenska parou subitamente, com um sorriso de boas-vindas nos lábios.

“Ah, você veio!”, exclamou, tirando a mão do regalo.

O manto vermelho lhe dava uma aparência alegre e vívida, como a da Ellen Mingott dos velhos tempos. Archer riu e, pegando-lhe a mão, explicou: “Vim ver do que você está fugindo”.

Uma sombra cobriu-lhe o rosto, mas ela respondeu: “Ah, bom... já vai ver”.

A resposta o deixou intrigado. “Quer dizer que... O que aconteceu?”

Ela encolheu os ombros, com um pequeno movimento semelhante ao de Nastasia, e prosseguiu, num tom mais leve: “Vamos caminhar? O sermão me deu frio. E que importância tem isso, agora que você está aqui para me proteger?”.

O jovem sentiu o sangue subir-lhe às têmporas e segurou-a pela dobra da capa. “Ellen... o que é? Precisa me dizer.”

“Ah... primeiro vamos correr. Meus pés estão gelados”, ela falou e, levantando a capa, pôs-se a correr pela neve, o cachorro saltitando a seu redor e latindo desafiadoramente. Por um instante, Archer ficou parado, olhando, encantado com o brilho daquele meteoro vermelho contra o fundo branco; depois correu também, e os dois se encontraram, ofegantes e risonhos, diante do portão que se abria para o parque.

Ela o fitou e sorriu. “Eu sabia que você viria!”

“Isso mostra que você queria que eu viesse”, ele replicou, com uma alegria desproporcional. O branco reluzente das árvores enchia o ar com misteriosa luminosidade, e o chão parecia cantar sob seus pés enquanto caminhavam pela neve.

“De onde você veio?”, a condessa perguntou.

Archer lhe disse e acrescentou: “Vim porque recebi seu bilhete”.

Após um instante de silêncio, ela afirmou, com uma frieza quase imperceptível: “May pediu para você cuidar de mim”.

“Ninguém precisou me pedir.”

“Quer dizer que... pareço tão indefesa? Vocês devem achar que sou uma pobre coitada! Mas parece que as mulheres daqui... não têm essa necessidade: parece que estão no céu.”

“Que necessidade?”, ele murmurou.

“Ah, não me pergunte! Eu não falo sua língua”, ela retrucou, irritada.

Sua reação o atingiu como um murro, fazendo-o parar e fitá-la.

“Então, para que foi que eu vim, se não falo sua língua?”

“Ah, meu amigo...!”, ela suspirou, pousando a mão em seu braço.

“Ellen... por que não me conta o que aconteceu?”, ele pediu com fervor.

Mais uma vez ela deu de ombros. “Acontece alguma coisa no céu?”

Archer ficou em silêncio, e ambos caminharam por mais alguns metros sem dizer uma palavra. “Vou lhe contar”, madame Olenska falou por fim. “Mas onde, onde, onde? Não se consegue ficar um minuto sozinha naquele seminário, com todas as portas abertas e o criado servindo chá ou colocando lenha na lareira ou levando o jornal para alguém! Nas casas americanas não existe um canto onde se possa estar sozinha? Vocês são tão tímidos e ao mesmo tempo estão tão expostos. Sempre tenho a sensação de estar no convento... ou no palco, diante de uma plateia tremendamente educada que nunca aplaude.”

“Ah, você não gosta de nós!”, o rapaz exclamou.

Nesse momento, passavam diante da casa do velho Patroon, com suas paredes baixas e suas janelinhas quadradas agrupadas junto a uma chaminé central. As venezianas estavam abertas, e as vidraças recém-lavadas deixavam entrever a luz de um fogo.

“Ora... a casa está aberta”, Archer comentou.

A condessa parou. “Não; é só hoje, pelo menos. Eu queria vê-la, e Mr. van der Luyden mandou acender o fogo e abrir as janelas para pararmos aqui, na volta da igreja, hoje de manhã.” Ela subiu a escada e verificou a porta. “Ainda está destrancada... que sorte! Venha, vamos conversar sossegados. Mrs. van der Luyden foi visitar as tias em Rhinebeck, e ninguém vai dar por nossa falta na próxima hora.”

Archer a seguiu pelo corredor estreito. Desalentara com o que acabara de ouvir, mas agora irracionalmente recobrava o ânimo. A casinha simples, com suas vidraças e seus metais brilhando à luz do fogo, parecia magicamente criada para recebê-los. Uma densa camada de brasas ainda ardia na lareira da cozinha, sob uma panela

de ferro pendurada num gancho antigo. Duas poltronas com assento de palhinha ladeavam a lareira, uma de frente para a outra, e pratos de Delft² se enfileiravam nas prateleiras da parede. Ele se abaixou e jogou uma acha sobre as brasas.

Madame Olenska tirou a capa e sentou-se. Archer se apoiou na lareira e fitou-a.

“Agora você está rindo, mas estava triste, quando me escreveu”, falou.

“Estava. Mas não consigo ficar triste com você aqui.”

“Não vou me demorar”, ele esclareceu, os lábios enrijecendo-se no esforço de dizer apenas isso e nada mais.

“Eu sei. Mas sou imprevidente: vivo o instante em que sou feliz.”

As palavras o penetraram como uma tentação, e, para resistir, ele se afastou da lareira e se pôs a olhar para fora, para o tronco negro das árvores no campo de neve. Mas teve a sensação de que ela também mudara de lugar e continuou vendo-a, entre ele e as árvores, inclinada sobre o fogo com seu sorriso indolente. O coração batia-lhe insubordinadamente. E se fosse dele que ela estava fugindo? E se tivesse esperado para revelar-lhe isso ali, sozinhos, nessa casa vazia?

“Ellen, se realmente posso ajudá-la... se realmente queria que eu viesse... diga-me qual é o problema, diga-me do que está fugindo”, ele insistiu.

E falou sem se mover, sem ao menos voltar-se para encará-la: se era para acontecer, que fosse dessa forma, com toda a extensão da cozinha entre ambos e seus olhos fixos na neve.

Por um longo momento ela permaneceu em silêncio; e Archer imaginou-a, quase a ouviu, esgueirando-se a suas costas para abraçá-lo. Enquanto aguardava, corpo e alma vibrando com o milagre que estava para ocorrer, seus olhos mecanicamente captaram a figura de um homem encasacado, com a gola de pele erguida, aproximando-se da porta. O homem era Julius Beaufort.

“Ah...!” exclamou, pondo-se a rir.

Madame Olenska levantou-se de um salto e se postou a seu lado, colocando a mão na dele; contudo, depois de olhar pela janela, empalideceu e recuou.

“Então era isso?”, Archer perguntou com desdém.

“Eu não sabia que ele estava aqui”, ela murmurou, sem retirar a mão. Ele, porém, afastou-se, atravessou o corredor e abriu a porta.

“Olá, Beaufort... por aqui! Madame Olenska estava a sua espera.”

Na manhã seguinte, voltando para Nova York, Archer reviveu com fatigante nitidez seus últimos momentos em Skuytercliff.

Embora visivelmente irritado por encontrá-lo com madame Olenska, Beaufort enfrentara a situação com altivez, como sempre. Sua maneira de ignorar as pessoas cuja presença o incomodava fazia as mais sensíveis sentirem-se invisíveis, inexistentes. Enquanto os três atravessavam o parque, Archer experimentou essa estranha sensação de incorporeidade que, embora humilhante para sua vaidade, proporcionou-lhe a vantagem de observar sem ser observado, como um fantasma.

Beaufort entrara na casa com sua costumeira segurança; porém não conseguiu eliminar com um sorriso o vinco entre os olhos. Era evidente que madame Olenska não o esperava, embora o que dissera a Archer sugerisse essa possibilidade; de qualquer modo, obviamente não lhe contara para onde estava indo quando deixou Nova York, e sua partida sem explicação o exasperara. O banqueiro explicou que sua presença em Skuytercliff se devia ao fato de ter encontrado, na véspera, uma “casinha perfeita”, que ainda não havia sido anunciada, mas avisou que era preciso fechar negócio prontamente, para não perder a oportunidade. E em tom de brincadeira repreendeu a condessa pelo trabalho que lhe dera, fugindo bem na hora em que ele realizara tamanha descoberta.

“Se aquela geringonça para falar através de um fio estivesse um pouco mais perto da perfeição, eu poderia ter lhe contado tudo isso lá da cidade e agora estaria no clube, aquecendo os pés diante da lareira, e não correndo atrás de você pela neve”, resmungou, fingindo-se de irritado para disfarçar sua verdadeira irritação. Madame Olenska aproveitou a deixa para mudar de assunto, passando a falar da fantástica possibilidade de um dia as pessoas conversarem de uma rua a outra ou até — sonho inacreditável! — de uma cidade a outra. O que fez os três aludirem a Edgar Poe e Jules

Verne³ e despejarem as banalidades que naturalmente ocorrem aos mais inteligentes quando estão conversando só para passar o tempo e falando de um novo invento no qual seria ingenuidade acreditar tão cedo; e o tema do telefone reconduziu-os sãos e salvos ao casarão.

Mrs. van der Luyden ainda não voltara; Archer se despediu e foi buscar o trenó, enquanto Beaufort entrava com a condessa. Era provável que, embora não encorajassem visitas inesperadas, os Van der Luyden o convidassem para jantar e o despachassem para a estação a tempo de tomar o trem das nove; mais que isso certamente não lhe ofereceriam, pois achavam inconcebível que um cavalheiro viajando sem bagagem desejasse pernoitar e não haveriam de propô-lo a Beaufort, com quem mantinham uma relação de restrita cordialidade.

O banqueiro sabia de tudo isso e devia estar preparado; assim, o fato de ter viajado de tão longe por tão pouco dava bem a medida de sua impaciência. Era inegável que estava assediando madame Olenska; e tinha apenas uma coisa em mente quando assediava uma linda mulher. Desde muito se cansara de seu lar enfadonho e sem filhos e, além de consolações mais duradouras, sempre buscava aventuras amorosas em seu próprio círculo. Esse era o homem de quem a condessa estava fugindo: restava descobrir se fugira porque sua insistência a molestava ou porque temia não resistir; a menos que toda a sua conversa de fuga fosse pura balela e sua partida não passasse de uma manobra.

Archer não acreditava realmente nisso. Embora tivesse tido pouco contato com madame Olenska, começava a pensar que sabia ler em seu rosto e, se não em seu rosto, em sua voz; e ambos demonstraram irritação, até mesmo horror, ante a chegada repentina de Beaufort. Mas não seria pior se ela tivesse partido de Nova York com o propósito expresso de encontrá-lo? Nesse caso, deixaria de ser um objeto de interesse, tornar-se-ia igual às mais vulgares hipócritas: uma mulher envolvida com Beaufort ficava irremediavelmente “marcada”.

Não, seria mil vezes pior se, julgando Beaufort e provavelmente desprezando-o, ainda se sentisse atraída por ele em função de tudo

que lhe conferia uma vantagem sobre os outros homens que a rodeavam: sua convivência com dois continentes e duas sociedades, sua familiaridade com artistas, atores e indivíduos geralmente expostos aos olhos do mundo e seu desprezo por preconceitos locais. Beaufort era vulgar, ignorante, orgulhoso de sua riqueza; porém as circunstâncias de sua vida e certa esperteza inata o tornavam um interlocutor mais interessante que muitos homens moral e socialmente melhores, cujo horizonte não ia além do Battery e do Central Park. Como alguém que viera de um mundo mais amplo não iria perceber a diferença e sucumbir a sua atração?

Num momento de irritação, madame Olenska dissera a Archer que não falavam a mesma língua; e ele sabia que, sob certos aspectos, era verdade. Já Beaufort entendia todas as nuances dessa língua e falava-a fluentemente: sua visão da vida, seu tom, sua atitude eram apenas um reflexo mais tosco do que a carta do conde Olenski revelara. O que poderia colocá-lo em posição de desvantagem em relação a ela; porém Archer era inteligente demais para pensar que uma jovem como Ellen Olenska necessariamente fugiria de tudo que lhe lembrasse o passado. Ela podia acreditar que se revoltava contra o passado; mas o que um dia a encantara continuava encantando-a, independentemente de sua vontade.

Assim, com dolorosa imparcialidade Archer defendeu a causa de Beaufort e a da vítima de Beaufort. Queria muito prestar esclarecimento à condessa e às vezes imaginava que tudo que ela queria era esclarecimento.

Nessa noite, abriu a caixa que chegara de Londres. Estava cheia de livros que esperara com impaciência: uma obra nova de Herbert Spencer,⁴ mais uma coletânea de contos brilhantes do prolífico Alphonse Daudet⁵ e um romance intitulado *Middlemarch*,⁶ sobre o qual lera críticas interessantes. Recusara três convites para jantar a fim de saborear esse banquete; contudo, embora virasse as páginas com a sensual alegria do bibliófilo, não sabia o que estava lendo, e um livro após outro caiu-lhe das mãos. De repente, localizou um pequeno volume de poesia que encomendara por causa do título: *A casa da vida*.⁷ Pegou-o e mergulhou numa atmosfera diferente de

qualquer outra que já respirara num livro: tão cálida, tão intensa e, não obstante, tão inefavelmente terna que revestiu de uma nova e duradoura beleza a mais elementar das paixões humanas. Passou a noite perseguindo através dessas páginas encantadas a visão de uma mulher que tinha o rosto de Ellen Olenska; mas, quando acordou de manhã, olhou para as casas de arenito pardo no outro lado da rua e pensou em sua mesa no escritório de Mr. Letterblair e no banco da família na igreja da Graça,⁸ sua hora no parque de Skuytercliff ficou tão distante dos limites da probabilidade quanto as visões noturnas.

“Credo, Newland, como você está pálido!”, Janey exclamou durante o desjejum. E sua mãe acrescentou: “Newland, querido, notei que ultimamente você tem tossido; espero que não esteja trabalhando demais”. Pois ambas acreditavam que, sob o férreo despotismo de seus sócios, o rapaz passava a vida executando os mais exaustivos trabalhos — e ele nunca achara necessário desiludi-las.

Os dois ou três dias seguintes arrastaram-se pesadamente. A rotina tinha gosto de cinza, e em alguns momentos Archer se sentia enterrado vivo sob seu futuro. Não recebeu notícias da condessa Olenska nem da casinha perfeita e, embora encontrasse Beaufort no clube, apenas lhe acenava desde a mesa de uíste. Só na quarta noite encontrou um bilhete esperando-o em casa. “Venha amanhã: preciso me explicar. Ellen”. Eram suas únicas palavras.

Prestes a sair para jantar, enfiou o bilhete no bolso, rindo um pouco de seu laconismo. Após o jantar, foi ao teatro e só quando voltou para casa, depois da meia-noite, releu a mensagem lentamente e muitas vezes. Pensou em várias respostas e analisou-as meticulosamente durante sua agitada noite de insônia. Ao raiar do sol, finalmente decidiu jogar algumas peças de roupa numa maleta e tomar o barco que saía naquela tarde com destino a St. Augustine.

Archer caminhou pela rua principal de St. Augustine até a casa que lhe disseram ser de Mr. Welland e, ao ver May sob uma magnólia com o cabelo reluzindo ao sol, perguntou-se por que demorara tanto para fazer essa viagem.

Ali estava a verdade, ali estava a realidade, ali estava a vida que lhe pertencia; e ele, que se julgava tão desdenhoso de coibições arbitrárias, relutara em deixar sua mesa de trabalho com medo do que as pessoas poderiam pensar dessa folga indevida!

“Newland... aconteceu alguma coisa?”, foram as primeiras palavras de May. E ocorreu-lhe que seria mais “feminino” ela imediatamente ler em seus olhos a razão de sua vinda. Mas, quando ele respondeu: “Sim... descobri que tinha de ver você”, o calor da felicidade que a fez corar baniu o frio de sua surpresa, e Archer compreendeu que seria perdoado facilmente e que logo o sorriso de uma família tolerante dirimiria a leve desaprovação de Mr. Letterblair.

Embora fosse cedo, a rua principal não era lugar para nada além de cumprimentos formais, e ele ansiava por estar sozinho com a noiva e extravasar toda a sua ternura e sua impaciência. Ainda faltava uma hora para o tardio desjejum dos Welland, e, em vez de pedir-lhe para entrar, May propôs que caminhassem até o velho laranjal na periferia da cidade. Acabara de passear de barco, e o sol que estendia uma rede dourada sobre as pequenas ondas parecia tê-la

capturado em suas malhas. Seu cabelo esvoaçava ao vento, brilhando como fios de prata ao redor de suas faces bronzeadas; e seus olhos de juvenil limpidez pareciam mais claros, quase pálidos. Andando ao lado dele com seu passo longo e ágil, ela estampava no rosto a apática serenidade de uma jovem atleta de mármore.

Sua presença produzia sobre os nervos tensos do noivo o mesmo efeito tranquilizador do céu azul e do rio preguiçoso. Quando se sentaram num banco, sob as laranjeiras, ele a abraçou e beijou-a. Foi como beber numa fonte fria ao calor do sol; porém talvez a estreitasse mais do que pretendia, pois ela enrubesceu e recuou, como se estivesse assustada.

“O que foi?”, Archer perguntou, sorridente; e May respondeu, fitando-o com surpresa: “Nada”.

Ambos ficaram ligeiramente embaraçados, e suas mãos se separaram. Era a primeira vez que ele a beijava na boca, sem contar o beijo fugidio no jardim de inverno dos Beaufort, e ela se mostrou inquieta, despojada de sua fria compostura infantil.

“Conte-me o que você faz o dia inteiro”, ele pediu, ao mesmo tempo que, jogando a cabeça para trás, cruzava as mãos na nuca e puxava o chapéu para a frente, a fim de proteger os olhos do sol ofuscante. Deixá-la falar sobre coisas comuns e simples era a maneira mais fácil de retomar o fio dos próprios pensamentos; e ele ouviu o singelo relato de suas atividades: nadar, velejar, cavalgar e, eventualmente, dançar na pousada rústica, quando um navio de guerra atracava no porto. Simpáticos turistas de Filadélfia e Baltimore faziam piquenique na pousada, e os Selfridge Merry haviam chegado para uma estada de três semanas, porque Kate Merry estava com bronquite. Pretendiam construir uma quadra de tênis na praia, mas só Kate e May tinham raquete e a maioria das pessoas nem sequer ouvira falar desse jogo.

Muito ocupada com tudo isso, ela mal tivera tempo para folhear o livrinho que Archer lhe enviara na semana anterior (os *Sonetos portugueses*);¹ porém estava decorando “Como levaram a boa-nova de Gand a Aix”,² porque era uma das primeiras coisas que o ouvira

ler; e divertiu-se ao informar-lhe que Kate Merry não sabia da existência de um poeta chamado Robert Browning.

Subitamente, levantou-se de um salto, exclamando que estavam atrasados para o desjejum; e os dois correram para a casa velha na qual os Welland se instalaram para passar o inverno, sem se importar com a varanda carente de pintura e a sebe de dentelária e gerânio necessitada de poda. A sensibilidade doméstica de Mr. Welland abominava os desconfortos do desmazelado e caríssimo hotel sulino, e, ano após ano, Mrs. Welland se via obrigada a enfrentar dificuldades quase insuperáveis para formar uma criadagem com descontentes serviçais nova-iorquinos e africanos locais.

“Os médicos querem que meu marido se sinta em casa, pois, do contrário, ficaria tão infeliz que o clima não lhe faria bem algum”, explicava, inverno após inverno, aos compreensivos turistas de Filadélfia e Baltimore; e agora, sorrindo à mesa do desjejum miraculosamente provida das mais variadas iguarias, Mr. Welland dizia a Archer: “Sabe, meu caro, estamos acampados... literalmente acampados. Quero mostrar a elas como é viver sem conforto”.

O casal se surpreendera tanto quanto a filha com a repentina chegada do futuro genro, porém o rapaz alegou que estava apresentando sintomas de um forte resfriado, o que para Mr. Welland constituía motivo mais que suficiente para abandonar qualquer obrigação.

“Todo cuidado é pouco, principalmente quando está para começar a primavera”, ele sentenciou, enchendo o prato de panquecas amarelas e cobrindo-as com um xarope dourado. “Se eu tivesse sido tão prudente quando tinha sua idade, agora May estaria dançando nas festas e não passando o inverno neste ermo com um velho inválido.”

“Ah, eu gosto daqui, papai; você sabe que gosto. Se Newland pudesse ficar, eu gostaria mil vezes mais que de Nova York.”

“Newland precisa ficar até se livrar do resfriado”, Mrs. Welland opinou, complacente; o jovem riu e lembrou que existia uma coisa chamada trabalho.

Entretanto, após uma troca de telegramas com o escritório, conseguiu fazer seu resfriado durar uma semana; e a situação se

tornou irônica quando se soube que a indulgência de Mr. Letterblair se devia, em parte, à maneira satisfatória como seu brilhante sócio resolvera a incômoda questão do divórcio Olenski. Mr. Letterblair informara a Mrs. Welland que Mr. Archer prestara “um serviço inestimável” a toda a família e que a velha Mrs. Manson Mingott ficara particularmente contente; e um dia, quando May saiu para dar uma volta com o pai no único veículo disponível, Mrs. Welland aproveitou a oportunidade para tocar num assunto que sempre evitara abordar na presença da filha.

“Receio que as ideias de Ellen não sejam como as nossas. Ela mal completara dezoito anos quando Medora Manson a levou novamente para a Europa... você se lembra do alvoroço, quando ela apareceu de vestido preto no baile de sua apresentação à sociedade? Mais uma das esquisitices de Medora... dessa vez foi quase profética! Isso deve fazer pelo menos doze anos; e depois Ellen nunca mais veio para cá. Não admira que esteja completamente europeizada.”

“Mas a sociedade europeia não é dada ao divórcio: a condessa Olenska achou que estava agindo de acordo com as ideias americanas, ao pedir a liberdade.” Era a primeira vez que Archer pronunciava o nome dela desde que voltara de Skuytercliff e sentiu-se corar.

Mrs. Welland sorriu, compassiva. “Essa é mais uma das coisas estapafúrdias que os estrangeiros inventam sobre nós. Eles pensam que jantamos às duas da tarde e que somos a favor do divórcio! É por isso que acho bobagem recebê-los, quando vêm a Nova York. Eles aceitam nossa hospitalidade e depois vão embora repetindo as histórias bobas de sempre.”

O rapaz não fez nenhum comentário, e ela continuou: “Mas nós lhe somos muito gratos por você ter convencido Ellen a desistir do divórcio. A avó dela e o tio Lovell não conseguiram nada nesse sentido; os dois escreveram, dizendo que foi unicamente por influência sua que ela mudou de ideia... na verdade, foi o que ela mesma disse para a avó. Ela o admira muito. Coitadinha... sempre foi uma criança rebelde. Que destino haverá de ter?”

“O que todos nós decidimos que teria”, Archer teve vontade de responder. “Se todos vocês preferem que ela seja amante de Beaufort

a ser a esposa de um homem decente, estão no caminho certo.”

O que Mrs. Welland diria, se ele pronunciasse essas palavras, em vez de apenas formulá-las mentalmente? Suas plácidas feições, às quais um controle de uma vida inteira sobre ninharias dera um ar de factícia autoridade, haveriam de alterar-se subitamente. Ainda guardavam resquícios de uma beleza viçosa como a da filha; será que o rosto de May também guardaria na meia-idade a mesma expressão de invencível inocência?

Ah, não, ele não queria que May tivesse esse tipo de inocência, a inocência que fecha a mente à imaginação e o coração à experiência!

“Eu realmente acredito”, Mrs. Welland continuou, “que, se essa história medonha tivesse saído nos jornais, teria sido um golpe de morte para meu marido. Não conheço os detalhes; nem quero conhecer, como falei para a pobre Ellen, quando ela tentou tocar no assunto. Para cuidar de um inválido preciso ter a mente desanuviada e feliz. Mas Mr. Welland ficou muito aborrecido; enquanto aguardávamos a decisão, ele teve um pouco de febre diariamente, toda manhã. Temia que a filha descobrisse que esse tipo de coisa pode acontecer... mas, naturalmente, você pensava da mesma forma, meu caro. Todos nós sabíamos que você estava pensando em May.”

“Estou sempre pensando em May”, Archer respondeu, levantando-se para encurtar a conversa.

Pretendia aproveitar a oportunidade para pedir a Mrs. Welland que concordasse em antecipar a data do casamento. Mas não conseguiu encontrar argumentos convincentes e foi com alívio que viu a noiva e o futuro sogro se aproximando da porta.

Agora sua única esperança era insistir novamente com May, e, na véspera de sua partida, foi passear com ela até o jardim arruinado da Missão Espanhola. O local evocava cenários europeus; e May, que estava particularmente bonita com um chapéu de abas largas que lançava uma sombra de mistério sobre seus olhos claros, empolgou-se ao ouvi-lo falar de Granada e da Alhambra.

“Poderíamos ver tudo isso na primavera... inclusive as cerimônias da Páscoa em Sevilha”, ele completou, com um exagero que se devia à esperança de obter uma concessão maior.

“Páscoa em Sevilha? Mas a Quaresma começa semana que vem!”, ela riu.

“Por que não nos casamos na Quaresma?” A pergunta deixou-a tão chocada que o fez perceber seu erro. “Eu estava brincando, querida. Mas logo depois da Páscoa... para podermos embarcar no final de abril. Posso resolver isso no escritório.”

May sorriu sonhadoramente ante a possibilidade, porém Archer percebeu que lhe bastava sonhar. Como quando o ouvia ler em seus livros de poemas as maravilhas que nunca poderiam acontecer na vida real.

“Ah, continue, Newland; adoro suas descrições.”

“Mas por que não de ser apenas descrições? Por que não vivemos tudo isso de verdade?”

“Vamos viver tudo isso, querido; ano que vem”, ela disse lentamente.

“Você não quer que seja antes? Será que não consigo convencer você a viver tudo isso agora?”

Ela baixou a cabeça, escondendo-se sob a aba conivente do chapéu.

“Por que havemos de passar mais um ano sonhando? Olhe para mim, meu bem! Você não vê o quanto a quero como esposa?”

Ela permaneceu imóvel por um instante; depois, ergueu os olhos de uma limpidez tão desesperadora que o levou a diminuir a intensidade com que a enlaçava pela cintura. De repente, porém, seu olhar mudou, tornando-se inescrutavelmente profundo. “Não sei bem se *realmente* vejo. Será que é... porque você não tem certeza de continuar gostando de mim?”

Archer levantou-se de um salto. “Meu Deus... talvez... não sei”, explodiu, furioso.

May também se levantou e encarou-o; parecia ter crescido como mulher em estatura e em dignidade. Ambos se mantiveram em silêncio por um momento, como se temessem o rumo imprevisto de suas palavras. “Será que... existe outra pessoa?”, ela por fim murmurou.

“Outra pessoa... entre nós?”, ele pronunciou as palavras lentamente, como se não as entendesse bem e precisasse de tempo para repetir a pergunta para si mesmo. Ela aparentemente percebeu

sua incerteza, pois prosseguiu, numa voz grave: “Sejamos francos, Newland. Às vezes acho que você está diferente; sobretudo depois que anunciamos o noivado”.

“Querida... que loucura!”, ele exclamou, recuperando a calma.

Ela sorriu vagamente. “Se é loucura, não nos fará mal falar a respeito”, disse e, depois de uma pausa, acrescentou, erguendo nobremente a cabeça: “Ou ainda que seja verdade: por que não falar sobre isso? Você pode ter cometido um erro”.

O jovem baixou a cabeça e se pôs a olhar para o desenho que as folhas negras formavam no caminho ensolarado. “É sempre fácil errar; mas, se cometi o tipo de erro que você está pensando, acha razoável que eu implorasse para anteciparmos o casamento?”

May também olhou para o chão, alterando o desenho com a ponta da sombrinha, enquanto lutava para encontrar as palavras adequadas. “Acho”, respondeu por fim. “Se você quer resolver o problema... de uma vez por todas... é um modo de resolvê-lo.”

Sua serena lucidez o surpreendeu, porém não o fez incorrer no erro de considerá-la insensível. Era impossível não ver a palidez de seu perfil sob a aba do chapéu, o ligeiro tremor de suas narinas, a tensão de seus lábios.

“E então...?”, Archer perguntou, sentando-se novamente no banco e fitando-a com uma expressão de preocupação que tentava fazer parecer engraçada.

Ela também se sentou e prosseguiu: “Não pense que as moças sabem tão pouco quanto os pais imaginam. A gente escuta e percebe... tem sentimentos e ideias. E, naturalmente, muito antes de você dizer que gostava de mim, eu sabia que estava interessado em outra pessoa; todo mundo falava disso em Newport, dois anos atrás. E uma vez eu vi vocês juntos na varanda, durante um baile... e quando ela entrou na casa, estava triste e me deu pena; eu me lembrei disso quando ficamos noivos”.

Sua voz praticamente se reduzira a um sussurro e suas mãos se fechavam e se abriam sobre o cabo da sombrinha. Archer pressionou-as suavemente, o coração dilatando-se com um alívio inexprimível.

“Minha menina querida... era *isso*? Se você soubesse a verdade!”

May rapidamente ergueu a cabeça. “Então existe uma verdade que não sei?”

“Eu me refiro à verdade sobre essa história antiga”, ele explicou, ainda tocando-lhe as mãos.

“Mas é isso que eu quero saber... que eu preciso saber. Não posso ser feliz à custa de um mal... de uma injustiça... causada a outra pessoa. E quero crer que você pensa da mesma forma. Que tipo de vida poderíamos construir sobre uma base dessas?”

Seu rosto expressava uma coragem tão trágica que ele teve vontade de jogar-se a seus pés. “Faz muito tempo que eu queria lhe dizer isso”, ela continuou. “Eu queria lhe dizer que, quando duas pessoas realmente se amam, pode haver situações que... que lhes deem o direito de afrontar a opinião pública. E, se você se sente de alguma maneira comprometido... comprometido com a pessoa da qual falamos... e, se existe algum modo... algum modo de honrar seu compromisso... ainda que ela se divorcie... não desista dela por minha causa!”

A surpresa com a constatação de que os temores de May se deviam a um episódio tão distante no tempo como seu caso com Mrs. Thorley Rushworth cedeu lugar à admiração pela generosidade que ela acabava de demonstrar. Havia algo de sobre-humano nessa atitude tão inusitada, e, se não tivesse outros problemas para resolver, ele se deixaria perder em êxtase ante tamanho prodígio: a filha dos Welland tentando convencê-lo a casar-se com sua ex-amante. Mas ainda estava zozzo com a fugaz visão do precipício que haviam contornado e estupefato com o mistério das donzelas.

Por um momento não conseguiu falar. “Não tenho nenhum compromisso... nenhuma obrigação... do tipo que você pensa”, disse por fim. “Esses casos nem sempre... são tão simples como... Não importa... Gosto de sua generosidade, porque penso como você em relação a essas coisas... acho que cada caso deve ser julgado individualmente, por seus próprios méritos... independentemente de convencionalismos idiotas... isto é, toda mulher tem direito à liberdade...” Interrompeu-se por um instante, assustado com o rumo de seus pensamentos, e depois prosseguiu, sorrindo para ela: “Já que você entende tantas coisas, meu bem, será que não poderia ir um

pouco mais longe e entender a inutilidade de nos submetermos a mais uma forma dos mesmos convencionalismos idiotas? Se não existe ninguém entre nós, não é um bom motivo para nos casarmos logo?

May corou de alegria e ergueu o rosto, lágrimas de felicidade transbordando-lhe dos olhos. Contudo, no momento seguinte, deixou sua eminência de mulher e voltou à condição de indefesa e medrosa donzela; e ele compreendeu que sua coragem e sua iniciativa estavam inteiramente reservadas aos outros. Era evidente que o esforço de falar havia sido muito maior do que demonstrava sua estudada serenidade e que, à primeira palavra tranquilizadora que ouviu, ela retomou sua postura habitual, como uma criança ousada demais que se refugia nos braços da mãe.

Archer não teve ânimo para continuar argumentando; estava muito decepcionado com o desaparecimento do novo ser que o fitara tão intensamente com aqueles olhos transparentes. Teve a impressão de que ela percebeu sua decepção, mas não sabia como atenuá-la; e eles se levantaram e caminharam em silêncio até a casa.

“Sua prima, a condessa, veio visitar a mamãe quando você estava fora”, Janey Archer informou ao irmão durante o jantar, na noite de seu retorno.

Newland ergueu os olhos, surpreso, e viu Mrs. Archer fitando o prato, muito séria. Ela não achava que seu isolamento em relação ao mundo fosse motivo para que o mundo a esquecesse. E o jovem percebeu que sua surpresa com a visita de madame Olenska a deixou ligeiramente aborrecida.

“Ela estava usando uma polonesa¹ de veludo preto com botões de azeviche² e um regalo de pele de macaco;³ eu nunca a tinha visto tão elegante”, Janey prosseguiu. “Veio sozinha, domingo à tarde, pouco depois do almoço; por sorte a lareira estava acesa na sala de visitas. Ela estava com um desses porta-cartões que surgiram recentemente. Falou que queria nos conhecer, porque você tem sido muito bom para ela.”

Newland riu. “Madame Olenska sempre fala isso dos amigos. Ela está muito feliz por ter voltado para sua gente.”

“Sim, foi o que ela nos disse”, Mrs. Archer confirmou. “Ela parece grata por estar aqui.”

“Espero que tenha gostado dela, mamãe.”

Mrs. Archer franziu os lábios. “Ela realmente se desdobra para agradar, até mesmo quando está visitando uma velha senhora.”

“A mamãe não acha que ela seja simples”, Janey anunciou, os olhos fitos no irmão.

“Porque sou antiquada; a querida May é meu ideal.”

“Ah, as duas não se parecem”, Newland comentou.

Archer saíra de St. Augustine com muitos recados para Mrs. Manson Mingott e um dia ou dois depois de sua volta foi visitá-la.

A matriarca o recebeu mais calorosamente que de hábito; estava grata por ele ter convencido a condessa Olenska a desistir do divórcio; e, quando o rapaz lhe contou que deixara o escritório sem permissão e fora para St. Augustine só porque queria ver May, ela riu e deu-lhe um tapinha no joelho com sua mão redonda.

“Ah, ah... você se rebelou... Aposto que Augusta e Welland torceram o nariz e agiram como se o mundo fosse acabar. Mas May gostou, não gostou?” “Espero que sim; mas ela não me concedeu o que eu fui pedir.”

“Não? E o que é que você foi pedir?”

“A promessa de nos casarmos em abril. Para que esperar mais um ano?”

Mrs. Manson Mingott franziu os lábios numa careta de falso recato e piscou maliciosamente. “Peça para a mamãe’, imagino... a história de sempre. Ah, esses Mingott... são todos iguais! Nasceram na rotina e não há quem os tire da rotina. Quando construí esta casa, até parecia que eu ia me mudar para a Califórnia! Nunca ninguém construiu uma casa mais além da rua Quarenta...⁴ nem mais além do Battery, antes de Cristóvão Colombo descobrir a América. Não, não; nenhum deles quer ser diferente; têm tanto medo disso quanto de varíola. Ah, meu caro, dou graças a Deus por não passar de uma vulgar Spicer; mas nenhum de meus filhos puxou a mim, com exceção de minha Ellenzinha.” Ela se calou por um momento, ainda piscando para o visitante, e depois perguntou, com a indiferente inconseqüência da idade: “Por que cargas-d’água você não se casou com minha Ellenzinha?”

“Por que ela não estava aqui”, Archer riu.

“Não... claro. Que pena... E agora é tarde demais; a vida dela acabou.” A obesa matrona pronunciou essas palavras com a fria complacência dos velhos jogando terra no túmulo das jovens esperanças.

Sentindo um gelo no coração, o rapaz se apressou a dizer: “Será que eu poderia convencer a senhora a usar sua influência junto aos Welland? Não fui feito para noivados longos”.

A velha Catherine brindou-o com um sorriso de aprovação. “É, estou vendo. Você sabe das coisas. Aposto que, quando era menino, sempre queria ser servido antes de todo mundo.” E soltou uma risada que lhe agitou os múltiplos queixos como se fossem pequenas ondas. “Ah, minha Ellen chegou!”, exclamou, quando o reposteiro se abriu.

Madame Olenska entrou, sorridente. Parecia animada e feliz e alegremente estendeu a mão para Archer, ao mesmo tempo que se inclinava para receber o beijo da avó.

“Eu estava justamente perguntando a ele: ‘Por que cargas-d’água você não se casou com minha Ellenzinha?’”

Ainda sorrindo, a condessa olhou para Archer. “E o que ele respondeu?”

“Ah, minha querida, você é que vai ter de descobrir! Ele foi até a Flórida ver a bem-amada.”

“É, eu sei”, madame Olenska falou, sempre olhando para ele. “Fui visitar sua mãe, perguntar aonde você tinha ido. Mandei um bilhete que você nunca respondeu e pensei que poderia estar doente.”

O jovem resmungou alguma coisa para explicar que tinha viajado às pressas e pretendia escrever-lhe de St. Augustine.

“E claro que, uma vez lá, você nem se lembrou de mim!” Ela ainda sorria com uma alegria que bem poderia ser uma estudada manifestação de indiferença.

“Se ainda precisa de mim, ela está decidida a não demonstrar”, Archer pensou, ofendido com tal atitude. Queria agradecer-lhe a visita a sua mãe, porém o olhar malicioso de Mrs. Mingott tornou-o mudo e tímido.

“Olhe só para ele... Está com tanta pressa de casar que saiu à francesa⁵ e foi correndo implorar de joelhos àquela bobinha! Isso é

que é um apaixonado... foi assim que o belo Bob Spicer conquistou a coitadinha de minha mãe; e se cansou dela, antes mesmo de eu ser desmamada... apesar de que tiveram de esperar por mim só oito meses! Mas, enfim... você não é um Spicer, meu caro; sorte sua e de May. Só minha pobre Ellen carrega esse sangue ruim; os outros são Mingott exemplares”, disse a velha senhora com desdém.

Sentada ao lado da avó, madame Olenska observava Archer atentamente. E com imensa doçura declarou, já sem nenhuma alegria no olhar: “Com certeza nós duas vamos conseguir convencê-los a fazer a vontade dele, vovó”.

O rapaz se levantou para sair e, ao tocar a mão da condessa, percebeu que ela esperava alguma menção à carta que ficara sem resposta.

“Quando poderei vê-la?”, perguntou, quando ela o acompanhou até a porta.

“Quando você bem entender; mas precisa ser logo, se quiser ver de novo aquela casinha. Vou me mudar semana que vem.”

Archer sentiu uma dor aguda ao lembrar-se das horas que passara na sala de teto baixo, mal iluminada. Havia sido poucas, mas estavam carregadas de recordações.

“Amanhã à noite?”

“Sim, amanhã; mas cedo. Eu vou sair.”

O dia seguinte era domingo; e, se ela ia “sair” no domingo à noite, naturalmente só podia ser para ir à casa de Mrs. Lemuel Struthers. Archer se irritou, não tanto por ela ir lá (pois gostava que fosse aonde se sentia bem, apesar dos Van der Luyden), mas por ser o tipo de casa onde com certeza encontraria Beaufort, onde já sabia que o encontraria — e aonde provavelmente iria para encontrá-lo.

“Muito bem; amanhã à noite”, concordou, decidido a não chegar cedo e, assim, ou impedi-la de ir à casa de Mrs. Struthers, ou aparecer depois que ela já tivesse saído — o que, tudo somado, sem dúvida seria a solução mais simples.

No entanto, levado por uma singular inquietação, acabou tocando a campainha sob a glicínia às oito e meia, trinta minutos antes do que pretendia. Pensou, porém, que as noitadas dominicais na casa de

Mrs. Struthers não eram um baile e que, para minimizar seu delito, os convidados geralmente chegavam cedo.

Só não esperava deparar com chapéus e agasalhos no saguão. Por que ela lhe pedira para ir cedo, se tinha convidados para o jantar? Contudo, quando examinou com mais atenção as peças que ali estavam, e junto às quais Nastasia colocou as suas, seu ressentimento cedeu lugar à curiosidade. Os agasalhos eram, de fato, os mais estranhos que já tinha visto numa casa civilizada. E bastou-lhe um olhar para assegurar-se de que nenhum deles pertencia a Julius Beaufort. Um era um *ulster*⁶ amarelo, felpudo, que não parecia feito sob medida; o outro, uma capa muito velha, cor de ferrugem — semelhante ao que os franceses chamavam de “Macfarlane”⁷ —, devia ser de um homem enorme e apresentava sinais evidentes de uso intenso; suas dobras negro-esverdeadas desprendiam um cheiro de serragem molhada que sugeria prolongada permanência nas paredes dos bares. Junto a essa capa havia um esfarrapado cachecol cinzento e um esquisito chapéu de feltro semiclerical.

Com as sobrancelhas inquisitivamente erguidas, Archer olhou para Nastasia, que, imitando-o, murmurou um fatalista “*Già!*”, enquanto abria a porta da sala.

Imediatamente ele constatou que a dona da casa não estava ali; depois se surpreendeu ao ver uma senhora junto à lareira. Alta, magra, um tanto mal-ajambrada, ela usava uma roupa cheia de laços e franjas, com xadrezes e listras e faixas coloridas formando um desenho que não fazia o menor sentido. Um pente espanhol e uma mantilha de renda negra encimavam-lhe o cabelo, que tentara branquear e só conseguira desbotar; e umas luvas de seda, visivelmente cerzidas, cobriam-lhe as mãos reumáticas.

Ao lado dela, em meio a uma nuvem de fumaça de charuto e ainda em trajes matinais,⁸ estavam os proprietários dos agasalhos. Um deles era Ned Winsett (o que constituiu uma surpresa para Archer); o outro, um homem mais velho, cujo corpanzil indicava ser o dono do “Macfarlane”, tinha uma cabeça vagamente leonina e uma cabeleira grisalha toda desgrenhada e movia os braços com gestos que

sugeriam patadas, como se estivesse distribuindo bênçãos a uma multidão ajoelhada.

De pé no tapete da lareira, essas três pessoas contemplavam um imenso buquê de rosas carmesim que tinha na base um ramallete de amores-perfeitos e estava no sofá habitualmente ocupado pela anfitriã.

“O que devem ter custado, nesta época do ano... se bem que o que importa é o sentimento, claro”, suspirava a senhora, quando Archer entrou.

Os três se mostraram surpresos com sua chegada, e a senhora se adiantou para estender-lhe a mão.

“Caro Mr. Archer... quase meu sobrinho Newland!”, exclamou. “Sou a marquesa Manson.”

O rapaz lhe fez uma pequena reverência, e ela prosseguiu: “Minha Ellen me hospedou por uns dias. Vim de Cuba, onde estava passando o inverno com amigos espanhóis... pessoas encantadoras, muito distintas, da mais alta nobreza castelhana... gostaria que os conhecesse! Mas fui chamada por nosso querido e grande amigo aqui presente, o dr. Agathon Carver, fundador da Comunidade do Vale do Amor”.⁹

O homenzarrão inclinou sua cabeça leonina, e a dama continuou: “Ah, Nova York... Nova York... pouco dada à vida do espírito! Mas vejo que o senhor conhece Mr. Winsett”.

“Ah, sim... *eu* o conheço já há algum tempo”, Winsett falou com seu sorriso seco; “mas não por esse caminho.”

A marquesa abanou a cabeça, demonstrando desaprovação. “Como é que o senhor sabe? O espírito sopra onde quer.”

“Ah, onde quer...!”, o dr. Carver murmurou.

“Mas sente-se, Mr. Archer. Nós quatro jantamos muito bem, e minha menina subiu para se vestir. Ela está esperando o senhor; já vai descer. Estávamos admirando essas flores maravilhosas, que vão ser uma surpresa para ela.”

Winsett permaneceu de pé. “Eu tenho de ir. Por favor, diga a madame Olenska que todos nos sentiremos perdidos quando ela abandonar nossa rua. Esta casa tem sido um oásis.”

“Ah, mas ela não vai abandonar o *senhor*. Poesia e arte são sopro de vida para ela. É poesia que o senhor escreve, não é?”

“Bom, não; mas às vezes leio poesia”, Winsett informou e, despedindo-se de todos com um só gesto, deixou a sala.

“Um espírito cáustico... *un peu sauvage*.¹⁰ Mas tão original; não o acha original, dr. Carver?”

“Não estou interessado em originalidade”, o homenzarrão respondeu num tom severo.

“Ah... ah... não está interessado em originalidade! Como ele é impiedoso com os pobres mortais, Mr. Archer! Vive só no plano do espírito; e hoje está preparando mentalmente a palestra que vai dar na casa de Mrs. Blenker. Dr. Carver, será que tem um tempinho para explicar a Mr. Archer sua esclarecedora descoberta do Contato Direto?¹¹ Acho que não; já são quase nove horas, e não temos o direito de segurá-lo, quando tanta gente está aguardando sua mensagem.”

O dr. Carver pareceu ligeiramente desapontado com essa conclusão, mas, tendo comparado seu pesado relógio de ouro com o pequeno relógio de viagem de madame Olenska, preparou-se para partir.

“Vou vê-la mais tarde, querida amiga?”

“Assim que a carruagem de Ellen chegar, vou para lá”, a marquesa respondeu, sorridente. “Espero que a palestra ainda não tenha começado.”

O dr. Carver olhou pensativamente para Archer. “Se este jovem estiver interessado em minhas experiências, Mrs. Blenker não deve se importar que você o leve.”

“Ah, querido amigo, se for possível... tenho certeza de que ela há de ficar muito contente. Mas acho que Ellen está contando com Mr. Archer.”

“Que pena... mas aqui está meu cartão.” O dr. Carver entregou ao rapaz um cartão com letras góticas:

Agathon Carver
Vale do Amor

Kittasquattamy, N. D.

Depois, despediu-se com uma pequena reverência; e com um suspiro que tanto podia ser de pesar como de alívio, Mrs. Manson fez sinal para Archer sentar-se.

“Ellen já vai descer; estou contente de ficar a sós com você por um momento.”

O jovem murmurou seu prazer em conhecê-la, e ela prosseguiu, entre suspiros: “Sei de tudo... minha menina me contou tudo que o senhor tem feito por ela. Seu sábio conselho, sua corajosa firmeza... graças a Deus não era tarde demais!”

Foi embaraçoso para Archer ouvir isso. E ele se perguntou se havia alguém que ainda não soubesse de sua intervenção nos assuntos particulares de madame Olenska.

“Exagero de madame Olenska; eu só lhe dei um parecer jurídico, como ela me pediu.”

“Ah, mas com isso... com isso o senhor foi o instrumento inconsciente da... da... como é que nós, modernos, chamamos a Providência?”, disse a dama, inclinando a cabeça para o lado e baixando as pálpebras com ar de mistério. “O senhor não podia saber que, naquele exato momento, havia uma pessoa me pedindo ajuda... suplicando ajuda, na verdade... do outro lado do Atlântico!”

Ela olhou por cima do ombro, como se temesse que a ouvissem, aproximou a poltrona e, escondendo a boca com um pequeno leque de marfim, cochichou: “Era o conde... meu pobre Olenski insensato só quer tê-la de volta nas condições que ela estabelecer”.

“Santo Deus!” Archer levantou-se de um salto.

“Está horrorizado? Claro; eu entendo. Não defendo o pobre Stanislas, apesar de que ele me considera sua melhor amiga. Ele mesmo não se defende... ele se ajoelha aos pés dela: por meu intermédio. A carta dele está aqui”, a marquesa completou, batendo no peito magro.

“Carta? Madame Olenska já a leu?”, o rapaz balbuciou, atordoadado com o impacto da informação.

Mrs. Manson balançou a cabeça. “Tempo... tempo; preciso de tempo. Conheço minha Ellen... orgulhosa, voluntariosa... por que não

dizer?... um pouquinho rancorosa.”

“Mas, santo Deus, perdoar é uma coisa; voltar para aquele inferno...”

“Ah, sim”, a dama concordou. “É assim mesmo que ela fala... tão sensível! Mas, em termos materiais, se a gente parar para pensar... o senhor sabe do que ela está abrindo mão? Aquelas rosas ali no sofá... são milhares, em estufas e a céu aberto, naqueles fantásticos jardins suspensos que ele tem em Nice! Joias... pérolas históricas... as esmeraldas Sobieski... zibelinas... Mas ela não liga para nada disso! Só liga para arte e beleza, só vive para arte e beleza, como eu sempre vivi, e estive rodeada de arte e beleza. Quadros, móveis de valor inestimável, música, conversação brilhante... ah, desculpe, meu caro, mas vocês aqui não fazem ideia do que seja isso! E minha Ellen tinha tudo isso; e as homenagens dos grandes. Ela me disse que não a acham bonita em Nova York... Santo Deus! Já lhe pintaram o retrato nove vezes; os maiores pintores europeus imploraram esse privilégio. Isso não vale nada? E o remorso de um marido apaixonado?”

À medida que seu discurso se aproximava do clímax, seu rosto assumia uma expressão de êxtase que o jovem acharia hilariante se não estivesse tão pasmo.

Se lhe tivessem dito que a pobre Medora Manson lhe apareceria pela primeira vez como mensageira do diabo, ele teria rido; mas agora não sentia a menor vontade de rir e a via como se tivesse saído diretamente do inferno do qual Ellen Olenska acabara de fugir.

“Ela ainda não sabe disso?”, perguntou abruptamente.

A marquesa levou aos lábios um dedo roxo. “Não... mas será que desconfia? Quem sabe? A verdade é que eu estava ansiosa para falar com o senhor. Desde o momento em que soube de sua posição firme e de sua influência sobre ela, eu tinha a esperança de contar com seu apoio... de convencê-lo...”

“De que ela deve voltar? Prefiro vê-la morta!”, Archer exclamou com veemência.

“Ah”, Mrs. Manson murmurou, sem demonstrar ressentimento. E permaneceu sentada em sua poltrona, abrindo e fechando o absurdo leque de marfim entre os dedos enluvados; de repente, porém, ergueu a cabeça e apurou os ouvidos.

“Aí vem ela”, sussurrou e, apontando o buquê no sofá, disse:
“Devo entender que o senhor prefere *isso*? Afinal, casamento é casamento... e minha sobrinha ainda é uma mulher casada...”

“O que é que vocês dois estão tramando?”, madame Olenska perguntou, ao entrar na sala. Estava vestida como se fosse a um baile. Tudo nela reluzia suavemente, como se chamadas de vela formassem o tecido de seu traje; e sua cabeça se mantinha erguida, como a de uma bela mulher desafiando uma sala cheia de rivais.

“Estávamos dizendo que você vai ter uma linda surpresa”. Mrs. Manson levantou-se e indicou as flores com uma expressão marota.

Madame Olenska se deteve e olhou para o buquê. Não mudou de cor, mas uma espécie de clarão branco de raiva percorreu-a como um relâmpago numa chuva de verão. “Ah”, exclamou, numa voz aguda que Archer nunca tinha escutado, “quem terá sido tão ridículo a ponto de me mandar um buquê? Por que um buquê? E por que justamente hoje? Eu não vou a nenhum baile; não estou noiva. Mas algumas pessoas são sempre ridículas.” Voltou atrás, abriu a porta e chamou: “Nastasia!”.

A ubíqua criada atendeu prontamente, e a patroa ordenou-lhe em italiano, falando bem devagar como se quisesse que o visitante entendesse: “Pegue... jogue no lixo!”. E, como Nastasia hesitasse, corrigiu-se: “Não... as pobres flores não têm culpa. Mande o menino levá-las à casa de Mr. Winsett, o senhor moreno que jantou aqui; é a terceira depois da minha. A mulher dele está doente... pode ser que as flores lhe deem alguma alegria... O quê? O menino saiu? Então, vá você mesma, minha cara; tome, ponha minha capa e vá correndo.

Quero que essa coisa suma daqui imediatamente! E não diga a ninguém que fui eu que mandei!”

Jogou sua capa de veludo sobre os ombros da empregada e, tão logo ela saiu, fechou a porta e voltou para a sala. Parecia prestes a chorar, o busto arfando sob a renda do vestido; porém, ao contrário, desatou a rir e, olhando para a tia e para Archer, perguntou abruptamente: “E vocês dois... já se tornaram amigos?”.

“Cabe ao cavalheiro responder, meu bem; ele esperou pacientemente, enquanto você estava se arrumando.”

“Sim... demorei bastante: o cabelo me deu muito trabalho”, a condessa explicou, levantando a mão para tocar os cachos presos num *chignon*. “Mas estou vendo que o dr. Carver foi embora; você vai chegar atrasada à reunião na casa das Blenker. Mr. Archer, poderia levar minha tia até a carruagem?”

Acompanhou os dois até o saguão, onde ajudou a marquesa a calçar as galochas e colocar uma mistura de xales e cachecóis, e avisou: “Lembre-se: preciso da carruagem às dez!”. Depois, voltou para a sala, onde o rapaz a encontrou de pé junto à lareira, olhando-se no espelho. Na sociedade nova-iorquina, uma senhora não costumava dirigir-se à empregada como “minha cara”, nem mandá-la fazer alguma coisa na rua envolta em sua própria capa. E, em meio a seus sentimentos mais profundos, ele saboreou a deliciosa empolgação de estar num mundo em que a ação decorria da emoção numa velocidade olímpica.

Madame Olenska não se moveu quando ele se aproximou, e por um segundo seus olhos se encontraram no espelho; então, ela se virou, sentou-se no canto do sofá e suspirou: “Ainda dá tempo para fumar um cigarro”.

Ele lhe passou a cigareira e acendeu-lhe o cigarro com um tição. O reflexo da brasa espalhou-se por seu rosto, e ela perguntou, fitando-o com olhos sorridentes: “O que acha de mim, quando estou zangada?”.

Archer demorou um instante para responder com repentina determinação: “Eu entendo o que sua tia estava me contando sobre você”.

“Eu sabia que ela estava falando de mim. E então?”

“Ela disse que você estava acostumada com todo tipo de coisa... esplendor, divertimento, agitação... que aqui nunca poderíamos lhe proporcionar.”

A condessa sorriu vagamente em meio ao círculo de fumaça que lhe contornava os lábios.

“Medora é uma romântica incorrigível. O que lhe tem servido de compensação para muitas coisas!”

O jovem novamente hesitou e mais uma vez se arriscou. “O romantismo de sua tia é sempre compatível com a realidade?”

“Você quer saber se ela fala a verdade? Bom, em quase tudo que ela fala há algo de verdadeiro e algo de não verdadeiro. Mas por que me pergunta isso? O que ela andou lhe dizendo?”

Archer olhou para o fogo e depois para a reluzente presença da anfitriã. Sentia o coração apertar-se ao pensar que essa era sua última noite junto a esse fogo e que logo a carruagem estaria de volta para levá-la.

“Que o conde Olenski lhe pediu para convencer você a voltar para ele.”

Madame Olenska não respondeu. Continuou sentada, imóvel, segurando a cigarreira. A expressão de seu rosto não se alterou; e Archer lembrou que já havia percebido sua aparente incapacidade de surpreender-se.

“Então você sabia?”

Ela permaneceu em silêncio e imóvel por tanto tempo que a cinza lhe caiu do cigarro. “Coitadinha! Aludiu a uma carta... As alusões de Medora...”

“Foi a pedido de seu marido que ela veio?”

Mais uma vez ela demorou a responder, refletindo sobre a pergunta. “Não sei. Ela me disse que recebeu uma ‘intimação espiritual’, seja lá o que for, do dr. Carver. Receio que vá se casar com ele... Pobre Medora, está sempre querendo se casar com alguém. Mas pode ser que o pessoal de Cuba tenha se cansado dela! Acho que a tinham lá como uma espécie de acompanhante. Não sei realmente por que ela veio.”

“Mas você acredita que ela tem uma carta de seu marido?”

Seguiu-se mais um instante de silenciosa reflexão. “Era de se esperar”, ela disse por fim.

O rapaz levantou-se e foi apoiar-se na lareira. Sentiu-se tomado de súbita inquietação, incapaz de falar, ciente de que seus minutos estavam contados e a qualquer momento ouviria as rodas da carruagem.

“Sabe que sua tia acredita que você vai voltar?”

Madame Olenska prontamente ergueu a cabeça. Um profundo rubor cobriu-lhe o rosto e se espalhou pelo pescoço e pelos ombros. Seus rubores eram raros e dolorosos como queimaduras.

“Acredita-se em muita coisa horrível a meu respeito”, murmurou.

“Ah... perdoe-me. Sou um bobo, um bruto!”

Ela sorriu. “Você está muito nervoso; você tem seus próprios problemas. Eu sei que você acha que os Welland não estão sendo razoáveis em relação a seu casamento e concordo com você. Os europeus não entendem os longos noivados americanos; acho que não são tão calmos quanto nós.” A ligeira ênfase com que pronunciou a palavra “nós” conferiu-lhe um tom irônico.

Archer percebeu a ironia, mas não se atreveu a adotá-la. Achou que ela mudara o rumo da conversa propositalmente, para não falar dos próprios problemas, e, tendo-a magoado com suas últimas palavras, só lhe restava respeitar essa mudança. Desesperava-se, porém, com a fugacidade do tempo e não suportava pensar que uma barreira de palavras novamente se ergueria entre ambos.

“Fui até a Flórida pedir a May para nos casarmos depois da Páscoa”, disse abruptamente. “Não há nada que nos impeça.”

“E May adora você... Mesmo assim, não conseguiu convencê-la? Pensei que ela fosse inteligente demais para ser escrava de superstições absurdas.”

“Ela é inteligente demais... e não é escrava de superstições.”

A condessa o fitou. “Bom, então... não entendo.”

O jovem corou e apressou-se a explicar: “Tivemos uma conversa franca... praticamente a primeira. Ela acha que minha impaciência é um mau sinal”.

“Deus do céu... mau sinal?”

“Acha que mostra que não acredito que vou continuar gostando dela. Em suma, acha que quero casar logo para fugir de alguém de quem... gosto mais.”

Madame Olenska refletiu sobre isso com curiosidade. “Mas, se é isso que ela pensa... também devia estar com pressa.”

“Ela não é assim; ela é muito mais nobre. Insiste ainda mais no noivado longo para me dar tempo...”

“Tempo para deixá-la por outra mulher?”

“Se eu quiser.”

Ela se inclinou e contemplou o fogo com olhos fixos. Na rua silenciosa, seus cavalos se fizeram ouvir, aproximando-se da casa.

“É uma atitude nobre”, comentou, a voz ligeiramente hesitante.

“Mas é ridícula.”

“Ridícula? Porque você não gosta de outra?”

“Porque não pretendo me casar com outra.”

“Ah.” Seguiu-se mais uma longa pausa. Por fim, ela o fitou e perguntou. “Essa outra... ama você?”

“Ah, não existe outra; quer dizer, a pessoa em quem May estava pensando... nunca...”

“Então, por que você tem tanta pressa?”

“Sua carruagem chegou.”

A condessa olhou em torno com olhos ausentes e maquinalmente pegou o leque e as luvas que estavam no sofá.

“Está na hora de ir.”

“À casa de Mrs. Struthers?”

“Sim.” Ela sorriu e acrescentou: “Preciso ir aonde me convidam para não ficar sozinha demais. Não quer vir comigo?”

Archer sentiu que precisava mantê-la a seu lado a todo custo, precisava fazê-la dar-lhe o resto da noite. Ignorando sua pergunta, continuou apoiado na lareira, os olhos cravados na mão que segurava as luvas e o leque, como se quisesse verificar se tinha o poder de fazê-la derrubar esses objetos.

“May descobriu a verdade”, informou. “Existe outra... mas não é quem ela pensa.”

Ellen Olenska não abriu a boca, não se moveu. Um instante depois, ele se sentou a seu lado e, tomando-lhe a mão, abriu-a

delicadamente, de modo que as luvas e o leque caíram no sofá.

Ela se levantou de um salto e, libertando a mão, foi para junto da lareira. “Ah, não me corteje!”, pediu, a testa franzida. “Muitos já me cortejaram.”

O rapaz mudou de cor e também se levantou: não poderia ter sido mais duramente repreendido. “Nunca cortejei você e nunca vou cortejá-la”, declarou. “Mas você é a mulher com quem eu me casaria, se fosse possível”.

“Se fosse possível...?” Ela estava francamente perplexa. “E você diz isso... quando foi você mesmo que tornou impossível?”

Ele a fitou, tateando numa escuridão cortada por um único e ofuscante raio de luz.

“*Eu* tornei impossível...?”

“Sim, você, você, *você!*”, ela gritou, os lábios trêmulos como os de uma criança a ponto de chorar. “Não foi você que me convenceu a desistir do divórcio... desistir, porque me mostrou que era egoísmo, que é preciso sacrificar o eu para preservar a dignidade do casamento... e para poupar a família do escândalo? E porque minha família seria sua família... por May e por você... eu fiz o que você me disse para fazer, o que você me mostrou que eu devia fazer. Ah”, ela riu subitamente, “não escondi de ninguém que o fiz por você!”

Novamente afundou no sofá, encolhendo-se entre as festivas dobras do vestido como se tivesse sido golpeada.

E o jovem permaneceu junto à lareira, imóvel, fitando-a. “Santo Deus”, gemeu. “Quando pensei...”

“Você pensou?”

“Ah, não me pergunte o que pensei!”

Sempre fitando-a, Archer viu o mesmo rubor ardente subir-lhe pelo pescoço e invadir-lhe o rosto.

Ela se aprumou e encarou-o com rígida dignidade. “Estou perguntando.”

“Bom, então: aquela carta que você me deu para ler continha coisas...”

“A carta de meu marido?”

“Sim.”

“Não tenho nada a temer em relação àquela carta: absolutamente nada! Tudo que eu temia era expor a família... você e May... ao escândalo.”

“Santo Deus”, ele gemeu novamente, cobrindo o rosto com as mãos.

O silêncio que se seguiu caiu sobre eles com o peso do definitivo e irrevogável. Archer o sentiu esmagá-lo como a lápide de sua própria tumba e não vislumbrou em todo o vasto futuro nada que um dia pudesse remover-lhe esse fardo do coração. Não saiu do lugar, não tirou as mãos do rosto; com os olhos cobertos continuou contemplando a mais densa escuridão.

“Pelo menos amei você...”, murmurou.

Então, ouviu um choro sufocado como o de uma criança, lá, no outro lado da lareira, no canto do sofá onde imaginava que ela ainda estivesse encolhida. Sobressaltado, aproximou-se.

“Ellen! Que loucura! Por que está chorando? Não há nada que não possa ser desfeito. Ainda sou livre, e você vai ser.” Abraçou-a, o rosto dela uma flor úmida em contato com seus lábios, e todos os vãos terrores de ambos se dissiparam como fantasmas ao amanhecer. A única coisa que o surpreendia agora era ter passado cinco minutos discutindo com ela desde o outro lado da sala, quando apenas tocá-la tornava tudo tão simples.

Ela lhe devolveu o beijo, mas, um instante depois, ficou rígida em seus braços, afastou-o e levantou-se.

“Ah, meu pobre Newland... acho que tinha de acontecer. Mas isso não muda nada”, falou, junto à lareira.

“Muda toda a minha vida.”

“Não, não... não deve, não pode. Você está noivo de May Welland; e eu sou casada.”

Archer também se levantou, ruborizado e resoluto. “Tolice! É tarde demais para esse tipo de coisa. Não temos o direito de mentir para os outros, nem para nós mesmos. Não vamos falar de seu casamento; mas você me imagina casando com May, depois disso?”

A condessa permaneceu em silêncio, os cotovelos apoiados na lareira, o perfil refletido no espelho a suas costas. Um cacho se

desprendera do *chignon* e pendia-lhe sobre a nuca; ela parecia cansada, quase velha.

“Não o imagino perguntando isso a May”, disse por fim. “E você?”

O rapaz deu de ombros. “É tarde demais para outra coisa.”

“Você diz isso porque é o que há de mais fácil para dizer neste momento... não porque seja verdade. Na realidade, é tarde demais para qualquer coisa que não seja o que nós dois decidimos.”

“Ah, eu não entendo você!”

Ela esboçou um sorriso deplorável que lhe contraiu o rosto, ao invés de relaxá-lo. “Não entende, porque ainda não se deu conta de como mudou as coisas para mim: ah, desde o começo... muito antes de eu saber de tudo que você fez.”

“Tudo que eu fiz?”

“Sim. A princípio, não percebi que as pessoas desconfiavam de mim... tinham medo de mim. Parece que até se recusaram a me conhecer num jantar. Eu soube disso depois; e soube que você foi com sua mãe à casa dos Van der Luyden; e que você insistiu em anunciar seu noivado no baile dos Beaufort para que eu pudesse ter a defesa de duas famílias, em vez de uma...”

Archer riu.

“Veja como fui boba e distraída!”, ela prosseguiu. “Só fiquei sabendo de tudo isso quando a vovó inadvertidamente me contou. Para mim Nova York era sinônimo de paz e liberdade: era o lar. E eu estava tão feliz entre meu povo que todo mundo que eu conhecia me parecia gentil e bom e contente por me ver. Mas desde o início percebi que ninguém era tão gentil como você; ninguém me deu motivos que eu entendesse para fazer o que a princípio parecia tão difícil e... desnecessário. As pessoas ótimas não me convenceram; senti que nunca haviam sido tentadas. Mas você sabia; você entendeu; você viu o mundo lá fora puxando as pessoas com suas mãos douradas... e no entanto odiava as coisas que ele exigia; odiava a felicidade comprada com deslealdade, com crueldade, com indiferença. É algo que eu não conhecia... e é melhor do que qualquer coisa que já conheci.”

Falou numa voz baixa e monótona, sem lágrimas, sem agitação evidente; e cada palavra que lhe saía dos lábios caía no coração de seu interlocutor como chumbo derretido. Ele se sentou, as costas curvadas, a cabeça entre as mãos, os olhos fixos no tapete da lareira e na ponta do sapato de cetim sob a bainha do vestido. De repente, ajoelhou-se e beijou o sapato.

A condessa se inclinou, pousou as mãos em seus ombros e fitou-o com um olhar tão profundo que o imobilizou.

“Ah, não vamos desfazer o que você fez!”, exclamou. “Não posso mais pensar como antes. Só posso amá-lo se renunciar a você.”

Ao ver que os braços dele a buscavam, ansiosos, recuou, porém continuou encarando-o, só que agora os separava a distância que suas palavras haviam criado. Então, abruptamente, Archer explodiu.

“E Beaufort? É ele que vai me substituir?”

Estava preparado para uma resposta furiosa e até a desejava: seria o combustível para sua própria ira. Entretanto, ela apenas empalideceu um pouco mais e permaneceu com os braços caídos, a cabeça ligeiramente inclinada, na posição que assumia quando ponderava uma questão.

“Beaufort está esperando você na casa de Mrs. Struthers; por que não vai encontrá-lo?”, o jovem perguntou com desdém.

Madame Olenska se voltou para tocar a sineta e ordenar à criada: “Hoje não vou sair; mande o cocheiro buscar a *signora marchesa*”.

A porta se fechou, e Archer continuou fitando-a com um olhar amargo. “Por que esse sacrifício? Sabendo de sua solidão, não tenho o direito de afastá-la de seus amigos.”

Ela sorriu, os olhos marejados. “Agora não estou sozinha. Eu *estava* sozinha; eu *estava* com medo. Mas o vazio e a escuridão desapareceram; agora, quando volto para dentro de mim mesma, sou como uma criança entrando à noite num quarto onde sempre há uma luz.”

O tom de voz e o olhar ainda a revestiam de uma delicada inacessibilidade, e ele novamente exclamou: “Eu não entendo você!”

“Mas entende May!”

Archer corou, porém continuou fitando-a. “May está disposta a renunciar a mim.”

“O quê! Três dias depois que você lhe implorou que antecipasse o casamento?”

“Ela se recusou; o que me dá o direito...”

“Ah, você me mostrou como essa palavra é feia.”

Ele desviou o olhar. Sentia-se terrivelmente cansado, como se tivesse lutado durante horas para escalar uma encosta íngreme, e agora, chegando ao topo, perdia seu ponto de apoio e mergulhava de cabeça na escuridão.

Se pudesse tomá-la nos braços novamente, talvez conseguisse demolir seus argumentos; mas a inescrutável altivez de seu olhar e de sua postura e a admiração que sua sinceridade lhe inspirava mantinham-no à distância. Por fim, tentou mais uma vez: “Se fizermos isso agora, vai ser pior depois... pior para todos...”.

“Não... não... não!”, ela quase gritou, como se estivesse assustada.

Nesse momento a campainha ressoou pela casa. Não tinham escutado nenhum barulho de carruagem e permaneceram imóveis, entreolhando-se com temor.

Ouviram os passos de Nastasia no corredor e o ruído da porta que se abria. Um instante depois, a criada entrou na sala para entregar um telegrama.

“A senhora ficou muito feliz com as flores”, informou, alisando o avental. “Pensou que tinha sido o *signor marito* que as mandou, e chorou um pouco, e falou que era uma loucura.”

A patroa sorriu e pegou o envelope amarelo. Abriu-o e aproximou-o da luz; depois, quando a porta se fechou, deu o telegrama para Archer ler.

Datado de St. Augustine e endereçado à condessa Olenska, dizia: “Telegrama vovó funcionou. Papai mamãe concordam casamento após Páscoa. Estou telegrafando Newland. Estou feliz demais. Amo você. Obrigada. May”.

* * *

Meia hora mais tarde, Archer entrou em casa e encontrou um envelope semelhante na mesa do saguão, sobre uma pilha de bilhetes e cartas. A mensagem também era de May: “Pais consentem casamento terça-feira após Páscoa doze horas igreja Graça oito damas honra favor falar pároco feliz amor May”.

Archer amassou o papel amarelo, como se com esse gesto pudesse cancelar a notícia que continha. Depois, pegou sua pequena agenda e folheou-a com dedos trêmulos, porém não encontrou o que buscava; então, enfiou o telegrama no bolso e subiu a escada.

Vendo luz no cômodo que Janey usava como quarto de vestir e *boudoir*, bateu na porta com impaciência. Ela apareceu com seu imemorial penhoar de flanela roxa e papelotes no cabelo. Estava pálida e apreensiva.

“Newland! Tomara que não tenha recebido más notícias. Eu estava esperando você, para o caso de...” (Não havia correspondência que lhe escapasse.)

Como se não tivesse escutado, ele perguntou: “Quando é a Páscoa?”.

Ela se mostrou chocada com tamanha ignorância. “A Páscoa? Ora essa! No primeiro domingo de abril, é claro. Por quê?”

“No primeiro domingo?” Ele folheou a agenda mais uma vez, calculando rapidamente. “No primeiro domingo?”, repetiu e, jogando a cabeça para trás, soltou uma gargalhada.

“Pelo amor de Deus, qual é o problema?”

“Não há problema nenhum. Vou me casar dentro de um mês.”

Janey abraçou-o, pressionando-o contra o peito envolto na flanela roxa. “Que bom! Estou muito feliz! Mas por que você está rindo? Fique quieto! Vai acordar a mamãe.”

LIVRO II

O dia estava fresco, o vento de primavera soprando com vigor, carregado de poeira. Todas as senhoras idosas de ambas as famílias tiraram do armário suas zibelinas desbotadas e seus arminhos amarelados, e o cheiro de cânfora¹ que emanava dos primeiros bancos quase encobria o suave perfume primaveril dos lírios que adornavam o altar.

A um sinal do sacristão, Newland Archer deixou a sacristia e posicionou-se ao lado do padrinho no degrau da capela-mor da igreja da Graça.

O sinal indicava que a carruagem que levava a noiva e seu pai se aproximava; mas certamente haveria uma considerável demora para acertos e conselhos no átrio, onde as damas de honra já se agrupavam como um buquê de flores. Durante esse intervalo inevitável, o noivo, como prova de sua ansiedade, devia expor-se sozinho ao olhar de toda a congregação; e Archer se resignara a essa formalidade como a todas as outras que faziam de uma cerimônia nupcial na Nova York oitocentista um rito que parecia pertencer aos primórdios da história. Tudo era igualmente fácil — ou igualmente doloroso, segundo o ponto de vista — no caminho que decidira trilhar, e ele obedeceu às nervosas injunções do padrinho com o mesmo empenho com que outros noivos obedeceram às suas, quando os guiou pelo mesmo labirinto.

Até o momento, estava razoavelmente seguro de ter cumprido todas as suas obrigações. Conseguira enviar no devido prazo os oito buquês de lilases brancos e lírios-do-vale das damas de honra, assim como as abotoaduras de ouro e safira de seus oito acompanhantes e o alfinete de gravata de olho-de-gato² do padrinho; passara a metade da noite tentando modificar os termos de seus agradecimentos pelo último lote de presentes que recebera de amigos e ex-amantes; sabia que a remuneração do bispo e do pároco estava no bolso do padrinho; já deixara sua bagagem e sua roupa de viagem na casa de Mrs. Manson Mingott, onde teria lugar o desjejum nupcial; e reservara uma cabine privativa no trem que o levaria com sua jovem esposa a destinação desconhecida — manter segredo sobre o local da noite de núpcias era um dos tabus mais sagrados do pré-histórico ritual.

“Trouxe a aliança?”, cochichou o jovem Van der Luyden Newland, inexperiente na função de padrinho e apavorado com o peso da responsabilidade.

Archer fez o mesmo gesto que vira tantos noivos fazerem: apalpou o bolso do colete cinza-escuro e constatou que o pequeno aro de ouro (com a inscrição: *Newland para May, abril, 187...*) ali estava; depois, retomando a postura anterior, a cartola e as luvas cinza-pérola com pespontos pretos na mão esquerda, voltou a olhar para a porta da igreja.

A marcha de Händel³ ecoou pomposamente pela abóbada de pedra, transportando em suas ondas sonoras as esmaecidas lembranças dos muitos casamentos em que, com alegre indiferença, ele se postara no mesmo degrau, vendo outras noivas deslizarem pela nave em direção a outros noivos.

“Parece noite de gala na ópera!”, pensou, reconhecendo os mesmos rostos nos mesmos camarotes (não: bancos) e perguntando-se se, quando soasse a trombeta do Juízo Final, lá estariam Mrs. Selfridge Merry com as mesmas plumas de avestruz no chapéu e Mrs. Beaufort com os mesmos brincos de diamante e o mesmo sorriso — e se as poltronas da primeira fila já as esperavam no outro mundo.

Ainda tinha tempo para correr os olhos pelos rostos conhecidos: os das mulheres, ardendo de curiosidade e entusiasmo; os dos homens, expressando aborrecimento com a obrigação de usar sobrecasaca antes do almoço e disputar comida no desjejum nupcial.

“É uma pena que o desjejum seja na casa da velha Catherine”, imaginou Reggie Chivers reclamando. “Mas me disseram que Lovell Mingott fez questão de que seu próprio *chef* o preparasse, de maneira que deve estar bom, para quem conseguir se servir.” Também imaginou Sillerton Jackson retrucando com autoridade: “Meu caro, então não está sabendo? Vai ser servido em mesas pequenas, conforme a nova moda inglesa”.

Seus olhos se demoraram por um instante no banco da esquerda, onde sua mãe, que entrara pelo braço de Mr. Henry van der Luyden, chorava sob o véu de renda Chantilly,⁴ com as mãos no regalo de arminho de sua bisavó.

“Pobre Janey”, Archer pensou, olhando para a irmã; “mesmo virando a cabeça de um lado para o outro, só consegue ver as pessoas dos primeiros bancos; que são, na maioria, Newland e Dagonet malvestidos.” Do outro lado da fita branca que separava os assentos reservados às famílias, avistou Beaufort, alto e corado, observando as mulheres com seu olhar arrogante. Acompanhava-o sua esposa, toda de chinchila prateada e violetas; e no outro extremo, a cabeça reluzente de Lawrence Lefferts parecia montar guarda à invisível divindade do “Bom-Tom”, que presidia a cerimônia.

Archer imaginou quantas falhas os olhos penetrantes de Lefferts detectariam no ritual dessa divindade; depois, lembrou que, no passado, também dera importância a tais coisas. Agora via o que na época preenchia seus dias como uma paródia infantil da vida ou como as polêmicas de estudiosos medievais a respeito de termos metafísicos que ninguém jamais entendera. Uma acirrada discussão sobre “mostrar” ou não os presentes de casamento perturbara as horas que antecederam a cerimônia; e pareceu-lhe inconcebível que pessoas adultas ficassem tão alvoroçadas por causa dessas ninharias e que a questão fosse resolvida (na forma negativa) pelo comentário de uma chorosa e indignada Mrs. Welland: “Daqui a pouco vou ter

repórteres zanzando pela casa”. No entanto, houve um tempo em que Archer tinha opiniões definidas e até agressivas sobre tais problemas e atribuía significado universal a tudo que se referia a maneiras e costumes de sua pequena tribo.

“Enquanto isso, pessoas de verdade viviam em algum lugar”, pensou, “e coisas de verdade aconteciam na vida delas...”

“*Aí vêm eles!*”, o padrinho anunciou, empolgado; mas o noivo não acreditou.

A cautelosa abertura da porta significava apenas que Mr. Brown, o alquilador (vestido de preto em sua intermitente função de sacristão), estava fazendo um reconhecimento do local antes de mobilizar suas forças. A porta fechou-se em silêncio e algum tempo depois se abriu de novo, agora majestosamente, e um murmúrio percorreu a igreja: “A família!”.

Mrs. Welland foi a primeira a entrar, pelo braço do filho mais velho. Seu rosto grande e corado estampava a solenidade adequada, e seu vestido de cetim cor de ameixa com nexas em azul-claro e as plumas azuis de avestruz em seu pequeno chapéu de cetim receberam a aprovação geral; contudo, antes que ela se sentasse, com um imponente farfalhar, no banco oposto ao de Mrs. Archer, a plateia já esticava o pescoço para ver quem entraria a seguir. Ainda na véspera, correram rumores de que, apesar das limitações físicas, Mrs. Manson Mingott decidira assistir à cerimônia; e a ideia condizia tanto com seu espírito esportivo que sua capacidade ou incapacidade de transpor a nave e espremer-se num banco foi objeto de apostas altas nos clubes. Sabia-se que ela mandara seu carpinteiro estudar a possibilidade de remover a lateral do primeiro banco e medir o espaço entre o assento e a parte da frente; mas o resultado fora desanimador, e durante um dia de ansiedade a família a vira elaborar um plano que consistia em ser conduzida pela nave em sua enorme cadeira de rodas até a borda da capela-mor, onde ficaria entronizada.

A ideia dessa monstruosa exposição de sua pessoa horrorizou os parentes a tal ponto que eles teriam coberto de ouro a engenhosa criatura que subitamente descobriu que a cadeira era larga demais para passar por entre as hastes do toldo estendido desde a porta da igreja até o meio-fio. Remover o toldo e expor a noiva à multidão de

costureiras e repórteres que disputavam um lugar junto às frestas da lona era algo que nem a velha Catherine teria coragem de fazer, embora por um momento chegasse a considerar essa possibilidade. “Ora, eles poderiam tirar uma fotografia de minha menina e *publicá-la nos jornais!*”, Mrs. Welland exclamou, quando soube do último plano da mãe; e todo o clã estremeceu coletivamente ante essa impensável indecência. A matriarca teve de ceder, mas só o fez mediante a promessa de que o desjejum nupcial se realizaria em sua casa, apesar (como disse o pessoal da Washington Square) da dificuldade de combinar um preço especial com Brown para ir àquele fim de mundo, estando tão perto da casa dos Welland.

Embora todas essas negociações tivessem sido amplamente divulgadas pelos Jackson, uma esportiva minoria ainda acreditava que a velha Catherine apareceria na igreja, e a temperatura baixou visivelmente quando se descobriu que a nora a substituiria. Mrs. Lovell Mingott tinha o rubor e o olhar vidrado que o esforço para entrar num vestido novo costuma provocar em senhoras de sua idade e seus hábitos; contudo, uma vez superada a decepção causada pelo não aparecimento de sua sogra, todos concordaram que sua renda Chantilly preta sobre cetim lilás e seu chapéu de violetas de Parma contrastavam lindamente com o azul e o ameixa de Mrs. Welland. Muito diferente foi a impressão causada pela magérrima e afetada criatura que, numa estranha profusão de listras e franjas e echarpes esvoaçantes, surgiu pelo braço de Mr. Mingott; ao vê-la, Archer sentiu o coração apertar-se e até parar de bater.

Estava certo de que a marquesa Manson ainda se encontrava em Washington, para onde fora com a sobrinha havia cerca de quatro semanas. Atribuía-se sua repentina partida ao desejo de madame Olenska de afastar a tia da funesta eloquência do dr. Agathon Carver, que quase conseguira recrutá-la para o Vale do Amor; e, em tais circunstâncias, ninguém esperava que nenhuma das duas comparecesse ao casamento. Por um instante, Archer cravou os olhos na fantástica figura de Medora, esforçando-se para ver quem estava atrás dela; mas o pequeno cortejo chegava ao fim, pois todos os membros menores da família tomaram seus lugares, e os oito acompanhantes do noivo, agrupando-se como passarinhos ou insetos

que se preparam para uma manobra migratória, já entravam no átrio pelas portas laterais.

“Newland... veja: *aí vem ela!*”, o padrinho cochichou.

Archer estremeceu.

Aparentemente fazia muito tempo que seu coração parara de bater, pois o cortejo branco e rosa já estava no meio da nave; o bispo, o pároco e dois acólitos vestidos de branco aguardavam junto ao altar adornado de flores; e os primeiros acordes da sinfonia de Spohr⁵ se espalhavam como flores diante da noiva.

Archer abriu os olhos (mas será que realmente os tinha fechado, como imaginava?) e sentiu que seu coração voltava a funcionar como sempre. A música, o perfume dos lírios no altar, a nuvem de tule e flores de laranjeira que se aproximava mais e mais, o rosto de sua mãe repentinamente convulsionado por soluços de felicidade, a bênção murmurada pelo pároco, as ordenadas evoluções das oito damas de honra vestidas de rosa e de seus oito acompanhantes vestidos de preto: todas essas imagens, esses sons, essas sensações, tão conhecidas em si mesmas, tão indizivelmente estranhas e inexpressivas em sua nova relação com elas, misturavam-se confusamente em seu cérebro.

“Meu Deus, será que estou com as alianças?”, perguntou-se, uma vez mais fazendo o gesto convulsivo dos noivos.

E então, num segundo, May estava a seu lado, irradiando um brilho tão cálido que o tirou de seu torpor e o fez endireitar-se e sorrir.

“Caríssimos, estamos aqui reunidos”, o pároco começou...

A aliança estava no dedo da noiva, o bispo pronunciara a bênção, as damas de honra se preparavam para retomar seu lugar no cortejo e o órgão dava os primeiros sinais de que executaria a marcha de Mendelssohn,⁶ sem a qual os recém-casados nunca saíam de uma igreja em Nova York.

“O braço... *dê o braço a ela!*”, o jovem Newland sibilou, nervoso; e uma vez mais Archer percebeu que estivera à deriva no desconhecido. O que o levava a isso? Talvez o fato de ter vislumbrado, entre os espectadores anônimos do transepto, um cacho

de cabelo escuro sob um chapéu que, um momento depois, revelou-se pertencente a uma estranha nariguda, tão ridiculamente diferente da pessoa cuja imagem evocara que ele se perguntou se estava sofrendo de alucinação.

E agora marido e mulher deslizavam lentamente pela nave nas ondas alegres de Mendelssohn. O dia de primavera os chamava através das portas escancaradas, e os baios de Mrs. Welland, com grandes rosetas brancas na testa, exibiam-se no outro extremo do túnel de lona.

O laçao, que trazia na lapela uma roseta ainda maior, cobriu May com uma capa branca, e Archer acomodou-se a seu lado na carruagem. Ela lhe dirigiu um sorriso triunfante, e suas mãos se uniram sob o véu nupcial.

“Querida!”, Archer exclamou — e de repente o mesmo abismo negro se abriu a sua frente, e ele sentiu que caía, cada vez mais fundo, enquanto sua voz prosseguia, calma e alegre: “Sim, naturalmente eu pensei que tinha esquecido as alianças; nenhum casamento está completo se o coitado do noivo não passa por isso. Mas você me fez esperar, fique sabendo! Tive tempo de pensar em todos os horrores que poderiam acontecer.”

Ela o surpreendeu, ao voltar-se, em plena Quinta Avenida, e abraçá-lo. “Mas agora que estamos juntos, nenhum desses horrores pode acontecer, não é?”

Cada detalhe do dia fora planejado com tanto desvelo que, após o desjejum nupcial, os recém-casados tiveram bastante tempo para vestir suas roupas de viagem, descer a larga escadaria dos Mingott, entre risonhas damas de honra e pais chorosos, sob uma chuva de arroz e sapatinhos de cetim; e ainda dispuseram de meia hora para ir até a estação, comprar as revistas mais recentes com ar de viajantes experientes e acomodar-se na cabine reservada em que a empregada de May já havia deixado sua capa de viagem cinzenta e sua reluzente frasqueira nova que viera de Londres.

As velhas tias Du Lac prontamente lhes ofereceram sua casa em Rhinebeck, animadas com a perspectiva de passar uma semana em Nova York com Mrs. Archer; e, contente por escapar da costumeira

“suíte nupcial” num hotel de Filadélfia ou Baltimore, Archer aceitara a oferta com igual animação.

May estava encantada com a viagem ao campo e divertia-se como uma criança com os vãos esforços das oito damas de honra para descobrirem a localização de seu misterioso refúgio. Achava-se “muito inglês” o empréstimo de uma casa de campo, e o fato conferia um último toque de distinção ao que já era visto como o casamento mais brilhante do ano; contudo, ninguém podia saber onde se situava a casa, à exceção dos pais dos noivos, que, quando interrogados a esse respeito, franziam os lábios e respondiam com ar de mistério: “Ah, eles não nos contaram...”, o que era verdade, pois não havia necessidade de fazê-lo.

Quando se acomodaram na cabine e o trem começou a percorrer a clara paisagem primaveril, deixando para trás os intermináveis subúrbios com suas casas de madeira, a conversa fluiu com mais facilidade do que Archer pensara. Na aparência e no tom, May continuava sendo a moça simples da véspera, ansiosa para falar sobre os incidentes da cerimônia com a imparcialidade de uma dama de honra comentando-os com um acompanhante do noivo. A princípio, o rapaz imaginara que essa neutralidade fosse um disfarce para um tremor interior; no entanto, os olhos claros de sua jovem esposa revelavam apenas a mais serena inconsciência. Era a primeira vez que May estava a sós com o marido; porém o marido era apenas o amigo adorável da véspera. Era a pessoa de quem ela mais gostava, na qual mais confiava; e o ponto culminante de toda a deliciosa aventura do noivado e do casamento era viajar sozinha com ele, como uma mulher adulta, como uma “mulher casada”.

Era prodigioso que tamanha profundidade de sentimento pudesse coexistir com tamanha falta de imaginação. Archer descobrira isso no jardim da Missão, em St. Augustine. Mas lembrou que, naquela ocasião, ela o surpreendera ao retomar sua inexpressiva infantilidade tão logo fora removido o fardo que lhe pesava na consciência; e compreendeu que May provavelmente passaria a vida lidando da melhor maneira possível com cada uma de suas experiências, porém nunca seria capaz de prevê-las, nem sequer de relance.

Talvez fosse essa inconsciência que lhe tornava os olhos tão transparentes e dava a impressão de que seu rosto representava um tipo, não uma pessoa; como se ela tivesse sido escolhida para servir de modelo para uma Virtude Cívica ou uma deusa grega.⁷ O sangue que corria tão perto de sua pele clara podia ser um fator de conservação, e não de destruição; mas seu ar de juventude indestrutível não a fazia parecer dura nem obtusa, e sim primitiva e pura. No meio dessa reflexão, Archer de repente percebeu que a fitava com o espanto de um estranho e mergulhou numa reminiscência do desjejum nupcial, dominado pela enorme e triunfal onipresença da vovó Mingott.

May se ocupou do assunto com evidente prazer. “Achei surpreendente a vinda da tia Medora, você não achou? Ellen escreveu, dizendo que não estavam muito bem de saúde para viajar; espero sinceramente que tenha sido ela quem se restabeleceu! Você viu que linda renda antiga ela me mandou?”

Archer sabia que o momento chegaria, mais cedo ou mais tarde; porém imaginara que, com força de vontade, conseguiria evitá-lo.

“Sim... eu... não: sim, muito bonita”, respondeu, olhando-a sem vê-la e perguntando a si mesmo se, toda vez que ouvisse aquelas duas sílabas, seu mundo construído com tanto cuidado desmoronaria como um castelo de cartas.

“Não está cansada? Vai ser bom tomar um chá, quando chegarmos... com certeza as tias deixaram tudo arrumado para nós”, comentou, tomando-lhe a mão; e de imediato May visualizou o magnífico aparelho de chá e café de prata de Baltimore que os Beaufort lhes tinham dado e que “combinava” tão perfeitamente com as bandejas e travessas de tio Lovell Mingott.

O trem parou na estação de Rhinebeck ao anoitecer, e o jovem casal atravessou a plataforma rumo à carruagem que já o esperava.

“Ah, como os Van der Luyden são gentis... mandaram o cocheiro de Skuytercliff nos buscar!”, Archer exclamou, enquanto um impassível indivíduo de libré se aproximava para livrar a criada do peso das malas.

“Lamento informar”, disse o emissário, “que ocorreu um pequeno acidente na casa das misses du Lac: um vazamento na caixa de água. Aconteceu ontem, e Mr. van der Luyden, que ficou sabendo disso hoje de manhã, despachou uma empregada no primeiro trem para arrumar a casa do Patroon. Creio que o senhor vai achá-la muito confortável; e as misses du Lac mandaram a cozinheira delas para lá, de modo que será como se o senhor e sua esposa estivessem em Rhinebeck.

Archer o fitou com uma expressão de tal perplexidade que o homem repetiu, enfatizando ainda mais o tom de desculpa: “Será como se o senhor e sua esposa estivessem em Rhinebeck; eu lhe garanto”. E a voz ansiosa de May cortou o embaraçoso silêncio que se seguiu: “Como se estivéssemos em Rhinebeck? A casa do Patroon? Vai ser mil vezes melhor... não vai, Newland? Foi muita gentileza de Mr. van der Luyden ter pensado nisso”.

Enquanto se afastavam da estação, a criada ao lado do cocheiro e a reluzente bagagem do casal no banco da frente, ela prosseguiu, empolgada: “Nunca entrei lá... E você? Os Van der Luyden mostram aquela casa para pouquíssimas pessoas. Mas parece que a abriram para Ellen, e ela me contou que é um lugarzinho encantador: disse que é a única casa do país em que conseguiu se imaginar inteiramente feliz”.

“Bom... é o que vamos ser, não é?”, Archer retrucou, alegre. E May respondeu com seu sorriso infantil: “Ah, é só o começo de nossa boa sorte... da sorte maravilhosa que vamos ter sempre juntos!”.

“Claro que temos de jantar com Mrs. Carfry, meu bem”, Archer falou, quando tomavam o desjejum na casa onde estavam alojados; e, do outro lado da mesa provida de um monumental serviço de alpaca, May o fitou ansiosa, a testa franzida.

Em todo o chuvoso deserto de uma Londres outonal só conheciam duas pessoas e as evitaram zelosamente, em conformidade com a antiga tradição nova-iorquina segundo a qual não era “decoroso” viajantes imporem sua presença a conhecidos em terra estrangeira.

Durante suas visitas à Europa, Mrs. Archer e Janey sempre foram tão fiéis a esse princípio e sempre reagiram à abordagem amistosa dos companheiros de viagem com uma frieza tão impenetrável que quase realizaram a façanha de nunca trocar uma palavra com um “estrangeiro” além daquelas utilizadas nos hotéis e nas estações ferroviárias. Ainda mais evidente era o desdém com que tratavam seus compatriotas — exceto os que já eram conhecidos ou lhes haviam sido devidamente recomendados —, e assim, a menos que encontrassem um Chivers, um Dagonet ou um Mingott, seus meses no exterior se passavam num ininterrupto *tête-à-tête*. Às vezes, porém, as precauções extremas são inúteis; e uma noite, em Botzen,¹ uma das duas senhoras inglesas instaladas no outro lado do corredor (cujos nomes, traje e posição social Janey já sabia de cor) bateu à porta e perguntou se Mrs. Archer tinha um vidro de linimento. A outra senhora — Mrs. Carfry, irmã da intrusa — estava com uma

súbita crise de bronquite; e Mrs. Archer, que nunca viajava sem uma farmácia caseira completa, por sorte pôde fornecer o remédio solicitado.

Mrs. Carfry estava muito doente e só contava com a irmã, miss Harle; assim, ambas ficaram profundamente gratas às Archer, que lhes proporcionaram conforto e lhes cederam sua eficiente criada para ajudar a cuidar da enferma até ela recuperar a saúde.

Quando saíram de Botzen, mãe e filha não pensavam em rever as duas mulheres. Na opinião de Mrs. Archer, nada era mais “indecoroso” que um viajante impor sua presença a um “estrangeiro” a quem casualmente prestara um serviço. Porém Mrs. Carfry e miss Harle não só ignoravam tal opinião como a achariam absolutamente incompreensível e sentiam-se unidas por um elo de eterna gratidão às “encantadoras americanas” que foram tão gentis em Botzen. Com tocante fidelidade, aproveitavam toda oportunidade para encontrá-las no decorrer de suas viagens ao Velho Mundo e demonstravam uma capacidade sobrenatural para descobrir quando passariam por Londres ao desembarcar na Europa ou antes de voltar para os Estados Unidos. A intimidade se tornou indissolúvel, e, sempre que chegavam ao hotel Brown’s, mãe e filha deparavam com duas afetuosas amigas, que, como elas, cultivavam samambaias em recipientes de vidro, faziam macramê, liam as memórias da baronesa Bunsen² e opinavam sobre os ocupantes dos principais púlpitos londrinos. Como dizia Mrs. Archer, Londres era “outra coisa”, agora que conhecia Mrs. Carfry e Miss Harle; e, quando Newland ficou noivo, o laço entre as famílias já era tão firme que se considerou “justo” convidar as duas irmãs para o casamento; elas responderam com o envio de um lindo ramalhete de flores alpinas prensado entre placas de vidro. E, quando o casal embarcou para a Inglaterra, as últimas palavras que Mrs. Archer disse ao filho foram: “Você precisa levar May para conhecer Mrs. Carfry”.

Os pombinhos não tinham a menor intenção de seguir essa recomendação, mas, com sua habitual capacidade, Mrs. Carfry

localizou-os e mandou-lhes um convite para jantar; e era por causa desse convite que May franzira a testa entre o chá e os bolinhos.

“Para você não há problema; você as *conhece*. Mas eu não vou me sentir à vontade entre uma porção de gente que nunca vi na vida. E o que é que eu vou vestir?”

Archer se recostou na cadeira e sorriu. Ela estava mais bonita e mais Diana que nunca. Parecia que o ar úmido da Inglaterra acentuara o rosado de suas faces e abrandara a leve dureza de suas feições virginais; ou era só o brilho interior da felicidade que se irradiava como uma luz por sob o gelo.

“Vestir, meu bem? Mas, semana passada, não chegou de Paris um baú cheio de coisas?”

“Sim, chegou. O que estou dizendo é que não sei o *que* vestir.” Ela se mostrou ligeiramente amuada. “Nunca jantei fora em Londres; e não quero ficar ridícula.”

Ele procurou entender o problema. “Mas as inglesas não se vestem como todo mundo?”

“Newland! Como pode fazer uma pergunta tão boba? Elas vão ao teatro com vestido de baile velho e sem chapéu.”

“Bom, vai ver que usam vestido de baile novo em casa. De qualquer modo, não é o caso de Mrs. Carfry e miss Harle. Elas usam touca, como minha mãe... e xale; um xale muito macio.”

“Sim, mas como as outras mulheres estarão vestidas?”

“Não tão bem quanto você, querida”, ele respondeu, tentando descobrir o que lhe teria incutido o mórbido interesse de Janey por roupas.

May afastou a cadeira com um suspiro. “Você é um amor, mas não está me ajudando muito.”

Ele teve uma inspiração. “Por que você não vai com seu vestido de noiva? Não pode dar errado, pode?”

“Ah, meu bem! Se eu o tivesse aqui! Mas está em Paris, com Worth,³ sendo reformado para o inverno.”

“Ah, bom...” Archer se levantou. “Veja... o nevoeiro está se dissipando. Se nos apressarmos, ainda poderemos dar uma olhada nos quadros da National Gallery.”⁴

Os pombinhos estavam a caminho de casa, após uma viagem de três meses que May, escrevendo para as amigas, qualificou vagamente de “feliz”.

Não foram aos lagos italianos:⁵ por mais que se esforçasse, Archer não conseguiu imaginar May naquele cenário. Depois de um mês com os costureiros parisienses, ela quis praticar alpinismo em julho e nadar em agosto. E cumpriram à risca esse programa, passando o mês de julho em Interlaken⁶ e Grindelwald⁷ e o de agosto num lugarzinho chamado Etretat, na costa da Normandia, que alguém recomendara por ser pitoresco e pacato. Nas montanhas, uma ou duas vezes Archer indicara o sul e dissera: “A Itália é ali”; e May, com os pés numa touceira de gencianas, sorria alegremente: “Seria ótimo irmos para lá no inverno, se você não tivesse de estar em Nova York”.

Na verdade, porém, estava menos interessada em viajar do que ele esperava. Considerava a viagem (depois de encomendar suas roupas) apenas como uma oportunidade maior de caminhar, correr, nadar e arriscar-se naquele jogo novo e fascinante chamado tênis; e, quando finalmente voltaram para Londres (onde passariam duas semanas, enquanto *ele* encomendava roupas), não mais escondeu sua ansiedade para embarcar.

Em Londres, só se interessou por teatros e lojas; e achou os teatros menos empolgantes que os *cafés chantants*⁸ de Paris, onde, sob os floridos castanheiros-da-índia da Champs Elysées,⁹ vivera a experiência nova de olhar para as cocotes desde o terraço do restaurante e ouvir o marido traduzir as canções que considerava adequadas a uma jovem recém-casada.

Archer retomara todas as suas velhas ideias prontas a respeito do casamento. Era mais fácil ater-se à tradição e tratar May como todos os seus amigos tratavam as esposas que tentar pôr em prática as teorias que acalentara quando solteiro. Era inútil tentar emancipar uma esposa que não tinha a mais remota ideia de que não era livre; como ele descobrira muito tempo atrás, o único uso que May faria da liberdade que julgava ter seria depositá-la no altar de sua adoração conjugal. Sua dignidade inata sempre a impediria de ofertá-

la servilmente; e um dia (como já ocorrera) ela talvez encontrasse forças para recuperá-la, se pensasse que o faria pelo bem de Archer. Entretanto, sendo sua concepção do casamento tão simples e definitiva, só algo claramente ultrajante na conduta do marido desencadearia uma crise desse tipo; e a delicadeza de seu sentimento por ele tornava isso impensável. Independentemente do que acontecesse, May seria sempre leal, corajosa e serena — o que o obrigava a cultivar as mesmas virtudes.

Tudo isso tendia a reconduzi-lo a sua velha maneira de pensar. Se a simplicidade dela fosse a simplicidade da tacanhice, Archer se irritaria e se rebelaria; mas, como os traços de seu caráter, embora poucos, eram tão finos quanto os traços de seu rosto, ela se tornou a divindade tutelar de todas as velhas tradições e reverências do marido.

Tais qualidades não eram exatamente do tipo que anima viagens ao exterior, embora fizessem de May uma companheira dócil e agradável; mas se encaixariam muito bem no contexto adequado. Ele não tinha medo de que o oprimissem, pois, como sempre, continuaria levando sua vida artística e intelectual fora do círculo doméstico, no qual não haveria nada pequeno e sufocante — voltar para casa nunca seria como entrar numa sala abafada depois de um passeio ao ar livre. E, quando tivessem filhos, os vazios na vida de ambos seriam preenchidos.

Todas essas coisas lhe passaram pela cabeça durante o longo e lento trajeto de Mayfair¹⁰ a South Kensington,¹¹ onde Mrs. Carfry morava com a irmã. Archer teria preferido escapar à hospitalidade das amigas; em conformidade com a tradição familiar, sempre viajava na condição de turista e espectador, fingindo ignorar altivamente a presença de seus semelhantes. Só uma vez, logo depois que saiu de Harvard, passou umas alegres semanas em Florença com um bando de excêntricos americanos europeizados, dançando a noite inteira nos palácios com damas da nobreza e dedicando metade do dia à jogatina com os farristas e janotas do clube elegante; mas achara tudo isso tão irreal quanto um carnaval, apesar de que se divertira como nunca. Aquelas estranhas mulheres cosmopolitas que

aparentemente tinham de contar para todo mundo seus complicados casos de amor, aqueles jovens oficiais magníficos e aqueles velhos espirituosos que eram objeto ou ouvinte de suas confidências eram diferentes demais das pessoas entre as quais Archer crescera, pareciam-se demais com exóticas plantas de estufa caras e malcheirosas para ocupar-lhe a imaginação por muito tempo. Apresentar May a esse tipo de gente estava fora de cogitação; e no decorrer de suas viagens ele não tivera contato com nenhum outro tipo que demonstrasse maior interesse em sua companhia.

Pouco depois da chegada a Londres, encontrou por acaso o duque de St. Austrey, que, reconhecendo-o de imediato, cordialmente lhe falou: “Venha me visitar” — mas nenhum americano de respeito pensaria em seguir tal sugestão, e do encontro nada resultou. Até conseguiram evitar a tia inglesa de May, a mulher do banqueiro, que ainda estava em Yorkshire; na verdade, resolveram ir a Londres só no outono para que esses parentes desconhecidos não vissem sua chegada durante a temporada como uma intromissão ou um esnobismo.

“Provavelmente não vamos encontrar ninguém em casa... Londres vira um deserto nesta época do ano, e você está linda demais”, Archer disse para May, que, sentada a seu lado no fiacre, estava tão esplêndida e imaculada com sua capa azul-celeste debruada de penugem de cisne¹² que parecia maldade expô-la à fuligem londrina.

“Não quero que pensem que nos vestimos como selvagens”, ela explicou, com um desdém que teria magoado Pocahontas; e mais uma vez ele se surpreendeu com a religiosa reverência das americanas, até mesmo das americanas mais modestas, às vantagens sociais do traje.

“É a armadura delas; sua defesa contra o desconhecido e sua maneira de desafiá-lo”, concluiu. E pela primeira vez compreendeu o empenho com que May, que era incapaz de amarrar uma fita no cabelo por pura vaidade, cumprira o solene ritual de selecionar e encomendar um vasto guarda-roupa.

O grupo que estava na casa de Mrs. Carfry era pequeno, como ele imaginara. Além das anfitriãs, encontravam-se na sala comprida e

gelada uma senhora de xale e o marido, um afável vigário; um rapazinho calado que Mrs. Carfry apresentou como seu sobrinho; e um senhor baixinho e moreno, de olhos muito vivos, que, pronunciando um nome francês, ela apresentou como professor do sobrinho.

May surgiu em meio a esse grupo apagado como um cisne à luz do crepúsculo: parecia mais alta, mais clara, mais farfalhante que nunca, e Archer se deu conta de que o rosado e o farfalho indicavam uma extrema e infantil timidez.

“O que esperam que eu diga?”, ela lhe suplicou com o olhar no momento em que sua deslumbrante aparição provocava nos presentes a mesma ansiedade. Mas a beleza, ainda que insegura, incute segurança no coração dos homens; e o vigário e o professor de nome francês logo demonstraram a intenção de colocá-la à vontade.

Apesar dos esforços de todos, o jantar foi enfadonho. Archer percebeu que a maneira de May mostrar-se à vontade com estrangeiros consistia em ater-se ferrenhamente a referências locais, de modo que, embora sua graça despertasse admiração, sua conversa fria não encorajava a participação dos demais. O vigário logo abandonou a luta; mas o professor, que falava um inglês fluente e perfeito, galantemente continuou conversando com ela até que, para manifesto alívio de todos os envolvidos, as senhoras subiram para a sala de estar.

Depois de tomar um cálice de vinho do porto, o vigário saiu correndo para uma reunião. O sobrinho tímido, que parecia um inválido, foi mandado para a cama. Archer ficou sentado com o professor, saboreando seu vinho, e de repente se viu falando como não o fazia desde sua última conversa com Ned Winsett. Soube então que o sobrinho de Mrs. Carfry teve um princípio de tuberculose e precisou trocar Harrow¹³ pela Suíça, onde passou dois anos no clima mais ameno do lago Lemán.¹⁴ Muito estudioso, fora confiado a M. Rivière, que o acompanhara no retorno à Inglaterra e permaneceria a seu lado até ele ir para Oxford, na primavera; e o professor acrescentou, com simplicidade, que depois disso teria de procurar outro emprego.

Com seus interesses e suas qualidades, seria impossível que não o encontrasse logo, Archer pensou. M. Rivière tinha cerca de trinta anos, um rosto magro e feio (May certamente o acharia comum) ao qual a maneira como expunha suas ideias conferia intensa expressividade; porém sua animação nada tinha de frívola ou vulgar.

Seu pai, que morrera ainda jovem, ocupara um cargo diplomático sem maior importância e queria que ele abraçasse a mesma carreira; contudo, um gosto insaciável pelas letras o levava ao jornalismo, depois à literatura (aparentemente sem sucesso) e, por fim — após outras experiências e vicissitudes às quais poupou o interlocutor —, ao magistério, que ele exercia junto a rapazes ingleses na Suíça. Antes disso, porém, morara durante muito tempo em Paris, frequentara o *grenier* dos Goncourt,¹⁵ fora aconselhado por Maupassant¹⁶ a não tentar escrever (o que Archer considerou uma grande honra!) e conversara muitas vezes com Mérimée na casa da mãe do romancista. Evidentemente sempre foi paupérrimo e ansioso (tendo mãe e irmã solteira para sustentar) e não realizou suas ambições literárias. Em termos materiais, sua situação não parecia melhor que a de Ned Winsett; mas ele vivia num mundo em que, disse, quem amava ideias não padecia de fome mental. Como era precisamente desse amor que o pobre Winsett estava morrendo, Archer olhou com uma espécie de inveja vicária para esse jovem ávido e desabonado que levava uma vida tão rica em sua penúria.

“Sabe, monsieur, preservar a liberdade intelectual, a capacidade de avaliação, a independência crítica não tem preço. Não acha? Foi por causa disso que abandonei o jornalismo e assumi as funções muito mais enfadonhas de professor e secretário particular. É muito cansativo, sem dúvida, mas permite preservar a liberdade moral, o que chamamos, em francês, o *quant à soi*.¹⁷ E quando se ouve uma boa conversa, pode-se participar sem comprometer outras opiniões além das próprias ou apenas escutar e responder interiormente. Ah, uma boa conversa... não há nada melhor, não é mesmo? O ar das ideias é o único que vale a pena respirar. E, portanto, nunca me arrependi de ter desistido da diplomacia ou do jornalismo... duas formas diferentes da mesma autoabdição.” Ele fixou em Archer

seus olhos vivazes e acendeu mais um cigarro. “*Voyez-vous*,¹⁸ monsieur, ser capaz de encarar a vida de frente: para isso vale a pena morar numa mansarda, não vale? Mas é preciso ganhar o suficiente para pagar a mansarda; e confesso que envelhecer como professor particular... ou qualquer coisa ‘particular’... é praticamente tão desanimador para a imaginação quanto atuar como segundo secretário em Bucareste. Às vezes acho que preciso dar um salto: um salto enorme. Será que eu teria uma oportunidade nos Estados Unidos, por exemplo... em Nova York?”

Archer encarou-o, surpreso. Nova York para um jovem que frequentara os Goncourt e Flaubert¹⁹ e que acreditava que só a vida de ideias valia a pena ser vivida! Continuou olhando para ele, perplexo, sem saber como lhe dizer que sua superioridade, suas qualidades seriam, por certo, o maior impedimento ao sucesso.

“Nova York... Nova York... mas tem de ser Nova York?”, balbuciou, incapaz de imaginar que emprego lucrativo sua cidade natal poderia oferecer a um rapaz que aparentemente só precisava de uma boa conversa.

O pálido M. Rivière enrubesceu de repente. “Eu... pensei que fosse sua metrópole: a vida intelectual não é mais ativa em Nova York?”, perguntou e, como se temesse dar a impressão de que lhe pedia um favor, prosseguiu: “A gente apresenta sugestões... mais para si mesmo que para os outros. Na verdade, não vejo perspectiva de imediato...”. Então, levantou-se bruscamente e acrescentou, sem dar sinal de constrangimento: “Mas Mrs. Carfry deve estar esperando que eu o leve para cima”.

Na volta para casa, Archer refletiu atentamente sobre esse episódio. A hora que passara com M. Rivière enchera-lhe os pulmões de ar fresco, e seu primeiro impulso foi convidá-lo para jantar no dia seguinte; mas começava a entender por que os homens casados nem sempre cedem prontamente aos primeiros impulsos.

“Aquele professor é um sujeito interessante: depois do jantar, tivemos uma conversa ótima sobre livros e outras coisas”, comentou, sondando o terreno.

May despertou de um dos sonhadores silêncios em que ele vira tantos significados até que seis meses de vida conjugal lhe dessem a chave para decifrá-los.

“O francês baixinho? Ele não é horrivelmente comum?”, ela perguntou com frieza, e Archer percebeu sua decepção por ter sido convidada em Londres para conhecer um clérigo e um professor francês. Tal decepção não se devia ao que normalmente se define como esnobismo, mas ao que a velha Nova York esperava encontrar quando arriscava sua dignidade em terra estrangeira. Se tivessem recebido as Carfry na Quinta Avenida, os Welland lhes teriam oferecido algo mais substancial que um pároco e um mestre-escola.

Irritado, o rapaz rebateu: “Comum... comum *onde?*”.

Ao que ela retrucou com uma presteza que não lhe era habitual: “Em todo lugar, eu diria, a não ser na sala de aula. Essas pessoas sempre ficam deslocadas em sociedade. Mas”, ressaltou afavelmente, “acho que eu não saberia dizer se ele é inteligente.”

Archer reprovou o uso da palavra “inteligente” quase tanto quanto o da palavra “comum”; porém começava a temer sua tendência a atentar demais no que nela não lhe agradava. Afinal, o ponto de vista de May sempre fora o mesmo. Era o de todas as pessoas entre as quais ele crescera; era o que sempre lhe parecera necessário, embora insignificante. Até alguns meses antes, nunca conhecera uma mulher “direita” que visse a vida de outra forma; e um homem só podia casar com uma mulher “direita”.

“Ah... então, não vou convidá-lo para jantar!”, concluiu, risonho. E sua jovem esposa reagiu com perplexidade: “Santo Deus... convidar o professor das Carfry?”.

“Bom, não no mesmo dia que as Carfry, se você preferir. Mas eu gostaria de conversar novamente com ele. Ele está procurando emprego em Nova York.”

May se mostrou ainda mais perplexa, e Archer chegou a pensar que talvez o julgasse contaminado de “estrangeirice”.

“Emprego em Nova York? Que tipo de emprego? Ninguém tem professor de francês. O que é que ele quer fazer?”

“Basicamente, conversar, pelo que entendi”, foi a maldosa resposta.

“Ah, que engraçado!”, ela riu. “É bem *francês!*”

Tudo somado, Archer estava contente: a recusa de May em levar a sério seu desejo de convidar M. Rivière resolvera a questão. Seria difícil evitar o assunto Nova York numa nova conversa depois do jantar; e, por mais que refletisse sobre isso, ele não conseguia encaixar M. Rivière em nenhum lugar da Nova York que conhecia.

Com uma clareza que o deixou gelado percebeu que, no futuro, muitos problemas seriam resolvidos negativamente; contudo, depois que pagou o cocheiro e entrou em casa, refugiou-se no confortável chavão de que os primeiros seis meses de vida conjugal sempre são os mais difíceis. “Suponho que depois teremos acabado de aparar as arestas”, pensou; porém o pior era que a pressão de May já se exercia sobre as arestas que ele mais queria preservar.

O pequeno gramado luzidio estendia-se suavemente até o grande mar luzidio.

Uma borda de gerânios escarlate e cóleos circundava o gramado, e vasos de ferro fundido, pintados de marrom-chocolate e dispostos a intervalos ao longo do caminho sinuoso que levava à praia, despejavam suas guirlandas de petúnias e pelargônios sobre o cascalho rigorosamente rastreado.

A meia distância entre a beira do penhasco e a casa de madeira (também pintada de marrom-chocolate, mas com o telhado de zinco da varanda listrado de amarelo e marrom para simular um toldo), colocaram-se dois grandes alvos contra um fundo de arbustos. No outro lado do gramado e de frente para os alvos, erguia-se uma tenda provida de bancos e cadeiras de jardim. Senhoras com vestidos de verão e cavalheiros de sobrecasaca cinzenta e cartola estavam de pé no gramado ou sentados nos bancos; e de quando em quando uma jovem esguia vestida de musselina engomada saía da tenda, arco em punho, mirava um dos alvos e disparava sua flecha, enquanto os espectadores paravam de conversar para ver o resultado.

De pé na varanda da casa, Newland Archer observava a cena com curiosidade. Grandes vasos de porcelana azul sobre pedestais de porcelana amarela adornavam a escada pintada com tinta brilhante. Os vasos continham uma planta verde e espinhosa, e abaixo da varanda estendia-se uma larga faixa de hortênsias azuis orlada de

gerânios vermelhos. Atrás de Archer, as portas envidraçadas dos salões pelos quais ele passara permitiam vislumbrar, por entre esvoaçantes cortinas de renda, o reluzente parquet pontilhado de pufes de chintz, pequenas poltronas e mesas cobertas de veludo e objetos de prata.

O Clube de Arco e Flecha de Newport¹ sempre realizava sua reunião de agosto na propriedade dos Beaufort. O esporte, que até então tinha apenas um rival — o croqué —, começava a perder terreno para o tênis, que, porém, ainda era considerado grosseiro e deselegante para ocasiões sociais, e o arco e flecha continuava sendo uma ótima ocasião para exibir belos vestidos e atitudes graciosas.

Archer contemplava com admiração o conhecido espetáculo. Achava surpreendente que a vida seguisse inalterada, quando suas reações a ela haviam mudado por completo. Foi em Newport que pôde avaliar pela primeira vez a extensão da mudança. Em Nova York, no inverno anterior, depois que se instalara com a esposa na casa amarelo-esverdeada com a *bay window* e o vestíbulo pompeiano, retomara com alívio a velha rotina do escritório e assim restabelecera o elo com seu antigo eu. Também tivera a prazerosa empolgação de escolher um vistoso cavalo cinzento para a berlinda de May (presente dos Welland) e o demorado e interessante trabalho de arrumar sua nova biblioteca, que, apesar das dúvidas e desaprovações da família, organizara como sonhara, com um papel de parede escuro de estampa em relevo, estantes, poltronas e mesa Eastlake “autênticas”. No Century, mais uma vez encontrara Winsett e, no Knickerbocker,² os jovens elegantes de seu círculo; e com as horas dedicadas à profissão e as reservadas a jantar fora e receber amigos em casa, com uma ocasional ida à ópera ou ao teatro, a vida que levava ainda parecia razoavelmente real e inevitável.

Mas Newport representava a escapada do dever e o mergulho numa atmosfera de ócio absoluto. Archer tentara convencer May a passar o verão numa ilha distante, ao largo da costa do Maine (adequadamente chamada Mount Desert),³ onde intrépidos turistas procedentes de Boston e Filadélfia acampavam em cabanas “nativas” e de onde chegavam relatos de uma paisagem fascinante e de uma

existência selvagem, semelhante à de um caçador, entre bosques e lagos.

Contudo, os Welland sempre iam para Newport, onde possuíam uma casa quadrada no penhasco, e não lhe ocorrera nenhuma boa razão para que não os acompanhassem. Como Mrs. Welland mordazmente comentou, de que adiantara a filha ter experimentado tanta roupa de verão em Paris se não podia usá-la? E esse argumento era do tipo que seu genro até o momento ainda não sabia contestar.

A própria May não entendia sua obscura relutância em aceitar uma forma tão razoável e prazerosa de passar o verão. Lembrou-lhe que, quando era solteiro, ele gostava de Newport, e, como isso era indiscutível, só lhe restava afirmar que por certo gostaria ainda mais agora que estariam juntos. No entanto, postado na varanda dos Beaufort, olhando para o gramado repleto de gente, ele estremeceu ao pensar que não gostaria nada dali.

May não tinha culpa, pobrezinha. No decorrer de suas viagens, desentenderam-se uma vez ou outra, porém a harmonia logo se restabeleceu com seu retorno às condições às quais ela estava habituada. Archer sempre acreditara que ela não o decepcionaria; e não se enganara. Casara-se (como a maioria dos rapazes) porque no momento em que uma série de aventuras sentimentais sem sentido terminavam em prematura aversão encontrara uma jovem encantadora que representava paz, estabilidade, companheirismo e a firme consciência de um dever inevitável.

Não podia dizer que errara na escolha, pois May correspondia a todas as suas expectativas. Sem dúvida era gratificante ser o marido de uma das moças mais bonitas e queridas de Nova York, que se revelou também uma das esposas mais dóceis e razoáveis; e Archer nunca fora insensível a tais qualidades. Quanto à loucura passageira que o acometera às vésperas do casamento, esforçara-se para vê-la como a última das experiências que deixara para trás. Parecia-lhe absurdo ter um dia sonhado em casar com a condessa Olenska, que agora permanecia em sua lembrança apenas como o mais triste e pungente de uma série de fantasmas.

No entanto, todas essas abstrações e eliminações faziam de sua mente um espaço vazio, onde só havia ecos, e talvez fosse essa uma

das razões pelas quais os animados convidados no gramado dos Beaufort o chocavam como se fossem crianças brincando num cemitério.

Archer ouviu um farfalhar de saias a suas costas, e a marquesa Manson apareceu na varanda. Como sempre, usava uma profusão de adornos, um chapéu de palha ancorado na cabeça por meio de muitas voltas de tule desbotado e uma pequena sombrinha de veludo preto com cabo de marfim esculpido que equilibrava absurdamente acima da aba muito maior do chapéu.

“Meu caro, eu não sabia que vocês tinham chegado! Você mesmo só chegou ontem, não foi? Ah, trabalho... trabalho... obrigações profissionais... eu entendo. Sei que para muitos maridos é impossível ficar aqui com as esposas durante a semana.” Ela inclinou a cabeça para o lado e fitou-o languidamente. “Mas o casamento é um longo sacrifício, como eu muitas vezes disse para minha Ellen...”

Archer sentiu o coração parar de bater com o estranho solavanco que já havia dado uma vez e que de repente parecia fechar uma porta entre ele e o mundo exterior; mas essa quebra de continuidade deve ter sido muito breve, pois logo ouviu Medora respondendo uma pergunta que ele aparentemente encontrara voz para formular.

“Não, não estou aqui, mas na casa das Blenker, na deliciosa solidão de Portsmouth.⁴ Beaufort teve a bondade de me mandar seus famosos trotadores,⁵ hoje de manhã, para que eu pudesse ao menos dar uma espiada na *garden-party* de Regina; mas à noite volto para a vida rural. As Blenker, tão queridas e originais, alugaram uma velha casa de fazenda em Portsmouth, onde se cercam de gente importante...” Ela se curvou ligeiramente por baixo da aba protetora e acrescentou, com leve rubor: “Esta semana, o dr. Agathon Carver está lá, pronunciando uma série de palestras sobre o Pensamento Interior. É realmente um contraste com esta cena alegre de prazer mundano... mas eu sempre vivi de contrastes! Para mim a única morte é a monotonia. Eu sempre digo para Ellen: ‘Cuidado com a monotonia; é a mãe de todos os pecados mortais’. Mas minha pobre menina está passando por uma fase de horror ao mundo. Sabia que ela recusou todos os convites para ficar em Newport, inclusive o da

vovó Mingott? Foi difícil convencê-la a vir comigo. Dá para acreditar? A vida que ela está levando é mórbida, contrária à natureza. Ah, se ela tivesse me escutado quando ainda era possível... quando a porta ainda estava aberta... Mas vamos lá assistir a esse interessante torneio? Eu soube que sua May está participando.”

Beaufort saíra da tenda com uma sobrecasaca londrina apertada demais e uma orquídea na lapela e caminhava pelo gramado em sua direção. Archer não o via fazia uns dois ou três meses e ficou impressionado com a mudança em sua aparência. No calor luminoso do verão, ele parecia pesado e inchado em toda a sua exuberância e, não fosse o porte ereto, passaria por um velho supernutrido e supervestido.

A seu respeito corria todo tipo de boato. Na primavera, ele fizera um longo cruzeiro pelas Índias Ocidentais em seu novo iate, e dizia-se que, em vários portos onde atracara, fora visto na companhia de uma dama parecida com miss Fanny Ring. Dizia-se também que o iate, construído no Clyde⁶ e provido de banheiros ladrilhados e outros luxos extraordinários, custara-lhe meio milhão; e, ao voltar da viagem, ele dera à esposa um colar de pérolas tão magnífico quanto devem ser as oferendas expiatórias. Sua fortuna era suficientemente sólida para suportar tais estroinices; e, contudo, os rumores alarmantes persistiam, não só na Quinta Avenida, como na Wall Street. Segundo alguns, ele investira desastrosamente em ferrovias; segundo outros, estava sendo extorquido por uma das representantes mais insaciáveis de certa profissão; e a cada notícia de ameaça de insolvência Beaufort reagia com uma nova extravagância: a construção de mais uma série de orquidários, a compra de mais uma leva de cavalos de corrida, a aquisição de mais um Meissonnier⁷ ou de um Cabanel para sua coleção.

Foi com seu habitual sorriso zombeteiro que se aproximou da marquesa e de Newland. “Olá, Medora! Os trotadores deram conta do recado? Quarenta minutos...? Bom, nada mau, considerando que era preciso poupar seus nervos.” Apertou a mão de Archer e, voltando com ambos para o gramado, colocou-se ao lado de Mrs. Manson e murmurou-lhe umas palavras que o jovem não ouviu.

A marquesa respondeu com uma de suas curiosas *boutades* estrangeiras e um “*Que voulez-vous?*”⁸ que ensombreceu ainda mais o semblante de Beaufort; mas ele conseguiu produzir algo parecido com um sorriso de felicitações, quando disse a Newland: “May vai ganhar o primeiro prêmio, você sabe”.

“Ah, então fica na família”, Medora murmurou; e nesse momento chegaram à tenda, onde Mrs. Beaufort os recebeu em meio a uma nuvem de musselina lilás e véus esvoaçantes.

May Welland estava saindo da tenda. Vestida de branco, com uma fita verde-clara na cintura e uma guirlanda de hera no chapéu, tinha a mesma altivez de Diana com que entrara no salão de baile dos Beaufort na noite de seu noivado. Desde então, parecia que nenhum pensamento lhe passara por trás dos olhos, nenhum sentimento lhe passara pelo coração; e, embora a soubesse capaz de ambos, Archer mais uma vez se admirou com a maneira como a experiência a evitava.

Arco e flecha na mão, ela se posicionou na marca de giz traçada na grama, ergueu o arco até a altura do ombro e mirou o alvo. Sua postura, cheia de graça clássica, suscitou um murmúrio de aprovação entre os presentes, e Newland sentiu a empolgação de dono que tantas vezes lhe proporcionava a ilusória sensação de um momentâneo bem-estar. Suas rivais — Mrs. Reggie Chivers, as Merry e as várias e coradas Thorley, Dagonet e Mingott —, aguardavam atrás dela num grupo ansioso e encantador, cabeças castanhas e douradas inclinadas para as marcas, musselinas claras e chapéus floridos misturados num terno arco-íris. Todas eram jovens e belas, banhadas no brilho do verão; mas nenhuma tinha a desenvoltura de ninfa com que May, os músculos tensos e o semblante sério porém feliz, empenhava-se de corpo e alma numa proeza de força física.

“Meu Deus, nenhuma outra segura o arco como ela”, Lawrence Lefferts comentou. E Beaufort replicou: “Realmente, mas esse é o único tipo de alvo que ela vai acertar na vida”.

Archer escutou e irritou-se irracionalmente. O desdenhoso tributo do anfitrião à “virtude” de sua esposa era o que qualquer marido gostaria de ouvir. O fato de um homem tão vulgar não a achar

suficientemente atraente constituía mais uma prova de sua qualidade; não obstante, as palavras de Beaufort causaram-lhe um estremecimento. E se a “virtude” levada àquele grau supremo fosse apenas uma negação, a cortina escondendo o vazio? Olhando para May, que voltava corada e calma da prova final, Newland teve a sensação de que ainda não levantara essa cortina.

Ela recebeu as felicitações das rivais e de todo o grupo com a simplicidade que era seu maior encanto. Ninguém lhe invejaria os triunfos, porque conseguia dar a impressão de que reagiria à derrota com a mesma serenidade. Contudo, quando viu o prazer estampado nos olhos do marido, seu rosto se iluminou.

A charrete de vime de Mrs. Welland os aguardava com seus pôneis, e, com May comandando as rédeas, eles se afastaram por entre as carruagens que já se dispersavam.

O sol da tarde ainda brilhava sobre os gramados e os arbustos, e na Bellevue Avenue⁹ circulava uma fila dupla de vitórias,¹⁰ *dog-carts*,¹¹ landôs e “*vis-à-vis*”,¹² transportando damas e cavalheiros bem-vestidos que voltavam da festa dos Beaufort ou de seu passeio vespertino pela Ocean Drive.¹³

“Vamos ver a vovó?”, May perguntou. “Eu queria contar para ela que ganhei o prêmio. Ainda falta muito tempo para o jantar.”

Archer concordou, e ela conduziu os pôneis para a Narragansett Avenue,¹⁴ atravessou a Spring Street¹⁵ e dirigiu-se para o descampado pedregoso. Nessa área nada elegante, Catherine a Grande, sempre indiferente às convenções e contida nos gastos, construía em sua juventude um *cottage-orné*¹⁶ com muitos pináculos e vigas transversas num terreno barato com vista para a baía. Ali, em meio a carvalhos mirrados, suas varandas se estendiam acima do mar salpicado de ilhas. Serpenteando por entre cervos de ferro e bolas de vidro azuis fincadas em canteiros de gerânios, um caminho sinuoso conduzia a uma varanda de telhado listrado, onde uma porta de nogueira muito envernizada dava acesso a um estreito saguão com piso de parquet em forma de estrelas pretas e amarelas que comunicava com quatro pequenos cômodos quadrados, cujas paredes eram revestidas de um grosso papel aveludado e cujos tetos exibiam

todas as divindades do Olimpo retratadas por um pintor italiano. Quando passou a carregar o fardo da gordura, Mrs. Mingott transformou um desses cômodos em dormitório e fez do cômodo vizinho sua saleta de estar, onde ficava o dia inteiro, entronizada numa enorme poltrona entre a porta e a janela abertas e abanando-se eternamente com um grande leque que a prodigiosa projeção de seu busto mantinha tão longe do resto de sua pessoa que o ar posto em movimento só agitava a franja dos braços da poltrona.

Depois que conseguira apressar o casamento de Archer, a velha Catherine o tratava com a cordialidade com que o prestador de um favor costuma tratar o favorecido. Estava convencida de que uma paixão irreprimível era a causa da impaciência do rapaz; e, sendo ardente admiradora da impulsividade (desde que não acarretasse gastos de dinheiro), sempre o recebia com uma amistosa piscadela de cumplicidade e uma ou outra indireta à qual May felizmente parecia imune.

Avaliou com grande interesse o prêmio que a neta exibia no peito — uma flecha com ponta de diamante — e comentou que, em seu tempo, bastava um broche de filigrana, porém ressaltou que não havia como negar a prodigalidade de Beaufort.

“É realmente uma joia de família, querida”, riu. “Você deve deixá-la para sua filha mais velha.” Beliscou o braço branco da jovem arqueira e observou o rubor que lhe cobriu o rosto. “Ora, ora, o que foi que eu falei para fazer você levantar a bandeira vermelha? Vocês não vão ter nenhuma menina... só meninos? Santo Deus, já está corando de novo! O que... também não posso dizer isso? Misericórdia... quando meus filhos me imploram para tirar do teto todos esses deuses e deusas, eu sempre respondo que estou muito agradecida por ter perto de mim alguém que não se escandaliza com *nada!*”

Archer caiu na gargalhada, e May o imitou, rubra até nos olhos.

“Bom, agora me contem como foi a festa, meus queridos, pois aquela tonta da Medora nunca vai me dizer coisa com coisa sobre isso”, a matriarca prosseguiu e, quando a neta se surpreendeu — “A prima Medora? Mas eu pensei que ela ia voltar para Portsmouth...” —, placidamente explicou: “E vai mesmo... mas primeiro teve de vir

buscar Ellen. Ah... vocês não sabiam que Ellen veio passar o dia comigo? Que bobagem, ela não ficar aqui no verão; mas já faz uns cinquenta anos que desisti de discutir com gente moça. Ellen... *Ellen!*”, gritou com sua voz estridente, tentando inclinar-se para ver o gramado.

Como não obteve resposta, bateu, impaciente, com a bengala no assoalho luzidio. Uma criada mulata de turbante colorido apareceu para informar que tinha visto “miss Ellen” descendo o caminho da praia.

“Vá correndo buscá-la, como um bom neto”, Mrs. Mingott pediu ao rapaz. “Esta linda senhora vai me contar como foi a festa”.

Archer levantou-se como num sonho. Ouvira o nome da condessa Olenska com certa frequência durante o ano e meio que transcorrera desde a última vez que a vira e estava a par dos principais acontecimentos de sua vida nesse período. Sabia que ela passara o verão anterior em Newport, onde aparentemente cumprira grande número de compromissos sociais, e de repente, no outono, sublocara a “casa perfeita” que Beaufort tivera tanto trabalho para encontrar e decidira instalar-se em Washington. Sabia também que, no inverno, ela brilhara (como toda mulher bonita na capital, segundo se dizia) na “reluzente sociedade diplomática” que de certo modo compensava a pobreza da vida social no âmbito do governo.¹⁷ Escutara esses relatos e diversos comentários contraditórios sobre sua aparência, sua conversação, seus pontos de vista e seus novos amigos com o distanciamento com que se ouve alguém falar de uma pessoa desde muito falecida; só quando Medora subitamente pronunciou seu nome no torneio de arco e flecha Ellen Olenska voltou a ser uma presença viva para ele. O tolo balbucio da marquesa evocara uma visão da salinha à luz do fogo e o ruído das rodas da carruagem na rua deserta. Ele se lembrou de uma história que tinha lido sobre umas crianças camponesas da Toscana que acenderam um punhado de palha numa caverna na beira da estrada e assim revelaram velhas imagens silenciosas num túmulo pintado...

O caminho da praia começava no alto da encosta, onde estava a casa, e descia até uma aleia de chorões. Através das ramagens, Archer

vislumbrou Lime Rock,¹⁸ com sua pequena torre caiada e a casinha em que a heroica faroleira Ida Lewis vivia seus últimos anos veneráveis. Mais além, avistou a planura e as feias chaminés governamentais de Goat Island,¹⁹ a baía estendendo-se num clarão dourado para o norte até Prudence Island,²⁰ com seus carvalhos anões e as praias de Conanicut²¹ esmaecidas na névoa do crepúsculo.

Da aleia de chorões saía um píer de madeira que terminava numa espécie de quiosque com aparência de pagode; e ali estava uma mulher, apoiada no parapeito, de costas para a praia. O jovem estacou ao vê-la, como se despertasse. Aquela visão do passado era um sonho, e a realidade era o que o esperava no alto da encosta: era a charrete de Mrs. Welland circulando diante da porta com seus pôneis; era May sentada sob os despudorados olímpicos, acalentando esperanças secretas; era a casa dos Welland no fim da Bellevue Avenue; era Mr. Welland, vestido para o jantar, andando pela sala, de um lado para o outro, relógio na mão, irritado e impaciente — pois essa era uma das casas em que sempre se sabia exatamente o que estava acontecendo em determinada hora.

“Quem sou eu? Um genro...”, Archer pensou.

O vulto na extremidade do píer não se moveu. Por um longo instante ele permaneceu parado no meio do caminho, olhando para a baía sulcada de veleiros, iates, barcos pesqueiros e negras barcaças de carvão puxadas por barulhentos rebocadores. A mulher no quiosque parecia absorta na mesma paisagem. Além dos baluartes cinzentos do forte Adams,²² um crepúsculo demorado se estilhaçava em mil fagulhas e reluzia na vela de um barquinho que se dirigia para o canal entre Lime Rock e a praia. Archer lembrou a cena de *The Shaughraun* em que Montague levava aos lábios a fita de Ada Dyas sem ela perceber sua presença.

“Ela não sabe... não se deu conta. Será que eu não saberia, se ela estivesse atrás de mim?”, perguntou-se. E de repente decidiu: “Se ela não se voltar antes que aquele veleiro passe pelo farol, eu vou embora”.

O barco deslizava na maré vazante. Passou pelo farol de Lime Rock, escondeu a casinha de Ida Lewis e deixou para trás a pequena

torre iluminada. Archer esperou até que uma vasta extensão de água cintilasse entre o último recife da ilha e a popa do barco; porém o vulto no quiosque não se moveu.

Ele se virou e subiu a encosta.

“É uma pena que você não tenha encontrado Ellen... eu gostaria de vê-la”, May comentou, quando voltavam para casa, ao anoitecer. “Mas talvez ela não quisesse... parece que mudou muito.”

“Mudou?”, ele repetiu numa voz inexpressiva, os olhos fixos nas orelhas irrequietas dos pôneis.

“Está indiferente com os amigos; abriu mão de Nova York e da casa dela e anda com uma gente esquisita. Imagine como deve estar desconfortável na casa das Blenker! Ela diz que está lá para evitar que a prima Medora se meta em confusão; para impedir que ela se case com um sujeito horrível. Mas às vezes eu acho que sempre a entediamos”, May concluiu e, como não obtivesse resposta, prosseguiu, com uma dureza que Archer nunca havia percebido em sua voz franca e clara: “Enfim, eu me pergunto se ela não seria mais feliz com o marido”.

“*Sancta simplicitas!*”,²³ o rapaz exclamou e, ante o olhar surpreso da esposa, acrescentou: “Creio que nunca ouvi você dizer uma coisa tão cruel”.

“Cruel?”

“Bom... observar as contorções das almas penadas deve ser o esporte favorito dos anjos; mas acredito que nem mesmo eles acham que se é mais feliz no inferno.”

“É uma pena que ela tenha se casado no exterior”, May declarou no tom plácido com que sua mãe replicava aos caprichos de seu pai; e Archer se sentiu gentilmente relegado à categoria dos maridos nada razoáveis.

A charrete desceu a Bellevue Avenue e passou entre os postes de madeira com suas lâmpadas de ferro fundido que delimitavam a propriedade. As luzes já estavam acesas, e, quando os pôneis pararam, pela janela o jovem viu o sogro exatamente como o imaginara: andando na sala de um lado para o outro, o relógio na

mão e a expressão de sofrimento que desde muito descobrira ser bem mais eficaz que a raiva.

Ao entrar no saguão, acompanhando a esposa, percebeu uma curiosa mudança. No luxo da casa dos Welland, na densa atmosfera dos Welland, tão carregada de minuciosas observâncias e exigências, havia algo que sempre penetrava em seu sistema nervoso como um narcótico. Os tapetes pesados, os criados atentos, o eterno e disciplinado tique-taque dos relógios funcionando como um lembrete, a pilha eternamente renovada de cartões e convites na mesa do saguão, toda a série de tirânicas ninharias relacionando uma hora com a seguinte e cada morador da casa com todos os outros faziam qualquer existência menos sistematizada e opulenta parecer irreal e precária. Mas agora era a casa dos Welland e a vida que Archer devia levar ali que se tornaram irreais e irrelevantes, e a breve cena na praia, quando ele permanecera parado e irresoluto no meio do caminho, era-lhe tão próxima como o sangue em suas veias.

Deitado ao lado de May no grande quarto revestido de chintz, ele passou a noite inteira acordado, contemplando o luar sobre o tapete e pensando em Ellen Olenska em sua volta para casa pelas praias reluzentes, conduzida pelos trotadores de Beaufort.

“Uma festa para as Blenker... as Blenker?”

Mr. Welland largou a faca e o garfo e, ansioso e incrédulo, olhou do outro lado da mesa para a esposa, que, ajeitando os óculos de aro dourado, leu em voz alta, num tom de comediante: “O professor e Mrs. Emerson Sillerton solicitam o prazer da companhia de Mr. e Mrs. Welland na reunião do Clube da Quarta-Feira à Tarde que se realizará no dia 25 de agosto, pontualmente às 15 horas. Para conhecer Mrs. e misses Blenker. Red Gables, Catherine Street. R. S. V. P.”

“Santo Deus...”, Mr. Welland balbuciou, como se tivesse precisado de uma segunda leitura para entender o monstruoso absurdo.

“Coitada da Amy Sillerton... nunca se sabe o que o marido dela é capaz de fazer”, Mrs. Welland suspirou. “Acho que ele acabou de descobrir as Blenker.”

O professor Emerson Sillerton era um espinho cravado na sociedade de Newport; e um espinho que não podia ser removido, pois estava entranhado numa venerável e venerada árvore genealógica. Tratava-se de um homem que tivera “todas as vantagens”, como se dizia. O pai era tio de Sillerton Jackson; a mãe, uma Pennilow de Boston; em ambos os lados havia riqueza, posição e conveniência mútua. Nada — como Mrs. Welland com frequência assinalava —, nada no mundo obrigava Emerson Sillerton a ser arqueólogo ou professor do que quer que fosse, a morar em Newport

no inverno ou a fazer qualquer uma das coisas revolucionárias que fazia. Para romper com a tradição e afrontar a sociedade, não precisava ter casado com a pobre Amy Dagonet, que tinha o direito de esperar “algo diferente” e dinheiro bastante para manter a própria carruagem.

No círculo dos Mingott, ninguém entendia por que Amy Sillerton se submetia tão docilmente às excentricidades de um marido que enchia a casa de homens de cabelo comprido e mulheres de cabelo curto e, quando viajava, levava-a para visitar tumbas em Yucatán,¹ em vez de ir para Paris ou para a Itália. Mas ali estavam eles, apegados a seus costumes e aparentemente alheios ao fato de serem diferentes das outras pessoas; e, quando davam uma de suas enfadonhas *garden-parties* anuais, toda família dos Cliffs,² por causa do parentesco Sillerton-Pennilow-Dagonet, tinha de tirar a sorte para enviar um involuntário representante.

“Muito me admira que não tenham escolhido o dia da corrida!”, Mrs. Welland exclamou. “Você se lembra que, dois anos atrás, deram uma festa para um negro no dia do *thé dansant*³ de Julia Mingott? Ainda bem que, desta vez, não há mais nada programado, pelo que sei... pois naturalmente alguns de nós vão ter de ir.”

Mr. Welland suspirou, nervoso. “‘Alguns de nós’, minha cara... mais de um? A hora é um transtorno. Preciso estar em casa às três e meia para tomar minhas gotas: não adianta nada seguir o novo tratamento de Bencomb se eu não for sistemático; e, se eu for para lá depois, naturalmente vou perder meu passeio.” Tal possibilidade o fez largar novamente a faca e o garfo, e colocou-lhe um rubor de ansiedade no rosto enrugado.

“Você não precisa ir, querido”, Mrs. Welland falou com uma disposição que já se tornara automática. “Tenho de deixar uns cartões na outra ponta da Bellevue Avenue e pretendo estar lá por volta das três e meia e ficar o tempo suficiente para a coitada da Amy não se sentir desprezada.” E olhou hesitante para a filha. “E, se Newland já está com a tarde ocupada, talvez May possa levar você para passear de charrete e experimentar os novos arreios vermelhos dos pôneis.”

Era princípio da família que cada um de seus membros tivesse “ocupação”, como dizia Mrs. Welland, para todos os dias e todas as horas. A melancólica possibilidade de ter de “matar o tempo” (como era o caso, principalmente, de quem não gostava de jogar uíste ou paciência) assombrava-a como o espectro do desempregado assombra o filantropo. Outro de seus princípios era que os pais nunca deviam interferir (ao menos visivelmente) nos planos dos filhos casados; e a dificuldade de conciliar o respeito pela independência de May com as exigências de Mr. Welland só podia ser superada com o exercício de uma criatividade que não deixava desocupado um único segundo de seu tempo.

“Claro que eu levo o papai... Com certeza Newland vai arrumar alguma coisa para fazer”, disse May num tom que gentilmente aludia à inércia do marido. Era uma causa de constante aflição para Mrs. Welland a pouca previdência com que o genro planejava seus dias. Durante as duas semanas em que viviam sob o mesmo teto, ela várias vezes lhe perguntara como pretendia usar a tarde, e ele paradoxalmente respondera: “Ah, acho que, para variar, não vou usá-la, mas poupá-la...”; e numa ocasião, quando mãe e filha tinham de fazer uma série de visitas desde muito adiadas, ele confessara ter passado a tarde inteira deitado na praia, à sombra de uma pedra.

“Parece que Newland nunca pensa no amanhã”, Mrs. Welland certa vez se arriscou a lamentar; e May respondeu serenamente: “Não; mas isso não importa, porque, quando não tem nada de especial para fazer, ele lê um livro”.

“Ah, sim... como o pai dele!”, Mrs. Welland concordou, como se reconhecesse uma esquisitice herdada; e depois disso não tocou mais no assunto da inatividade do genro.

Entretanto, ao aproximar-se o dia da recepção dos Sillerton, May começou a demonstrar uma solicitude natural pelo bem-estar do marido e a sugerir uma partida de tênis na casa dos Chivers ou um passeio no veleiro de Beaufort como forma de compensar sua ausência temporária. “Eu volto lá pelas seis, querido; você sabe que o papai nunca fica na rua depois dessa hora...” E só se tranquilizou quando Newland anunciou que estava pensando em alugar uma charrete para ir até uma fazenda de criação de equinos procurar um

segundo cavalo para a berlinda. Fazia algum tempo que estavam em busca desse cavalo, e a sugestão era tão aceitável que May olhou para a mãe como se dissesse: “Viu só como ele sabe planejar o tempo tão bem quanto qualquer um de nós?”.

Archer tivera essa ideia da fazenda e do cavalo para a berlinda no dia em que se mencionou pela primeira vez o convite de Emerson Sillerton, porém a mantivera em segredo, como se envolvesse algo de clandestino e sua revelação a inviabilizasse. Mas tomara a precaução de contratar uma charrete com uma parilha de velhos trotadores de aluguel ainda capazes de percorrer uns trinta quilômetros numa estrada plana; e às duas da tarde levantou-se apressadamente da mesa do almoço, pulou na charrete e foi embora.

O dia era perfeito. Uma brisa do norte empurrava pequenos tufo de nuvem branca pelo céu de um azul ultramarino sobre um mar luminoso. A Bellevue Avenue estava deserta, e, depois de deixar o cavalição na esquina da Mill Street, Archer entrou na Old Beach Road e percorreu a Eastman’s Beach.⁴

Sentia a mesma empolgação inexplicável com que, nos feriados escolares, partia para o desconhecido. Conduzindo a parilha em marcha moderada, esperava chegar à fazenda, situada pouco adiante das Paradise Rocks, antes das três horas; assim, depois de examinar o cavalo (e experimentá-lo, se o julgasse promissor), ainda teria a seu dispor quatro horas preciosas.

Tão logo ouvira falar da festa dos Sillerton, dissera a si mesmo que a marquesa Manson por certo iria a Newport com as Blenker e que madame Olenska talvez aproveitasse a oportunidade de passar o dia com a avó. De qualquer modo, a casa das Blenker provavelmente estaria deserta, e, sem ser indiscreto, ele poderia satisfazer sua vaga curiosidade. Não sabia bem se queria ver a condessa; mas, desde que a avistara do caminho na encosta, alimentava o desejo irracional e indescritível de ver o lugar onde ela morava e observar os movimentos de sua figura imaginada como contemplara a figura de carne e osso no quiosque. Dia e noite sentia esse desejo incessante e indefinível como o súbito anseio de um enfermo por uma comida ou uma bebida que provara uma vez e havia muito esquecera. Não

enxergava nada além desse desejo e tampouco imaginava a que poderia conduzi-lo, pois, conscientemente, não queria falar com madame Olenska nem ouvir sua voz. Simplesmente achava que, se pudesse levar consigo a imagem do lugar da terra em que ela caminhava e a maneira como o céu e o mar o circundavam, o resto do mundo talvez lhe parecesse menos vazio.

Uma vez na fazenda, logo viu que o cavalo não era o que queria; mesmo assim, examinou-o para provar a si mesmo que não tinha pressa. Às três horas, porém, tomou as rédeas dos trotadores e enveredou pelas estradinhas que iam ter a Portsmouth. O vento amainara, e uma bruma tênue no horizonte indicava que um nevoeiro aguardava para encobrir o Saconnet⁵ na mudança da maré; mas a seu redor campos e bosques estavam envoltos numa luz dourada.

Archer deixou para trás casas de telhado cinzento cercadas de pomares, campos de feno, carvalhais, aldeias de campanários brancos apontando para o céu. Por fim, depois de parar para pedir informação a uns lavradores, entrou num caminho margeado de varas-de-ouro⁶ e amoreiras silvestres que terminava no azul cintilante do rio; à esquerda, diante de carvalhos e bordos, erguia-se uma casa velha, com a tinta branca se desprendendo das paredes de madeira.

Na beira do caminho, à frente do portão, havia um daqueles barracões em que os camponeses da Nova Inglaterra guardam seus instrumentos agrícolas e os visitantes amarram seus cavalos. O rapaz saltou da charrete, conduziu os animais para dentro do barracão e, depois de amarrá-los num poste, dirigiu-se para a casa. O gramado se transformara num campo de feno; à esquerda, porém, um vasto canteiro de dalias⁷ e roseiras malcuidadas rodeava um fantasmagórico quiosque de treliça que um dia havia sido branco e ostentava no teto um Cupido de madeira que perdera o arco e a flecha, mas continuava inutilmente mirando o alvo.

Archer ficou parado, apoiado no portão. Não havia ninguém à vista, e das janelas abertas da casa não provinha ruído algum; um terra-nova cinzento cochilava diante da porta, parecendo um guardião tão inútil quanto o Cupido sem flecha. Era estranho pensar

que esse lugar de silêncio e decadência era a casa das irrequietas Blenker; porém ele tinha certeza de que não se enganara.

Ali permaneceu por alguns minutos, contemplando o cenário e pouco a pouco sucumbindo a seu encanto modorrento, até lembrar que o tempo não para. Deveria olhar até fartar-se e então ir embora? Estava indeciso, subitamente desejoso de ver o interior da casa, a sala em que madame Olenska ficava. Nada o impedia de ir até a porta e tocar a campainha; se ela tivesse saído com as demais moradoras, podia apresentar-se e pedir permissão para entrar e escrever um bilhete.

No entanto, preferiu atravessar o gramado e voltar para o canteiro. Lá chegando, viu no quiosque uma coisa colorida que pouco depois identificou como uma sombrinha cor-de-rosa. Aproximou-se como se um ímã o atraísse, certo de que a sombrinha era dela. Entrou no quiosque e, sentando-se num banco oscilante, pegou o sedoso objeto, examinou o cabo entalhado de madeira rara e perfumada e levou-o aos lábios.

Nesse instante, ouviu um farfalhar de saias e ficou imóvel, apoiado no cabo da sombrinha, as mãos crispadas, a cabeça baixa, esperando o farfalhar aproximar-se. Sempre soube que isso ia acontecer...

“Ah, Mr. Archer!”, uma voz juvenil exclamou. Ele ergueu a cabeça e viu a Blenker mais jovem e mais corpulenta, loira e corada, num vestido de musselina sujo de barro. Ela devia ter passado um bom tempo com o rosto encostado no travesseiro, pois tinha uma mancha vermelha numa das faces, e parecia confusa, embora se mostrasse acolhedora.

“Deus do céu... de onde foi que o senhor saiu? Acho que eu dormi na rede. Todo mundo foi para Newport. O senhor tocou a campainha?”, balbuciou, desnorreada.

Archer estava mais confuso que ela. “Eu... não... quer dizer, eu já ia tocar. Vim ver um cavalo aqui perto e pensei que talvez encontrasse Mrs. Blenker e suas hóspedes. Mas a casa parecia vazia, e me sentei para esperar.”

A mocinha sacudiu a cabeça para dissipar a névoa do sono e fitou-o com crescente interesse. “A casa *está* vazia. A mamãe não está, nem a marquesa... nem ninguém, a não ser eu.” Seu olhar se tornou

ligeiramente reprovador. “O senhor não sabia que, agora à tarde, o professor e Mrs. Sillerton estão dando uma festa para a mamãe e todas nós? Por azar, eu não pude ir, porque estava com dor de garganta, e a mamãe ficou com medo de que o sereno da noite me fizesse mal. Já viu tamanha decepção? Claro que eu não me importaria tanto, se soubesse que o senhor viria”, acrescentou alegremente, começando a dar sinais visíveis de uma canhestra coqueteria.

Archer encontrou forças para perguntar: “Madame Olenska... também foi para Newport?”.

Miss Blenker se surpreendeu: “Madame Olenska... então não sabe que ela precisou ir embora?”.

“Precisou...?”

“Ah, minha melhor sombrinha! Eu a emprestei para a tonta da Katie, porque combinava com as fitas dela, e aquela cabeça de vento a largou aqui. Todas nós somos assim... verdadeiras boêmias!” Ao recuperar a sombrinha com sua mão vigorosa, imediatamente a abriu e abrigou-se sob a cúpula rosada. “Sim, Ellen precisou ir embora ontem... ela nos deixa chamá-la de Ellen. Recebeu um telegrama de Boston e falou que precisava ficar uns dois dias por lá. Eu *adoro* o penteado dela; e o senhor?”

Archer continuou encarando a tagarela como se ela fosse transparente. Tudo que via era o arco rosado da sombrinha barata que protegia aquele rosto risonho.

Depois de um instante, arriscou: “Você sabe por que madame Olenska foi para Boston? Espero que não tenha recebido más notícias”.

Miss Blenker reagiu com alegre incredulidade. “Ah, acho que não. Ela não nos contou o que dizia o telegrama. Acho que não queria que a marquesa soubesse. Ela parece tão romântica, não parece? Não lembra Mrs. Scott-Siddons⁸ lendo ‘Lady Geraldine’s Courtship’?⁹ Nunca ouviu essa leitura?”

Ele procurava organizar os pensamentos. Tinha a sensação de que todo o seu futuro se desenrolava a sua frente; e, percorrendo esse vazio interminável, viu a figura decrescente de um homem a quem

nada jamais iria acontecer. Olhou em torno: o jardim malcuidado, a casa velha, os carvalhos entre os quais se aninhavam as sombras do crepúsculo. Parecia-lhe o tipo de lugar onde encontraria madame Olenska; e ela não estava ali, e nem mesmo a sombrinha cor-de-rosa lhe pertencia...

Ele franziu a testa, hesitante. “Será que você sabe que... eu vou para Boston amanhã. Se eu pudesse vê-la...”

Percebeu que miss Blenker perdera o interesse por ele, embora ainda sorrisse. “Ah, claro, é muita gentileza sua! Ela vai estar na Parker House;¹⁰ deve ser horrível lá, com esse tempo.”

Archer não tinha plena consciência do que disseram depois disso. Só se lembrava de ter resistido bravamente aos pedidos da mocinha para que esperasse o retorno da família e tomasse chá com todos antes de ir para casa. Por fim, com a anfitriã ainda a seu lado, passou pelo Cupido de madeira, desamarrou os cavalos e afastou-se. Na curva do caminho, viu miss Blenker de pé no portão, balançando a sombrinha cor-de-rosa.

Na manhã seguinte, quando desceu do trem de Fall River,¹ Archer se viu numa Boston sufocada pelo calor. Um cheiro de cerveja, café e fruta podre espalhava-se pelas ruas próximas à estação, e transeuntes em mangas de camisa circulavam por ali com o desembaraço dos hóspedes de uma pensão dirigindo-se ao banheiro.

Archer entrou num fiacre e rumou para o clube Somerset,² onde pretendia tomar o desjejum. Até as ruas mais elegantes tinham um ar de desleixo que nem o calor mais intenso consegue imprimir às cidades europeias. Porteiros em trajés de algodão recostavam-se na soleira dos ricos, e o Common³ parecia ter sido palco recente de um piquenique maçônico.⁴ Se Archer tentasse imaginar Ellen Olenska num cenário improvável, não lhe ocorreria um lugar onde seria mais difícil encaixá-la que nessa Boston deserta e prostrada pelo calor.

Ele comeu com apetite, porém metodicamente, começando com uma talhada de melão e lendo o jornal matutino, enquanto esperava a torrada e os ovos mexidos. Sentia-se cheio de energia e dinamismo desde o momento em que, na véspera, anunciara a May que naquela mesma noite tomaria o barco até Fall River para de lá ir a Boston tratar de uma questão de trabalho e na noite seguinte viajaria para Nova York. Já havia deixado claro que voltaria para a cidade no início da semana e, quando retornou de sua expedição a Portsmouth, encontrou uma carta do escritório que o destino colocara em lugar de destaque na mesa do saguão e que lhe serviu para justificar sua

repentina mudança de plano. Até se envergonhou da facilidade com que a situação se resolvera — e que por um embaraçoso momento lembrou-lhe as magistrais artimanhas de Lawrence Lefferts para preservar sua liberdade. Mas não se incomodou com isso por muito tempo, pois não estava com disposição para refletir.

Após o desjejum, fumou um cigarro e folheou o *Commercial Advertiser*.⁵ Dois ou três conhecidos seus entraram e trocaram-se os cumprimentos habituais: o mundo era o mesmo, afinal, embora ele tivesse a estranha sensação de ter escapado por entre as malhas do tempo e do espaço.

Consultou o relógio e, vendo que eram nove e meia, levantou-se e foi até o escritório do clube, onde escreveu um bilhete que pediu para um mensageiro levar à Parker House e aguardar a resposta. Depois, abriu outro jornal e tentou calcular o tempo que o mensageiro demoraria.

“A senhora havia saído”, informou-lhe de repente um garçom.

“Saído...?”, ele balbuciou, como se fosse uma palavra em língua estrangeira.

E imediatamente se dirigiu ao saguão. Alguma coisa estava errada: ela não podia ter saído àquela hora. Archer se enfureceu consigo mesmo: por que não mandara o bilhete assim que chegara?

Pegou o chapéu e a bengala e ganhou a rua. Como se fosse um viajante procedente de terras longínquas, subitamente achou a cidade estranha, imensa, vazia. Hesitou por um momento, parado na porta, e depois resolveu ir à Parker House. E se o mensageiro tivesse sido mal informado e ela ainda estivesse lá?

Começou a atravessar o Common e logo a viu sentada no primeiro banco, sob uma árvore, empunhando uma sombrinha de seda cinzenta — como a imaginara com uma sombrinha cor-de-rosa? Chegando mais perto, impressionou-se com sua apatia: parecia que ela não tinha nada para fazer além de ficar ali sentada, cabisbaixa, o coque de cabelo na nuca, o chapéu escuro, a luva longa e engorovinhada na mão que segurava a sombrinha. Archer se aproximou um pouco mais; ela se voltou e fitou-o.

“Ah...”, murmurou e pela primeira vez se mostrou assustada, porém no momento seguinte sorriu, surpresa e contente. “Ah...”, repetiu, em outro tom, e, sem se levantar, abriu-lhe espaço no banco.

“Estou aqui a negócios... acabei de chegar”, ele explicou e, sem saber por quê, subitamente fingiu que não esperava encontrá-la. “Mas o que é que *voce* está fazendo neste deserto?” Não tinha ideia do que dizia: pareceu-lhe que estava gritando de longe, de uma distância infinita, e que ela desapareceria novamente, antes que pudesse alcançá-la.

“Eu? Também estou aqui a negócios”, madame Olenska respondeu, encarando-o.

Ele mal ouviu suas palavras: estava concentrado em sua voz, da qual, constatou com espanto, nem mesmo um eco lhe restara na memória. Nem se lembrava de que era uma voz grave, ligeiramente áspera nas consoantes. “Está com um penteado diferente”, comentou, o coração batendo como se tivesse dito algo irrevogável.

“Diferente? Não... faço o que posso, quando não estou com Nastasia.”

“Nastasia não veio com você?”

“Não; estou sozinha. Não valia a pena trazê-la por apenas dois dias.”

“Está sozinha... na Parker House?”

A condessa o olhou com um lampejo de sua antiga malícia. “Acha perigoso?”

“Não; perigoso não...”

“Mas pouco convencional? Entendo; e acho que é mesmo”, ela falou e, depois de refletir por um instante, acrescentou: “Não pensei nisso, porque acabei de fazer uma coisa muito menos convencional”. Ainda havia em seus olhos uma ponta de ironia. “Acabei de recusar um dinheiro... que me pertencia.”

Archer se levantou de um salto e afastou-se alguns passos. Ela fechou a sombrinha e permaneceu sentada, distraidamente traçando riscos no cascalho. Então ele se aproximou.

“Alguém... veio encontrá-la aqui?”

“Sim.”

“Com essa oferta?”

Madame Olenska confirmou com um gesto.

“E você recusou... por causa das condições?”

“Eu recusei”, ela respondeu depois de um instante.

O jovem sentou-se novamente a seu lado. “Quais eram as condições?”

“Ah, não eram nada demais: só sentar-me à mesa com ele de vez em quando.”

Seguiu-se mais um silêncio. Archer sentiu o coração fechar-se a sua estranha maneira e tentou inutilmente atinar com as palavras.

“Ele quer que você volte... a qualquer preço?”

“Bom... a um preço considerável. Pelo menos para mim é uma soma considerável.”

Mais uma vez o rapaz ficou calado, procurando a pergunta que deveria formular.

“Foi para encontrá-lo que você veio para cá?”

A condessa caiu na gargalhada. “Encontrá-lo...? Encontrar meu marido? *Aqui*? Nesta época do ano ele sempre está em Cowes ou em Baden.”⁶ “Ele mandou alguém?”

“Sim.”

“Com uma carta?”

“Não; com um recado apenas. Ele nunca escreve. Acho que só me escreveu uma carta na vida.” A cor que essa lembrança fez surgir em seu rosto refletiu-se no rubor intenso de seu interlocutor.

“Por que ele nunca escreve?”

“Por que escreveria? Para isso tem secretários.”

O jovem enrubesceu ainda mais. Ellen pronunciara essa palavra como se não significasse mais que qualquer outra de seu vocabulário. Archer tinha a pergunta na ponta da língua — “Então ele mandou o secretário?” —, porém ainda estava pensando na única carta que o conde Olenski enviara à esposa. Mais uma vez ficou em silêncio por um instante e depois se arriscou:

“E o emissário...?”

“O emissário? O emissário... por mim, já poderia ter ido embora, mas falou que ia esperar até a noite... no caso de... quem sabe...”

“E você saiu para refletir sobre isso?”

“Saí para respirar. Eu estava sufocando no hotel. Vou tomar o trem da tarde para Portsmouth.”

Ambos se mantiveram em silêncio, olhando para os transeuntes. Por fim, ela o fitou novamente e comentou: “Você não mudou nada”.

Archer teve vontade de responder: “Mudei, até o momento em que vi você”, mas levantou-se abruptamente e correu os olhos pelo parque malcuidado.

“Isto aqui é horrível. Vamos até a baía? Sempre sopra uma brisa por lá, e o calor não é tão intenso. Podemos tomar o vapor até Point Arley.” Vendo-a hesitar, prosseguiu: “Segunda-feira de manhã, o barco deve estar vazio. Meu trem só parte à noite; vou para Nova York. O que me diz?”, insistiu; e de repente perguntou: “Não fizemos tudo que podíamos?”.

“Ah...”, ela murmurou, antes de levantar-se e abrir a sombrinha, olhando em torno como se perscrutasse o cenário para certificar-se de que era impossível permanecer ali. E voltou a fitá-lo. “Não deve me dizer essas coisas.”

“Vou dizer o que você quiser ouvir; ou não vou dizer nada. Só vou falar se você mandar. Que mal há nisso? Tudo que quero é ouvir você.”

Madame Olenska consultou um relógio de ouro preso a uma corrente revestida de esmalte. “Ah, não calcule”, Archer pediu; “dê-me o dia! Quero afastá-la daquele homem. A que hora ele ficou de vir?”

Ela corou novamente. “Às onze.”

“Então vamos logo.”

“Não precisa ter medo... se eu não for.”

“Nem você... se for. Juro que só quero saber de você, saber o que tem feito. Faz um século que nos vimos pela última vez... pode ser que tenhamos de esperar mais um século para nos vermos de novo.”

Ela ainda hesitou, fitando-o ansiosamente. “Por que você não foi me buscar na praia, quando estive na casa da vovó?”, perguntou.

“Porque você não olhou para trás... porque você não sabia que eu estava lá. Eu jurei que só iria a seu encontro se você olhasse para trás.” Ele riu ao perceber a infantilidade dessa confissão.

“Mas eu não olhei para trás de propósito.”

“De propósito?”

“Eu sabia que você estava lá; reconheci os pôneis, quando você chegou. Por isso fui até a praia.”

“Para ficar longe de mim o máximo possível?”

A condessa repetiu num murmúrio: “Para ficar longe de você o máximo possível”.

Archer riu mais uma vez, agora com uma satisfação infantil. “Bom, você está vendo que não adianta. Também posso lhe contar que o negócio que me trouxe aqui era encontrar você. Mas temos de ir, senão vamos perder nosso barco.”

“Nosso barco?” Ela franziu a testa, perplexa, e em seguida sorriu. “Ah, mas primeiro tenho de passar no hotel: preciso deixar um bilhete...”

“Quantos bilhetes você quiser. Pode escrever aqui mesmo.” Ele tirou do bolso um pequeno bloco de anotações e uma das novas canetas estilográficas.⁷ “Tenho até um envelope. Viu como tudo está predestinado? Apoie o bloco no joelho; já vou fazer a caneta funcionar. Essas canetas são voluntariosas; espere...” Bateu no encosto do banco a mão que segurava a caneta. “É como sacudir o termômetro para baixar o mercúrio: só um truque. Experimente agora...”

Ellen riu e, inclinando-se sobre o bloco, começou a escrever. O jovem se afastou alguns passos, radiante, correndo os olhos ausentes pelos transeuntes, que, por sua vez, paravam para ver a cena inusitada de uma elegante senhora escrevendo alguma coisa sobre os joelhos num banco do Common.

Ela colocou o bilhete no envelope, acrescentou o nome do destinatário e guardou-o na bolsa. Depois, levantou-se.

Os dois caminharam na direção da Beacon Street,⁸ e, perto do clube, Archer avistou o fiacre que levava o mensageiro à Parker House e cujo cocheiro se refazia do esforço, lavando o rosto no hidrante da esquina.

“Eu falei que tudo está predestinado! Um fiacre nos espera. Viu só?” Ambos riram, atônitos com o milagre de encontrar um carro de

praça àquela hora e naquele local improvável, numa cidade em que os pontos de táxi ainda constituíam uma novidade “estrangeira”.

Archer consultou o relógio e constatou que tinham tempo de ir até a Parker House antes de rumar para o cais. Assim, sacolejaram pelas ruas num calor escaldante e pararam diante do hotel.

O rapaz estendeu a mão para pegar o envelope. “Quer que eu leve?”, perguntou. Porém madame Olenska balançou a cabeça, desceu do fiacre e desapareceu atrás das portas de vidro. Eram dez e meia; e se o emissário, impaciente pela resposta e não sabendo como empregar seu tempo, já estivesse entre os hóspedes que tomavam refrescos e que Archer vira de relance, quando Ellen entrou?

Ele esperou, andando de um lado para o outro. Um jovem siciliano com olhos iguais aos de Nastasia ofereceu-se para engraxar-lhe as botas, e uma matrona irlandesa tentou vender-lhe pêsegos; e a todo momento as portas se abriam para dar passagem a homens suados, o chapéu de palha jogado para trás, que olhavam vagamente para ele antes de afastar-se. Era espantoso que a porta se abrisse com tanta frequência e que todos que saíam parecessem tanto uns com os outros e com todos os homens suados que, a essa hora, passavam continuamente pelas portas dos hotéis em todas as cidades do país.

E então, de repente, Archer viu um rosto que não conseguiu relacionar com os outros. Estava no ponto mais afastado de sua incessante caminhada pela calçada e acabava de virar-se para voltar ao hotel, quando vislumbrou, em meio a rostos típicos — magros e cansados, redondos e surpresos, queixudos e serenos —, esse rosto que era muito mais coisas ao mesmo tempo, e coisas muito diferentes. Pertencia a um moço pálido, alquebrado pelo calor, por alguma preocupação ou por ambos, e, no entanto, parecia mais inteligente, mais expressivo, mais consciente; ou talvez parecesse tudo isso só por ser diferente. Archer se agarrou por um instante ao fio tênue de uma lembrança, porém o fio se rompeu e voou para longe, junto com o rosto — aparentemente de um empresário estrangeiro que parecia duplamente estrangeiro naquele contexto. O dono do rosto se incorporou à torrente de transeuntes, e Archer retomou sua ronda.

Não se importava de ser visto de relógio na mão, nas proximidades do hotel, e sua solitária contagem do tempo transcorrido levou-o a concluir que, se madame Olenska estava demorando tanto para voltar, só podia ser porque o emissário a abordara. E essa ideia transformou sua apreensão em angústia.

“Se ela não voltar logo, vou lá dentro procurá-la”, decidiu.

As portas se abriram mais uma vez, e ela surgiu a seu lado. Os dois entraram no fiacre, e, enquanto se afastavam, Archer consultou o relógio e constatou que a ausência de Ellen durara apenas três minutos. Em meio ao estrépito das janelas chacoalhantes que os impedia de conversar, sacolejaram pelas pedras irregulares do calçamento até o cais.

Sentados lado a lado no barco meio vazio, perceberam que pouco tinham a dizer um para o outro — ou antes, que o que tinham a dizer expressava-se melhor no bendito silêncio de sua liberdade e de seu isolamento.

Quando o barco se pôs em movimento, o cais e as demais embarcações afastando-se pouco a pouco através da névoa do calor, Archer teve a sensação de que tudo que havia em seu velho mundo também se afastava. Ansiava por perguntar a sua companheira se não tinha a mesma sensação de estar iniciando uma longa viagem que talvez não tivesse volta. Mas temia formular a pergunta ou dizer qualquer coisa que pudesse perturbar o delicado equilíbrio da confiança que lhe inspirava. Na verdade, não queria trair essa confiança. Havia noites e dias em que sentia os lábios arderem com a lembrança de seu beijo; ainda na véspera, quando se dirigia a Portsmouth, queimara por dentro ao pensar nela; porém agora, tendo-a a seu lado, rumando para esse mundo desconhecido, parecia-lhe que haviam chegado ao tipo de proximidade mais profunda que um único toque pode romper.

Quando o barco saiu do porto e seguiu para o alto-mar, uma brisa os envolveu e a baía fragmentou-se em longas ondulações oleosas, depois em ondas coroadas de espuma. A névoa do mormaço ainda pairava sobre a cidade, porém mais à frente os esperava um mundo de águas agitadas e distantes promontórios com seus faróis ao sol.

Apoiada na amurada, madame Olenska sorvia o frescor com os lábios entreabertos. Usava um longo véu enrolado no chapéu, mas tinha o rosto descoberto, e Archer se encantou com a tranquila alegria de seu semblante. Ela parecia encarar sua aventura como algo natural; parecia não temer o inesperado, nem (o que era pior) empolgar-se indevidamente com a possibilidade do inesperado.

No modesto refeitório da pousada, que ele esperava ter só para os dois, encontraram um grupo ruidoso de rapazes e moças de aspecto inocente — professores em férias, informou-lhes o proprietário —, e Archer estremeceu ante a ideia de conversar com aquele barulho todo.

“Assim não é possível... vou pedir um reservado”, anunciou; e, sem levantar objeção, a condessa aguardou seu retorno. O reservado dava para uma longa varanda de madeira com vista para o mar. Singelo e fresco, tinha uma mesa com uma grosseira toalha xadrez, um vidro de pickles e uma torta de mirtilo sob uma campânula. Nunca um *cabinet particulier*⁹ de aparência mais honesta servira de refúgio a um casal clandestino: Archer julgou ver a confirmação desse fato no sorriso com que madame Olenska se sentou a sua frente. Uma mulher que fugira do marido — e com outro homem, segundo voz corrente — devia dominar a arte de aceitar as coisas com naturalidade; mas havia em sua compostura algo que atenuava a ironia. Calma, serena e simples, ela conseguira varrer as convenções e fazê-lo sentir que procurar estar a sós era absolutamente normal para dois velhos amigos que tinham tanto a dizer um para o outro...

Almoçaram sem pressa, pensativos, alternando a conversa com intervalos de silêncio; pois, uma vez rompido o encanto, havia muito a dizer, mas também havia momentos em que falar se tornava o mero acompanhamento de longos diálogos sem palavras. Archer evitou falar de si mesmo, não por deliberação consciente, mas porque não queria perder uma só palavra do relato de madame Olenska; e, debruçada sobre a mesa, o queixo apoiado nas mãos, ela lhe contou do ano e meio que transcorrera desde seu último encontro.

Cansara-se da chamada “sociedade”; Nova York era gentil e quase opressivamente hospitaleira; ela nunca esqueceria a acolhida que tivera por ocasião de sua volta; contudo, passado o impacto da novidade, descobrira que estava “diferente” demais para se importar com coisas que importavam a Nova York — e, assim, decidira experimentar Washington, onde esperava conhecer uma variedade maior de pessoas e de opiniões. Provavelmente acabaria por instalar-se lá com a pobre Medora, que esgotara a paciência de todos os outros parentes bem no momento em que mais precisava de cuidados e proteção contra os perigos do casamento.

“E o dr. Carver...? Você não tem medo dele? Ouvi dizer que também estava na casa das Blenker.”

Ellen sorriu. “Ah, esse perigo já passou. O dr. Carver é um homem muito esperto. Quer uma esposa rica para financiar seus planos, e Medora é apenas uma boa publicidade como convertida.”

“Convertida a quê?”

“A todo tipo de maluquice em termos de novos projetos sociais. Mas eu considero isso mais interessante que a cega obediência à tradição... à tradição dos outros... que vejo entre nossos amigos. Teria sido burrice descobrir a América só para transformá-la numa cópia de outro país.” Ela sorriu novamente. “Você acha que Cristóvão Colombo teria tido aquele trabalho todo só para ir à ópera com os Selfridge Merry?”

Archer mudou de cor. “E Beaufort... você fala sobre isso com Beaufort?”, perguntou abruptamente.

“Faz muito tempo que não o vejo. Mas eu falava disso, sim; e ele me entendia.”

“Ah, é o que eu sempre lhe digo: você não gosta de nós. E gosta de Beaufort porque ele é muito diferente de nós.” Seu olhar percorreu o reservado vazio, a praia deserta, a fileira de casas brancas ao longo da costa. “Nós somos um tédio. Não temos personalidade, não temos nada de especial, não temos variedade”, ele acrescentou. “Por que você não volta para a Europa?”, perguntou de repente.

Ao ver seus olhos se ensombrecerem, preparou-se para receber uma resposta indignada. Mas ela se manteve em silêncio, como se meditasse sobre o que acabava de ouvir, e Archer temeu que já tivesse pensado nessa possibilidade.

“Acho que é por causa de você”, ela por fim murmurou.

Não poderia ter feito essa confissão num tom mais desapaixonado ou menos lisonjeiro para a vaidade de seu interlocutor. O jovem corou até a raiz do cabelo, porém não se mexeu e tampouco abriu a boca; era como se as palavras da condessa fossem uma borboleta rara que ao menor movimento se poria em fuga, assustada, mas que, se nada a perturbasse, poderia atrair uma nuvem de borboletas semelhantes.

“Pelo menos”, Ellen continuou, “foi você quem me fez entender que por baixo do tédio existem coisas muito boas, sensíveis e delicadas que tornam insignificantes até mesmo aquelas que eu mais amava em minha outra vida. Não sei explicar...” E franziu a testa, quase juntando as sobrancelhas. “É como se eu nunca tivesse me

dado conta do grau de torpeza, de indignidade que pode ser necessário para pagar os prazeres mais requintados.”

“Prazeres requintados... Já é alguma coisa tê-los tido”, ocorreu-lhe dizer, porém o apelo nos olhos dela o manteve em silêncio.

“Quero ser absolutamente honesta com você... e comigo mesma”, a condessa prosseguiu. “Há muito tempo que espero a oportunidade de lhe dizer quanto você me ajudou, o que você fez de mim...”

Archer interrompeu-a com uma risada, os olhos fitos em seu rosto, um vinco na testa. “E o que você acha que fez de mim?”

Ela empalideceu. “O que eu fiz de você?”

“Sim: pois eu sou obra sua muito mais do que você é obra minha. Eu me casei com uma mulher porque outra mulher me disse para casar.”

Um rubor fugidio substituiu a palidez. “Eu pensei... você prometeu... que hoje não ia dizer esse tipo de coisa.”

“Ah... as mulheres! Sempre fugindo dos problemas!”

“É um problema... para May?”

Ele se levantou, foi até a janela e se pôs a tamborilar na vidraça, sentindo em cada fibra de seu ser a melancólica ternura com que madame Olenska pronunciara o nome da prima.

“Pois é nisso que sempre temos de pensar... como você mesmo falou”, Ellen insistiu.

“Como eu mesmo falei?”, Archer repetiu, os olhos vazios pousados no mar.

“Ou”, ela continuou, perseguindo com doloroso esforço o fio do próprio pensamento, “se não vale a pena ter renunciado, ter perdido algumas coisas, para poupar os outros da desilusão e do sofrimento... então, tudo que vim buscar, tudo que fazia minha outra vida parecer tão vazia e pobre, porque lá ninguém se importava com isso... então... é tudo mentira... ou sonho...”

Archer se virou, porém não saiu do lugar. “E, nesse caso, não há por que você não voltar para lá”, concluiu.

Ela o fitou com desespero. “Não há por quê?”

“Não, se você apostou tudo no sucesso de meu casamento. Não vai ser meu casamento que há de prendê-la aqui”, ele replicou, implacável, e, como não obtivesse resposta, prosseguiu: “Qual é o

sentido disso? Você me deu meu primeiro vislumbre da vida real e no mesmo instante me pediu para continuar vivendo uma farsa. É mais do que qualquer ser humano pode suportar... só isso”.

“Ah, não fale assim; sou eu que estou suportando!”, ela explodiu, os olhos marejados de lágrimas.

Tinha os braços caídos, o rosto exposto ao olhar de seu interlocutor como se imprudentemente se aventurasse a um grave perigo. O rosto a expunha como se fosse toda a sua pessoa, incluindo sua alma. O jovem permanecia de pé, mudo, estarecido com o que acabava de entender.

“Você também... ah, esse tempo todo... você também?”

Em resposta, ela deixou as lágrimas transbordarem e correrem lentamente.

Metade do espaço ainda os separava, e nenhum dos dois esboçou qualquer movimento. Archer se deu conta de uma curiosa indiferença em relação à presença física da condessa: mal a teria percebido, se uma das mãos sobre a mesa não lhe atraísse a atenção, como ocorrera na casinha da rua 23, quando se concentrara nessa mão para não olhá-la no rosto. Agora, sua imaginação rodopiava em torno da mão como na borda de um vórtice; mas ele nada fez para aproximar-se. Conhecia o amor que se alimenta de carícias e as alimenta; porém não poderia satisfazer superficialmente essa paixão, mais entranhada em seu ser que seus próprios ossos. Só temia fazer qualquer coisa que apagasse o som e a impressão das palavras dela; só pensava que nunca mais sentiria uma solidão absoluta.

Contudo, um momento depois, sucumbiu a uma sensação de desperdício e ruína. Ali estavam, juntos, seguros, confinados e, no entanto, tão presos a seus respectivos destinos que bem poderiam estar separados por meio mundo.

“Qual é o sentido disso... Quando você vai voltar?”, perguntou, um imenso e desesperado *O que posso fazer para segurá-la?* gritando por trás das palavras.

Ela permaneceu imóvel, os olhos baixos. “Ah... não é agora!”

“Não é agora? Mas vai voltar? Já sabe quando?”

A condessa ergueu os olhos perfeitamente límpidos. “Eu lhe prometo: enquanto você aguentar. Enquanto pudermos olhar um para

o outro como agora.”

Archer se deixou cair na cadeira. Entendia que, na verdade, ela acabara de dizer: “Se você levantar um dedo, estará me mandando embora: embora para as abominações que você conhece e para todas as tentações que você mal imagina”. Entendia-o claramente, como se essas palavras tivessem de fato sido proferidas, e por isso se manteve estático do outro lado da mesa, numa espécie de comovida e sagrada submissão.

“Que vida para você!”, lamentou.

“Ah... enquanto fizer parte da sua...”

“E a minha fizer parte da sua?”

Ela confirmou com um gesto.

“E isso será tudo... para nós dois?”

“Bom, isso é tudo, não é?”

A pergunta o fez levantar-se de um salto, esquecendo-se de tudo, menos da doçura de seu rosto. Ela também se levantou, não para ir a seu encontro ou para fugir-lhe, mas calmamente, como se tivesse cumprido a pior parte da tarefa e só lhe restasse esperar; tão calmamente que, quando Archer se aproximou, estendeu as mãos para guiá-lo, e não para repeli-lo. Segurou as mãos dele, mantendo os braços esticados, mas não rígidos, a fim de guardar entre ambos a distância suficiente para que seu rosto entregue dissesse o resto.

Assim ficaram por muito tempo ou apenas por alguns momentos, mas foi o bastante para que ela com seu silêncio expressasse tudo que tinha a dizer e ele compreendesse que só uma coisa importava. Não devia fazer nada que o impedisse de encontrá-la novamente; devia deixar o futuro nas mãos dela, pedindo-lhe apenas que o segurasse com firmeza.

“Não... não fique triste”, madame Olenska pediu, a voz entrecortada, soltando-lhe as mãos.

“Você não vai embora... não vai embora?”, ele perguntou, como se fosse a única coisa que não conseguiria suportar.

“Não”, ela declarou, voltando-se para abrir a porta e dirigir-se ao refeitório.

Os ruidosos professores estavam recolhendo seus pertences antes de correr até o cais; do outro lado da praia, o barco branco

aguardava no ancoradouro; e mais além das águas banhadas pelo sol,
Boston se erguia por sobre a névoa.

No barco e na presença de estranhos, Archer sentiu uma paz de espírito que o surpreendia tanto quanto o sustentava.

Pelos critérios habituais, o dia fora um ridículo fracasso; ele nem sequer tocara a mão de madame Olenska com os lábios e tampouco lhe arrancara uma só palavra que sugerisse novas oportunidades. Não obstante, considerando que sofria de amor insatisfeito e se despedia do objeto de sua paixão por tempo indeterminado, sentia-se quase humilhanamente calmo e consolado. O perfeito equilíbrio que ela mantivera entre a lealdade de ambos a outras pessoas e a honestidade de ambos para com eles mesmos o comovera e no entanto o tranquilizara; não fora artificialmente calculado, como demonstraram suas lágrimas e suas hesitações, mas constituíra o resultado natural de sua irrestrita sinceridade. Superado o perigo, inspirava-lhe terna veneração e o fazia agradecer ao destino que nenhuma vaidade pessoal, nenhuma sensação de representar um papel diante de testemunhas sofisticadas o tivessem levado a cair na tentação de induzi-la à tentação. Mesmo depois que se despediram com um aperto de mão, na estação de Fall River, e ele se afastou sozinho, restou-lhe a convicção de ter guardado do encontro muito mais do que sacrificara.

Archer caminhou até o clube e refugiou-se na biblioteca deserta, rememorando cada segundo das horas que passaram juntos. À medida que aprofundava sua reflexão, via cada vez mais claramente

que, se ela resolvesse voltar para a Europa — para o marido —, não seria por amor à vida que levava, nem pelos novos termos propostos. Não: só voltaria se achasse que se tornava uma tentação para ele, uma tentação de abandonar o padrão que ambos estabeleceram. Sua decisão seria ficar por perto, desde que ele não lhe pedisse para aproximar-se; e cabia a Archer retê-la por perto, segura, porém à parte.

Tais pensamentos o acompanhavam ainda no trem. Envolviam-no numa espécie de névoa dourada, através da qual os rostos a seu redor pareciam distantes e indefinidos; ele tinha a sensação de que, se falasse com os outros passageiros, não entenderiam o que estava dizendo. Foi nesse estado de abstração que, na manhã seguinte, despertou para a realidade de um sufocante dia de setembro em Nova York. Os rostos castigados pelo calor passavam a seu lado no trem, e ele continuava olhando-os através do mesmo véu dourado; mas, de repente, ao deixar a estação, notou que um dos rostos se destacava, acercava-se, impunha-se a sua consciência. Imediatamente se lembrou: era o rosto do rapaz que, na véspera, tinha visto sair da Parker House e achara diferente dos demais, diferente do rosto típico que se encontra num hotel americano.

Agora achava a mesma coisa; e mais uma vez teve uma vaga consciência de associações anteriores. O rapaz parou e olhou em torno com o ar aturdido do estrangeiro às voltas com as dificuldades de uma viagem em terra americana; depois, aproximou-se, ergueu o chapéu e disse, em inglês: “Creio que nos conhecemos em Londres, monsieur”.

“Ah, sim: em Londres!” Archer apertou-lhe a mão com curiosidade e simpatia. “Então conseguiu vir, afinal?”, perguntou, observando o rosto esperto e abatido do professor francês do jovem Carfry.

“Consegui... sim”, M. Rivière sorriu com os lábios cerrados. “Mas não vou ficar por muito tempo; volto depois de amanhã.” Segurava a valise com a mão impecavelmente enluvada e fitava Archer com uma expressão ansiosa, perplexa, quase suplicante.

“Monsieur, será que... já que tive a sorte de encontrá-lo... eu poderia...”

“Eu ia sugerir isso mesmo: vamos almoçar? No centro; se me procurar em meu escritório, vou levá-lo a um bom restaurante das redondezas.”

M. Rivière ficou visivelmente comovido e surpreso. “É muita bondade sua. Mas eu só queria que me dissesse onde eu poderia tomar algum tipo de condução. Não há carregadores, e parece que aqui ninguém escuta...”

“Eu sei: deve estar confuso com nossas estações. Se pede um carregador, dão-lhe goma de mascar. Mas venha; vou tirá-lo daqui; e não deixe de ir almoçar comigo.”

Depois de uma hesitação apenas perceptível, o outro respondeu, com profusos agradecimentos e num tom que não denotava total convicção, que já tinha um compromisso; no entanto, quando ganharam a relativa segurança da rua, perguntou se poderia procurá-lo à tarde.

Sem muito que fazer no escritório durante o verão, Archer sugeriu uma hora e anotou seu endereço num pedaço de papel. M. Rivière guardou-o no bolso, agradecendo repetidas vezes e brandindo o chapéu, e tomou o bonde.¹

Na hora marcada, apareceu pontualmente, barbeado, bem arrumado, mas ainda tenso e sério. Encontrou Archer sozinho no escritório e foi logo anunciando: “Creio que o vi ontem em Boston”.

Era uma afirmação insignificante, e Archer estava prestes a responder que sim, quando algo misterioso porém esclarecedor no olhar insistente do visitante o fez guardar silêncio.

“É extraordinário, muito extraordinário”, o professor prosseguiu, “que nos encontremos em minhas atuais circunstâncias.”

“Que circunstâncias?”, o outro perguntou, imaginando, com certa grosseria, que se tratava de dinheiro.

M. Rivière ainda o estudava com os olhos. “Não vim para procurar emprego, como falei em nossa última conversa, mas em missão especial...”

“Ah...!” Archer exclamou, rapidamente estabelecendo a relação entre as duas ocasiões. E ficou quieto, assimilando a situação, que de

repente compreendia. O francês também se manteve em silêncio, como se percebesse que dissera o bastante.

“Missão especial”, Archer por fim repetiu.

O visitante ergueu ligeiramente as mãos espalmadas e, com a escrivanhinha de perneira, continuou sustentando o olhar de seu anfitrião, que após alguns momentos se levantou para convidá-lo a sentar-se. Então, acomodou-se numa cadeira mais distante e novamente esperou.

“Era a respeito dessa missão que queria falar comigo?”, Archer finalmente perguntou.

O professor confirmou com um gesto, porém explicou: “Não por mim: quanto a isso, eu... já cheguei a uma conclusão. Eu gostaria... se possível... de falar sobre a condessa Olenska”.

Archer pressentira que ouviria essas palavras; contudo, quando as ouviu, o sangue afluiu-lhe às têmporas, como se um galho de árvore o golpeasse num bosque cerrado.

“E por quem deseja falar?”

M. Rivière enfrentou a pergunta com firmeza. “Bom... eu diria que é por *ela*, mas, para não dar a impressão de que estou tomando muita liberdade, direi que é pela justiça abstrata.”

Archer o fitou com ironia. “Em outras palavras: o senhor é o mensageiro do conde Olenski?”

Seu próprio rubor refletiu-se mais intensamente no rosto pálido do visitante. “Não trago nenhuma mensagem *para o senhor*. Vim procurá-lo por outro motivo, monsieur.”

“Que direito tem o senhor, nas atuais circunstâncias, de me procurar por qualquer outro motivo? Se é um emissário, é um emissário.”

“Minha missão terminou: no que se refere à condessa Olenska, foi um fracasso.”

“Não posso fazer nada”, Archer replicou, com a mesma ironia.

“Ah, pode sim...” M. Rivière fez uma pausa, girou o chapéu nas mãos que permaneciam esmeradamente enluvadas, examinou o forro e tornou a olhar para seu interlocutor. “Tenho certeza de que o senhor pode ajudar a fazer com que seja um fracasso também para a família da condessa.”

Archer empurrou a cadeira e levantou-se. “Bom... é o que eu farei, por Deus!”, exclamou, as mãos nos bolsos, furioso, encarando aquele homenzinho cujo rosto, embora ele também tivesse se levantado, ainda estava alguns centímetros abaixo da linha de seus olhos.

M. Rivière empalideceu, retomando sua cor normal: mais pálido que isso não poderia ficar.

E Archer prosseguiu, explosivo: “Por que diabos o senhor haveria de pensar... pois suponho que me procurou por causa de meu relacionamento com madame Olenska... que eu assumiria uma posição contrária à do resto da família?”.

A mudança de expressão foi, por um momento, a única resposta que obteve. A timidez cedeu lugar à aflição absoluta: habitualmente desenvolto, seu visitante não poderia parecer mais desarmado e indefeso. “Ah, monsieur...”

“Não faço ideia do motivo que o levou a me procurar, e não outras pessoas que estão muito mais próximas da condessa”, Archer continuou. “E muito menos imagino por que achou que eu seria mais acessível aos argumentos que devem tê-lo mandado me apresentar.”

O professor enfrentou esse ataque com desconcertante humildade. “Os argumentos que quero lhe apresentar, monsieur, são meus, não de quem me enviou.”

“Então, vejo menos razão ainda para escutá-los.”

Novamente o francês olhou para o chapéu, como se tentasse entender se essas palavras não seriam uma sugestão bastante clara para colocá-lo na cabeça e ir embora. Por fim, falou, repentinamente resolutivo: “Pode me dizer uma coisa, monsieur? O que o senhor questiona é meu direito de estar aqui? Ou já considera o assunto encerrado?”.

E com sua tranquila insistência conseguiu impor-se. Enrubescendo ligeiramente, envergonhado de sua canhestra explosão, Archer sentou-se e, com um gesto, convidou seu interlocutor a imitá-lo.

“Desculpe: mas por que o assunto não está encerrado?”

M. Rivière fitou-o, angustiado. “Então, o senhor concorda com o resto da família que, diante das novas propostas que apresentei, é bem pouco possível que madame Olenska não volte para o marido?”

“Santo Deus!”

“Antes de falar com ela”, o visitante prosseguiu, “procurei... a pedido do conde Olenski... Mr. Lovell Mingott, com quem conversei várias vezes, antes de ir para Boston. Entendo que ele representa o ponto de vista da mãe; e que Mrs. Manson Mingott tem grande influência sobre a família.”

Archer permaneceu em silêncio, com a sensação de agarrar-se à beira de um escorregadio precipício. Acabava de descobrir que fora excluído dessas negociações, das quais nem sequer tomara conhecimento, e nem a surpresa ainda maior com o que estava escutando amenizou o impacto dessa descoberta. De repente compreendeu que, se a família parara de consultá-lo, era porque um profundo instinto tribal a prevenira de que já não contava com seu apoio; sobressaltado, lembrou-se do que May dissera, quando voltavam da casa de Mrs. Manson Mingott, no dia do torneio de arco e flecha: “Enfim, eu me pergunto se ela não seria mais feliz com o marido”.

Mesmo perplexo com tais descobertas, lembrou-se também de sua exclamação indignada e de que, a partir desse momento, nunca mais a ouvira falar de madame Olenska. O despreocupado comentário de May sem dúvida servira como indício do que estava por vir, e, devidamente informada, a família desde então o banira de suas deliberações. Archer admirava a disciplina tribal que a levava a acatar essa decisão. Ela não a acataria, se sua consciência protestasse; mas, como a família, provavelmente acreditava que a condição de esposa infeliz seria melhor para madame Olenska que a de mulher separada do marido, e achava inútil discutir o assunto com Newland, que tinha um modo estranho de questionar as coisas mais fundamentais.

Ele ergueu os olhos e deparou com o olhar ansioso do visitante. “Não sabe, monsieur... será possível que não saiba?... que a família está se perguntando se tem o direito de aconselhar a condessa a recusar as últimas propostas do marido?”

“As propostas que o senhor trouxe?”

“As propostas que eu trouxe.”

Ocorreu-lhe replicar que o que sabia ou deixava de saber não era da conta de M. Rivière, porém alguma coisa na tenacidade humilde

e, sem embargo, corajosa do olhar daquele rapaz o fez mudar de atitude. “Qual é seu objetivo em me falar sobre isso?”

O outro não demorou um instante para responder. “Suplicar-lhe, monsieur... suplicar-lhe com todas as minhas forças... que não a deixe voltar. Não a deixe!”

Archer estava cada vez mais perplexo. A sinceridade da aflição, a firmeza da determinação do jovem francês não deixavam margem a dúvida: ele evidentemente resolvera deixar tudo ir por água abaixo, exceto a suprema necessidade de expressar sua opinião.

“Posso perguntar”, Archer começou, depois de refletir por um momento, “se foi essa a postura que o senhor assumiu em sua conversa com madame Olenska?”

O professor corou, porém seus olhos não hesitaram. “Não, monsieur: aceitei minha missão de boa-fé. Eu realmente acreditava... por motivos que não vêm ao caso lhe expor... que seria melhor para ela recuperar sua posição, sua fortuna, a consideração social que o status do marido lhe proporciona.”

“Foi o que pensei: se não fosse por isso, o senhor não teria aceitado essa missão.”

“Não a teria aceitado.”

“E então...?” Archer interrompeu-se, e os olhos de ambos se encontraram em mais um demorado escrutínio.

“Ah, monsieur, depois de vê-la, depois de escutá-la, concluí que ela está melhor aqui.”

“Concluiu...?”

“Monsieur, cumpri à risca minha missão: expus os argumentos do conde, apresentei suas ofertas, sem nenhum comentário de minha parte. A condessa teve a bondade de me ouvir com toda a paciência, chegando ao ponto de me receber por duas vezes, e considerou com imparcialidade tudo que lhe falei. E foi durante essas duas conversas que mudei de ideia, que passei a ver as coisas de outro modo.”

“Posso perguntar o que provocou essa mudança?”

“Simplesmente, a mudança que vi *nela*.”

“Mudança nela? Então, já a conhecia?”

M. Rivière corou novamente. “Eu a via na casa do marido. Faz muitos anos que conheço o conde Olenski. O senhor há de imaginar

que ele não confiaria essa missão a um estranho.”

Archer correu os olhos pelas paredes nuas do escritório, pousou-os num calendário dominado pelas feições austeras do presidente dos Estados Unidos. O fato de semelhante conversa estar tendo lugar em algum ponto dos milhões de quilômetros quadrados sujeitos à autoridade daquele homem parecia tão estranho quanto qualquer coisa que a imaginação conseguisse inventar.

“Mudança... que tipo de mudança?”

“Ah, monsieur, se eu pudesse lhe explicar!” M. Rivière fez uma pausa. “*Tenez...* a descoberta, suponho, do que eu nunca tinha pensado: ela é americana. E para quem é americano como *ela...* como o senhor.. coisas que outras sociedades aceitam ou pelo menos toleram como parte de um conveniente ‘toma lá dá cá’... tornam-se impensáveis, simplesmente impensáveis. Se os parentes de madame Olenska soubessem como são essas coisas, por certo se oporiam a seu retorno tão incondicionalmente quanto ela mesma; mas parece que veem a vontade do marido de tê-la de volta como prova de um irresistível anseio pela vida doméstica.” E acrescentou, depois de mais uma pausa: “O que não é tão fácil”.

Archer olhou novamente para o presidente dos Estados Unidos e, depois, para a escrivanhinha com seus papéis esparramados. Por um ou dois segundos, sentiu-se inseguro para falar. Nesse intervalo, escutou o ruído da cadeira sendo empurrada e percebeu que o visitante se levantara. Quando o fitou, percebeu que estava tão comovido quanto ele.

“Obrigado”, disse simplesmente.

“Não tem o que me agradecer, monsieur: ao contrário...” M. Rivière se interrompeu, como se também tivesse dificuldade para falar. “Porém eu gostaria de acrescentar uma coisa”, continuou, numa voz mais firme. “O senhor me perguntou se fui empregado do conde Olenski. Atualmente eu sou: voltei para ele, há alguns meses, por motivos de necessidade particular, como pode acontecer com qualquer um que tenha dependentes doentes e velhos. No entanto, a partir do momento em que tomei a iniciativa de vir aqui dizer-lhe essas coisas, considero-me demitido e é o que pretendo comunicar a ele, quando voltar, e expor-lhe minhas razões. Isso é tudo, monsieur.”

Inclinou a cabeça e deu um passo atrás.

“Obrigado”, Archer repetiu, ao apertar-lhe a mão.

Anualmente, no dia 15 de outubro, a Quinta Avenida abria as janelas, desenrolava os tapetes e pendurava as cortinas.

Em 1 de novembro, esse ritual doméstico estava encerrado, e a sociedade começava a olhar em torno e avaliar-se. Lá pelo dia 15, a temporada¹ estava a pleno vapor, os teatros apresentando novas atrações, os compromissos para jantar acumulando-se, as datas de baile sendo marcadas. E pontualmente, nessa época, Mrs. Archer sempre dizia que Nova York mudara muito.

Observando a cidade do altivo ponto de vista de uma não participante, ela conseguia, com a ajuda de Mr. Sillerton Jackson e de miss Sophy, detectar as novas fendas na superfície e todas as estranhas ervas daninhas que cresciam por entre as fileiras organizadas de hortaliças sociais. Na adolescência, um dos divertimentos de Newland consistia em aguardar esse pronunciamento anual da mãe e ouvi-la enumerar os minúsculos sinais de desintegração que lhe escapavam ao olhar desatento. Pois, segundo Mrs. Archer, Nova York sempre mudava para pior; e com isso miss Sophy Jackson concordava plenamente.

Como convinha a um homem do mundo, Mr. Sillerton Jackson se abstinha de expressar sua opinião e apenas escutava, com imparcialidade, as lamentações das duas mulheres. Contudo, nunca negou que Nova York havia mudado; e, no segundo inverno de seu

casamento, Newland teve de admitir que, se ainda não tinha mudado, Nova York certamente estava mudando.

Esse assunto voltou à baila, como de hábito, no jantar de Ação de Graças. Na data em que oficialmente devia agradecer os benefícios recebidos ao longo do ano, Mrs. Archer costumava avaliar seu mundo — com tristeza, mas sem amargura — e se perguntar o que havia para agradecer. Pela situação da sociedade não cabia dar graças; a sociedade, se é que existia, era mais um espetáculo merecedor de imprecações bíblicas — todos sabiam o que o reverendo dr. Ashmore quis dizer quando escolheu uma passagem de Jeremias (capítulo 2, versículo 25)² para seu sermão de Ação de Graças. Ele fora nomeado pároco da igreja de São Mateus por ser muito “avançado”: consideravam-se seus sermões ousados nas ideias e inovadores na linguagem. Quando invectivava contra a sociedade elegante, sempre falava de sua “tendência”; e Mrs. Archer achava fascinante e ao mesmo tempo assustador sentir-se parte de uma comunidade com tendências.

“O dr. Ashmore tem toda a razão: existe uma tendência evidente”, disse, como se fosse algo tão visível e mensurável quanto uma rachadura na parede.

“Mesmo assim, foi esquisito falar sobre isso na Ação de Graças”, miss Jackson opinou.

E a anfitriã replicou secamente: “Ah, ele quis dizer que devemos dar graças pelo que sobrou”.

Newland em geral ria desses vaticínios anuais da mãe, porém nesse ano, ao ouvir a enumeração das mudanças, teve de reconhecer que a “tendência” era visível.

“A extravagância no trajar...”, miss Jackson começou. “Sillerton me levou à ópera, na abertura da temporada, e o único vestido do ano passado que reconheci foi o de Jane Merry, e mesmo assim a parte da frente tinha sido reformada. Mas eu sei que ela o comprou de Worth, há dois anos, porque ela sempre manda minha costureira ajustar seus vestidos de Paris antes de estreá-los.”

“Ah, Jane Merry é como nós”, a dona da casa suspirou, como se não fosse invejável viver numa época em que as senhoras tratavam de

exibir seus trajes parisienses tão logo saíam da alfândega, em vez de deixá-los guardados a sete chaves, que era o que faziam as contemporâneas de Mrs. Archer.

“Sim, ela é uma das poucas”, miss Jackson concordou. “Quando eu era jovem, achava-se vulgar seguir a última moda; e Amy Sillerton sempre me dizia que, em Boston, a norma era esperar dois anos para estrear os vestidos de Paris. A velha Mrs. Baxter Pennilow, em tudo muito elegante, importava doze vestidos por ano: dois de veludo, dois de cetim, dois de seda e os outros seis de popeline e da mais fina caxemira. Fazia sempre a mesma encomenda e, como passou dois anos doente antes de morrer, deixou quarenta e oito vestidos de Worth ainda embrulhados em papel de seda; quando tiraram o luto, as filhas puderam usar o primeiro lote no concerto da Sinfônica³ sem parecer que estavam à frente da moda.”

“Ah, Boston é mais conservadora que Nova York; mas sempre acho que uma regra segura é não usar os vestidos de Paris durante uma temporada”, Mrs. Archer declarou.

“Foi Beaufort quem lançou a nova moda, fazendo a mulher vestir as roupas novas assim que chegavam: às vezes é preciso ter toda a distinção de Regina para não ficar parecida com... com...” Miss Jackson olhou em torno, deparou com os olhos esbugalhados de Janey e refugiou-se num murmúrio ininteligível.

“Com as rivais”, Mr. Sillerton Jackson completou, como se elaborasse um epigrama.

“Oh...”, as senhoras murmuraram. E, em parte para desviar de assuntos proibidos a atenção da filha, Mrs. Archer comentou: “Coitada da Regina! O dia de Ação de Graças não deve ter sido muito festivo para ela. Sillerton, já está sabendo dos rumores sobre as especulações de Beaufort?”.

Mr. Jackson assentiu com indiferença. Todo mundo ouvira os rumores em questão, e ele não se dignava a confirmar uma história que já era de domínio público.

O grupo mergulhou em melancólico silêncio. Ninguém gostava realmente de Beaufort, e não era de todo desagradável pensar o pior de sua vida particular; no entanto, a ideia de que ele acarretara a

desonra financeira para a família da esposa era chocante demais até mesmo para seus inimigos. A Nova York de Newland tolerava a hipocrisia nas relações pessoais; porém, nos negócios, exigia honestidade absoluta. Havia muito tempo que nenhum banqueiro conhecido falia vergonhosamente; mas todos se lembravam da extinção social dos protagonistas da última falência. Seria a mesma coisa com os Beaufort, apesar do poder do marido e da popularidade da mulher; nem toda a força conjunta dos Dallas salvaria a pobre Regina se os rumores sobre as especulações de Julius tivessem algum fundamento.

A conversa migrou para temas menos ominosos; não obstante, todo assunto abordado parecia confirmar a impressão de Mrs. Archer sobre a existência de uma tendência acelerada.

“Newland, eu sei que você deixa nossa querida May ir às reuniões de domingo à noite na casa de Mrs. Struthers...”, ela começou.

E May alegremente a interrompeu: “Agora, todo mundo vai às reuniões de Mrs. Struthers; e a vovó a convidou para sua última recepção”.

Era assim que Nova York administrava suas transições: conspirando para ignorá-las até terminarem e então, de toda boa-fé, imaginando que ocorreram em outra época. Sempre havia um traidor na cidadela; e depois que ele (ou, em geral, ela) entregava as chaves, de que adiantava fingir que a cidadela era inexpugnável? Tendo saboreado a amável hospitalidade domingueira de Mrs. Struthers, quem haveria de querer ficar em casa, lembrando que o champanhe dela era fruto de graxa de sapatos?

“Eu sei, querida, eu sei”, Mrs. Archer suspirou. “Essas coisas têm de acontecer enquanto as pessoas continuarem saindo em busca de diversão; mas eu nunca perdoei sua prima, a condessa, por ser a primeira pessoa que apoiou Mrs. Struthers.”

Um súbito rubor tingiu o rosto de May, surpreendendo a todos. “Ah, *Ellen...*”, ela murmurou, no mesmo tom acusador e depreciativo em que seus pais diriam: “Ah, *as Blenker...*”.

Era o tom que a família adotara para mencionar o nome de madame Olenska desde que se surpreendera e se aborrecera com sua obstinada recusa às propostas do marido; nos lábios de May,

contudo, dava o que pensar, e Newland fitou-a com a sensação de estranheza que às vezes experimentava quando a via mais sintonizada com o ambiente.

Menos sensível ao clima reinante que de hábito, a dona da casa insistiu: “Sempre pensei que pessoas como a condessa, que viveram em sociedades aristocráticas, deviam nos ajudar a manter nossas distinções sociais, e não ignorá-las”.

O rubor da jovem Mrs. Archer se manteve intenso: parecia ter um significado que ia além do implícito no reconhecimento da má-fé social de sua prima.

“Não tenho dúvida de que os estrangeiros nos acham todos iguais”, foi o mordaz comentário de miss Jackson.

“Não creio que Ellen se importe com a sociedade; mas ninguém sabe ao certo com que ela se importa”, disse May, como se tivesse se esforçado para formar uma frase que não a comprometesse.

“Ah, bom...”, sua sogra novamente suspirou.

Todos sabiam que madame Olenska já não gozava das boas graças da família. Nem mesmo sua devotada defensora, a velha Mrs. Manson Mingott, conseguira defender sua recusa em voltar para o marido. Os Mingott não proclamaram sua desaprovação aos quatro ventos: seu senso de solidariedade era demasiado forte. Como disse Mrs. Welland, tudo que fizeram foi “deixar a pobre Ellen encontrar seu lugar” — que, lamentavelmente, incompreensivelmente, ficava nas sombrias profundezas em que as Blenker reinavam e “gente que escreve” celebrava seus confusos rituais. Era incrível, porém inegável, que, apesar de todas as suas oportunidades e todos os seus privilégios, Ellen simplesmente se tornara uma “boêmia”. O que reforçava a convicção de que sua recusa em voltar para o conde Olenski havia sido um erro fatal. Afinal, o lugar de uma jovem casada era sob o teto do marido, principalmente quando ela o deixara em circunstâncias que... bem... se alguém se desse ao trabalho de analisá-las...

“Madame Olenska é um sucesso entre os cavalheiros”, miss Sophy comentou, com seu ar de conciliadora, mas ciente de que estava disparando um dardo.

“Esse é o perigo que uma mulher nova como ela sempre corre”, Mrs. Archer concordou, pesarosa; e após essa conclusão as damas recolheram as saias e subiram para a saleta, enquanto os homens rumavam para a biblioteca gótica.

Instalado diante da lareira, consolando-se da insipidez do jantar com a perfeição de seu charuto, Mr. Jackson se tornou comunicativo e profético.

“Se Beaufort falir, vamos ter revelações”, anunciou.

Archer prontamente ergueu a cabeça: não conseguia ouvir esse nome sem associá-lo à pesada figura do banqueiro caminhando pela neve, em Skuytercliff, com suas peles opulentas e seus ricos calçados.

“Coisas muito desagradáveis virão à tona”, o velho continuou. “Ele não gastou todo o seu dinheiro com Regina.”

“Ah, bom... isso não é novidade para ninguém. Eu acredito que ele ainda vai se safar dessa”, o rapaz declarou, ansioso para mudar de assunto.

“Pode ser... pode ser. Eu soube que hoje ele ia falar com algumas pessoas influentes”, Mr. Jackson respondeu, antes de acrescentar com relutância: “Esperamos que o ajudem... ao menos desta vez. Não me agrada nem um pouco imaginar a pobre Regina vivendo o resto da vida numa decadente estação de águas para falidos no exterior.”

Archer não disse nada. A dura expiação de um dinheiro ganho por vias tortas parecia-lhe tão natural — embora trágica — que sua mente logo deixou de lado a ruína de Mrs. Beaufort e concentrou-se em questões mais próximas. Por que May corara ao ouvir o nome da prima?

Quatro meses se passaram desde aquele dia de verão em que estivera com madame Olenska; e nunca mais a vira. Sabia que ela havia voltado para Washington, para a casinha que alugara com Medora Manson: escrevera-lhe uma vez — poucas palavras, perguntando quando a veria novamente — e recebera uma resposta ainda mais sucinta: “Ainda não”.

Foi sua única comunicação nesse período, e ele construía dentro de si mesmo uma espécie de santuário, no qual a entronizara entre seus pensamentos e anseios secretos. Pouco a pouco, esse local abstrato tornou-se o cenário de sua vida real, de suas únicas

atividades racionais; para lá levava os livros que lia, as ideias e os sentimentos que o alimentavam, seus julgamentos e visões. Fora dali, no cenário de sua vida concreta, transitava com uma crescente sensação de irrealidade e insuficiência, esbarrando em preconceitos familiares e em pontos de vista tradicionais como um homem distraído que tropeça nos móveis do próprio quarto. Estava ausente: tão ausente de tudo que era mais densamente real e próximo das pessoas que o rodeavam que às vezes se surpreendia ao constatar que ainda o imaginavam ali.

Percebeu que Mr. Jackson pigarreava para fazer novas revelações.

“Evidentemente, não sei até que ponto a família de sua esposa está a par do que andam dizendo... sobre a recusa de madame Olenska à última oferta do marido.”

O jovem permaneceu em silêncio, e o velho prosseguiu, evasivo: “É uma pena... com certeza é uma pena... que a tenha recusado”.

“Uma pena? Santo Deus, por quê?”

O outro olhou para a meia impecável que constituía o traço de união entre sua perna e seu sapato reluzente.

“Bom... falando em termos práticos... do que ela vai viver daqui para a frente?”

“Daqui para a frente...?”

“Se Beaufort...”

Archer se levantou de um salto, o punho golpeando a borda da escrivaninha de nogueira negra. Os tinteiros dançaram em seu suporte de metal.

“Que diabos o senhor está querendo dizer?”

Mudando ligeiramente de posição na cadeira, Mr. Jackson fitou-lhe com tranquilidade o rosto ardente.

“Bom... sei de fonte segura... na verdade, quem me contou foi a velha Catherine... que a família reduziu consideravelmente a mesada da condessa depois que ela se recusou, de uma vez por todas, a voltar para o marido; e, como com essa recusa ela também perde o dote que levou ao casar-se... e que Olenski se dispôs a devolver-lhe, se ela voltasse... Mas que diabos *você* está querendo dizer quando me pergunta o que *eu* estou querendo dizer?”, foi a bem-humorada resposta.

Archer se aproximou da lareira e abaixou-se para despejar a cinza do charuto.

“Não sei dos assuntos particulares de madame Olenska; mas não preciso saber para ter a certeza de que o que o senhor está insinuando...”

“Ah, *eu* não: Lefferts, por exemplo”, Mr. Jackson interrompeu.

“Lefferts... que lhe fez a corte e foi rejeitado!”, o rapaz exclamou, desdenhoso.

“Ah... fez-lhe a corte?”, o outro repetiu, como se tivesse sido justamente para descobrir isso que preparara a armadilha. E permaneceu sentado, de lado para o fogo, o olhar duro fixo no rosto de seu interlocutor como uma mola de aço.

“Bom, bom: é uma pena que ela não tenha voltado antes da bancarrota de Beaufort”, prosseguiu. “E, se voltar agora, e ele falir, só vai confirmar a impressão geral: que, aliás, não se deve só a Lefferts.”

“Ah, ela não vai voltar: nem agora, nem nunca!” Mal disse isso, Archer mais uma vez teve a impressão de que era exatamente o que Mr. Jackson estava esperando.

O velho examinou-o atentamente. “É o que você acha, não é? Bom, você deve saber, sem dúvida. Mas todo mundo há de lhe contar que os poucos centavos de Medora Manson estão nas mãos de Beaufort; e não imagino como as duas vão sobreviver sem ele. Naturalmente, a condessa ainda pode amolecer a avó, que mais se opôs a sua permanência entre nós e que poderia lhe dar a mesada que quisesse. Mas todos nós sabemos que ela odeia gastar dinheiro; e o resto da família não tem interesse em manter madame Olenska por aqui.”

O jovem espumava de raiva, como quem comete uma tolice com plena consciência de que se trata de uma tolice.

Percebeu que Mr. Jackson se surpreendera ao constatar que os problemas de Ellen com a avó e os outros parentes não eram de seu conhecimento e tirara as próprias conclusões quanto aos motivos que determinaram sua exclusão das deliberações da família. Devia, pois, tomar cuidado; mas as insinuações acerca de Beaufort tornavam-no imprudente. De qualquer modo, se não tinha noção do próprio

perigo, ao menos não esquecia que Mr. Jackson se encontrava sob o teto de sua mãe e, portanto, era seu convidado. A velha Nova York observava meticulosamente a etiqueta da hospitalidade e não admitia que uma discussão com um visitante degenerasse em desavença.

“Vamos subir para ver minha mãe?”, sugeriu bruscamente, enquanto as últimas cinzas do charuto de Mr. Jackson caíam no cinzeiro de latão.

Na volta para casa, May se manteve em estranho silêncio; na escuridão, Archer ainda a sentia envolta em seu rubor ameaçador. Não atinava com o significado dessa ameaça: porém não tinha dúvida de que o nome de madame Olenska a provocara.

Subiram, e ele se dirigiu à biblioteca. Geralmente ela o acompanhava, mas o ruído de seus passos indicava que estava indo para o quarto.

“May!”, chamou-a; e ela se voltou, ligeiramente surpresa com a impaciência que percebeu em sua voz. “Esta lâmpada está soltando fumaça de novo; as empregadas precisam deixar o pavio sempre bem aparado”, resmungou, nervoso.

“Desculpe: isso não vai mais acontecer”, ela respondeu no tom firme e claro que aprendera com a mãe e que o exasperou por dar-lhe a impressão de que já começava a ser tratado como um Mr. Welland mais moço. Inclinou-se para diminuir o pavio, e, quando a luz incidiu em seus ombros brancos e nas curvas nítidas de seu rosto, Archer pensou: “É tão jovem! Quantos anos intermináveis essa vida ainda tem pela frente!”.

Com uma espécie de horror, sentiu a força de sua própria juventude pulsando-lhe nas veias. “Escute”, começou de repente. “Pode ser que eu tenha de ir a Washington por alguns dias... em breve; na semana que vem, talvez.”

Ela manteve a mão sobre a chave da lâmpada e voltou-se lentamente. O calor da chama avivara-lhe o brilho do rosto, que agora, porém, estava pálido.

“A trabalho?”, perguntou, o tom sugerindo que não poderia haver outro motivo para a viagem e que formulara a pergunta automaticamente, como se apenas quisesse completar a frase do marido.

“A trabalho, claro. Um caso de patente que vai ser apresentado à Suprema Corte...” Archer mencionou o nome do inventor e forneceu detalhes com uma desenvoltura digna de Lawrence Lefferts.

May ouviu atentamente, murmurando de quando em quando: “Sim, entendo”. E, quando ele terminou, disse: “Mudar de ares vai lhe fazer bem”. E, como se o instasse a cumprir uma incômoda obrigação familiar, acrescentou, fitando-o nos olhos com seu sorriso límpido: “Não deixe de ir visitar Ellen”.

Foi tudo que falaram sobre o assunto; mas no código que ambos conheciam isso significava: “Naturalmente você sabe que eu sei de tudo que andam dizendo sobre Ellen e que dou meu inteiro apoio ao esforço de minha família para convencê-la a voltar para o marido. Sei também que, por algum motivo que você resolveu não me contar, você a aconselhou a fazer o contrário do que todos os homens mais velhos da família e minha avó aprovam por unanimidade; e que é encorajada por você que Ellen nos desafia a todos e se expõe ao tipo de crítica à qual Mr. Sillerton Jackson provavelmente aludiu hoje à noite, deixando-o tão irritadiço... Alusões não faltam; no entanto, como você não parece disposto a ouvi-las de mais ninguém, apresento-lhe esta na única forma em que pessoas bem-educadas como nós podem comunicar coisas desagradáveis umas para as outras: dando-lhe a entender que sei que pretende ver Ellen quando estiver em Washington e que talvez esteja indo para lá expressamente para isso; dando-lhe a entender que sei que você com certeza vai vê-la, desejo que o faça com minha total e explícita aprovação... e aproveite a oportunidade para mostrar a ela o que pode resultar do tipo de conduta que a encorajou a adotar.”

May ainda mantinha a mão na chave do candeeiro quando Archer captou a última palavra dessa mensagem muda. Diminuiu ainda mais o pavio, tirou o globo e soprou a chama.

“Soprando, cheira menos”, explicou, como uma dona de casa feliz. Na soleira da porta, voltou-se para receber o beijo do marido.

No dia seguinte, Wall Street recebeu informações mais tranquilizadoras sobre a situação de Beaufort. Não eram definitivas, mas promissoras. Sabia-se que, em caso de emergência, ele poderia recorrer a pessoas influentes, e foi o que fizera com sucesso; assim, naquela noite, quando Mrs. Beaufort apareceu na ópera ostentando seu velho sorriso e um novo coral de esmeraldas, a sociedade respirou aliviada.

Nova York era inexorável ao condenar irregularidades nos negócios. Até então não se registrara nenhuma exceção a sua regra tácita de que quem infringia a lei da probidade devia pagar por isso; e todos sabiam que até Beaufort e sua esposa seriam implacavelmente sacrificados a esse princípio. Entretanto, sacrificá-los seria não só doloroso como inconveniente. Seu desaparecimento deixaria um vazio considerável em seu pequeno círculo; e quem era ignorante demais ou incauto demais para estremecer com a catástrofe moral lamentava de antemão a perda do melhor salão de baile da cidade.

Archer tomara a firme decisão de ir a Washington. Só esperava a abertura do processo que expusera a May para que a data coincidisse com a de sua viagem; porém, na terça-feira seguinte, Mr. Letterblair informou-lhe que talvez houvesse um adiamento de algumas semanas. Não obstante, naquela tarde, ele foi para casa decidido a partir na noite seguinte. May, que nada sabia de sua vida profissional

e nunca mostrara interesse em saber, provavelmente não tomaria conhecimento do adiamento, caso ocorresse, nem se lembraria dos nomes dos litigantes, se porventura os ouvisse; de qualquer maneira, ele não podia mais esperar para ver madame Olenska. Tinha coisas demais para dizer-lhe.

Na quarta-feira de manhã, quando chegou ao escritório, encontrou Mr. Letterblair preocupado. Beaufort não recebera ajuda, afinal; contudo, lançando o boato de que a obtivera, tranquilizara seus correntistas, e polpudos depósitos foram feitos no banco até a noite anterior, quando notícias inquietantes voltaram a predominar. Assim, teve início uma corrida ao banco, e era bem provável que suas portas se fechassem antes do fim do dia. Diziam-se as piores coisas sobre a manobra pusilânime de Beaufort, e sua falência prometia ser uma das mais vergonhosas em toda a história de Wall Street.

Mr. Letterblair estava pálido e aturdido com a dimensão da calamidade. “Já vi muita coisa ruim, mas nada que se comparasse a isso. Todas as pessoas que conhecemos serão afetadas, de um modo ou de outro. E o que será de Mrs. Beaufort? O que se *pode* fazer por ela? Tenho pena de Mrs. Manson Mingott: na idade em que está, que efeito essa história terá sobre ela? Ela sempre acreditou em Beaufort... tornou-se amiga dele! E há toda a família Dallas: a pobre Mrs. Beaufort é parente de todos vocês. Sua única chance seria deixar o marido... mas como lhe dizer isso? É seu dever ficar ao lado dele; e felizmente parece que sempre foi cega às fraquezas dele.”

Ao ouvir uma batida na porta, Mr. Letterblair virou a cabeça bruscamente. “Quem é? Não quero que me incomodem.”

Um empregado entregou uma carta a Archer e retirou-se. Reconhecendo a letra da esposa, o jovem abriu o envelope e leu: “Você pode vir o mais depressa possível? A vovó teve um pequeno derrame ontem à noite. Ela misteriosamente recebeu essa terrível notícia antes de todo mundo. O tio Lovell ainda está caçando, e o pobre papai ficou tão nervoso com a ideia da desgraça que está com febre e não pode sair do quarto. A mamãe precisa muito de você, e espero que você possa sair já e ir direto para a casa da vovó”.

Archer mostrou a carta ao sócio e minutos depois rumava para o norte num bonde lotado, do qual desceu na rua Catorze para tomar

um dos ônibus¹ altos e sacolejantes da linha da Quinta Avenida. Passava do meio-dia quando esse desconfortável veículo o deixou à porta da velha Catherine. À janela da saleta no andar térreo, onde ela costumava reinar, estava a descabida figura de sua filha, Mrs. Welland, que acenou para Archer com um gesto cansado; e May recebeu-o na entrada. O saguão tinha a aparência característica das casas bem arrumadas que de repente são invadidas pela doença: casacos, capas, xales, peliças amontoados nas cadeiras; a maleta e o sobretudo do médico na mesa, onde já se acumulavam cartas e cartões dos quais ninguém tomara conhecimento.

May estava pálida, mas sorridente: o dr. Bencomb, que acabara de vir pela segunda vez, mostrara-se mais otimista, e a firme determinação de Mrs. Mingott de viver e sarar já exercia seu efeito sobre a família. May levou o marido para a saleta da avó, onde as portas de correr que davam para o quarto estavam fechadas atrás do pesado reposteiro de damasco amarelo; e ali, em voz baixa e horrorizada, Mrs. Welland descreveu-lhe os detalhes da catástrofe. Aparentemente, uma coisa terrível e misteriosa acontecera na véspera. Por volta das oito horas da noite, Mrs. Mingott acabara de jogar paciência, como sempre fazia após o jantar, e a campainha tocou; uma dama tão coberta de véus que os empregados não a reconheceram de imediato pediu para ser recebida.

Ouvindo uma voz conhecida, o mordomo escancarou a porta da saleta, e anunciou: “Mrs. Julius Beaufort”, esperou a visitante entrar e afastou-se. Segundo seus cálculos, as duas conversaram a sós por cerca de uma hora. Quando Mrs. Mingott tocou a sineta, Mrs. Beaufort já havia saído sem ninguém ver, e a matriarca, lívida, enorme e terrível, estava sozinha em sua enorme poltrona, fazendo sinais ao mordomo para que a ajudasse a ir para o quarto. Nesse momento, embora estivesse visivelmente transtornada, parecia ter o mais perfeito controle sobre o corpo e a mente. A empregada mulata colocou-a na cama, levou-lhe um chá, como de hábito, arrumou o quarto e retirou-se; mas, às três horas da madrugada, a sineta soou de novo, e, atendendo prontamente a esse chamado inesperado (pois a velha Catherine em geral dormia como um bebê), os dois criados

encontraram-na sentada na cama, recostada nos travesseiros, um sorriso torto no rosto e uma das mãozinhas pendendo bamba do braço imenso.

O derrame fora leve, pois ela conseguia falar com certa clareza e expressar suas vontades; e, logo após a primeira visita do médico, começara a recuperar o controle sobre os músculos faciais. Porém o susto fora grande; e proporcionalmente grande foi a indignação, quando se depreendeu das frases esparsas da doente que Regina Beaufort fora pedir-lhe — inacreditável desfaçatez! — que apoiasse seu marido, que os ajudasse — que não os “abandonasse”, foi a palavra que usou —, que fizesse toda a família acobertar e perdoar a monstruosa ignomínia do casal.

“Eu falei para ela: ‘Honra sempre foi honra e honestidade sempre foi honestidade na casa dos Manson Mingott e continuarão sendo, até eu sair daqui morta’”, a gorda matrona balbuciou no ouvido da filha com a voz pastosa de quem está parcialmente paralisado. “E, quando ela falou: ‘Mas, titia, meu nome é Regina Dallas’, eu respondi: ‘Era Beaufort, quando ele a cobria de joias, e Beaufort deve continuar sendo, agora que ele a cobriu de vergonha’.”

Foi isso que, entre lágrimas e exclamações de horror, Mrs. Welland relatou, pálida e arrasada com a inusitada obrigação de, por fim, fixar os olhos no desagradável e no desonroso. “Se eu pudesse esconder isso de seu sogro: ele vive dizendo: ‘Augusta, por piedade, não destrua minhas últimas ilusões’... e como vou poupá-lo desses desastres?”, choramingou a pobre senhora.

“Ora, mamãe, ele não os *viu*, afinal”, May argumentou. E Mrs. Welland suspirou: “Ah, não; graças a Deus ele está seguro em sua cama. E o dr. Bencomb prometeu mantê-lo lá até a coitadinha da mamãe melhorar e Regina estar longe”.

Archer se sentara perto da janela e olhava para a rua deserta sem a ver. Evidentemente, fora chamado mais para dar apoio moral às mulheres aflitas que para prestar alguma ajuda específica. Telegrafou-se a Mr. Lovell Mingott, e portadores levavam mensagens aos parentes que moravam em Nova York; tudo que se podia fazer no momento era falar, aos sussurros, sobre as consequências da desonra de Beaufort e da atitude injustificável de sua esposa.

Mrs. Lovell Mingott, que estava em outra sala escrevendo bilhetes, apareceu e acrescentou sua voz às demais. Em *sua* época, diziam as senhoras mais velhas, a esposa de um homem que fizera algo vergonhoso nos negócios só tinha uma ideia em mente: sumir com ele. “Foi o caso da pobre vovó Spicer; sua bisavó, May. Naturalmente”, Mrs. Welland apressou-se a esclarecer, “as dificuldades financeiras de seu bisavô eram pessoais... perdas no carteadado, um aval numa promissória... eu nunca soube ao certo, porque a mamãe nunca falava dessas coisas. Mas ela foi criada no campo, porque a mãe dela teve de deixar Nova York depois da desgraça, qualquer que tenha sido; moraram sozinhas, Hudson acima, no inverno e no verão, até a mamãe completar dezesseis anos. A vovó Spicer nunca pensou em pedir ‘apoio’ à família, como diz Regina; se bem que uma desgraça pessoal não é nada em comparação com o escândalo de arruinar centenas de inocentes.”

“Sim, seria melhor para Regina esconder-se que buscar apoio”, Mrs. Lovell Mingott concordou. “Eu soube que o colar de esmeraldas que ela usou na ópera, sexta-feira passada, foi mandado pela Ball and Black’s, à tarde, só para ela ver se gostava. Será que vão recebê-lo de volta?”

Archer escutava, impassível, o coro implacável. A ideia da proibidade financeira absoluta como a lei primeira do código cavalheiresco estava tão profundamente entranhada em seu ser que se tornara imune a considerações sentimentais. Um aventureiro como Lemuel Struthers podia multiplicar os milhões de sua graxa de sapatos com qualquer número de negócios escusos; mas a honestidade ilibada era a *noblesse oblige*² da velha Nova York financeira. Tampouco o destino de Mrs. Beaufort o comovia. Archer sem dúvida tinha mais pena dela que seus parentes indignados; porém achava que o vínculo conjugal, ainda que rompível na prosperidade, devia ser indissolúvel no infortúnio. Como havia dito Mr. Letterblair, o lugar da esposa é ao lado do marido, quando ele está com problemas; mas o lugar da sociedade não é ao lado dele, e o fato de Mrs. Beaufort achar que fosse quase a tornava sua cúmplice. A simples ideia de uma mulher pedir à própria família que encobrisse

a desonra do marido nos negócios era inadmissível, pois era a única coisa que a Família, como instituição, não podia fazer.

Chamada ao saguão pela criada mulata, Mrs. Lovell Mingott retornou num instante com o cenho franzido.

“Ela quer que eu mande um telegrama para Ellen Olenska. Naturalmente, eu escrevi para Ellen e para Medora; mas agora parece que não é suficiente. Tenho de telegrafar imediatamente e dizer-lhe que venha sozinha.”

A informação foi recebida em silêncio. Mrs. Welland suspirou, resignada, e May tratou de recolher uns jornais espalhados pelo chão.

“Acho que preciso fazer isso”, Mrs. Lovell Mingott prosseguiu, como se esperasse que a contradissem.

“Claro que precisa”, disse May, voltando para o meio da sala. “A vovó sabe o que quer, e temos de realizar todos os seus desejos. Quer que eu redija o telegrama, titia? Se o mandarmos já, Ellen talvez possa tomar o trem amanhã cedo.” Pronunciou as sílabas do nome com especial clareza, como se tocasse dois sinos de prata.

“Bom, não podemos mandá-lo agora. Jasper e o copeiro estão entregando mensagens.”

A jovem sorriu para o marido. “Mas Newland está à disposição para qualquer coisa. Você leva o telegrama, Newland? Ainda dá tempo, antes do almoço.”

Archer levantou-se, murmurando seu assentimento. May sentou-se ao *bonheur du jour*³ de jacarandá para redigir o texto com sua letra grande e infantil; depois, secou a tinta com o mata-borrão e entregou-lhe o papel.

“É uma pena que você e Ellen vão se cruzar no caminho!”, exclamou. “Newland tem de ir a Washington para um caso de patente que vai ser apresentado à Suprema Corte”, explicou à mãe e à tia. “Acho que o tio Lovell vai chegar amanhã à noite, e, com a vovó melhorando tanto, não parece justo pedir a Newland que abra mão de um compromisso importante para o escritório... parece?”

Fez uma pausa, como se esperasse resposta, e Mrs. Welland se apressou a dizer: “Ah, claro que não, meu bem. Sua avó seria a

última pessoa no mundo a querer isso”. Ao sair da sala com o telegrama, Archer ouviu a sogra acrescentar, possivelmente para Mrs. Lovell Mingott: “Mas por que cargas-d’água ela fez você telegrafar a Ellen Olenska...”. Ouviu também a voz clara da esposa: “Talvez para frisar novamente que ela tem o dever de estar com o marido”.

A porta da rua se fechou, e o jovem rapidamente se dirigiu ao telégrafo.

“Ol... Ol... como é que se escreve isso?”, perguntou ríspidamente a moça a quem Archer entregou o texto do telegrama, no guichê da agência da Western Union.¹

“Olenska... O-lens-ka”, ele repetiu, tomando-lhe o papel para escrever com letras de imprensa o nome estrangeiro, difícil de ler na curiosa caligrafia de May.

“É um nome raro num telégrafo de Nova York; ao menos neste bairro”, comentou uma voz inesperada. Archer se voltou e deparou com Lawrence Lefferts, cofiando um bigode imperturbável e fingindo que não olhava para a mensagem.

“Olá, Newland: achei que o encontraria aqui. Acabei de saber do derrame da velha Mrs. Mingott; e estava indo para lá quando o vi virar a esquina e corri atrás de você. Imagino que esteja vindo de lá.”

O outro confirmou com um gesto e devolveu o texto para a funcionária.

“É grave?”, Lefferts continuou. “Telegrafando para a família, imagino. Deve ser *mesmo* grave, já que está incluindo a condessa Olenska.”

Archer crispou os lábios, lutando contra um desejo selvagem de esmurrar o belo rosto fútil a seu lado.

“Por quê?”, resmungou.

Notoriamente avesso a discussões, Lefferts ergueu as sobrancelhas com uma expressão de ironia que o fez considerar a presença da

atenta donzela no outro lado do guichê. E lembrou-lhe que nada podia ser mais contrário ao “bom-tom” que uma explosão de raiva em lugar público.

Archer nunca havia sido mais indiferente aos requisitos do bom-tom, porém já superara seu momentâneo desejo de agredir Lawrence Lefferts fisicamente. Nesse momento, era impensável travar uma discussão sobre o nome de Ellen Olenska, qualquer que fosse a provocação. Assim, pagou o telegrama, e os dois saíram juntos da agência. Na rua, tendo recuperado o autocontrole, informou: “Mrs. Mingott está bem melhor; o médico está tranquilo”. E Lefferts, com profusas expressões de alívio, perguntou-lhe se já estava a par dos novos e terríveis rumores acerca de Beaufort...

À tarde, a notícia da falência de Beaufort estava em todos os jornais. A matéria sobre o derrame de Mrs. Manson Mingott passou ao segundo plano, e só quem sabia da misteriosa relação entre os dois acontecimentos pensou em atribuir a doença da matriarca a outra coisa que não o excesso de gordura e o peso da idade.

Nova York entristeceu com a história da desonra de Beaufort. Mr. Letterblair declarou que não havia registro de nada pior em sua memória e tampouco na memória de seu distante homônimo que dera nome ao escritório. O banco continuou recebendo depósitos durante o dia inteiro, embora a falência já fosse inevitável; e, como muitos clientes pertenciam aos clãs dominantes, a duplicidade de Beaufort parecia duplamente cínica. Se Mrs. Beaufort não tivesse sustentado que tais infortúnios (usara essa palavra) constituíam “o teste da amizade”, a compaixão por ela poderia ter atenuado a indignação geral contra seu marido. Nesse caso — e, sobretudo, quando se soube do objetivo de sua visita noturna a Mrs. Manson Mingott —, considerava-se seu cinismo maior que o dele; e nem sequer lhe restava a desculpa — nem a seus detratores a satisfação — de alegar que era “estrangeira”. Servia de consolo (às pessoas cujos papéis não corriam risco) lembrar que Beaufort *era* estrangeiro; mas, afinal, se uma Dallas da Carolina do Sul partilhava a opinião dele sobre o caso e proclamava aos quatro ventos que ele logo “se aprumaria”, o argumento perdia a força e não havia o que fazer

senão aceitar essa terrível evidência da indissolubilidade do matrimônio. A sociedade precisava encontrar uma forma de prosseguir sem os Beaufort; e assunto encerrado — exceto para vítimas do desastre como Medora Manson, as pobres e velhas misses Lanning e outras desavisadas senhoras de boa família que, se tivessem escutado Mr. Henry van der Luyden...

“A melhor coisa que os Beaufort podem fazer”, Mrs. Archer opinou, como se pronunciasse um diagnóstico e prescrevesse um tratamento, “é ir morar na casinha de Regina na Carolina do Norte. Beaufort sempre teve cavalos de corrida, mas devia criar trotadores. Eu diria que ele tem tudo para ser bem-sucedido nesse ramo.” Todos concordaram, mas ninguém se dignou a perguntar o que os Beaufort realmente pretendiam fazer.

No dia seguinte, Mrs. Manson Mingott estava bem melhor: recuperou a voz o bastante para ordenar que ninguém voltasse a mencionar os Beaufort em sua presença e — quando o dr. Bencomb chegou — quis saber o motivo de tamanho estardalhaço em torno de sua saúde.

“O que uma criatura de minha idade pode esperar se come salada de frango no jantar?”, perguntou; e, tendo o médico oportunamente modificado sua dieta, o derrame se transformou em indigestão. Entretanto, apesar do tom firme, a matriarca não retomou inteiramente sua antiga postura diante da vida. O crescente distanciamento da velhice, conquanto não lhe tivesse arrefecido a curiosidade em relação a seus semelhantes, embotara-lhe a compaixão — que nunca fora intensa — pelos problemas alheios; e aparentemente ela não teve a menor dificuldade em apagar da lembrança o desastre dos Beaufort. Mas, pela primeira vez, concentrava-se nos próprios sintomas e começava a demonstrar um interesse sentimental por alguns parentes que até então tratara com desdenhosa indiferença.

Mr. Welland, em especial, teve o privilégio de atrair sua atenção. Era o único genro que ela sistematicamente ignorara; e todos os esforços de sua esposa para apresentá-lo como um homem de caráter firme e evidente capacidade intelectual (se ele “quisesse”) esbarraram numa risada escarninha. Agora, porém, sua condição de eminente

valetudinário o convertia em objeto de grande interesse, e Mrs. Mingott intimou-o imperialmente a ir conversar com ela sobre dietas tão logo a febre cessasse; pois agora era a primeira a reconhecer que, em se tratando de febre, todo cuidado era pouco.

Vinte e quatro horas depois de expedido o telegrama para madame Olenska, ela telegrafou avisando que chegaria de Washington no dia seguinte, à noite. Na casa dos Welland, onde por acaso os Newland Archer estavam almoçando, imediatamente se colocou a pergunta: quem iria buscá-la em Jersey City? E as dificuldades materiais que a casa da família enfrentava, como se fosse um posto avançado de fronteira, imprimiram animação ao debate. Todos concordaram que Mrs. Welland não poderia ir a Jersey City porque, à tarde, tinha de acompanhar o marido numa visita à mãe e não podia dispensar a berlinda, pois, se Mr. Welland passasse “mal” ao ver a sogra pela primeira vez depois do derrame, seria preciso levá-lo para casa no mesmo instante. Os filhos homens estariam no “centro”; Mr. Lovell Mingott estaria voltando às pressas da caçada e precisaria do carro dos Mingott; e ninguém podia pedir a May que, no fim de uma tarde de inverno, fosse sozinha, de balsa, até Jersey City, ainda que na própria carruagem. Mas, se ninguém da família fosse receber madame Olenska na estação, poderia parecer falta de hospitalidade — e contrariaria o desejo expresso da velha Catherine. Era bem típico de Ellen, sugeria a voz de Mrs. Welland, colocar a família em tal dilema. “É sempre uma coisa atrás da outra”, a pobre mulher lamentou, numa de suas raras revoltas contra o destino; “a única coisa que me leva a pensar que a mamãe deve estar menos bem do que o dr. Bencomb admite é esse desejo mórbido de ver Ellen imediatamente, por mais inconveniente que seja ir buscá-la.”

As palavras foram impensadas, como geralmente ocorre com as expressões de impaciência; e Mr. Welland reagiu de imediato.

“Augusta”, começou, empalidecendo e largando o garfo, “você tem algum motivo para achar Bencomb menos confiável do que sempre foi? Acha que ele tem sido menos consciencioso que de costume em meu caso ou no caso de sua mãe?”

Foi a vez de Mrs. Welland empalidecer, ao visualizar as intermináveis consequências da bobagem que dissera; mesmo assim, conseguiu rir e servir-se de mais uma porção de ostras, antes de retomar sua armadura de bom humor para explicar: “Querido, como é que você pode pensar uma coisa dessas? O que eu quis dizer foi que, como a mamãe falou tanto que Ellen tinha a obrigação de voltar para o marido, parece estranho que de repente sinta essa vontade de vê-la, ainda mais tendo meia dúzia de netos para chamar. Mas não podemos esquecer que, apesar de sua fabulosa vitalidade, a mamãe é muito velha”.

Mr. Welland continuou carrancudo; era evidente que sua perturbada imaginação imediatamente se ateve ao último comentário. “Sim: sua mãe é muito velha; e, pelo que sabemos, Bencomb talvez não tenha tanto sucesso com pessoas muito velhas. Como você falou, minha querida, é sempre uma coisa atrás da outra; e daqui a uns dez ou quinze anos, suponho que terei o agradável dever de procurar outro médico. É sempre melhor fazer esse tipo de troca antes que seja absolutamente necessário.” E, tendo tomado essa espartana² decisão, voltou a empunhar o garfo com determinação.

“Mas enquanto isso”, Mrs. Welland recomeçou, levantando-se da mesa para dirigir-se ao deserto de cetim roxo e malaquita conhecido como saleta dos fundos, “não vejo como Ellen há de chegar aqui amanhã à noite; e eu gosto de resolver tudo com pelo menos vinte e quatro horas de antecedência.”

Archer interrompeu sua fascinada contemplação de um pequeno quadro com moldura octogonal de ébano e medalhões de ônix que focalizava a bebedeira de dois cardeais.

“Quer que eu vá buscá-la?”, perguntou, o coração aos saltos. “Posso muito bem sair do escritório a tempo de pegar a berlinda na balsa, se May a mandar para lá.”

Mrs. Welland suspirou, agradecida, e May, que se aproximara da janela, voltou-se para brindá-lo com um sorriso de aprovação. “Como está vendo, mamãe, tudo foi resolvido com vinte e quatro horas de antecedência”, observou, inclinando-se para beijar a testa preocupada da mãe.

A berlinda a esperava na porta para levar Archer à Union Square,³ onde ele poderia tomar uma condução para ir ao escritório.

“Eu não quis deixar a mamãe ainda mais preocupada, apontando outros problemas”, disse May, pondo-se a caminho; “mas como é que você vai buscar Ellen amanhã, se tem de ir para Washington?”

“Ah, eu não vou”, ele respondeu.

“Não? Ora essa, o que aconteceu?” A voz, clara como o tinir de um sino, expressava sua solicitude de esposa.

“O caso foi... adiado.”

“Adiado? Que esquisito! Hoje de manhã vi um bilhete que Mr. Letterblair mandou para a mamãe, informando que ia a Washington amanhã para defender na Suprema Corte o grande caso da patente. Você não falou que era um caso de patente?”

“Bom... sim: é que não dá para ir o escritório inteiro. E hoje de manhã Letterblair decidiu que era ele quem ia.”

“Então o caso *não* foi adiado?”, May continuou, com uma insistência tão rara que Archer sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, como se corasse por essa inusitada infração a todas as delicadezas tradicionais.

“Não: mas minha viagem foi”, respondeu, amaldiçoando as explicações desnecessárias que dera, ao anunciar sua intenção de ir a Washington, e tentando lembrar onde havia lido que fornecer detalhes é próprio dos bons mentirosos, porém não dos melhores. Sofria muito menos por contar uma inverdade à esposa que por vê-la fingir que acreditava.

“Vai demorar para eu ir: ainda bem para sua família”, acrescentou, refugiando-se covardemente no sarcasmo. Percebendo que ela o fitava, também a fitou nos olhos, para não parecer que os evitava. Esse encontro de olhares durou apenas um segundo e talvez tenha permitido a cada um penetrar nos pensamentos do outro mais profundamente do que ambos pretendiam.

“Sim; ainda bem”, ela concordou, “que você pode ir buscar Ellen; você viu como a mamãe ficou contente com isso.”

“Ah, para mim é um prazer.” A berlinda parou, e, enquanto Archer descia, May inclinou-se e tomou-lhe a mão. “Até logo, querido”, falou, os olhos tão azuis que depois ele se perguntou se não teriam brilhado em função das lágrimas.

Archer se afastou e atravessou rapidamente a Union Square, repetindo para si mesmo, numa espécie de salmodia interior: “São duas horas inteiras de Jersey City até a casa da velha Catherine. São duas horas inteiras... e podem ser mais”.

A berlinda azul-escura de May (ainda com o verniz do casamento) aguardava Archer na balsa e o levou confortavelmente ao terminal Pennsylvania,¹ em Jersey City.

A tarde estava escura, nevava, e a grande estação resplandecia, com todas as luzes acesas. Caminhando pela plataforma, à espera do expreso de Washington, ele se lembrou de que algumas pessoas acreditavam que um dia os trens da linha Pennsylvania iriam direto para Nova York por um túnel sob o rio Hudson. Tais pessoas integravam a confraria dos visionários que prediziam também a construção de navios capazes de cruzar o Atlântico em cinco dias, a invenção de uma máquina de voar, a luz elétrica, a comunicação telefônica sem fios e outras maravilhas das mil e uma noites.²

“Por mim, qualquer uma dessas previsões pode se tornar realidade”, Archer pensou, “desde que o túnel não seja construído tão logo.” Em sua insensata felicidade de colegial, imaginou a sequência: a condessa descendo do trem, ele a avistando de longe, em meio a uma profusão de rostos inexpressivos, ela tomando-lhe o braço para ser conduzida até a berlinda, ambos acercando-se vagarosamente do cais, entre cavalos que escorregavam, carroças abarrotadas, carroceiros vociferantes; e, depois, a surpreendente quietude da balsa, onde ficariam sentados lado a lado sob a neve, na berlinda imóvel, enquanto a terra parecia deslizar para o outro lado do sol. Era

incrível a quantidade de coisas que tinha para dizer-lhe, a eloquente ordem em que lhe assomavam aos lábios...

O trem se aproximou, retinindo e rangendo, e lentamente entrou na estação como um monstro em sua toca, carregando a presa. Archer adiantou-se, abrindo caminho por entre a multidão, correndo os olhos pelas janelas dos vagões. E então, de repente, viu o rosto pálido e surpreso de madame Olenska e mais uma vez teve a dolorosa sensação de haver esquecido suas feições.

Encontraram-se, deram-se as mãos, e ele a tomou pelo braço. “Por aqui... estou com a berlinda”, informou.

Depois disso, tudo aconteceu como sonhara. Ele a ajudou a entrar na berlinda com as malas e, lembrava-se vagamente, tratou de tranquilizá-la em relação à avó e de informá-la sobre a situação de Beaufort (impressionando-se com a doçura de seu “pobre Regina!”). Entrementes, a berlinda conseguira deixar para trás a lufa-lufa diante da estação e agora descia a rampa escorregadia que levava ao cais, ameaçada por oscilantes carroças de carvão, cavalos assustados, vagões desordenados e um carro fúnebre vazio — ah, esse carro fúnebre! A condessa fechou os olhos e agarrou a mão de Archer.

“Tomara que não seja... coitadinha da vovó!”

“Ah, não, não... ela está muito melhor... está bem, realmente. Pronto... já passou!”, o rapaz exclamou, como se isso fizesse toda a diferença. A mão dela ainda segurava a sua, e, enquanto a berlinda sacolejava pela prancha de acesso à balsa, ele se inclinou, desabotoou a luva marrom e beijou-lhe a palma da mão como se beijasse uma relíquia. Ela a puxou com um vago sorriso, e ele perguntou: “Você não esperava me ver hoje?”.

“Ah, não.”

“Eu ia para Washington ver você. Já tinha cuidado de tudo... por pouco não cruzamos um com o outro no caminho.”

“Ah...”, ela exclamou, como se estivesse horrorizada com a possibilidade desse desencontro.

“Sabia que... eu mal me lembrava de você?”

“Mal se lembrava de mim?”

“Como é que vou explicar? Eu... é sempre assim. *Sempre que vejo você, é como se fosse a primeira vez.*”

“Ah, é: eu sei! Eu sei!”

“Também é assim com você... em relação a mim?”

Ela confirmou com um gesto, olhando pela janela.

“Ellen... Ellen... Ellen!”

Sem obter resposta, Archer se calou, vendo seu perfil diluir-se na penumbra estriada de neve. O que ela havia feito, naqueles quatro longos meses? Que pouco sabiam um do outro! Os preciosos momentos se escoavam, mas ele esquecera tudo que queria dizer e só lhe restava refletir sobre o mistério de seu distanciamento e de sua proximidade, que parecia simbolizado no fato de estarem sentados tão perto e não conseguirem ver o rosto um do outro.

“Bonita berlinda! É de May?”, ela perguntou, deixando subitamente de olhar pela janela.

“É.”

“Foi May que mandou você me buscar? É muita bondade dela!”

Archer não respondeu, mas, ao cabo de um instante, explodiu: “O secretário de seu marido me procurou um dia depois que nos encontramos em Boston”.

Não fizera a menor alusão à visita de M. Rivière na breve carta que lhe enviara e tinha a firme intenção de guardar segredo sobre o incidente. Porém cedeu ao desejo de represália suscitado pelo lembrete de que estavam na berlinda da esposa. Queria ver se a referência a Rivière a desgostaria tanto quanto sua referência a May! Como em outras ocasiões nas quais acalentara a esperança de destruir sua habitual compostura, não percebeu nenhum sinal de surpresa e imediatamente concluiu: “Então, ele escreve para ela”.

“M. Rivière procurou você?”

“Sim: não sabia?”

“Não”, foi a singela resposta.

“E não se surpreende?”

Madame Olenska hesitou. “Por que me surpreenderia? Em Boston, ele me falou que conhecia você; creio que o conheceu na Inglaterra.”

“Eu... preciso lhe perguntar uma coisa.”

“Diga.”

“Eu queria lhe perguntar isso desde que o vi, mas não por carta. Foi Rivière que ajudou você a fugir... de seu marido?”

O coração batia-lhe a ponto de sufocá-lo. Ela reagiria a essa pergunta com a mesma compostura?

“Foi: sou muito grata a ele”, a condessa respondeu, sem o menor tremor na voz serena. E num tom tão natural, tão próximo da indiferença que amainou o turbilhão em que seu interlocutor se debatia. Mais uma vez conseguira, com sua simplicidade, fazê-lo sentir-se estupidamente convencional no exato momento em que se julgava livre de convenções.

“Acho que você é a mulher mais honesta que já conheci!”

“Ah, não... mas provavelmente sou uma das menos complicadas”, ela respondeu com um sorriso na voz.

“Chame como quiser: você vê as coisas como são.”

“Ah... eu tive de vê-las assim. Tive de olhar para a Górgona.”

“Bom... e não ficou cega. Você viu que ela é só um bicho-papão como qualquer outro.”

“Ela não cega ninguém, mas seca as lágrimas.”

A resposta o fez calar a súplica que tinha nos lábios: parecia provir de experiências profundas que estavam além de seu alcance. O lento avanço da balsa havia cessado, e a proa da embarcação bateu nas estacas do cais com uma violência que a berlinda estremeceu, jogando seus ocupantes um contra o outro. Archer, trêmulo, sentiu a pressão do ombro de Ellen e abraçou-a.

“Se você não está cega, precisa ver que isto não pode continuar.”

“Isto o quê?”

“Isto: estamos juntos... e não estamos.”

“Não. Você não devia ter vindo me buscar”, ela falou, numa voz alterada, e, de repente, voltou-se, enlaçou-o pelo pescoço e beijou-o. No mesmo instante, a berlinda se pôs em movimento, e um lampião de gás no alto do cais despejou sua luz pela janela. Madame Olenska se afastou, e ambos permaneceram em silêncio e imóveis, enquanto a berlinda deixava para trás o congestionamento formado à saída da balsa. Uma vez na rua, Archer desatou a falar.

“Não tenha medo de mim: não precisa se encolher desse jeito. Não quero um beijo roubado. Olhe só: não estou tentando tocar nem a manga de seu casaco. Não pense que não entendo seus motivos para não querer que o sentimento que existe entre nós degenerem num caso

clandestino e vulgar. Eu não poderia dizer isso ontem, porque, quando estamos longe um do outro e desejo muito ver você, todos os pensamentos se consomem numa labareda. Mas então você chega e é muito mais do que eu lembrava e o que quero é muito mais que uma hora ou duas de vez em quando, entre intervalos de uma espera sequiosa; e isso me permite ficar absolutamente imóvel a seu lado, assim, com aquela outra imagem na mente, apenas acreditando que ela há de se concretizar.”

A condessa demorou um instante para perguntar, quase num sussurro: “O que você quer dizer com ‘acreditando que ela há de se concretizar’?”

“Ora... você sabe que há de se concretizar, não sabe?”

“Sua imagem de nós dois juntos?” Ela soltou uma risada repentina e amarga. “Você escolheu bem o lugar para me dizer isso!”

“Por quê? Por que estamos na berlinda de minha mulher? Então, devemos descer e caminhar? Não se importa com a neve?”

Ela riu novamente, agora com brandura. “Não; não vou descer e caminhar porque preciso ir ver a vovó o mais depressa possível. E você vai ficar aqui a meu lado, e vamos olhar para a realidade, não para imagens abstratas.”

“Não sei o que você entende por ‘realidade’. Para mim a única realidade é esta aqui.”

Suas palavras esbarraram num longo silêncio, durante o qual a berlinda desceu uma ruazinha escura e dobrou a esquina para entrar na iluminada Quinta Avenida.

“Então, você acha que devo ser sua amante... já que não posso ser sua esposa?”

A crueza da pergunta o surpreendeu: essa era uma palavra que as mulheres de sua classe evitavam, até mesmo quando a conversa se acercava do assunto. Madame Olenska a pronunciou como se tivesse lhe designado um local específico em seu vocabulário, levando-o a imaginar se a teria ouvido com frequência na vida horrível da qual fugira. A pergunta abalou-o a ponto de desnorteá-lo.

“Eu quero... quero ir embora com você para um lugar onde palavras como essa... categorias como essa... não existam. Onde

sejamos apenas dois seres humanos que se amam, que são tudo um para o outro; e onde nada mais importe.”

Ela soltou um suspiro profundo que terminou em mais uma risada. “Ah, meu bem... onde fica esse lugar? Você já esteve lá?”, perguntou e, como ele se mantivesse mudo e sombrio, prosseguiu: “Conheço muitos que tentaram encontrá-lo e, acredite, acabaram descendo por engano em Boulogne, Pisa, Monte Carlo e outras estações de beira de estrada... que não diferiam em nada do velho mundo que haviam deixado para trás; só eram menores, mais tristes e mais promíscuas.”

Archer nunca a ouvira falar nesse tom e lembrou-se da frase que ela dissera momentos antes.

“A Górgona *realmente* secou suas lágrimas”, comentou.

“E também me abriu os olhos; não é verdade que ela cega as pessoas. Ela faz justamente o contrário: mantém nossas pálpebras bem levantadas, privando-nos para sempre de nossa bendita escuridão. Os chineses não inventaram uma tortura parecida? Deviam inventar. Ah, acredite em mim: esse é um lugarzinho miserável!”

A berlinda atravessara a rua 42:³ o robusto cavalo de May a puxava para o norte como se fosse um trotador de Kentucky. Archer sentia-se sufocado pela sensação de minutos perdidos e palavras vãs.

“Então, qual é seu plano para nós?”, perguntou.

“Para nós? Não existe nenhum *nós* nesse sentido! Para ficar perto um do outro, temos de ficar longe um do outro. Só assim podemos ser nós mesmos. Do contrário, somos apenas Newland Archer, o marido da prima de Ellen Olenska, e Ellen Olenska, a prima da mulher de Newland Archer, tentando ser felizes às escondidas das pessoas que confiam neles.”

“Ah, eu estou acima disso.”

“Não, não está! Nunca esteve. Mas *eu*, sim”, ela replicou numa voz estranha, “e sei como é.”

Ele permaneceu em silêncio, atordoado por uma dor inexprimível. Tateando na escuridão da berlinda, localizou a sineta que servia para transmitir ordens ao cocheiro. Lembrou que May a tocava duas

vezes, quando queria parar. Foi o que fez, e a berlinda se deteve junto à calçada.

“Por que paramos? Não estamos na casa da vovó.”

“Não, mas eu vou descer”, ele balbuciou, abrindo a porta para saltar. À luz de um poste, viu o rosto perplexo da condessa e seu instintivo movimento para detê-lo. Fechou a porta e apoiou-se por um instante na janela.

“Você tem razão: eu não devia ter ido buscá-la”, falou, baixando a voz para o cocheiro não ouvir. Ela se inclinou como se fosse dizer alguma coisa; porém ele já ordenara ao cocheiro que prosseguisse, e a berlinda se afastou, deixando-o para trás na esquina. Parara de nevar, e agora soprava um vento cortante que lhe golpeava o rosto. De repente, Archer sentiu uma coisa dura e fria nos cílios e percebeu que havia chorado e que o vento congelara suas lágrimas.

Enfiou as mãos nos bolsos e se pôs a caminho de casa, descendo a Quinta Avenida a passo rápido.

Nessa noite, ao descer para jantar, Archer deparou com a sala deserta.

Jantaria só com a esposa, tendo a família adiado todos os seus compromissos em função da doença de Mrs. Manson Mingott; e surpreendeu-se com a ausência de May, a mais pontual dos dois. Sabia que ela estava em casa, pois, enquanto se vestia, ouvira seus passos no quarto ao lado, e perguntou-se o que a teria retido.

Adotara o hábito de fazer esse tipo de conjectura como uma forma de atar seus pensamentos à realidade. Às vezes, achava que descobrira por que o sogro se preocupava tanto com ninharias: talvez, num passado remoto, até mesmo Mr. Welland tivesse tido fugas e visões e tivesse invocado todos os protetores do lar para defendê-lo.

May parecia cansada quando entrou na sala. Usava o vestido de renda decotado e justo que o cerimonial dos Mingott prescrevia para as ocasiões mais informais e o cabelo preso na habitual profusão de cachos, mas estava pálida e abatida. Não obstante, sorriu-lhe com a meiguice de sempre e ainda tinha nos olhos a intensa luz azul da véspera.

“O que aconteceu, querido? Fiquei esperando você na casa da vovó, e Ellen chegou sozinha, dizendo que você precisou ir resolver um assunto de trabalho. Algum problema?”

“Só umas cartas que eu tinha esquecido e queria escrever antes do jantar.”

“Ah...”, ela murmurou e, um instante depois: “Foi uma pena você não ter ido à casa da vovó... a menos que as cartas fossem urgentes”.

“Eram”, ele afirmou, surpreso com sua insistência. “E não vejo por que eu deveria ter ido para lá. Eu não sabia que você estava lá.”

May se aproximou do espelho sobre a lareira e ergueu a mão para prender um cacho que saía do lugar em seu intrincado penteado. Percebendo em sua postura algo de lânguido e rígido, Archer se perguntou se também lhe pesava a mortal monotonia da vida conjugal. Depois, lembrou que, ao sair de manhã, ouviu-a dizer que o esperaria na casa da avó e voltariam juntos. Lembrou que gritara um entusiástico “sim!”, porém, absorto em outros pensamentos, acabara esquecendo a promessa. Agora estava contrito, embora se irritasse por ser acusado de uma omissão tão insignificante em quase dois anos de casamento. Estava cansado de viver numa eterna e tépida lua de mel, sem o fogo da paixão, mas com todas as suas exigências. Se May lhe apresentasse suas queixas (e Archer suspeitava que fossem muitas), uma boa risada poderia dirimi-las; porém ela fora educada para esconder feridas imaginárias sob um sorriso espartano.

Para disfarçar a irritação, ele perguntou como estava a avó e soube que Mrs. Mingott estava melhorando, embora a última novidade sobre os Beaufort a tivesse transtornado.

“Que novidade?”

“Parece que vão ficar em Nova York e que ele pretende entrar no ramo de seguros, algo assim. Estão procurando uma casinha.”

Não valia a pena falar sobre uma coisa tão absurda, e trataram de jantar. Durante a refeição, sua conversa se manteve nos estreitos limites de sempre; May não fez nenhuma alusão a madame Olenska, nem à maneira como a velha Catherine a recebeu. Archer respirou aliviado, mas viu nisso algo de vagamente ominoso.

Depois, subiram para tomar o café na biblioteca, onde ele acendeu um charuto e pegou uma obra de Michelet.¹ Desde que May passara a pedir-lhe que lesse em voz alta sempre que o via com um livro de poesia, ele resolvera ler sobre história à noite — não porque

desgostasse da própria voz, mas porque sempre conseguia prever os comentários dela sobre o poema lido. Agora percebia que, quando eram noivos, May simplesmente repetia o que ele lhe dizia; quando parou de fornecer-lhe opiniões, ela começou a opinar por conta própria, prejudicando sua apreciação dos textos comentados.

Vendo-o pegar uma obra de história, ela foi buscar sua cesta de trabalho, puxou uma poltrona para perto do abajur verde e desdobrou uma almofada que estava bordando para o sofá do marido. Não era boa bordadeira — suas mãos grandes e hábeis foram feitas para cavalgar, remar, realizar atividades ao ar livre —, mas, como outras esposas bordavam almofadas para os maridos, não queria omitir esse último elo na cadeia de sua devoção.

Na posição em que se encontrava, Archer só precisava erguer os olhos para vê-la debruçada sobre o bastidor, as mangas escorregando-lhe pelos braços firmes, a safira do anel de noivado reluzindo na mão esquerda, ao lado da grossa aliança de ouro, e a mão direita perfurando o tecido, lentamente, diligentemente. Vendo-a ali sentada, a fronte serena à luz do abajur, disse para si mesmo, com secreto pesar, que sempre saberia o que estava por trás daquela frente; que nunca, em todos os anos futuros, ela o surpreenderia com um humor inesperado, uma ideia nova, uma fraqueza, uma crueldade, uma emoção. May gastara sua reserva de poesia e romantismo durante o breve namoro: não precisava mais disso. Agora estava amadurecendo para tornar-se uma cópia da mãe e, misteriosamente, pelo mesmo processo, para tentar transformá-lo num Mr. Welland. Archer largou o livro e levantou-se, impaciente; ela imediatamente ergueu a cabeça.

“O que foi?”

“Estou me sentindo sufocado; preciso de ar fresco.”

Por insistência sua, as cortinas da biblioteca não estavam presas num bandô dourado, caindo, imóveis, em camadas de renda, como na sala de visitas; ao contrário, corriam por um varão para poder ser fechadas à noite. Assim, ele as puxou, abriu a vidraça e debruçou-se sobre a noite gelada. Bastou-lhe não olhar para May, sentada ao lado de sua escrivaninha, de seu abajur; bastou-lhe ver outras casas, outros telhados, outras chaminés; bastou-lhe pensar na existência de

outras vidas além da sua, de outras cidades além de Nova York e de todo um mundo além de seu mundo, para desanuviar a mente e respirar com mais facilidade.

Fazia alguns minutos que estava ali, contemplando a escuridão, quando a ouviu dizer: “Newland! Feche a janela. Você vai pegar uma gripe mortal!”.

Ele obedeceu e voltou-se. “Pegar uma gripe mortal!”, repetiu, com vontade de acrescentar: “Mas eu já *morri*. Estou morto há meses”.

E, de repente, a palavra lhe inspirou uma ideia louca. E se *ela* estivesse morta? Se morresse — morresse logo — e o deixasse livre? A sensação de estar ali de pé, nessa sala quente e familiar, olhando para ela e desejando que estivesse morta, era tão estranha, tão fascinante e avassaladora que Archer demorou a se dar conta de sua enormidade. Simplesmente sentiu que o acaso lhe proporcionava uma nova possibilidade à qual sua alma enferma poderia apegar-se. Sim, May podia morrer — todo mundo morre: gente jovem, gente saudável; podia morrer e libertá-lo.

Ela o fitou, e seus olhos arregalados o fizeram entender que devia ter algo de estranho no olhar.

“Newland! Você está doente?”

Ele balançou a cabeça e voltou para sua poltrona. No caminho, pousou a mão no cabelo da esposa, que novamente se debruçara sobre o bastidor, e exclamou: “Coitadinha!”.

“Coitadinha? Por quê?”, ela perguntou, com um riso forçado.

“Porque eu nunca vou poder abrir uma janela sem deixá-la preocupada”, ele respondeu, rindo também.

Por um momento, May se manteve em silêncio; depois murmurou, sem levantar a cabeça: “Eu nunca vou me preocupar, se você estiver feliz”.

“Ah, minha querida; e eu só estarei feliz se puder abrir as janelas!”

“Com *esse* tempo?”, ela replicou; e ele, com um suspiro, retomou sua leitura.

Seis ou sete dias se passaram. Archer não teve notícias de madame Olenska e notou que nenhum membro da família pronunciava esse nome em sua presença. Não procurou vê-la; isso era quase impossível

enquanto ela estivesse à vigiada cabeceira da velha Catherine. Na incerteza dessa situação, deixou-se ir à deriva, consciente, num nível abaixo de seus pensamentos, de uma resolução que tomara na janela da biblioteca, ao debruçar-se sobre a noite gelada. A firmeza dessa resolução permitia-lhe esperar e nada demonstrar.

Então um dia soube que Mrs. Manson Mingott queria vê-lo. Tal desejo nada tinha de surpreendente, pois a matriarca se recuperava a olhos vistos e sempre declarara abertamente que preferia Archer ao marido de qualquer uma das netas. May transmitiu-lhe o recado com evidente prazer: orgulhava-se da estima da avó pelo marido.

E ele se sentiu na obrigação de dizer: “Tudo bem. Vamos juntos, hoje à tarde?”.

May se iluminou, porém respondeu de imediato: “Ah, é melhor você ir sozinho. A vovó não gosta de ver sempre as mesmas caras”.

Foi com o coração aos saltos que o jovem tocou a campainha na casa da enferma. Ir sozinho visitá-la era o que mais queria, pois sabia que teria a oportunidade de conversar em particular com madame Olenska. Resolvera esperar que essa oportunidade se apresentasse naturalmente; e ali estava. Atrás da porta, atrás do reposteiro de damasco amarelo, no quarto vizinho ao saguão, a condessa por certo o aguardava; dentro de instantes ele a veria e poderia falar-lhe, antes de ser conduzido à presença da doente.

Só queria perguntar-lhe uma coisa: depois, saberia o que fazer. Só queria saber a data de seu retorno a Washington; e isso ela não se recusaria a dizer-lhe.

Mas quem o aguardava na saleta amarela era a criada mulata. Os dentes muito brancos reluzindo como as teclas do piano, ela abriu a porta de correr e levou-o até Mrs. Mingott.

A velha senhora estava sentada perto da cama, numa poltrona que mais parecia um imenso trono. Tinha a seu lado uma mesinha de mogno com uma lâmpada de bronze fundido e globo cinzelado sobre o qual se equilibrava um quebra-luz de papel verde. Não havia por perto um livro, um jornal ou qualquer indício de afazeres femininos: conversar sempre havia sido a única ocupação de Mrs. Mingott, que jamais fingiria interessar-se por trabalhos de agulha.

Não apresentava o menor sinal da ligeira distorção provocada pelo derrame. Só estava mais pálida, com sombras mais escuras nas saliências e reentrâncias de sua obesidade; e, com sua touca canelada, presa por um laço engomado entre os dois primeiros queixos, e o lenço de musselina sobre seu ondulante penhoar roxo, parecia uma astuta e bondosa ancestral de si mesma que se entregara por inteiro aos prazeres da mesa.

Ela estendeu uma das mãozinhas que, como bichinhos de estimação, repousavam num oco de seu enorme regaço e ordenou à criada: “Não deixe ninguém entrar. Se minhas filhas vierem, diga que estou dormindo”.

A serviçal se retirou, e a matriarca se voltou para o visitante.

“Estou muito horrorosa?”, perguntou alegremente, tateando à procura das dobras de musselina em seu peito inacessível. “Minhas filhas dizem que, em minha idade, isso não tem importância... como se a feiura não importasse ainda mais quando é mais difícil escondê-la!”

“Querida, você está mais bonita que nunca!”, ele respondeu no mesmo tom.

Mrs. Mingott jogou a cabeça para trás e riu. “Ah, mas não tão bonita quanto Ellen!”, exclamou, piscando maliciosamente, e, sem lhe dar tempo de retrucar, acrescentou: “Ela estava mesmo deslumbrante, no dia em que você foi buscá-la?”.

Archer riu, e a velha senhora continuou: “Foi porque você lhe disse isso que ela o largou no caminho? Quando eu era moça, os rapazes só largavam as mulheres bonitas se os obrigassem!”. E começou a rir, mas interrompeu-se para comentar, quase em tom de queixa: “É uma pena que ela não tenha se casado com você; eu sempre disse isso a ela. Teria me poupado de toda esta preocupação. Mas quem é que pensa em poupar a avó de preocupações?”.

Enquanto o jovem se perguntava se a doença lhe teria afetado as faculdades mentais, ela declarou, de repente: “Bom, de qualquer modo, está decidido: Ellen vai ficar comigo, não interessa o que diga o resto da família! Cinco minutos depois de sua chegada, eu já teria lhe implorado de joelhos que ficasse... se conseguisse ver o chão, o que não acontece há vinte anos!”.

Archer ouviu em silêncio, e Mrs. Mingott prosseguiu: “Vieram falar comigo, como você deve estar sabendo... Lovell, Letterblair, Augusta Welland, todos... queriam que eu lhe cortasse a mesada até ela entender que tinha a obrigação de voltar para Olenski. Pensavam que me convenceram quando o secretário, ou seja lá quem for, apareceu com as últimas propostas: muito generosas, devo admitir. Afinal, casamento é casamento, e dinheiro é dinheiro... e ambos são úteis, a seu modo... e fiquei sem saber o que responder...”. Interrompeu-se e respirou fundo, como se o ato de falar constituísse um esforço. “Mas, assim que pus os olhos nela, decidi: ‘Ah, doce pássaro! Prender você de novo naquela gaiola? Nunca!’ E agora está resolvido: ela fica aqui e cuida da vovó enquanto tiver vovó para cuidar. Não é uma perspectiva das mais atraentes, mas ela não se importa; e, naturalmente, eu disse para Letterblair que ela deve receber a mesada adequada.”

Archer sentia o sangue arder-lhe nas veias, porém, em sua confusão mental, não sabia ao certo se estava alegre ou triste com a notícia. Traçara o caminho que pretendia trilhar com tanta determinação que agora não conseguia remanejar seus pensamentos. Pouco a pouco, porém, experimentou a deliciosa sensação de dificuldades adiadas e oportunidades miraculosamente proporcionadas. Se Ellen concordara em morar com a avó, devia ser porque reconhecera a impossibilidade de deixá-lo. Assim respondia a seu apelo: não daria o passo extremo que ele lhe pedira, mas finalmente aceitava meias medidas. Pensando nisso, Archer sentiu o alívio do homem que esteve disposto a arriscar tudo e de repente saboreia a perigosa doçura da segurança.

“Ela não poderia voltar... era impossível!”, exclamou.

“Ah, meu querido, eu sempre soube que você estava do lado dela; e foi por isso que mandei chamá-lo hoje e disse para sua linda esposa, quando ela se ofereceu para acompanhá-lo: ‘Não, meu bem; quero muito ver Newland e não quero ninguém aqui para participar de nossas emoções’. Pois, como você vê, meu amor...”, interrompeu-se por um instante para erguer a cabeça na medida em que lhe permitiam as amarras de seus queixos e fitá-lo nos olhos, “... ainda vamos ter briga. A família não a quer aqui e afirma que ela me convenceu porque estou doente, porque sou velha e fraca. Ainda não

estou em condições de enfrentá-los um a um, e você tem de fazer isso por mim.”

“Eu?”, o visitante murmurou.

“Você mesmo. Por que não?”, a matriarca disparou, os olhos redondos subitamente aguçados como punhais. E ergueu a mão trêmula para pousá-la na dele, as pequenas unhas pálidas semelhantes às garras de uma ave. “Por que não?”, repetiu.

Exposto a seu olhar, Archer recuperou o autocontrole.

“Ah, eu não conto... sou insignificante demais.”

“Bom, você é sócio de Letterblair, não é? Tem de enfrentá-los através de Letterblair. A não ser que tenha motivos...”

“Ah, minha querida, você pode muito bem enfrentá-los sem minha ajuda, mas a terá, se precisar”, ele lhe garantiu.

“Então, estamos salvos!”, a velha senhora suspirou e, sorrindo-lhe com toda a sua antiga esperteza, acrescentou, enquanto repousava a cabeça nos travesseiros: “Eu sempre soube que você nos apoiaria, porque nunca mencionam seu nome, quando afirmam que ela tem a obrigação de voltar para o marido”.

O jovem estremeceu diante de sua terrível perspicácia e teve vontade de perguntar: “E May... mencionam o nome dela?”. Porém achou mais seguro mudar a pergunta: “E madame Olenska? Quando a verei?”.

Mrs. Mingott riu, fechou os olhos e recorreu à pantomima da galhofa. “Hoje não. Uma coisa de cada vez, por favor. Madame Olenska saiu.”

Ele corou, desapontado.

“Saiu, meu rapaz; foi visitar Regina Beaufort”, a matriarca prosseguiu e, após uma pausa para avaliar o efeito dessa informação, acrescentou: “A isto já me reduziu. Um dia depois de chegar aqui, pôs seu melhor chapéu e me falou, com a maior frieza do mundo, que ia visitar Regina Beaufort. ‘Eu não conheço essa pessoa; quem é?’, disse eu. ‘É sua sobrinha-neta e uma mulher muito infeliz’, ela respondeu. ‘É a mulher de um calhorda’, rebati. ‘Bom, e eu também sou, mas toda a minha família quer que eu volte para ele.’ Bom, isso me derrubou, e eu a deixei ir; e, por fim, um dia ela reclamou que estava chovendo demais para ir a pé e pediu que eu lhe emprestasse a

carruagem. ‘Para quê?’, eu quis saber. ‘Para eu ir visitar a prima Regina’, ela explicou. *Prima!* Pois olhei pela janela e vi que não estava caindo uma gota sequer; mas entendi e lhe emprestei a carruagem... Afinal de contas, Regina é corajosa, e Ellen também é; e coragem é uma coisa que sempre me agradou muito, mais que tudo.”

Archer se abaixou para beijar a mãozinha que ainda estava sobre a sua. “Ei... ei! De quem você pensa que é a mão que está beijando...? De sua mulher, espero...”, a velha Catherine comentou com seu riso zombeteiro e recomendou, quando ele se preparou para sair: “Dê-lhe lembranças da vovó; mas é melhor não lhe contar nada de nossa conversa”.

Archer estava perplexo com a novidade. Era natural que madame Olenska viesse correndo de Washington para atender ao chamado da avó; menos fácil de explicar era sua decisão de ficar com ela — sobretudo agora que a matriarca praticamente recuperara a saúde.

Ele tinha certeza de que a mudança na situação financeira da condessa não influenciara sua decisão. Sabia o montante exato da pequena renda que o marido lhe concedera por ocasião da separação. Sem a mesada da velha Catherine seria difícil viver na acepção da palavra segundo os Mingott; e agora que Medora Manson estava arruinada, essa ninharia mal daria para vestir e alimentar as duas mulheres. Não obstante, Archer estava convencido de que Ellen não aceitara a oferta por interesse.

Madame Olenska tinha a incauta generosidade e a esporádica extravagância das pessoas acostumadas com grandes fortunas e indiferentes ao dinheiro; mas podia passar sem muitas coisas que a família considerava indispensáveis, e Mrs. Lovell Mingott e Mrs. Welland com frequência lamentavam que quem desfrutara os luxos cosmopolitas das residências do conde Olenski se importasse tão pouco com “a maneira de fazer as coisas”. Além disso, havia já alguns meses que a mesada fora cortada, e Ellen não movera uma palha para recuperar as boas graças da avó. Portanto, se mudara de postura, devia ter outro motivo.

Archer não precisou ir longe para descobrir esse motivo. Quando se dirigiam à casa de Mrs. Mingott, ela lhe dissera que deviam ficar separados, porém o dissera com a cabeça em seu peito e sem coqueteria. Lutava contra seu destino como Archer lutara contra o dele e agarrava-se desesperadamente à resolução de não traírem a confiança das pessoas. Contudo, nos dez dias que se passaram desde seu retorno a Nova York, talvez tivesse deduzido que, se ele se mantinha em silêncio e nada fazia para tentar vê-la, era porque estava refletindo sobre um passo decisivo, um passo sem volta. Ao pensar nisso, talvez tivesse tido medo da própria fraqueza e concluído que, afinal, era melhor aceitar o meio-termo habitual nesses casos e adotar a postura da resistência mínima.

Uma hora antes, quando tocara a campainha na casa da velha Catherine, Archer imaginara que seu caminho estava livre. Queria falar a sós com madame Olenska e, se não fosse possível, descobrir, através da avó, quando e em que trem ela retornaria a Washington. Pretendia encontrá-la nesse trem e acompanhá-la até a capital ou até onde ela desejasse ir. De preferência, até o Japão. De qualquer modo, a faria entender que a seguiria aonde quer que fosse. Pretendia deixar um bilhete para May que eliminaria qualquer outra alternativa.

Acreditara-se não só suficientemente fortalecido, como ansioso para dar esse passo; no entanto, ao saber que os acontecimentos tomaram outro rumo, respirou aliviado. Agora, porém, ao voltar para casa, o que sentia era uma crescente aversão ao que o esperava. O caminho que haveria de trilhar nada tinha de desconhecido ou de estranho; mas, quando o trilhara antes, era um homem livre, que não tinha de prestar conta de seus atos a ninguém e podia dedicar-se com alegre despreendimento ao jogo de precauções e evasivas, dissimulações e anuências que o papel demandava. Chamava-se esse procedimento de “proteger a honra da mulher”; e a melhor ficção, juntamente com as conversas dos mais velhos depois do jantar, desde muito o iniciara em cada detalhe de seu código.

Agora ele via a questão sob uma nova luz e percebia que seu papel curiosamente se reduzira. Na verdade, era o mesmo que, com secreta fatuidade, vira Mrs. Thorley Rushworth desempenhar para um marido afetuoso e distraído: uma mentira sorridente, brincalhona,

complacente, cautelosa, incessante. Uma mentira por dia, uma mentira por noite, uma mentira em cada contato e em cada olhar; uma mentira em cada carícia e em cada briga; uma mentira em cada palavra e em cada silêncio.

Era mais fácil e, tudo somado, menos torpe para a esposa desempenhar esse papel perante o marido. Tacitamente, considerava-se menor a fidelidade da mulher à verdade: ela era a criatura subjugada, versada nas artimanhas dos escravos. Sempre podia alegar humores e nervos e o direito de não ter de responder com maior rigor por suas ações; e até mesmo nas sociedades mais austeras, era sempre do marido que se ria.

Já no pequeno mundo de Archer, não se ria de uma esposa enganada e nutria-se algum desprezo pelos homens que continuavam mulherengos depois de casados. Admitiam-se as extravagâncias da mocidade, desde que ocorressem no tempo certo e apenas uma vez.

Archer sempre pensara da mesma forma: no fundo do coração, desprezava Lefferts. Porém estava convencido de que amar Ellen Olenska não significava tornar-se igual a Lefferts: pela primeira vez, confrontava-se com a terrível questão do caso individual. Ellen Olenska não era como as outras mulheres, e ele não era como os outros homens: portanto, a situação de ambos não se parecia com a de ninguém, e só tinham de justificar-se perante seu próprio tribunal.

Sim, mas dentro de dez minutos estaria em casa; e lá encontraria o hábito, a honra, toda a velha decência em que, como sua gente, sempre acreditara...

Na esquina de sua rua, hesitou e depois desceu a Quinta Avenida.

A sua frente, na noite de inverno, erguia-se um casarão às escuras. Ao aproximar-se, Archer lembrou que muitas vezes o vira todo iluminado, um toldo cobrindo a escada atapetada, carruagens esperando em fila dupla para parar junto à calçada. Foi no jardim de inverno, cujo vulto negro se estendia até a rua transversal, que roubara de May o primeiro beijo; foi sob as velas inumeráveis do salão de baile que a vira aparecer, alta, reluzente e prateada como uma jovem Diana.

Agora, com exceção de uma pequenina chama de gás no porão e de uma luz numa janela do primeiro andar, o casarão estava escuro como um túmulo. Chegando à esquina, Archer reconheceu a carruagem que estava à porta: era de Mrs. Manson Mingott. Que oportunidade de ouro para Sillerton Jackson, se passasse por ali! O que a velha Catherine lhe contara sobre a atitude de madame Olenska em relação a Mrs. Beaufort o comoveu profundamente e fez a virtuosa reprovação de Nova York parecer indiferença. Mas ele sabia muito bem como os clubes e os salões interpretariam as visitas da condessa à prima.

As duas mulheres deviam estar lá, atrás daquela janela iluminada. Beaufort provavelmente fora buscar consolo em outro lugar. Dizia-se até que deixara a cidade na companhia de Fanny Ring — o que parecia improvável, considerando-se a postura de Mrs. Beaufort.

Archer tinha a vista noturna da Quinta Avenida praticamente só para si. Pensava com satisfação que a essa hora a maioria dos moradores estava em casa, vestindo-se para o jantar, e que a saída de Ellen muito provavelmente passaria despercebida, quando a porta se abriu, e ela apareceu. Mais ao fundo, brilhava uma luzinha fraca que teria sido usada para guiá-la escada abaixo. Ela se voltou para dizer alguma coisa a alguém e saiu, enquanto a porta se fechava.

“Ellen”, Archer murmurou, quando a viu ganhar a calçada.

Ela parou com ligeiro estremeamento, ao mesmo tempo que se aproximavam dois moços elegantemente trajados. Havia algo de familiar em seus sobretudos e na maneira como haviam ajustado a fina echarpe de seda sobre a gravata branca; e Archer estranhou que rapazes dessa categoria saíssem tão cedo para jantar. Então lembrou que, nessa noite, os Reggie Chivers, que moravam algumas casas acima, iam levar um grande grupo para ver Adelaide Neilson¹ em *Romeu e Julieta* e deduziu que os dois faziam parte desse grupo. Quando passaram sob a luz do poste, reconheceu Lefferts e um jovem Chivers.

Ao sentir o calor penetrante da mão de Ellen, até esqueceu seu tolo desejo de que não a vissem diante da casa dos Beaufort.

“Agora vou ver você... estaremos juntos”, falou, sem saber o que dizia.

“Ah... A vovó lhe contou?”

Enquanto a observava, ele percebeu que, chegando à esquina, Lefferts e Chivers discretamente se puseram a atravessar a Quinta Avenida. Era o tipo de solidariedade masculina que muitas vezes praticava; agora essa conivência o enojava. Ellen realmente acreditava que poderiam viver assim? Se não acreditava, que alternativa imaginara?

“Preciso vê-la amanhã... em algum lugar onde pudermos ficar a sós”, ele falou num tom que lhe pareceu um tanto áspero.

Madame Olenska hesitou e se dirigiu à carruagem.

“Mas eu estou na casa da vovó... por enquanto”, disse, como se estivesse ciente de que sua mudança de planos demandava alguma explicação.

“Em algum lugar onde pudermos ficar a sós”, Archer insistiu.

Ela riu um riso frouxo que o irritou. “Em Nova York? Mas não há igrejas... nem monumentos.”

“Há o Museu de Arte”, ele replicou e, vendo-a admirada, acrescentou: “No Parque. Espero você na porta às duas e meia.”

Ela se afastou sem responder e rapidamente entrou na carruagem. Depois, com o veículo já em movimento, debruçou-se na janela, e Archer teve a impressão de vê-la acenar com a mão na escuridão. Ali ficou ele, seguindo a carruagem com os olhos, debatendo-se num torvelinho de sentimentos contraditórios. Parecia-lhe que havia falado não com a mulher que amava, mas com outra, com uma mulher a quem agradecia prazeres dos quais já se cansara: era horrível ver-se prisioneiro desse vocabulário surrado.

“Ela irá!”, exclamou para si mesmo, quase com desprezo.

Evitando a popular “coleção Wolfe”, cujas telas narrativas enchiam uma das galerias principais da estranha imensidão de ferro fundido e ladrilhos coloridos conhecida como Metropolitan Museum, rumaram para a sala onde as “antiguidades Cesnola”² mofavam em absoluta solidão.

Nesse melancólico refúgio, sentaram-se no divã que rodeava o aquecedor central e contemplaram em silêncio os gabinetes de vidro e madeira ebanizada que continham os fragmentos recuperados de Ilium.³

“Estranho... Eu nunca tinha vindo aqui”, madame Olenska comentou.

“Ah, bom... Um dia há de ser um grande museu, imagino.”

“Sim”, ela concordou, distraída.

E levantou-se para caminhar pela sala. Archer permaneceu sentado, observando os leves movimentos de seu corpo, tão juvenil, mesmo sob as pesadas peliças; a asa de garça elegantemente plantada no gorro de pele; o escuro caracol que se assentava como uma gavinha em cada uma das faces, pouco acima da orelha. Como sempre ocorria quando se encontravam, estava inteiramente concentrado nos deliciosos detalhes que a tornavam única. Por fim, levantou-se também e aproximou-se do gabinete que ela contemplava. As prateleiras de vidro estavam repletas de pequenos objetos quebrados — utensílios domésticos, adornos e pertences pessoais quase irreconhecíveis — de vidro, argila, bronze esverdeado e outras substâncias deslustradas pelos séculos.

“Parece uma crueldade que, depois de algum tempo, nada importe...”, ela comentou. “Como essas coisinhas, que eram necessárias e importantes para pessoas que caíram no esquecimento e hoje têm de ser examinadas com lente de aumento e rotuladas: ‘Uso desconhecido’.”

“Sim, mas enquanto isso...”

“Ah, enquanto isso...”

Vendo-a ali parada, com seu longo casaco de pele de foca, as mãos no pequeno regalo, o véu pendendo até a ponta do nariz como uma máscara transparente, o ramalhete de violetas que ele lhe dera estremecendo com sua respiração agitada, parecia-lhe inacreditável que essa pura harmonia de linhas e cores um dia houvesse de sofrer a estúpida lei da mudança.

“Enquanto isso, tudo importa... tudo que se refere a você”, Archer falou.

A condessa o fitou, pensativa, e voltou para o divã. O jovem sentou-se a seu lado e esperou; mas de repente ouviu passos ecoando à distância nas salas vazias e sentiu a pressão dos minutos.

“O que você queria me dizer?”, ela perguntou, como se tivesse recebido o mesmo aviso.

“O que eu queria lhe dizer?”, ele repetiu. “Que acho que você veio para Nova York porque estava com medo.”

“Com medo?”

“De que eu fosse para Washington.”

Ellen baixou os olhos, as mãos agitando-se, inquietas, no regalo.

“E então...?”

“Então... sim”, ela murmurou.

“Você *estava* com medo? Você sabia...?”

“Sabia...”

“E então?”, ele insistiu.

“Então... É melhor assim, não é?”, ela suspirou.

“Melhor...?”

“Assim vamos magoar menos os outros. Não é o que você sempre quis?”

“Quer dizer, ter você aqui... a meu alcance e, no entanto, inalcançável? Encontrá-la dessa forma, às escondidas? É exatamente o contrário do que eu quero. Eu já lhe disse o que eu quero.”

Ela hesitou. “E você ainda acha isto... pior?”

“Mil vezes pior!”, ele exclamou e, depois de uma pausa, prosseguiu: “Seria fácil mentir para você; mas a verdade é que acho isso detestável.”

“Ah, eu também!”, ela declarou, mostrando-se profundamente aliviada.

Archer se levantou de um salto, impaciente. “Então... é minha vez de perguntar: o que você acha melhor, pelo amor de Deus?”

Madame Olenska baixou a cabeça e continuou abrindo e fechando as mãos dentro do regalo. Os passos se aproximaram, e um guarda com um quepe alamarado atravessou a sala, indiferente como um fantasma vagando por uma necrópole. Os dois visitantes fixaram os olhos no gabinete a sua frente e, quando o funcionário desapareceu

entre múmias e sarcófagos, Archer repetiu: “O que você acha melhor?”

Em vez de responder, a condessa murmurou: “Eu prometi à vovó que ficaria com ela porque pensei que estaria mais segura aqui”.

“Em relação a mim?”

Sem fitá-lo, ela inclinou ligeiramente a testa.

“Mais segura para não me amar?”

Seu perfil não se moveu, porém uma lágrima escorreu-lhe por entre os cílios e ficou presa no fio do véu.

“Mais segura para não causar males irreparáveis. Não vamos ser como os outros!”

“Que outros? Não pretendo ser diferente de minha espécie. Tenho as mesmas necessidades e os mesmos anseios.”

Ela o fitou com certo temor, e um leve rubor coloriu-lhe as faces.

“Devo... ficar com você uma vez e depois ir para casa?”, de repente arriscou, a voz baixa e clara.

Archer sentiu o sangue subir-lhe às têmporas. “Minha querida!”, suspirou, imóvel, como se tivesse o coração nas mãos, uma taça cheia que ao menor movimento poderia transbordar.

Então sua última frase penetrou-lhe os ouvidos, e uma sombra cobriu-lhe o rosto. “Ir para casa? O que você quer dizer com isso?”

“Ir para a casa de meu marido.”

“E você espera que eu concorde?”

Ela lhe lançou um olhar inquieto. “O que mais me resta? Não posso ficar aqui e mentir para pessoas que têm sido tão boas para mim.”

“Mas é por isso mesmo que lhe peço para irmos embora!”

“E destruímos a vida delas, depois que me ajudaram a refazer a minha?”

O rapaz novamente se levantou de um salto e se pôs a fitá-la com mudo desespero. Não teria dificuldade em dizer: “Sim, fique comigo; fique comigo uma vez”. Sabia que poder ela colocaria em suas mãos, se concordasse; depois, seria fácil convencê-la a não voltar para o marido.

Porém alguma coisa lhe reteve a palavra nos lábios. Havia nela uma espécie de honestidade apaixonada que tornava inconcebível

procurar atraí-la para essa armadilha tão conhecida. “Se eu a deixasse ficar comigo”, Archer disse para si mesmo, “teria de deixá-la ir embora mais uma vez.” E isso era inimaginável.

Ao ver a sombra dos cílios em suas faces molhadas, ele hesitou.

“Afinal, temos vida própria...”, recomeçou. “Não adianta tentar o impossível. Você é tão aberta em relação a certas coisas, está tão acostumada, como você diz, a olhar para a Górgona que não entendo por que tem medo de encarar nosso caso e vê-lo como realmente é... a não ser que ache que o sacrifício não vale a pena.”

Madame Olenska se levantou também, os lábios crispados, a testa franzida.

“Pense como quiser... Eu tenho de ir”, anunciou, consultando seu pequeno relógio.

E afastou-se, porém ele a seguiu e segurou-a pelo pulso. “Então, fique comigo uma vez”, pediu, a cabeça girando subitamente à ideia de perdê-la; e durante alguns segundos entreolharam-se quase como se fossem inimigos.

“Quando? Amanhã?”, Archer insistiu.

Ela hesitou. “Depois de amanhã.”

“Minha querida...!”

Ela soltou o pulso; mas, por um instante, continuou fitando-o nos olhos, o rosto pálido subitamente iluminado por um profundo brilho interior. Ele sentiu o coração pulsar-lhe de espanto: nunca havia contemplado o amor numa forma visível.

“Ah, vou chegar atrasada... Adeus. Não, não dê mais nenhum passo”, ela ordenou, afastando-se rapidamente pela sala, como se estivesse assustada com o reflexo de seu brilho nos olhos de Archer. Chegando à porta, voltou-se por um momento para despedir-se com um aceno de mão.

Archer caminhou sozinho até sua casa. Escurecia quando entrou no saguão e correu os olhos pelos objetos que o rodeavam como se os visse desde o outro lado do túmulo.

Ao ouvir seus passos, a empregada subiu a escada para acender as lâmpadas no primeiro andar.

“Mrs. Archer está?”

“Não, senhor; ela saiu de carruagem depois do almoço e ainda não voltou.”

Com uma sensação de alívio, ele entrou na biblioteca e mergulhou em sua poltrona. A empregada levou-lhe o abajur de mesa e colocou carvão no fogo que já se extinguia. Quando saiu, ele permaneceu sentado e imóvel, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo nas mãos juntas, os olhos fixos nas brasas rubras da lareira.

Ali ficou, sem nenhum pensamento consciente, sem noção da passagem do tempo, tomado de um profundo e grave espanto que parecia mais suspender a vida que apressá-la. “É o que tinha de ser, então... é o que tinha de ser”, repetia para si mesmo, como se estivesse nas garras do destino. O que sonhara era tão diferente que havia em seu enlevo um frio mortal.

A porta se abriu, e May entrou.

“Estou atrasadíssima... Você não ficou preocupado, ficou?”, perguntou, pousando a mão no ombro do marido, numa de suas raras carícias.

Ele ergueu os olhos, atônito. “É tarde?”

“Passa das sete. Acho que você pegou no sono!” Ela riu, tirando os alfinetes do chapéu de veludo para jogá-lo no sofá. Estava mais pálida que de hábito, porém animada como nunca.

“Fui visitar a vovó, e já estava de saída quando Ellen chegou; então fiquei conversando com ela. Fazia séculos que a gente não conversava de verdade...” Mergulhou em sua poltrona, de frente para a de Archer, e se pôs a correr os dedos pelo cabelo desarrumado, como se estivesse esperando que ele dissesse alguma coisa. “Foi uma conversa muito boa”, prosseguiu, sorrindo com uma vivacidade que parecia forçada. “Ela foi um amor... a velha Ellen de sempre. Acho que ultimamente não tenho sido muito justa com ela. Às vezes eu penso...”

O jovem se levantou e apoiou-se na lareira, à margem da luz.

“Você pensa...?”, repetiu, quando ela se interrompeu.

“Bom, talvez eu não a tenha julgado com justiça. Ela é tão diferente... ao menos na superfície. Anda com um pessoal tão esquisito... parece que gosta de chamar a atenção. Deve ter vivido

assim naquela desregrada sociedade europeia; deve nos achar horrivelmente enfadonhos. Mas não quero ser injusta com ela.”

Fez mais uma pausa, um pouco ofegante em função da inusitada duração de seu discurso, os lábios entreabertos, as faces intensamente coradas.

Archer se lembrou do brilho em seu rosto no jardim da Missão, em St. Augustine. Percebeu o mesmo esforço obscuro, a mesma tentativa de avistar alguma coisa situada mais além de seu campo de visão habitual.

“Ela odeia Ellen”, concluiu, “e está procurando superar esse sentimento e obter minha ajuda para superá-lo.” E, comovido com essa conclusão, por um momento esteve a ponto de romper o silêncio e implorar-lhe misericórdia.

“Você entende por que a família às vezes se aborrece?”, ela continuou. “No começo, todos nós fizemos o possível para ajudá-la; mas parece que ela não entendeu isso. E agora essa ideia de ir visitar Mrs. Beaufort e, ainda por cima, na carruagem da vovó! As relações com os Van der Luyden devem estar muito estremecidas...”

“Ah”, Archer riu, impaciente. A porta entre ambos voltou a fechar-se.

“Está na hora de se vestir. Não vamos jantar fora?”, acrescentou, afastando-se do fogo.

Ela se levantou, mas permaneceu junto à lareira. Quando o marido passou a seu lado, adiantou-se impulsivamente, como se pretendesse detê-lo: os olhos de ambos se encontraram, e nos dela havia o mesmo azul aquoso que Archer tinha visto quando se despediu para ir a Jersey City.

May o abraçou e encostou o rosto no dele. “Hoje você não me beijou”, murmurou, e ele a sentiu tremer em seus braços.

“A corte das Tulherias tolerava essas coisas abertamente”, Mr. Sillerton Jackson afirmou com seu sorriso carregado de lembranças.

O cenário era a sala de jantar dos Van der Luyden na Madison Avenue, com seus móveis de nogueira preta, e a data, a noite seguinte à visita de Newland Archer ao Museu de Arte. Mr. e Mrs. van der Luyden tinham deixado Skuytercliff para passar alguns dias na cidade, de onde haviam fugido ao saber da falência de Beaufort. Disseram-lhes que o caos em que o deplorável episódio lançara a sociedade tornava sua presença em Nova York mais necessária que nunca. Essa era uma daquelas ocasiões em que, segundo Mrs. Archer, tinham “o dever para com a sociedade” de ir à ópera e abrir as portas de sua mansão.

“É inadmissível, minha cara Louisa, que gente como Mrs. Lemuel Struthers acredite que pode ocupar o lugar de Regina. É nessas horas que os novatos vão se infiltrando e ganhando terreno. Foi por causa da epidemia de catapora, no inverno em que Mrs. Struthers apareceu em Nova York, que os maridos escapuliram para a casa dela, enquanto as esposas cuidavam dos filhos. Você, Louisa, e nosso querido Henry têm de fazer sua parte, como sempre.”

Os Van der Luyden não podiam ficar surdos a esse apelo, e com relutância, mas heroicamente, voltaram para a cidade, abriram a mansão e enviaram convites para dois jantares e uma recepção.

Nessa noite, convidaram Sillerton Jackson, Mrs. Archer, Newland e a esposa para jantar e ir à ópera, à primeira récita de *Fausto* nesse inverno. Sob seu teto, nada se fazia sem cerimônia, e, embora houvesse apenas quatro convidados, o jantar teve início pontualmente às sete, para que todos os pratos fossem servidos sem pressa, na devida sequência, antes de os cavalheiros se acomodarem para fumar.

Newland não via a esposa desde a noite anterior. Saía cedo para ir ao escritório, onde se dedicara a uma infinidade de assuntos sem importância. À tarde, fora inesperadamente requisitado por um dos sócios; e voltara para casa tão tarde que May já havia saído e lhe mandara a carruagem.

Agora, do outro lado dos cravos de Skuytercliff e da maciça prataria, ela lhe parecia pálida e lânguida; porém falava com exagerada animação, e seus olhos brilhavam.

O assunto que suscitara a referência predileta de Mr. Sillerton Jackson fora introduzido pela anfitriã (não sem intenção, pensou Newland). A falência de Beaufort — ou melhor, a atitude de Beaufort desde a falência — ainda era um tema fértil para o moralista de salão; e, depois que fora minuciosamente analisada e condenada, Mrs. van der Luyden pousou em May seu olhar escrupuloso.

“Será verdade o que me disseram, querida? Que viram a carruagem de sua avó Mingott na porta de Mrs. Beaufort?” Já não chamava a transgressora pelo nome de batismo.

May corou, e sua sogra se apressou a dizer: “Se isso é verdade, tenho certeza de que Mrs. Mingott não sabia”.

“Ah, você acha...?” A dona da casa suspirou e olhou para o marido.

“Receio que o bom coração da condessa a tenha levado a cometer a imprudência de visitar Mrs. Beaufort”, opinou Mr. van der Luyden.

“Ou sua preferência por gente esquisita”, Mrs. Archer acrescentou secamente, lançando ao filho um olhar inocente.

“Lamento pensar isso de madame Olenska”, a anfitriã declarou.

E Mrs. Archer murmurou: “Ah, minha querida... e você a hospedou por duas vezes em Skuytercliff!”.

Foi nesse momento que Mr. Jackson aproveitou a oportunidade para inserir sua referência predileta.

“Nas Tulherias”, recomeçou, vendo a expectativa estampada nos olhos de todos, “alguns padrões eram frouxos demais; se perguntassem de onde saía o dinheiro de Morny...!¹ Ou quem pagava as dívidas de certas beldades da corte...”

“Meu caro Sillerton, não está sugerindo que adotemos esses padrões, espero”, Mrs. Archer protestou.

“Eu nunca sugiro”, Mr. Jackson rebateu, imperturbável. “Mas, tendo sido criada no exterior, a condessa talvez seja menos exigente...”

“Ah”, as duas senhoras mais velhas suspiraram.

“Mesmo assim, deixar a carruagem da avó na porta de um infrator!”, Mr. van der Luyden indignou-se. E Newland imaginou que estivesse lembrando e lamentando os cestos de cravos que mandara para a casinha da rua 23.

“Eu sempre falei que ela tem uma visão muito diferente das coisas”, resumiu Mrs. Archer.

May corou até a raiz do cabelo, olhou para o marido, no outro lado da mesa, e precipitadamente afirmou: “Tenho certeza de que Ellen só queria ajudar”.

“Os imprudentes em geral querem ajudar”, sua sogra argumentou, como se não fosse uma atenuante; e a dona da casa resmungou: “Se ela tivesse consultado alguém...”.

“Ah, isso ela nunca fez!”, Mrs. Archer exclamou.

Nesse instante, o anfitrião olhou para a esposa, que inclinou ligeiramente a cabeça na direção de Mrs. Archer; e as três mulheres deixaram a sala, enquanto os homens se acomodavam para fumar seus charutos. Nas noites de ópera, Mr. van der Luyden oferecia charutos curtos, mas tão bons que faziam seus convidados deplorarem sua inexorável pontualidade.

Após o primeiro ato, Newland foi para o camarote do clube, onde se instalou bem no fundo. Dali, por sobre vários ombros de Chivers, Mingott e Rushworth, assistiu à mesma cena que presenciara, dois anos antes, na noite de seu primeiro encontro com Ellen Olenska.

Tinha a vaga esperança de vê-la entrar novamente no camarote de Mrs. Mingott, que entretanto permanecia vazio; e ele permanecia imóvel, os olhos fixos naquele camarote, até que, de repente, ouviu a voz límpida de madame Nilsson cantando “*M’ama, non m’ama...*”.

Voltou-se para o palco, onde, no conhecido cenário de rosas gigantescas e amores-perfeitos parecidos com limpa-penas, a mesma vítima alta e loira sucumbia ao mesmo sedutor baixinho e moreno.

Do palco seus olhos se dirigiram para o ponto do semicírculo em que May estava sentada entre duas senhoras mais velhas, tal como, naquela outra noite, estava sentada entre Mrs. Lovell Mingott e sua recém-chegada prima “estrangeira”. Como naquela noite, estava toda de branco; e Newland, que não prestara atenção em seu traje, reconheceu o cetim branco-azulado e a renda antiga de seu vestido de noiva.

Era costume, na velha Nova York, as jovens esposas usarem essa cara indumentária nos dois primeiros anos de casadas; Mrs. Archer guardara seu vestido de noiva entre folhas de papel de seda na esperança de que Janey o usasse um dia, embora a pobrezinha estivesse chegando a uma idade em que seria mais “adequado” optar por popeline cinza-pérola e dispensar as damas de honra.

Newland lembrou que, desde que voltaram da Europa, May raramente usara seu traje nupcial, e a surpresa de vê-la assim vestida levou-o a comparar sua aparência com a da moça que, dois anos antes, contemplara com tamanha expectativa de felicidade.

Embora estivesse ligeiramente mais pesada, como renunciava sua constituição de deusa, ela mantinha inalterados o porte atlético e ereto e a juvenil transparência da expressão; no entanto, não fosse o vago langor que vinha apresentando nos últimos tempos, ainda seria idêntica à donzela que brincava com o buquê de lírios-do-vale na noite do noivado. O que parecia constituir mais um apelo à piedade: tamanha inocência era tão comovente quanto o abraço confiante de uma criança. Então Newland se lembrou da apaixonada generosidade latente sob aquela calma indiferente. Lembrou-se de seu olhar compreensivo, quando insistiu para anunciar o noivado no baile dos Beaufort; ouviu sua voz dizendo, no jardim da Missão: “Não posso ser feliz à custa de um mal... um mal causado a outra pessoa”; e

sentiu um desejo incontrolável de revelar-lhe a verdade, de contar com sua generosidade, de pedir-lhe a liberdade que no passado recusara.

Newland Archer era um rapaz tranquilo e controlado. Sua submissão à disciplina de uma pequena sociedade praticamente se tornara parte de sua natureza. Desagradava-lhe profundamente fazer qualquer coisa melodramática e ostensiva, qualquer coisa que Mr. van der Luyden desaprovasse e o camarote do clube condenasse como de mau gosto. Mas de repente esqueceu o camarote do clube, Mr. van der Luyden, tudo que desde muito o mantinha no aconchegante refúgio do hábito. Saiu para o corredor semicircular nos fundos do teatro e abriu a porta do camarote de Mrs. van der Luyden como se abrisse uma porta para o desconhecido.

“*M’ama!*”, cantou a triunfante Marguerite; e os ocupantes do camarote ergueram a cabeça, surpresos com a chegada de Newland. Ele já havia infringido uma das regras de seu mundo, que proibia entrar num camarote durante uma ária.

Passando por entre Mr. van der Luyden e Sillerton Jackson, aproximou-se da esposa para sussurrar-lhe: “Estou com uma tremenda dor de cabeça; vamos para casa?”.

May o fitou, compreensiva, e cochichou alguma coisa para a sogra, que por meio de um gesto também expressou compreensão; depois, murmurou uma desculpa para Mrs. van der Luyden e levantou-se no momento em que Marguerite caía nos braços de Fausto.² Enquanto a ajudava a pôr a capa, Newland percebeu a troca de um sorriso significativo entre as senhoras mais velhas.

A caminho de casa, May timidamente colocou a mão sobre a dele. “Lamento muito que você não esteja bem. Acho que, mais uma vez, estão fazendo você trabalhar demais lá no escritório.”

“Não... não é nada disso. Você se importa que eu abra a janela?”, ele falou, confuso, baixando o vidro a seu lado. E ficou olhando fixo para a rua, para as casas que se sucediam, sentindo a presença da esposa como uma muda e vigilante interrogação. Ao descer da carruagem, May acidentalmente prendeu a saia no degrau e por pouco não caiu.

“Você se machucou?”, Archer perguntou, segurando-a com firmeza.

“Não; mas meu pobre vestido... veja: rasgou!”, ela exclamou, abaixando-se para pegar um pedaço de pano sujo de lama, antes de entrar em casa. Os criados não os esperavam tão cedo, e só havia uma luzinha acesa no andar de cima.

Archer subiu a escada, aumentou a chama e acendeu as lâmpadas que ficavam sobre a lareira, uma em cada extremidade. As cortinas estavam fechadas, e a atmosfera aconchegante o chocou como o encontro com um rosto conhecido durante um ato inconfessável.

Preocupado com a palidez da esposa, ofereceu-lhe um conhaque.

“Ah, não”, ela respondeu, corando por um momento, enquanto tirava a capa. “Você não acha melhor ir se deitar?”, acrescentou, ao vê-lo abrir a cigarreira de prata que estava sobre a mesa e pegar um cigarro.

Ele guardou o cigarro e foi para perto do fogo, como de hábito.

“Não; não estou com tanta dor. E quero lhe dizer uma coisa; uma coisa importante... que preciso lhe dizer agora mesmo.”

Já instalada numa poltrona, ela ergueu a cabeça. “Sim, querido?”, perguntou tão docemente que a naturalidade com que recebeu esse preâmbulo o surpreendeu.

“May...”, ele murmurou, postado a alguns passos de distância, olhando-a como se um abismo intransponível os separasse. E repetiu, estranhando o som da própria voz na quietude do lar: “Tenho uma coisa que preciso lhe dizer... sobre mim...”.

Ela permaneceu em silêncio, sem esboçar um único movimento, nem mesmo um tremor nas pálpebras. Ainda estava muito pálida, porém expressava uma curiosa tranquilidade que parecia provir de uma secreta fonte interior.

Archer calou as frases convencionais de autoacusação que lhe ocorriam. Estava decidido a expor a situação nua e crua, sem recriminações nem justificativas.

“Madame Olenska...”, começou.

Porém May levantou a mão, como a pedir-lhe silêncio, e o ouro de sua aliança brilhou à luz da lâmpada. “Ah, por que falar de Ellen agora?”, perguntou, ligeiramente impaciente.

“Porque eu já devia ter falado.”

Seu rosto se mantinha calmo. “Será que realmente vale a pena, meu bem? Eu sei que às vezes sou injusta com ela... todos nós somos, talvez. Você a entendeu melhor que nós, sem dúvida: sempre foi bom para ela. Mas que importância tem isso agora que tudo acabou?”

O rapaz fitou-a com um olhar vazio. Teria lhe transmitido a sensação de irreabilidade em que se sentia aprisionado? “Tudo acabou... o que você quer dizer com isso?”, balbuciou.

May ainda fixava nele seus olhos transparentes. “Ora... já que ela volta logo para a Europa; já que a vovó aprova e compreende e tomou providências para torná-la independente do conde...”

Interrompeu-se, e Archer, agarrando-se à lareira com a mão crispada, esforçou-se inutilmente para controlar o torvelinho de seus pensamentos. Ouviu-a prosseguir, a voz serena: “Imagino que você tenha se demorado mais no escritório por causa dessas providências. Acho que foi decidido hoje de manhã”. Ela baixou os olhos ante o olhar vazio do marido, e um rubor fugidio novamente lhe passou pelo rosto.

Entendendo que seu olhar devia ser insuportável, ele lhe deu as costas, apoiou os cotovelos na lareira e cobriu o rosto com as mãos. Alguma coisa retumbava e retinia em seus ouvidos; não sabia se era o sangue em suas veias ou o tique-taque do relógio a sua frente.

May permaneceu imóvel e calada, enquanto o relógio lentamente marcava o transcurso de cinco minutos. Uma brasa caiu sobre a grade da lareira, e, percebendo que a esposa se levantava para recolocá-la no lugar, ele finalmente se voltou e encarou-a.

“É impossível”, afirmou.

“Impossível...?”

“Como é que você sabe... o que acabou de me dizer?”

“Estive com Ellen ontem... Eu lhe contei que a vi na casa da vovó.”

“E foi nessa ocasião que ela lhe contou?”

“Não; ela me mandou um bilhete hoje à tarde. Quer ler?”

Archer não conseguiu responder, e May saiu da sala, porém retornou em seguida. “Pensei que você soubesse”, comentou

simplesmente, colocando sobre a mesa uma folha de papel que ele pegou de imediato. Eram apenas algumas linhas:

“Querida May, finalmente fiz a vovó entender que minha visita não poderia ser mais que uma visita; e ela foi boa e generosa como sempre. Agora compreende que, se volto para a Europa, é para viver sozinha, ou melhor, com a coitadinha da tia Medora, que vai comigo. Estou indo para Washington para fazer as malas, e embarcamos na próxima semana. Seja muito boazinha com a vovó, quando eu não estiver aqui... tão boazinha como sempre foi comigo. Ellen.

“Se algum amigo meu quiser tentar me fazer mudar de ideia, diga-lhe, por favor, que será inútil.”

Archer leu o bilhete duas ou três vezes; depois, jogou-o no chão e riu.

E surpreendeu-se com a própria risada, que o fez lembrar-se do susto de Janey quando o viu rindo com incompreensível alegria por causa do telegrama que anunciara a antecipação de seu casamento.

“Por que ela escreveu isso?”, perguntou, controlando o riso com enorme esforço.

May respondeu com sua inabalável candura. “Deve ser porque conversamos sobre algumas coisas, ontem...”

“Que coisas?”

“Eu falei que tinha medo de não ter sido justa com ela... de nem sempre ter entendido como devia ser difícil para ela estar aqui, sozinha, entre tantas pessoas que eram seus parentes e não deixavam de ser estranhas; que se sentiam no direito de criticá-la, ainda que ignorassem as circunstâncias.” Fez uma pausa, antes de prosseguir: “Eu sabia que você era o único amigo com quem ela sempre podia contar; e queria que ela soubesse que você e eu somos um só... em todos os nossos sentimentos”.

E hesitou, como se esperasse que o marido dissesse alguma coisa, mas por fim acrescentou, lentamente: “Ela entendeu por que eu quis lhe dizer isso. Acho que ela entende tudo”.

Então se aproximou de Archer, tomou-lhe a mão fria e pressionou-a de encontro a sua face.

“Também estou com dor de cabeça; boa noite, meu bem”, falou, voltando-se para a porta, arrastando atrás de si a cauda do vestido de

noiva rasgado e sujo de lama.

Dar seu primeiro grande jantar era um acontecimento importante para um jovem casal, como Mrs. Archer comentou, sorridente, com Mrs. Welland.

Desde que se instalaram, os Newland Archer haviam recebido muita gente informalmente. Ele gostava de convidar três ou quatro amigos para jantar, e ela os acolhia com risonha disposição, seguindo o exemplo da mãe. Newland se perguntava se, por iniciativa própria, May algum dia convidaria alguém; mas fazia muito tempo que desistira de tentar separar seu verdadeiro eu da fôrma em que a tradição e a educação a moldaram. Nova York esperava que jovens casais abastados organizassem muitas recepções informais, e uma Welland casada com um Archer tinha um duplo compromisso para com a tradição.

Porém um grande jantar, com um *chef* contratado e dois lacaios emprestados, com ponche, rosas de Henderson e cardápio com bordas douradas, era outra história, que tinha de ser levada muito a sério. Como Mrs. Archer comentou, o ponche fazia toda a diferença; não por si mesmo, mas por suas múltiplas implicações — pois exigia pato selvagem ou tartaruga de água doce, duas sopas, uma sobremesa quente e outra fria, amplos decotes e mangas curtas, além de convidados de proporcional importância.

Sempre era interessante a ocasião em que um jovem casal enviava seus primeiros convites na terceira pessoa, e, em geral, nem mesmo

os destinatários mais experientes e requisitados os recusavam. Agora, porém, o que se via era um indiscutível triunfo, pois, a pedido de May, os Van der Luyden ficaram na cidade só para ir ao jantar de despedida da condessa Olenska.

Na tarde do grande dia, as duas sogras se reuniram na sala de visitas de May: Mrs. Archer, escrevendo o cardápio na mais encorpada cartolina de borda dourada da Tiffany's;¹ e Mrs. Welland, supervisionando a disposição das palmeiras e das lâmpadas.

Newland chegou tarde do escritório e ainda as encontrou ali. Sua mãe agora se dedicava aos cartões com nomes que designariam os lugares à mesa, e sua sogra refletia sobre o efeito que teria o grande sofá dourado se o puxassem para a frente, a fim de criar mais um “cantinho” entre o piano e a janela.

Informaram-lhe que May estava na sala de jantar, inspecionando a montanha de rosas Jacqueminot e avenca no centro da longa mesa e a colocação dos bombons Maillard em cestas de prata entre os castiçais. Sobre o piano havia uma enorme cesta de orquídeas que Mr. van der Luyden mandara de Skuytercliff. Em suma, tudo estava como devia estar ante a iminência de tão considerável acontecimento.

Mrs. Archer repassou a lista cuidadosamente, assinalando cada nome com sua afiada pena de ouro.

“Henry van der Luyden... Louisa... os Lovell Mingott... os Reggie Chivers... Lawrence Lefferts e Gertrude... (sim, acho que May fez bem em convidá-los)... os Selfridge Merry, Sillerton Jackson, Van Newland e a esposa. (Como o tempo voa! Parece que foi ontem que ele foi seu padrinho de casamento, Newland)... e a condessa Olenska... sim, acho que é tudo...”

Mrs. Welland fitou o genro afetuosamente. “Ninguém pode dizer que você e May não organizaram uma bela despedida para Ellen.”

“Ah, eu entendo: May quer que a prima conte para as pessoas lá fora que não somos bárbaros”, Mrs. Archer comentou.

“Ellen vai gostar, tenho certeza. Ela deve ter chegado hoje de manhã. Vai ser uma última impressão deliciosa. Véspera de embarque geralmente é tão triste...”, Mrs. Welland acrescentou, animada.

Newland voltou-se para a porta, e a sogra lhe recomendou: “Vá dar uma olhada na mesa. E não deixe May se cansar demais”. Porém ele fingiu não ouvir e rapidamente subiu para a biblioteca. Foi como se deparasse com um rosto estranho, fazendo-lhe uma careta gentil: a sala havia sido rigorosamente “arrumada” e preparada com uma criteriosa distribuição de cinzeiros e cigarreiras de cedro para os cavalheiros fumarem.

“Ah, bom, não é por muito tempo...”, ele pensou e rumou para seu quarto de vestir.

Dez dias se passaram desde que madame Olenska se fora de Nova York. Nesse espaço de tempo, toda a sua comunicação com Archer se resumiu na devolução de uma chave embrulhada em papel de seda e enviada para o escritório de advocacia num envelope lacrado, sobrescrito com sua letra. Ele poderia ter interpretado essa resposta a seu último apelo como um movimento clássico num jogo conhecido, mas preferiu dar-lhe outro significado. Entendeu que ela ainda lutava contra o destino; porém estava indo para a Europa, e não voltando para o marido. Nada, portanto, o impediria de segui-la; e, uma vez que desse o passo definitivo e lhe provasse que era definitivo, acreditava que ela não o rejeitaria.

Graças a essa confiança no futuro conseguia desempenhar seu papel no presente. Conseguia abster-se de escrever para ela ou de revelar, por um gesto ou por um ato, seu sofrimento, sua mortificação. Acreditava que, no jogo mortalmente silencioso entre ambos, os trunfos ainda estavam em suas mãos; e esperava.

Não obstante, enfrentara momentos muito difíceis; como quando, um dia após a partida de madame Olenska, Mr. Letterblair o chamou para analisarem os detalhes do fundo que Mrs. Manson Mingott queria criar para a neta. Durante algumas horas, examinou os termos do documento com o sócio, sentindo, obscuramente, que, se estava sendo consultado, era por alguma razão que não a do parentesco e que se revelaria no fim da reunião.

“Bom, ela não pode negar que é um belo arranjo”, Mr. Letterblair concluiu, depois de murmurar um resumo do acordo. “Na verdade, devo dizer que todos a trataram muito bem.”

“Todos?”, Archer repetiu com uma ponta de zombaria. “Refere-se à proposta do marido de devolver o dinheiro dela?”

Mr. Letterblair ergueu as densas sobrancelhas por uma fração de centímetro. “Meu caro, lei é lei; e a prima de sua esposa se casou pela lei francesa. Presume-se que soubesse o que isso significava.”

“Ainda que soubesse, o que aconteceu depois...” Archer interrompeu-se. O sócio encostara a caneta no narigão enrugado e o fitava com a expressão adotada por virtuosos cavalheiros mais velhos quando querem fazer os jovens entenderem que virtude não é sinônimo de ignorância.

“Meu caro, não desejo minimizar as transgressões do conde; mas... mas, por outro lado... eu não poria a mão no fogo... não juraria que não houve revide... com o jovem paladino...” Mr. Letterblair abriu uma gaveta, pegou um papel dobrado e o colocou diante do interlocutor. “Este relatório, resultado de discretas investigações...”, começou a explicar, mas, como o rapaz não fizesse o menor esforço para ler o papel ou repudiar a insinuação, resumiu, impassível: “Não digo que seja conclusivo; longe disso. Mas há indícios... e, no conjunto, a digna solução a que se chegou é muito satisfatória para todas as partes.”

“Ah, muito”, Archer concordou, empurrando o papel.

Um ou dois dias depois, atendendo a um chamado de Mrs. Manson Mingott, sofreu ainda mais.

A velha senhora estava deprimida e queixosa.

“Você sabia que ela me abandonou?”, foi logo dizendo e, sem esperar resposta, prosseguiu: “Ah, não me pergunte por quê! Ela apresentou tantos motivos que esqueci todos. Minha explicação é que ela não conseguiu encarar o tédio. De qualquer modo, é o que Augusta e minhas noras acham. E não a culpo. Olenski é um rematado canalha; mas a vida com ele devia ser muito mais divertida que na Quinta Avenida. A família não admite isso: acha que a Quinta Avenida é o céu, com a Rue de la Paix como brinde. E a coitada da Ellen nem pensa em voltar para o marido, é claro. Rejeitou essa ideia com a firmeza de sempre. E, assim, vai se estabelecer em Paris com aquela tonta da Medora... Bom, Paris é Paris; e dá para ter uma carruagem por uma ninharia. Mas ela estava alegre como um

passarinho, e vou sentir sua falta.” Duas lágrimas, as mirradas lágrimas dos velhos, escorreram-lhe pelas faces roliças e desapareceram nos abismos de seu peito. “Só peço que não me amolem mais”, ela concluiu. “Eu realmente preciso de tempo para digerir minha derrota...” E deu uma piscadela meio tristonha.

Foi nessa noite, quando Archer entrou em casa, que May lhe comunicou sua intenção de oferecer à prima um jantar de despedida. Nenhum dos dois pronunciara o nome de madame Olenska desde a noite de sua fuga para Washington; e Archer se surpreendeu.

“Um jantar... por quê?”, perguntou.

Ela corou. “Mas você gosta de Ellen... pensei que ficaria contente.”

“É muito bonito... o modo como você coloca a questão. Mas eu realmente não vejo...”

“Eu quero fazer isso”, May declarou, levantando-se calmamente e aproximando-se de sua escrivaninha. “Todos os convites estão prontos. A mamãe me ajudou... ela acha que devemos dar esse jantar.” Interrompeu-se, embaraçada porém sorridente, e Archer de repente se viu diante da encarnação da Família.

“Ah, tudo bem”, concordou, percorrendo com olhos vazios a lista de convidados que ela havia posto em sua mão.

Quando entrou na sala, antes do jantar, May estava abaixada junto ao fogo, tentando convencer a lenha a queimar no inusitado cenário de ladrilhos imaculados.

Todas as lâmpadas estavam acesas, e as orquídeas de Mr. van der Luyden destacavam-se em vários receptáculos de porcelana moderna e prata trabalhada. A sala de visitas constituiu um grande sucesso, na opinião geral. Uma *jardinière*² de bambu dourado, com primulas³ e cinerárias pontualmente renovadas, bloqueava o acesso à janela (onde os antiquados preferiam ver uma miniatura em bronze da Vênus de Milo);⁴ os sofás e as poltronas de brocado claro foram habilmente agrupados junto a pequenas mesas cobertas de bibelôs de prata, bichinhos de porcelana e porta-retratos com motivos florais; e abajures de pé, com cúpula cor-de-rosa, despontavam como flores tropicais em meio às palmeiras.

“Acho que Ellen nunca viu esta sala toda iluminada”, May comentou, levantando-se, corada pelo esforço, e olhando em torno com perdoável orgulho. As tenazes de latão que apoiara na lateral da lareira caíram com um barulho que encobriu a resposta de Archer, e, antes que ele conseguisse recolocá-las no lugar, anunciou-se a chegada de Mr. e Mrs. van der Luyden.

Os outros convidados não demoraram a chegar, pois sabia-se que os Van der Luyden gostavam de jantar pontualmente. A sala estava quase cheia, e Archer mostrava a Mrs. Selfridge Merry um pequeno e reluzente *Estudo de ovelha*, de Verbeckhoven,⁵ que Mr. Welland dera a May no Natal, quando madame Olenska surgiu a seu lado.

Estava extremamente pálida, e a palidez fazia seu cabelo escuro parecer mais denso e pesado que nunca. Por causa desse detalhe, ou talvez do colar de âmbar com várias voltas, ele se lembrou da pequena Ellen Mingott com quem dançara em festas de crianças, quando Medora Manson a levou a Nova York pela primeira vez.

As contas de âmbar não combinavam com a cor de sua pele, ou talvez fosse o vestido que destoava: seu rosto estava opaco, quase feio — e Archer nunca a amou mais que nesse momento. Suas mãos se encontraram, e ele julgou tê-la ouvido dizer: “Sim, amanhã partimos no *Russia...*”; seguiram-se um ruído de portas se abrindo e, depois de algum tempo, a voz de May: “Newland! Vamos servir o jantar. Acompanhe Ellen, por favor”.

A condessa pousou a mão em seu braço, e ele notou que não usava luva e lembrou como a fitara naquela noite em que estivera na saleta da rua 23. Toda a beleza que abandonara o rosto parecia ter se refugiado nos dedos longos e brancos que apenas lhe tocavam a manga. “Ainda que fosse só para ver essa mão de novo eu a seguiria...”, ele pensou.

Só mesmo num jantar ostensivamente oferecido a um “visitante estrangeiro” Mrs. van der Luyden suportaria a humilhação de ser colocada à esquerda do anfitrião. Dificilmente haveria maneira mais hábil de enfatizar a “estrangeirice” de madame Olenska do que com esse tributo de despedida; e Mrs. van der Luyden aceitou seu rebaixamento com uma afabilidade que não deixava dúvida sobre

sua aprovação. Certas coisas tinham de ser feitas, e era preciso fazê-las com elegância e por inteiro; segundo o código da velha Nova York, uma delas era a reunião tribal em torno de uma parenta que estava prestes a ser eliminada da tribo. Não havia nada no mundo que os Welland e os Mingott não fizessem para proclamar sua imutável afeição pela condessa, agora que ela já tinha em mãos sua passagem para a Europa; e Archer, à cabeceira da mesa, admirava a silenciosa e incansável atividade com que a aprovação da família restabelecera a popularidade de Ellen, calara as queixas contra ela, aceitara seu passado e iluminara seu presente. Mrs. van der Luyden lhe sorria com a vaga benevolência que era o que tinha de mais parecido com cordialidade, e Mr. van der Luyden, sentado à direita de May, lançava aos demais convivas olhares que claramente pretendiam justificar todos os cravos que mandara vir de Skuytercliff.

Como se assistisse à cena num estado de estranha imponderabilidade, flutuando em algum lugar entre o lustre e o teto, Archer contemplava sua própria participação nos acontecimentos. Correndo os olhos de um rosto plácido e bem alimentado a outro, via todas aquelas pessoas de aparência inofensiva, ocupadas com o pato selvagem de May, como um bando de conspiradores mudos e a si mesmo e a mulher pálida a sua direita como o centro da conspiração. E então, num lampejo, numa infinidade de diminutas fagulhas, entendeu que para todos os presentes ele e madame Olenska eram amantes, amantes na acepção extrema, característica dos vocabulários “estrangeiros”. Concluiu que, durante meses, fora o centro da atenção de incontáveis olhos que observavam em silêncio e de ouvidos que escutavam com paciência; que, por meios que ainda desconhecia, conseguiram separá-lo da cúmplice de sua culpa e agora a tribo inteira se reunira em torno de sua esposa na tácita suposição de que ninguém sabia de nada ou sequer imaginara nada; e de que May resolvera oferecer o jantar só porque desejava despedir-se afetuosamente da amiga e prima.

Era a maneira como a velha Nova York tirava a vida “sem derramamento de sangue”: a maneira das pessoas que temiam um escândalo mais que uma doença, colocavam a decência acima da

coragem e achavam que não havia nada mais grosseiro que uma “cena”, exceto a conduta de quem a provocava.

À medida que essas ideias se sucediam em sua mente, Archer se sentia como um prisioneiro no centro de um campo armado. Olhando em torno, avaliava a inexorabilidade de seus captores pelo tom em que falavam dos Beaufort, enquanto saboreavam os aspargos da Flórida. “É para me mostrar o que aconteceria *comigo...*”, pensou, com a terrível sensação de estar encerrado no mausoléu da família, tendo constatado a superioridade da inferência e da analogia sobre a ação direta e do silêncio sobre palavras ásperas.

Riu e deparou com o olhar surpreso de Mrs. van der Luyden.

“Você acha engraçado?”, ela perguntou, com um sorriso constrangido. “Naturalmente, a decisão da pobre Regina de ficar em Nova York tem um lado ridículo.” E ele murmurou: “Naturalmente”.

A essa altura, percebeu que o outro vizinho de madame Olenska conversava com ela já por algum tempo. E no instante seguinte encontrou o rápido olhar de May, serenamente entronizada entre Mr. van der Luyden e Mr. Selfridge Merry, no outro lado da mesa. Era evidente que o anfitrião e a dama a sua direita não podiam passar a refeição inteira em silêncio. Ele se voltou para a condessa, cujo vago sorriso parecia dizer: “Ah, vamos enfrentar isso até o fim”.

“A viagem foi cansativa?”, perguntou, surpreendendo-se com a naturalidade da própria voz.

Ela respondeu que, ao contrário, poucas vezes viajara com menos desconforto, porém ressaltou: “Tirando o calor que fazia no vagão”.

Depois de comentar que ela não teria esse problema no país para o qual estava indo, Archer lembrou: “Nunca passei tanto frio como no trem de Calais a Paris, em pleno mês de abril”.

Madame Olenska falou que não via nada de estranho nisso, porém acrescentou que sempre se podia levar uma manta a mais e que toda viagem tinha seus incômodos. Ao que ele replicou, abruptamente, que achava qualquer incômodo insignificante em comparação com a felicidade de partir. E informou, subitamente elevando o tom da voz: “Pretendo viajar muito, dentro em breve”. Em seguida, sem atentar na mudança de cor e no ligeiro estremecimento no rosto de sua interlocutora, voltou-se para Reggie Chivers e praticamente gritou:

“O que me diz de uma viagem ao redor do mundo: logo, no mês que vem, por exemplo? Estou disposto a ir, se você for...”. Mrs. Reggie respondeu que não podia nem pensar em deixar o marido se ausentar antes do baile Martha Washington que estava organizando para o Asilo dos Cegos,⁶ na Semana Santa; e Reggie placidamente observou que, nessa data, estaria treinando para disputar o Campeonato Internacional de Polo.

Entretanto, Mr. Selfridge Merry captara a expressão “ao redor do mundo” e, tendo já circum-navegado o planeta em seu iate, aproveitou a oportunidade para mencionar alguns dados chocantes sobre a pouca profundidade dos portos do Mediterrâneo. Porém ressaltou que isso não tinha a menor importância: depois de conhecer Atenas, Esmirna⁷ e Constantinopla,⁸ o que mais havia para ver? E Mrs. Merry declarou-se eternamente grata ao dr. Bencomb por fazê-los prometer que não iriam a Nápoles por causa da febre.

“Mas são necessárias três semanas para conhecer a Índia”, Mr. Merry advertiu, ansioso para mostrar que não era um frívolo turista.

E nesse momento as damas foram para a sala de visitas.

Na biblioteca, apesar de presenças mais imponentes, Lawrence Lefferts predominava.

A conversa girava em torno dos Beaufort, como sempre, e, instalados nas poltronas de honra tacitamente reservadas para eles, Mr. van der Luyden e Mr. Selfridge Merry se calaram para ouvir a filípica do rapaz.

Lefferts nunca expressara com tanta veemência os sentimentos que são o adorno da cristandade e exaltam a santidade do lar. A indignação dotou-o de acerba eloquência, e estava claro que, se os outros seguissem seu exemplo e agissem como ele dizia, a sociedade nunca seria tão fraca a ponto de receber um estrangeiro arrivista como Beaufort — não, senhor, ainda que fosse casado com uma Van der Luyden ou uma Lanning, e não com uma Dallas. E quais teriam sido suas probabilidades de casar com uma mulher de uma família como os Dallas, Lefferts perguntou, furioso, se já não tivesse se insinuado em certas casas, mostrando o caminho para gente da laia

de Mrs. Lemuel Struthers? Se a sociedade resolvia abrir as portas a mulheres vulgares, o dano não era grande, embora o ganho fosse duvidoso; mas, se chegava a tolerar homens de origem obscura e fortuna desonrosa, o resultado era a desintegração total — e num futuro não muito distante.

“Se as coisas continuarem nesse passo”, Lefferts esbravejou como um profeta vestido por Poole⁹ e antes de ser apedrejado, “veremos nossos filhos se engalfinhando por um convite para frequentar trapaceiros e casando com bastardos de Beaufort.”

“Ah... não exagere!”, Reggie Chivers e o jovem Newland protestaram, enquanto Mr. Selfridge Merry parecia assustado e o rosto sensível de Mr. van der Luyden exprimia dor e asco.

“Existe algum?”, Mr. Sillerton Jackson perguntou, muito atento, e, enquanto Lefferts procurava esquivar-se da resposta com uma risada, cochichou para o anfitrião: “Acho engraçados esses tipos que estão sempre querendo pôr ordem nas coisas. Quem tem o pior cozinheiro vive reclamando que é envenenado quando janta fora. Mas eu sei que nosso amigo Lawrence tem bons motivos para fazer essa diatribe: dessa vez é uma datilógrafa, pelo que ouvi dizer...”

A conversa passava por Archer como um rio sem sentido que continuava correndo porque não sabia parar. Nos rostos a seu redor ele via expressões de interesse, galhofa e até alegria. Ouvia a risada dos mais jovens e o elogio ao madeira, que Mr. van der Luyden e Mr. Merry celebravam pensativamente. Através de tudo isso, percebia vagamente uma atitude amistosa para com ele, como se fosse um prisioneiro e seus guardas procurassem amenizar-lhe o cativeiro; e essa percepção reforçou sua apaixonada determinação de ser livre.

Na sala de visitas, onde foram ter com as senhoras, encontrou o olhar triunfante de May, no qual leu a convicção de que tudo “correra” às mil maravilhas. Sentada ao lado da prima, ela se levantou, e imediatamente Mrs. van der Luyden chamou a condessa para instalar-se no sofá dourado em que se entronizara. Mrs. Selfridge Merry atravessou a sala para juntar-se a elas, e o dono da casa compreendeu que ali também estava em curso um conluio de reabilitação e obliteração. A silenciosa organização que mantinha a

coesão de seu pequeno mundo estava decidida a deixar claro que nunca, nem sequer por um momento, questionara a conduta de madame Olenska ou a felicidade conjugal de Archer. Todas essas pessoas amáveis e inexoráveis se empenhavam resolutamente em fingir umas para as outras que nunca ouviram falar, suspeitaram ou sequer imaginaram qualquer coisa que pudesse sugerir o contrário; e, a partir desse tecido de intrincada dissimulação recíproca, ele mais uma vez depreendeu que Nova York o via como amante de Ellen Olenska. Captou o brilho de vitória nos olhos da esposa e pela primeira vez entendeu que ela também o via assim. A descoberta suscitou um riso de demônios interiores que ecoava em todos os seus esforços para conversar com Mrs. Reggie Chivers e a pequena Mrs. Newland sobre o baile Martha Washington; e assim a noite passou como um rio sem sentido que continuava correndo porque não sabia parar.

Por fim, a condessa se levantou e começou a despedir-se. Archer se deu conta de que logo ela iria embora e tentou lembrar o que lhe dissera no jantar, porém não conseguiu recordar uma única palavra.

Ellen se aproximou de May, sendo rodeada por todos os presentes à medida que avançava, apertou-lhe a mão e recebeu um beijo da prima.

“Nossa anfitriã é a mais bonita das duas, com certeza”, Reggie Chivers cochichou para a jovem Mrs. Newland; Archer ouviu e lembrou-se do grosseiro sarcasmo de Beaufort ao comentar a beleza inútil de May.

Um instante depois, estava no saguão, colocando a capa de madame Olenska em seus ombros.

Em meio a toda a sua confusão mental, mantivera-se fiel à resolução de não pronunciar uma só palavra que pudesse assustá-la ou perturbá-la. Convencido de que agora nada poderia afastá-lo de seu propósito, encontrou forças para deixar as coisas acontecerem como tivessem de acontecer. Contudo, enquanto acompanhava a condessa ao saguão, sentiu um súbito desejo de ficar a sós com ela por um instante à porta da carruagem.

“Sua carruagem está aqui?”, perguntou. E Mrs. van der Luyden, envolvendo-se majestosamente em sua zibelina, explicou com toda a

gentileza: “Vamos levar nossa querida Ellen para casa”.

O coração de Archer deu um salto; e madame Olenska, segurando o manto e o leque com uma das mãos, estendeu-lhe a outra. “Adeus”, falou.

“Adeus... mas logo vou vê-la em Paris”, ele respondeu, com a impressão de ter gritado.

“Ah, se você e May puderem ir...!” , ela murmurou.

Mr. van der Luyden adiantou-se para oferecer-lhe o braço, e Archer se voltou para Mrs. van der Luyden. Por um momento, na escuridão do grande landô, vislumbrou vagamente o oval de um rosto, o brilho de um par de olhos... e ela se foi.

Ao subir a escada, cruzou com Lawrence Lefferts, que descia com a esposa e segurou-o pelo ombro, ao mesmo tempo que recuava para Gertrude passar.

“Escute, meu velho: será que você pode dar a entender que vai jantar comigo no clube amanhã? Obrigadíssimo, meu caro! Boa noite.”

“Correu tudo às mil maravilhas, não?”, May perguntou, na porta da biblioteca.

Archer estremeceu, sobressaltado. Ao ver afastar-se a última carruagem, subira e se fechara na biblioteca, com a esperança de que May, que ficara no térreo, fosse direto para o quarto. Porém ali estava ela, pálida e exausta, embora irradiando a factícia energia de quem superara o cansaço.

“Posso entrar para conversar?”

“Claro. Mas você deve estar com muito sono...”

“Não, não estou. Quero ficar aqui um pouco com você.”

“Muito bem”, disse ele, puxando-lhe uma cadeira para perto do fogo.

May se sentou, e Archer voltou para sua poltrona; mas durante muito tempo nenhum dos dois abriu a boca. Por fim, ele falou de repente: “Já que você não está cansada e quer conversar, eu tenho uma coisa para lhe dizer. Tentei dizer naquela noite...”

“Sim, meu bem. Uma coisa sobre você?”

“É. Você falou que não está cansada: bom, eu estou. Terrivelmente cansado...”

Num instante, ela era toda ternura e preocupação. “Ah, eu sabia que isso ia acontecer! Estão fazendo você trabalhar demais...”

“Pode ser. De qualquer modo, quero parar.”

“Parar? Largar a advocacia?”

“Ir embora... já. Fazer uma longa viagem, para bem longe... longe de tudo...”

Interrompeu-se, ciente de que falhara na tentativa de falar com a indiferença de quem anseia por mudança, porém está cansado demais para empreendê-la com prazer. Fizesse o que fizesse, a corda da ansiedade vibrava. “Longe de tudo...”, repetiu.

“Para bem longe? Para onde, por exemplo?”

“Ah, não sei. Para a Índia... ou o Japão.”

May se levantou, enquanto Archer permanecia sentado, cabisbaixo, o queixo entre as mãos, sentindo-a a seu redor, calorosa e perfumada.

“Tão longe assim? Acho que você não pode ir, não, querido...”, ela falou com a voz trêmula. “A não ser que me leve junto.” E, sem obter resposta, continuou, agora numa voz tão límpida e monótona que cada sílaba golpeava o cérebro do marido como um martelinho: “Isto é, se os médicos me deixarem ir... mas receio que não deixem. Porque, sabe, hoje de manhã tive certeza de uma coisa que tenho desejado e esperado...”

Diante de seu olhar aflito, abaixou-se, como uma rosa orvalhada, e apoiou o rosto em seu joelho.

“Ah, minha querida”, Archer murmurou, afagando-lhe o cabelo com a mão fria.

Seguiu-se uma longa pausa, que os demônios interiores encheram de risos estridentes. E, então, May se levantou.

“Você não desconfiou...?”

“Sim... não. Quer dizer, claro...”

Entreolharam-se por um momento e mais uma vez guardaram silêncio; até que, desviando o olhar, ele perguntou abruptamente: “Você contou para mais alguém?”

“Só para nossas mães.” Ela se calou e depois se apressou a acrescentar, corando até a raiz do cabelo: “E... para Ellen. Eu falei

para você que tivemos uma longa conversa, uma tarde... e que ela foi um encanto”.

“Ah...”, Archer suspirou, o coração parando de bater. Sentia que May o observava atentamente.

“Você se incomoda por eu ter contado para ela antes?”

“Por que me incomodaria?” Ele fez um último esforço para recompor-se. “Mas isso foi quinze dias atrás, não foi? E você falou que só hoje teve certeza.”

May corou ainda mais, porém sustentou seu olhar. “Não, naquela ocasião, eu não tinha certeza... mas disse a ela que tinha. E, como você vê, eu estava certa!”, exclamou, com lágrimas de vitória nos olhos azuis.

Newland Archer sentou-se à escrivaninha de sua biblioteca na rua 39 Leste.

Acabava de chegar de uma grande recepção oficial que marcou a inauguração das novas galerias do Metropolitan Museum, e a visão daqueles espaços imensos repletos de resquícios de outras eras, onde os elegantes circulavam por uma série de tesouros cientificamente catalogados, de repente acionara uma mola enferrujada da memória.

“Ora, esta era uma das velhas salas Cesnola”, ouviu alguém dizer; e no mesmo instante tudo que havia a seu redor desapareceu, deixando-o sozinho, sentado num duro divã de couro, junto a um aquecedor, enquanto uma esguia figura, vestida num longo casaco de pele de foca, afastava-se pela sala deserta.

A lembrança suscitara uma infinidade de associações, e agora ele via com novos olhos a biblioteca que, por mais de trinta anos, havia sido o cenário de suas reflexões solitárias e de todas as confabulações familiares.

Na biblioteca ocorrera a maior parte dos fatos concretos de sua vida. Foi ali que, havia quase 26 anos, entre rubores e circunlóquios que fariam rir as jovens da nova geração, May lhe contou que ia ter um filho; foi ali que Dallas, seu primogênito, fraco demais para ser levado à igreja em pleno inverno, foi batizado pelo imenso, magnífico, insubstituível bispo de Nova York, velho amigo do casal e orgulho da diocese. Foi ali que Dallas deu os primeiros passos,

gritando “Papai”, enquanto May e a babá riam atrás da porta; foi ali que sua filha Mary (muito parecida com a mãe) anunciou o noivado com o mais enfadonho e confiável dos muitos rebentos de Reggie Chivers; foi ali que Archer a beijou sobre o véu de noiva, antes de descerem para entrar no automóvel que os levaria à igreja da Graça — pois, num mundo em que todo o resto estremeceu até a base, o “casamento na igreja da Graça” continuava sendo uma instituição inalterada.

Foi na biblioteca que Archer e May sempre conversaram sobre o futuro da prole: os estudos de Dallas e Bill, o caçula; a incurável indiferença de Mary a “requintes” e sua paixão por esportes e filantropia; a vaga inclinação para a “arte” que finalmente levou o irrequieto e curioso Dallas a trabalhar no escritório de um promissor arquiteto nova-iorquino.

Agora os jovens estavam fugindo da advocacia e dos negócios e dedicando-se a todo tipo de novidade. Havia os que se ocupavam de política estadual ou reforma municipal; havia os que se voltavam para arqueologia centro-americana, arquitetura ou paisagismo, empenhavam-se em aprender sempre mais sobre os edifícios pré-revolucionários de seu país, estudavam e adaptavam exemplares georgianos¹ e protestavam contra o uso descabido do termo “colonial”.² Agora, só os merceeiros milionários dos subúrbios tinham casa “colonial”.

E, acima de tudo — às vezes Archer considerava esse acontecimento mais importante que todos —, foi na biblioteca que o governador de Nova York,³ que viera de Albany para jantar e passar a noite, esmurrou a mesa com o punho cerrado e proclamou: “Maldito seja o político profissional! Você é o tipo de homem que o país deseja. Se é para limpar o estábulo, homens como você têm de dar uma mão”.

“Homens como você...” Com que alegria ouvira essa frase! Com que presteza se prontificara! O chamado lembrava o velho apelo de Winsett para arregaçar as mangas e meter a mão no estreme, mas fora feito por um homem que dava o exemplo do gesto e cuja convocação para segui-lo era irresistível.

Agora, ao olhar para trás, Archer não tinha certeza de que era de homens como ele que seu país precisava, ao menos no serviço ativo que Theodore Roosevelt mencionara; na verdade, tinha motivo para pensar que não, pois, tendo atuado por um ano na Assembleia Estadual, não fora reeleito e retomara, agradecido, um obscuro, embora útil, trabalho municipal e a redação de um artigo ou outro para um dos semanários reformistas⁴ que tentavam tirar a nação da apatia. Não tinha muito que ver, ao olhar para trás; no entanto, quando lembrava as tacanhas aspirações dos jovens de sua geração e de seu círculo — ganhar dinheiro, praticar esporte e frequentar a sociedade —, até mesmo sua pequena contribuição para o novo estado de coisas parecia importante, como o é cada tijolo numa parede bem construída. Pouco fizera na vida pública; sempre seria, por natureza, um contemplativo, um diletante; mas tivera grandes coisas para contemplar, grandes coisas para desfrutar; e a amizade de um grande homem para dar-lhe força e enchê-lo de orgulho.

Havia sido, em suma, o que se começava a chamar de “um bom cidadão”. Fazia muitos anos que todo movimento filantrópico, municipal ou artístico que surgia em Nova York levava em conta sua opinião e queria seu nome. “Pergunte a Archer”, diziam; e foi o que fizeram quando se tratou de fundar a primeira escola para crianças deficientes, reorganizar o Museu de Arte, inaugurar a nova biblioteca,⁵ criar o clube Grolier⁶ ou uma sociedade de música de câmara. Ele tinha os dias decentemente cheios. Era tudo que um homem podia querer, pensava.

Sabia que perdera uma coisa: a flor da vida. Mas agora a via como algo tão inatingível e improvável que lamentar-se por isso seria como desesperar-se por não ganhar o primeiro prêmio da loteria. Havia cem milhões de bilhetes em *sua* loteria e apenas um prêmio; e a sorte decididamente não o favorecera. Quando pensava em Ellen Olenska era em termos abstratos, com serenidade, como poderia pensar numa amada imaginária de um livro ou de um quadro: ela representava a síntese de tudo que perdera. E sua imagem, embora tênue, livrara-o de pensar em outras mulheres. Ele havia sido o que se chamava de marido fiel; e, quando May morreu de repente — vítima da

pneumonia que contraíra ao cuidar do caçula —, chorou-a sinceramente. Seus longos anos de vida conjugal lhe mostraram que não importava muito que o casamento fosse um dever tedioso, desde que preservasse a dignidade de um dever: sem isso, tornava-se uma simples batalha de torpes apetites. Olhando em torno, Archer reverenciava o próprio passado e chorava por ele. Afinal, havia algo de bom nos costumes antigos.

Seu olhar passeou pela sala — redecorada por Dallas com meias-tintas inglesas,⁷ gabinetes Chippendale, algumas lâmpadas elétricas com cúpula azul e branca — e voltou para a velha escrivaninha Eastlake que ele nunca quis trocar e para a primeira fotografia de May, ainda ao lado do tinteiro.

Ali estava ela, alta e esguia, com sua musselina engomada e seu chapéu de palha, como naquele dia, sob as laranjeiras, no jardim da Missão. E assim permanecera; nunca exatamente da mesma altura, porém nunca muito abaixo: generosa, fiel, incansável; mas tão desprovida de imaginação, tão incapaz de crescer que não se deu conta da mudança, quando o mundo de sua juventude se despedaçou e se reconstruiu. Essa cegueira constante e feliz mantivera aparentemente inalterado seu horizonte imediato. Sua incapacidade para reconhecer a mudança levava os filhos e o marido a esconderem-lhe o que pensavam; desde o início, houve uma espécie de inocente hipocrisia familiar, para a qual pai e prole inconscientemente colaboraram, fingindo que tudo continuava sempre igual. E ela morreu com a certeza de que o mundo era um bom lugar, cheio de famílias amorosas e harmoniosas como a sua, e resignada em deixá-lo porque estava convencida de que, o que quer que acontecesse, Newland seguiria inculcando em Dallas os mesmos princípios e preconceitos que moldaram a vida dos pais dele e, quando morresse, Dallas transmitiria o sagrado legado ao irmão. Quanto a Mary, estava tão segura como em relação a si mesma. Assim, tendo arrancado o pequeno Bill das garras da morte, num esforço que lhe custara a própria vida, foi, contente, para seu lugar no jazigo da família na igreja de São Marcos,⁸ onde Mrs. Archer já descansava,

livre da assustadora “tendência” que a nora nunca chegara a perceber.

Diante do retrato de May havia um da filha. Mary Chivers era alta e loira como a mãe, porém tinha a cintura larga, o peito chato e os ombros ligeiramente caídos, como demandava a nova moda. Não poderia realizar suas grandes façanhas atléticas com a cinturinha que a faixa azul-celeste de May cingia com tanta facilidade. E a diferença parecia simbólica; a vida da mãe havia sido tão contida quanto seu corpo. Embora não fosse menos convencional, nem mais inteligente, a filha levava uma vida mais ampla e tinha opiniões mais tolerantes. Havia algo de bom na nova ordem também.

O telefone tocou, e, deixando as fotografias de lado, Archer tirou o transmissor do gancho. Como ia longe a época em que as pernas do mensageiro com botões de latão eram o único meio de comunicação rápida existente em Nova York!

“Chicago⁹ na linha.”

Ah... devia ser um interurbano de Dallas, que, a mando da empresa, fora a Chicago apresentar o projeto do palácio que um jovem milionário cheio de ideias queria construir na margem do lago Michigan. A empresa sempre lhe confiava esse tipo de encargo.

“Alô, papai... Sim: Dallas. Escute... o que você acha de embarcar na quarta-feira? *Mauretania*.¹⁰ É, quarta-feira que vem. Nosso cliente quer que eu veja uns jardins italianos, antes de se decidir, e me pediu para tomar o próximo navio. Preciso voltar em primeiro de junho...” a voz cedeu lugar a uma alegre risada, “de modo que temos de nos apressar. Escute, papai, preciso de sua ajuda; venha, por favor.”

Parecia que o rapaz estava ali, na biblioteca, falando tão perto e com uma voz tão natural como se estivesse em sua poltrona favorita, junto à lareira. Archer não se surpreendeu com isso, pois as ligações interurbanas já eram tão comuns quanto a luz elétrica e as viagens de cinco dias através do Atlântico.¹¹ Surpreendeu-se, sim, com o riso; ainda achava prodigioso que, a tantos quilômetros de distância — florestas, rios, montanhas, campos, cidades barulhentas, milhões de pessoas atarefadas e indiferentes —, o riso conseguisse dizer: “Claro

está que, aconteça o que acontecer, tenho de voltar em primeiro de junho, porque no dia cinco vou me casar com Fanny Beaufort”.

A voz recomeçou: “Pensar? Não, senhor: nem por um minuto. Você tem de dizer sim agora. Por que não, posso saber? Se você puder me dar um único motivo... Não; eu sabia. Então vamos? Porque espero que você ligue para a Cunard¹² amanhã cedo; e é bom reservar a passagem de volta para sair de Marselha. Escute, papai; vai ser a última vez que ficamos juntos, nessas circunstâncias... Ah, bom! Eu sabia que você viria.”

Chicago desligou. Archer se pôs a andar pela sala.

Seria a última vez que ficariam juntos nessas circunstâncias: Dallas estava certo. Depois do casamento, haveria muitas outras “vezes”, sem dúvida, já que eram bons companheiros e nada sugeria que Fanny Beaufort fosse interferir em sua intimidade, independentemente do que se pensasse sobre ela. Ao contrário, pelo que tinha visto, Archer acreditava que ela seria naturalmente incluída nessa intimidade. Porém mudança era mudança, diferenças eram diferenças, e, por mais que simpatizasse com a futura nora, ele estava tentado a aproveitar essa última oportunidade de ficar sozinho com o filho.

Não tinha por que não aproveitá-la, embora tivesse perdido o hábito de viajar. May não gostava de viajar, a menos que tivesse bons motivos, como levar as crianças para a praia ou para a montanha: não conseguia imaginar outra razão para sair da casa da rua 39 ou das confortáveis acomodações dos Welland em Newport. Após a formatura de Dallas, sentira-se na obrigação de viajar por seis meses; e a família inteira fez a antiquada excursão por Inglaterra, Suíça e Itália. Como o tempo era limitado (ninguém sabia por quê), não foram à França. Dallas ficou furioso por ter de contemplar o Mont Blanc, em vez de Reims e Chartres. Porém Mary e Bill queriam escalar montanha e já haviam se entediado o bastante quando o irmão os levou a percorrer as catedrais inglesas; e May, sempre justa com os filhos, insistira em manter o equilíbrio entre suas tendências atléticas e artísticas. Chegara a propor que o marido fosse passar quinze dias em Paris e depois os encontrasse nos lagos italianos,

quando teriam “feito” a Suíça, mas ele recusou a proposta. “Vamos ficar juntos”, declarou. E May exultou por vê-lo dar a Dallas tão bom exemplo.

Desde que enviuvara, fazia quase dois anos, Archer não via razão para seguir a mesma rotina. Os filhos insistiam em que viajasse: Mary Chivers acreditava que lhe faria bem ir para o exterior e “ver as galerias”. O próprio caráter misterioso de tal remédio a tornava mais confiante em sua eficácia. Mas ele estava preso ao hábito, às lembranças, a um repentino medo de novidades.

Agora, ao rever o passado, percebeu a profundidade da rotina em que mergulhara. O que havia de pior no cumprimento do dever era a impossibilidade de fazer qualquer outra coisa. Assim pensavam os homens de sua geração. A clara separação entre certo e errado, honesto e desonesto, respeitável e irrespeitável deixara pouco espaço para o imprevisto. Há momentos em que a imaginação do homem, tão facilmente subjugada às circunstâncias, de repente se eleva acima do nível cotidiano e observa os longos meandros do destino. Archer ali ficou, pensando...

O que restava do pequeno mundo em que crescera e a cujas normas se submetera? Lembrou-se de uma sarcástica profecia que, anos antes, o pobre Lawrence Lefferts pronunciara nessa mesma sala: “Se as coisas continuarem desse jeito, nossos filhos vão acabar casando com bastardos de Beaufort”.

Era justamente o que seu primogênito, o orgulho de sua vida, ia fazer; e ninguém se surpreendia, nem reprovava. A própria tia Janey, que ainda conservava a mesma aparência de sua distante juventude, tirara do invólucro de algodão cor-de-rosa as esmeraldas e as pérolas da mãe e as levava nas mãos trêmulas para a futura sobrinha; e, em vez de mostrar-se decepcionada por não ganhar um “jogo” de um joalheiro parisiense, Fanny Beaufort admirara a antiquada beleza das peças e declarara que, quando as usasse, se sentiria uma miniatura de Isabey.

Tendo surgido em Nova York aos dezoito anos, após a morte dos pais, Fanny Beaufort conquistara a cidade como o fizera madame Olenska trinta anos antes; só que, em vez de inspirar desconfiança e temor, foi acolhida pela sociedade com alegria e naturalidade. Era

bonita, divertida, desenvolta: o que mais se podia querer? Ninguém era tacanho a ponto de confrontá-la com o passado já meio esquecido do pai e com sua própria origem. Só os mais velhos ainda se lembravam da falência de Beaufort, obscuro incidente na vida financeira de Nova York, ou do fato de que, ao enviuvar, ele se casara discretamente com a notória Fanny Ring e deixara o país com a nova esposa e uma filha pequena que herdara a beleza da mãe. Soube-se depois que esteve em Constantinopla, na Rússia e, doze anos mais tarde, em Buenos Aires, onde representava uma grande companhia de seguros e recebia regimento viajantes americanos. Ali faleceu o próspero casal; e, um dia, a filha órfã apareceu em Nova York para morar com a cunhada de May Archer, Mrs. Jack Welland, cujo marido fora nomeado seu tutor. Com isso, tornou-se praticamente prima dos filhos de Newland Archer, e o anúncio de seu noivado com Dallas não surpreendeu ninguém.

Não poderia haver indicação mais clara da distância que o mundo percorrera. Agora as pessoas estavam ocupadas demais — ocupadas com reformas e “movimentos”,¹³ com novidades, fetiches e frivolidades — para se importar muito com os vizinhos. E que importância tinha o passado de alguém, no imenso caleidoscópio onde todos os átomos sociais giravam no mesmo plano?

Contemplando pela janela do hotel a alegria grandiosa das ruas de Paris, Newland Archer sentia o coração bater com a confusão e a ansiedade da juventude.

Fazia muito tempo que não o sentia corcovear dessa maneira, inflando-lhe o colete e, no momento seguinte, deixando-o com o peito vazio e as têmporas ardentes. Perguntou-se se era assim que o coração de seu filho se portava na presença de miss Fanny Beaufort — e respondeu que não. “Funciona tão ativamente quanto o meu, sem dúvida, mas o ritmo é diferente”, pensou, lembrando a fria compostura com que o rapaz anunciara o noivado, certo da aprovação da família.

“A diferença é que esses jovens têm certeza de que vão conseguir tudo que querem e nós quase sempre tínhamos certeza de que não conseguiríamos. Eu só queria saber se o que se tem certeza de conseguir faz o coração bater tão loucamente.”

Sua chegada a Paris ocorrera na véspera, e o sol da primavera o mantinha junto à janela aberta, diante da prateada vastidão da Place Vendôme.¹⁴ Uma das condições que ele estabelecera — praticamente a única —, quando concordara em viajar, era que não teria de hospedar-se num dos “palácios” em moda.

“Ah, tudo bem... claro”, Dallas assentiu amavelmente. “Vou levá-lo a um hotel agradável e antiquado... ao Bristol, por exemplo...”, prometeu; e o pai ficou perplexo ao ouvir que o centenário endereço de reis e imperadores agora era considerado um hotel antiquado, aonde ia quem estava em busca de singulares desconfortos e cor local.

Em seus anos de impaciência, Archer muitas vezes imaginara o cenário de seu retorno a Paris; depois, a visão pessoal se esvaecera, e ele simplesmente tentara ver a cidade como o lugar onde madame Olenska vivia. À noite, sozinho na biblioteca, quando todos estavam dormindo, evocara a radiosa explosão da primavera nas avenidas orladas de castanheiros-da-índia, as flores e as estátuas dos jardins públicos, a fragrância dos lilases nas carrocinhas dos vendedores de flores, o majestoso fluxo do rio sob as grandes pontes e a vida de arte, estudo e prazer que transbordava das ruas. Agora, tendo diante de si o espetáculo em toda a sua glória, sentia-se tímido, antiquado, deslocado: apenas um homenzinho cinzento, em comparação com o firme e magnífico indivíduo que sonhara ser...

Dallas pousou a mão em seu ombro. “Nada mau, hein?” Os dois ficaram por um instante em silêncio, olhando para fora, e então o rapaz falou: “Ah, tenho um recado para você: a condessa Olenska nos espera às cinco e meia”.

Disse isso com toda a simplicidade, como se transmitisse uma informação tão banal quanto o horário do trem para Florença, que tomariam na noite seguinte. O pai o fitou e julgou ver em seus olhos alegres uma ponta da malícia da bisavó Mingott.

“Ah, eu não lhe contei?”, o jovem prosseguiu. “Fanny me fez jurar que eu faria três coisas em Paris: comprar a partitura das últimas canções de Debussy,¹⁵ ir ao Grand-Guignol¹⁶ e visitar madame Olenska. Você sabe que ela foi muito boa para Fanny quando Mr. Beaufort a mandou de Buenos Aires para o colégio Assomption. Fanny não tinha nenhum amigo em Paris, e madame Olenska foi tão gentil que até a levava para passear nos feriados. Acho que ela era uma grande amiga da primeira Mrs. Beaufort. E, naturalmente, é nossa prima. Portanto, liguei para ela hoje de manhã, antes de sair, e disse que você e eu estamos aqui e queremos vê-la.

Archer continuava fitando-o. “Você disse para ela que eu estou aqui?”

“Claro... Por que não?” Dallas arqueou as sobrancelhas de um jeito engraçado e, como não recebesse resposta, segurou o braço do pai, pressionando-o ligeiramente. “Como é que ela era?”, perguntou, fazendo-o enrubescer com seu olhar insistente. “Ora, confesse: vocês eram grandes amigos, não eram? Ela não era linda?”

“Linda? Não sei. Ela era diferente.”

“Ah... então é isso! É sempre assim, não é? *Ela* sempre é *diferente*... e a gente não sabe por quê. É exatamente o que eu sinto em relação a Fanny.”

Archer recuou, libertando o braço. “Em relação a Fanny? Mas, meu caro... é o que eu espero! Só não vejo...”

“Ora, não seja pré-histórico! Ela não foi... um dia... sua Fanny?”

Dallas pertencia de corpo e alma à nova geração. Era o primogênito de Newland e May Archer, porém nunca conseguiram inculcar-lhe nem mesmo os rudimentos da discrição. “Para que o mistério? Só atíça a curiosidade dos outros...”, era sua resposta, quando lhe recomendavam discrição. Mas, agora, por trás da galhofa brilhava em seus olhos a luz da compreensão filial.

“Minha Fanny...?”

“Bom, a mulher por quem você deixaria tudo: só que não deixou”, explicou o surpreendente rapaz.

“Não deixei”, o pai repetiu com certa solenidade.

“Não: você é de outra época, meu velho. Mas a mamãe falou...”

“A mamãe?”

“Sim: um dia antes de morrer. Foi quando ela mandou me chamar... lembra? Ela falou que sabia que estávamos seguros com você e sempre estaríamos, porque, uma vez, quando ela lhe pediu, você renunciou ao que mais queria.”

Archer recebeu em silêncio essa estranha revelação. E da janela continuou olhando, sem ver, a praça ensolarada e apinhada de gente. Por fim, murmurou: “Ela nunca me pediu”.

“Não. Esqueci. Vocês nunca pediram nada um para o outro, não é? E nunca contaram nada um para o outro. Vocês só ficavam sentados, observando um ao outro e tentando adivinhar o que se passava sob a superfície. Um asilo de surdos-mudos, na verdade! Bom, acho que sua geração sabia mais dos pensamentos íntimos dos outros do que nós conseguimos descobrir sobre os nossos. Mas... você não ficou zangado comigo, ficou? Se ficou, vamos fazer as pazes e almoçar no Henri. Depois, tenho de ir correndo para Versalhes.”

Archer não foi com o filho para Versalhes. Preferiu passar a tarde perambulando, sozinho, por Paris. Tinha de encarar as tristezas acumuladas e as lembranças reprimidas de toda uma vida vivida em silêncio.

Momentos depois, já não lamentava a indiscrição de Dallas. Sentia-se como se lhe tivessem tirado um peso do coração, ao saber que, afinal, alguém descobrira e se compadecera... E o fato de que esse alguém havia sido sua esposa comovia-o profundamente. Dallas não entenderia isso, apesar de toda a sua afetuosa compreensão. Sem dúvida, via o episódio apenas como um caso patético de frustração inútil, de desperdício de energia. Mas seria só isso? Durante muito tempo, Archer ficou sentado num banco da Champs Elysées, meditando, enquanto a vida seguia seu curso...

A algumas ruas dali, a algumas horas dali, Ellen Olenska esperava. Não voltara para o marido e, quando enviuvou, havia alguns anos, não mudara seu estilo de vida. Agora, nada a separava de Archer — e, nessa tarde, o reencontraria.

Ele se levantou, atravessou a Place de la Concorde e os jardins das Tulherias e rumou para o Louvre. Uma vez a ouvira comentar que ia

com frequência ao museu e quis passar o tempo que faltava para a visita num lugar onde poderia pensar que ela estivera recentemente. Durante uma hora ou mais, percorreu uma sala após outra, à deslumbrante luz da tarde, redescobrando o esplendor meio esquecido dos quadros que, um a um, lhe enchiam a alma com sua beleza. Afinal, havia muita fome em sua vida...

De repente, diante de um refulgente Ticiano,¹⁷ surpreendeu-se dizendo: “Mas eu só tenho cinquenta e sete anos...” e foi embora. Era tarde demais para esses sonhos de verão; mas não para uma serena colheita de amizade, de companheirismo, na bendita quietude da intimidade.

Voltou para o hotel, onde se encontrou com o filho para novamente atravessarem a Place de la Concorde e cruzarem a ponte que leva à Câmara dos Deputados.¹⁸

Ignorando o que se passava na cabeça do pai, o jovem falava animadamente sobre Versalhes. Visitara o palácio rapidamente numa viagem de férias em que tentara ver tudo que não tinha visto quando fora obrigado a ir com a família para a Suíça; e o entusiasmo exaltado e a crítica arrogante jorravam-lhe dos lábios aos borbotões.

Ouvindo-o, Archer sentia-se cada vez mais deslocado e inexpressivo. Sabia que Dallas não era insensível, mas tinha a desenvoltura e a segurança de quem encara o destino em pé de igualdade e não com submissão. “É isso: eles se consideram em pé de igualdade com tudo... sabem onde estão pisando”, pensou, vendo o filho como o porta-voz da nova geração que banira todos os antigos referenciais e, com eles, as placas indicativas de local e de perigo.

De repente, o rapaz se deteve e agarrou o braço do pai. “Caramba!”, exclamou.

Estavam no amplo espaço arborizado diante dos Invalides.¹⁹ A cúpula de Mansart²⁰ pairava, etérea, acima das árvores repletas de brotos e da longa fachada cinzenta do edifício: atraindo para si todos os raios da luz vespertina, era o símbolo visível da glória de um povo.

Archer sabia que madame Olenska morava numa praça próxima às avenidas que partiam dos Invalides; e imaginara um bairro

tranquilo, quase obscuro, esquecendo o esplendor central que o iluminava. Agora, por um estranho processo de associação, via aquela luz dourada como a penetrante claridade em que ela vivia. Durante quase trinta anos, a vida de Ellen — da qual ele curiosamente sabia tão pouco — transcorrera nessa rica atmosfera que já lhe parecia densa demais e, contudo, estimulante demais para seus pulmões. Archer pensou nos teatros em que ela teria estado, nos quadros que teria contemplado, nas sóbrias e esplêndidas casas antigas que teria frequentado, nas pessoas com as quais teria falado, na incessante sucessão de ideias, curiosidades, imagens e associações apresentadas por um povo intensamente sociável num ambiente de costumes imemoriais; e, de repente, lembrou-se do jovem francês que certa vez lhe dissera: “Ah, uma boa conversa... não há nada melhor, não é mesmo?”.

Fazia quase trinta anos que não via M. Rivière, nem tinha notícias dele; e isso lhe dava a medida de sua ignorância em relação à existência de madame Olenska. Mais da metade de uma vida os separava, e ela passara esse longo intervalo entre pessoas que Archer não conhecia, numa sociedade que ele apenas imaginava, em condições que ele nunca entenderia completamente. Nesse período, ele vivera com sua lembrança juvenil da condessa, enquanto ela por certo tivera outras companhias mais tangíveis. Talvez se lembrasse dele como de algo à parte, como uma relíquia numa capelinha escura, onde não havia tempo de rezar todos os dias...

Atravessaram a Place des Invalides e entraram numa das ruas que ladeavam o edifício. Era um lugar tranquilo, afinal, apesar de seu esplendor e de sua história; e o fato de cenários como esse estarem expostos a poucos interessados e a muitos indiferentes dava bem uma ideia das riquezas inexploradas de Paris. O dia ia morrendo numa névoa tênue, ainda banhada pelo sol, crivada cá e lá pela luz amarela de uma lâmpada elétrica; e eram raros os transeuntes, na pequena praça em que agora se encontravam. Dallas parou novamente e olhou para cima.

“Deve ser aqui”, falou, segurando o braço do pai com um movimento que a timidez de Archer não repeliu; e os dois ficaram olhando para o prédio.

Era uma construção moderna, sem nada de especial, com muitas janelas e aprazíveis terraços na larga fachada cor de creme. Num dos terraços, bem acima das copas redondas dos castanheiros-da-índia que havia na praça, os toldos ainda estavam abertos, como se o sol tivesse acabado de se pôr.

“Qual será o andar...?”, Dallas murmurou e, dirigindo-se à *portecochère*,²¹ enfiou a cabeça na guarita do porteiro. “É o quinto”, informou ao retornar. “Deve ser o que está com os toldos.”

Archer permaneceu imóvel, contemplando as janelas do quinto andar como se tivessem chegado ao fim de sua peregrinação.

“Sabe, já são quase seis horas”, o filho por fim lembrou-lhe.

O pai desviou o olhar para um banco vazio, sob as árvores.

“Acho que vou me sentar aqui por um instante.”

“Não está se sentindo bem?”

“Não, estou muito bem. Mas gostaria que você subisse sem mim, por favor.”

Dallas ficou parado, visivelmente confuso. “Ora essa... Você não vai subir?”

“Não sei”, Archer respondeu lentamente.

“Ela não vai entender.”

“Vá, meu filho; pode ser que depois eu suba.”

O rapaz fitou-o demoradamente, na penumbra do crepúsculo.

“Mas que diabos eu vou dizer para ela?”

“Você não sabe sempre o que dizer, meu caro?”, foi a resposta, acompanhada de um sorriso.

“Muito bem. Vou dizer que você é antiquado e prefere subir cinco andares a pé porque não gosta de elevador.”

O pai sorriu novamente. “Diga que sou antiquado: é o suficiente.”

O filho mais uma vez o fitou e, com um gesto de incredulidade, transpôs a porta em arco.

Archer sentou-se no banco e continuou olhando para o terraço com os toldos. Calculou o tempo que Dallas demoraria para ir de elevador até o quinto andar, tocar a campainha, ser recebido no saguão e conduzido à sala de visitas. Imaginou-o entrando lá com seu

passo rápido e confiante e seu delicioso sorriso e se perguntou se tinham razão em dizer que seu menino “puxara a ele”.

Então, tentou visualizar as pessoas já presentes na sala — pois, provavelmente, haveria mais de uma nessa hora tão propícia aos contatos sociais — e, entre elas, uma senhora morena e pálida, que olharia para cima, se soergueria e estenderia a mão fina e longa, adornada por três anéis... Imaginou-a sentada num sofá perto do fogo, diante de uma mesa repleta de azaleias.

“É mais real para mim aqui do que se eu subisse”, ouviu-se dizendo; e o temor de que essa última sombra de realidade perdesse a força manteve-o preso ao banco, enquanto os minutos se sucediam.

Ali ficou ele durante muito tempo, na penumbra que ia se tornando escuridão, sem desviar os olhos do terraço. Por fim, uma luz brilhou nas janelas, e, um instante depois, um criado saiu para o terraço e fechou os toldos e as venezianas.

Como se fosse o sinal que esperava, Newland Archer levantou-se lentamente e tomou o caminho do hotel.

Notas explicativas

Para apreciar plenamente *A época da inocência* é necessário entender os métodos sutis que Wharton utiliza para caracterizar as personagens, descrever a posição de cada uma delas na sociedade e dramatizar conflitos, como o que se trava entre tradição e experimentação. Neste romance, Wharton focaliza as três camadas principais da velha sociedade nova-iorquina. Os Van der Luyden representam a camada mais antiga, formada por famílias tradicionais de ascendência holandesa. Embora ocupem o degrau mais alto da escada social, parece que sua era está chegando ao fim. O degrau seguinte pertence às famílias de ascendência holandesa-americana, como os Mingott, os Welland e os Archer. Os recém-chegados, em rápida ascensão, são representados por personagens como Beaufort e Mrs. Struthers. Detalhes como a localização e a decoração de uma casa e o tipo de arte e literatura que seus moradores preferem ajudam a situar a personagem num mundo que começa a transformar-se.

Algumas das notas que se seguem limitam-se a explicar termos estranhos para o leitor moderno, porém muitas chamam a atenção para a maneira como determinada palavra contribui para a exposição de um tema que percorre o romance. Wharton se refere a espetáculos, teatros e atores reais não só para criar um ambiente rico em detalhes, mas também para ampliar as implicações de sua narrativa. Além das referências à residência particular e ao teatro

público, há as que definem a relação do indivíduo com a sociedade. Wharton estabelece uma analogia entre o mundo elegante da velha Nova York e as tribos antigas a fim de enfatizar os benefícios e as limitações comuns às duas espécies de comunidade: em cada uma delas, o indivíduo precisa sacrificar parte da liberdade para ter a proteção e a segurança do grupo. Ao descrever o envolvimento de uma personagem numa atividade militar, política ou cívica, Wharton nos convida a refletir sobre as responsabilidades dos cidadãos para com o crescimento e a retidão de sua comunidade. Tais referências revelam sua preocupação, neste romance, com a natureza da mudança ao longo do tempo, com a evolução e com uma análise dos processos que contribuem para a sobrevivência ou levam à extinção.

Sugestões de leitura

I. OBRAS DE WHARTON RELEVANTES PARA A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

The House of Mirth (1905)

The Reef (1911)

The Custom of the Country (1913)

Fighting France (1915)

Summer (1917)

The Marne (1918)

French Ways and Their Meaning (1919)

A Son at the Front (1920)

Old New York (4 vols., 1924): *False Dawn* (*The Forties*); *The Old Maid* (*The Fifties*); *The Spark* (*The Sixties*); *New Year's Day* (*The Seventies*)

A Backward Glance (1934)

II. OBRAS RELACIONADAS COM WHARTON E A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

AMMONS, Elizabeth. *Conflicting Stories: American Women Writers at the Turn of the Twentieth Century*. Nova York: Oxford University Press, 1991.

———. *Edith Wharton's Argument with America*. Athens: University of Georgia Press, 1980.

BELL, Millicent. "Edith Wharton in France", em *Wretched Exotic*, org. Katherine Joslyn e Alan Price. Nova York: Peter Lang, 1993.

- BENSTOCK, Shari. *No Gifts from Chance: A Biography of Edith Wharton*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1994.
- DWIGHT, Eleanor. *Edith Wharton: An Extraordinary Life*. Nova York: Harry N. Abrams, 1994.
- FRACASSO, Evelyn E. "The Transparent Eyes of May Welland in Wharton's *The Age of Innocence*", em *Modern Language Studies*, 21:4 (outono, 1991).
- GARGANO, James W. "Tableaux of Renunciation: Wharton's Use of *The Shaughran* in *The Age of Innocence*", em *Studies in American Fiction* 15:1 (primavera, 1987).
- GOODMAN, Susan. *Edith Wharton's Women: Friends and Rivals*. Hanover e Londres: University Press of New England, 1990.
- HELLER, Adele; RUDNICK, Lois (orgs.). 1915: *The Cultural Moment*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1991.
- LEWIS, R. W. B. *Edith Wharton: A Biography*. Nova York: Harper and Row, 1975.
- ; LEWIS, Nancy (orgs.). *The Letters of Edith Wharton*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1988.
- MARTIN, Robert A.; WAGNER-MARTIN, Linda. "The Salons of Wharton's Fiction: Wharton and Fitzgerald, Hemingway, Faulkner, and Stein", em *Wretched Exotic*, org. Katherine Joslyn e Alan Price. Nova York, Peter Lang, 1993.
- PIZER, Donald. "American Naturalism in Its 'Perfected' State: *The Age of Innocence* and *An American Tragedy*", em *Edith Wharton: New Critical Essays*, org. Alfred Bendixen e Annette Zilversmit. Nova York e Londres: Garland Publishing, Inc., 1992.
- PRICE, Alan. "Wharton Mobilizes Artists to Aid the War Homeless", em *Wretched Exotic*, ed. Katherine Joslyn e Alan Price. Nova York: Peter Lang, 1993.
- . "Edith Wharton at War with the American Red Cross: The End of *Noblesse Oblige*", em *Women's Studies*, ed. esp.: Reading the Letters of Edith Wharton, ed. convidada Annette Zilversmit, 20:1 (1991).
- SENSIBAR, Judith. "'Behind the Lines' in Edith Wharton's *A Son at the Front: Rewriting a Masculinist Tradition*", em *Wretched Exotic*, org. Katherine Joslyn e Alan Price. Nova York: Peter Lang, 1993.
- WOLFF, Cynthia Griffin. *A Feast of Words: The Triumph of Edith Wharton*, 2. ed. Reading, MA: Addison Wesley Publishing Co., 1994.

Notas

LIVRO I

I.

1. Soprano sueca (1843-1921) que em 1o de novembro de 1871 se apresentou na Academia de Música como Marguerite, personagem de *Fausto* (1859), ópera em cinco atos de Charles Gounod (1818-93).
2. Na ópera de Gounod, Fausto vende a alma ao demônio em troca de juventude e amor. Como Fausto, Newland Archer será tentado a sacrificar algo de valor inestimável, baseado na realidade, por uma paixão fugaz que é produto de sua imaginação.
3. Situada na rua Catorze com a Union Square, a Academia de Música de Nova York foi inaugurada em 1854 e apresentou temporadas líricas até 1886. Tinha 4600 poltronas, sendo os camarotes monopolizados por famílias da velha aristocracia, descendentes dos holandeses e dos primeiros colonos ingleses.
4. O Metropolitan Opera House, inaugurado em 22 de outubro de 1883 e situado entre a Broadway, a rua 39, a Sétima Avenida e a rua Quarenta.
5. Gente como Jay Gould (1836-92), J. P. Morgan (1837-1913), Cornelius Vanderbilt (1794-1877) e William Rockefeller (1810-1906), que fizeram fortuna no campo das finanças ou da indústria. Eram “novos” para os descendentes dos primeiros colonos, que viviam nas proximidades da Washington Square, habitada por nova-iorquinos ricos. Os “novos” gostaram do Metropolitan Opera House, onde não tinham de disputar camarotes com a velha aristocracia.
6. Isaac Brown, sacristão da igreja da Graça, frequentada por todos os nova-iorquinos elegantes, dispunha de uma frota de carruagens para levar os clientes a entretenimentos noturnos como a ópera e as festas particulares.
7. Marguerite canta isso e despetala uma margarida, enquanto Fausto tenta seduzi-la. Os livros do século XIX sobre a linguagem das flores associam a margarida com beleza e inocência.

8. Victor Capoul (1839-1924) cantou Fausto com Christine Nilsson na montagem de 1871.
9. Tipo de gola ampla ou pelerine curta com que as nova-iorquinas elegantes cobriam o decote mais ousado de seus vestidos europeus.
10. Pequenas flores brancas em forma de sino. Os livros do século XIX sobre a linguagem das flores associam o lírio-do-vale com simplicidade e delicadeza, o reencontro da felicidade ou um coração que definha em segredo. Enquanto Newland provavelmente associa as flores de May apenas com a simplicidade e delicadeza que vê nela, Wharton decerto conhecia todas essas associações. Newland não só vê apenas uma faceta de May e das flores que associa com ela, como tampouco percebe que o coração da noiva “definha” em decorrência de seu desejo por Ellen. Ao longo do romance, May é associada com flores que sugerem pureza e Ellen, ao contrário, com flores mais exóticas.
11. Luther Burbank (1849-1926), horticultor americano, criou muitas variedades de flores a partir de cruzamentos de diversas espécies. Ao referir-se a essas experiências, Wharton, que levava a sério a jardinagem e devia conhecer os híbridos de Burbank, apresenta seu primeiro exemplo do processo de mudança ao longo do tempo e, com isso, sugere o tema da evolução.
12. Ópera em três atos de Richard Wagner (1813-83) que inclui a tradicional marcha nupcial.
13. Referência ao estilo associado com Joséphine (1763-1814), imperatriz da França de 1804 a 1809, quando o imperador Napoleão I (1769-1821) se divorciou dela. O “modelo incomum” de Ellen Olenska podia ser tanto um daqueles vestidos parecidos com camisola muito usados na França após a Revolução Francesa (1789-95) e no início do século XIX quanto um vestido de cauda longa e pesada, mais particularmente associado com Joséphine. O vestido estilo camisola, caracterizado pelo decote baixo, rompia com a tradição de roupas apertadas. E teria chamado a atenção em Nova York na década de 1870, quando a maioria das mulheres usava desconfortáveis anquinhas e espartilho.

2.

1. O arenito pardo era o material de construção por excelência na Nova York de meados do século XIX. Extraído de pedreiras em Portland, Connecticut, e Little Falls, Nova Jersey, é originalmente cor-de-rosa, tornando-se marrom depois de exposto às intempéries. Sua disponibilidade e o desenvolvimento da tecnologia, como os processos de corte a vapor, explicam sua popularidade nessa época. Só os muito ricos, porém, podiam ter uma casa totalmente

construída com arenito pardo; os outros tinham de contentar-se com uma “fachada de arenito pardo” numa casa de tijolos.

2. Casaco traspassado, com abas do mesmo comprimento na frente e nas costas; no século XIX, era o traje masculino indicado para a tarde.
3. Parque com quatro quilômetros de comprimento no sentido norte-sul, da rua 59 à 110, e oitocentos metros de largura, no sentido leste-oeste, da Quinta Avenida à Central Park West. Foi aberto ao público logo após a Guerra Civil. Nova York se expandiu para o norte a partir da Washington Square, perto da rua Oito; assim, não surpreende que, no início e em meados do século XIX, a rua 59 fosse considerada um “ermo”.
4. Do período anterior à Revolução Francesa, no reinado de Luís XVI (1754-93).
5. Jardins de Paris que se estendem pela margem direita do Sena desde o Louvre até a Place de la Concorde. Luís Napoleão (1808-73; Napoleão III), sobrinho de Napoleão Bonaparte, governou a França no período conhecido como Segundo Império (1852-71).
6. Nas décadas de 1840 e 1850, a parte elegante da rua 34 situava-se nas proximidades da Segunda Avenida; na década de 1860, deslocou-se para oeste, para as proximidades da Quinta Avenida. Depois da Guerra Civil, a rua 34 se tornou o endereço de muitos nova-iorquinos riquíssimos, como Alexander Turney Stewart (1803-76), que construiu sua mansão na esquina dessa rua com a Quinta Avenida.
7. Catarina, a Grande (1729-96), imperatriz da Rússia entre 1762 e 1796.
8. Marie Taglioni (1804-84), uma das mais famosas bailarinas das décadas de 1830 e 1840.
9. Como Wharton explica no capítulo 5, investir num *chef* é uma questão de valores. Famílias como os Manson e os Mingott geralmente apreciam “boa mesa, roupa e dinheiro”; assim, o filho de Mrs. Mingott se sente na obrigação de fazer alguma coisa para contrabalançar a recusa da mãe em contratar um *chef*.
10. No terceiro ato de *Fausto*, Martha é a guardiã de Marguerite; Mefistófeles tenta seduzi-la para que Fausto tenha a oportunidade de falar com Marguerite.
11. Em francês, “duplo sentido”, sendo um dos sentidos um tanto indelicado.
12. No século XIX, usavam-se tantas penas em acessórios da moda, como leques e chapéus, que, por volta de 1883, cerca de 5 milhões de aves eram mortas anualmente para suprir a demanda; ao mencionar a águia, ave nacional dos Estados Unidos que corria o risco de extinção, Wharton alude ao preço cobrado pela moda.
13. *Knickerbockers*: calção comprido até o joelho, usado pelos meninos. *Pantalettes*: calça de baixo um pouco mais comprida que a saia, de modo que a barra, enfeitada com rendas e babados, ficava à vista; era usada pelas meninas.

1. Expressão francesa que se refere ao prazer relacionado com o fato de pertencer a uma sociedade, em especial ao privilégio de usufruir os direitos a que se faz jus como membro dessa sociedade.
2. Kew Gardens (Royal Botanical Gardens): um dos maiores jardins botânicos do mundo, nas proximidades de Londres.
3. Champanhe produzido pela empresa Veuve-Clicquot-Ponsardin, em Reims, França.
4. Ária de Marguerite no terceiro ato de *Fausto*.
5. Em francês: “penteadas”, particípio passado do verbo *coiffer*, “pentear”. As mulheres que vão aos bailes de Beaufort não têm a oportunidade de ajeitar o cabelo ao chegar.
6. Em francês: “botão-de-ouro”, flor associada com a riqueza; referência à presença da cor do ouro na decoração.
7. Semelhante à rosa, a camélia é geralmente branca, cor-de-rosa ou vermelha. Os livros do século XIX sobre a linguagem das flores associam-na com a excelência despretensiosa.
8. Adolphe-William Bouguereau (1825-1905), pintor francês que ganhou o Prix de Rome em 1850, era famoso por seus nus.

1. Paralela à Quinta Avenida, a University Place parte da Washington Square em direção ao norte. A “baixa Quinta Avenida” compreende a parte sul da avenida, que é a mais antiga; em 1850, a Nova York residencial começou a expandir-se para o norte a partir dessa área.
2. O período de 1852 a 1871, quando Napoleão III governou a França e o país detinha a supremacia no campo da arte.
3. A primeira referência de Wharton a Pompeia, cidade antiga da Itália destruída pela erupção do Vesúvio em 79 d.C. Wharton associa duas personagens com essa cidade congelada no tempo: aqui, Mrs. Mingott; mais adiante, Newland.
4. Romance (1867) do popular romancista e teatrólogo francês Octave Feuillet (1821-90). Newland vê o quarto de Mrs. Mingott como o lugar ideal para os encontros secretos de Louis de Camors com a esposa de seu benfeitor, o general de Campvallon, mas sabe que, embora nada tenha de convencional, a casa da velha senhora jamais abrigara nenhum encontro desse tipo.

5. Situada ao norte do cruzamento da Quinta Avenida com a Broadway, entre as ruas 23 e 26, a Madison Square era o endereço dos novos-ricos, enquanto a Washington Square abrigava a aristocracia de velha cepa.
6. Uma das avenidas mais elegantes de Nova York, conhecida como “rua dos palácios” na década de 1850 e rua dos Milionários, na de 1890.

5.

1. Romance de Nathaniel Hawthorne (1804-64) publicado em 1860.
2. William Thackeray (1811-63) e Sir Henry Bulwer (1801-72) escreviam sobre a classe alta, enquanto Charles Dickens (1812-70) escrevia sobre as classes média e baixa. Wharton está comentando os gostos literários das mulheres da família Archer, que preferem ler histórias de personagens pertencentes a sua classe social, o que nada tem de surpreendente. Quando leem romances ambientados no campo, preferem os de autores como Ouida (pseudônimo de Louise de la Ramée, 1839-1908), que romantizam a vida dos camponeses.
3. John Ruskin (1819-1900), crítico de arte e estudioso da relação entre arte e sociedade.
4. Sir Joshua Reynolds (1723-92), pintor inglês e autor de textos sobre arte, considerado o maior retratista de seu tempo. Em 1769, recebeu o título de Sir.
5. Em francês, literalmente: “em boas condições”; gíria: “sobrepeso”.
6. O sável é um peixe da família do arenque que já foi abundante nos Estados Unidos e muito consumido no século XIX. Suas ovas constituem uma iguaria; o fato de o cozinheiro de Mrs. Archer sempre queimar a melhor parte do jantar comprova a indiferença da família à boa mesa.
7. Referência a um episódio da *Odisseia*, epopeia de Homero, poeta grego do século IX a.C., em que Ulisses e sua tripulação lutam para impedir que seu navio se despedace contra os rochedos em que as sereias cantam para atraí-los.
8. Em francês: espírito corporativo, lealdade e solidariedade entre indivíduos de um grupo; neste caso, a família.

6.

1. Wharton estabelece o contraste entre as leituras de Newland e as que ele recomenda a May. Além dos clássicos, Newland lê obras que questionam velhas crenças; é versado em textos sobre o homem primitivo, antropologia e evolução, como *A origem das espécies* (1859) e *A origem do homem e a seleção sexual* (1871), de Charles Darwin (1809-82). Em vez de recomendá-los

a May, conversa com ela sobre temas mais inócuos, como os poemas de Alfred Tennyson (1809-92; poeta inglês oficial 1850-92). *Idílios do rei*, de Tennyson, baseia-se na lenda do rei Artur; seu “Os comedores de lótus” baseia-se na *Odisseia*.

2. Referência aos heróis da classe alta nos romances de Thackeray.
3. Título de uma balada (1593) cujo tema é recorrente nos contos de fadas: um tio malvado resolve matar o sobrinho e a sobrinha para se apoderar de sua propriedade; por ordem sua, as crianças são levadas para uma floresta e ali morrem.
4. Durante a Revolução Americana, o general britânico John Burgoyne (1722-92) rendeu-se ao general Horatio Gates (1728-1806) em 17 de outubro de 1777, em Saratoga, Nova York. A vitória americana, para a qual o bisavô de Wharton contribuiu, foi decisiva para o desfecho da guerra.
5. A princípio, área residencial exclusiva dos nova-iorquinos mais ricos. No século XIX, a sequência de casas do número 1 ao 13 era chamada “the Row” [a Fila]. Quando os novos-ricos começaram a instalar-se em Nova York, a construção dessas sequências de casas geminadas e idênticas se transferiu mais para o norte da Washington Square.
6. Descendentes de William Pitt, o Velho (1708-78), e de seu filho, William Pitt, o Jovem (1759-1806), que ocuparam o cargo de primeiro-ministro britânico.
7. Descendentes de Charles James Fox (1749-1806), líder do Partido Liberal britânico, que se opôs ao rei Jorge III (1738-1820) durante a Revolução Americana.
8. François Joseph Paul (1722-88), oficial da marinha francesa que comandou a frota atlântica de seu país na Revolução Americana. Ao derrotar Charles Cornwallis na batalha da baía de Chesapeake (5-9 de setembro de 1781), contribuiu para levar os americanos à vitória.
9. Peter Minuit (1580-1638), que comprou dos índios a ilha de Manhattan, em 1626.
10. No estilo de Thomas Chippendale (1718-79), moveleiro inglês, autor do influente *Guia do cavalheiro e do marceneiro* (1754, 1759 e 1762). A presença desses móveis e de relíquias da família na casa das Lanning indica sua condição aristocrática e a fortuna que herdaram.
11. As quatro ilhas do Canal estão situadas no canal da Mancha, entre a Inglaterra e a França.
12. Charles Cornwallis (1783-1805), general britânico na Revolução Americana. Sua rendição em Yorktown, Virgínia, em 19 de outubro de 1781, praticamente pôs fim à guerra.
13. Condado no centro-oeste da Inglaterra, ao leste do País de Gales.
14. Título conferido a um proprietário de terras na colônia holandesa de Nova Holanda entre 1629 e 1664, quando a colônia passou para o domínio britânico.

Os Van der Luyden descendem do primeiro proprietário holandês e, portanto, têm direito à mais alta posição social.

7.

1. Retrato elaborado pelo pintor inglês Thomas Gainsborough (1727-88).
2. Renda feita à mão em Veneza desde o século XV.
3. Daniel Huntington (1816-1906), pintor nova-iorquino, era famoso por seus retratos de pessoas importantes.
4. Alexandre Cabanel (1823-89), pintor francês que ganhou o Prix de Rome em 1845.
5. Fundado por Henry Jarvis Raymond (1820-69) e George Jones (1811-91) em 18 de setembro de 1851, o *Times — The New York Times* — consolidou sua credibilidade em 1871-3, quando denunciou William Marcy Tweed (1823-78), líder de um grupo de políticos nova-iorquinos corruptos. Ao longo do romance, Wharton se refere à corrupção em todos os níveis do governo; sugere que homens como Archer, que a princípio se recusavam a envolver-se em política por considerá-la incompatível com a conduta convencional de um cavalheiro, acabavam entrando para a política a fim de reparar o mal causado por homens como Tweed.
6. Em vez de participar do mesmo jogo, competindo entre si, Mr. e Mrs. van der Luyden preferem o solitário passatempo da paciência, que jogam lado a lado.
7. Possivelmente o que corresponde hoje à America's Cup, troféu máximo do iatismo internacional. O New York Yacht Club, fundado em 1844, ganhou a taça de 1851 a 1983.
8. Referência aos capítulos 7 e 8 do livro de Ester, no Antigo Testamento, em que Ester janta com o rei Assuero e consegue convencê-lo a frustrar um plano para exterminar os judeus.
9. Adelina Patti (1843-1913), soprano italiana que se apresentou nos Estados Unidos antes de estrear no Covent Garden de Londres em 1861.
10. Ópera em dois atos de Vincenzo Bellini (1801-35), o mais famoso compositor siciliano. Apresentada pela primeira vez em 1831, *La sonnambula* gozou de grande popularidade no século XIX. É irônico que uma das óperas favoritas de uma sociedade que em geral acata impensadamente as convenções tenha esse título.

8.

1. De acordo com essas regras, parentes próximos deviam usar luto fechado durante anos e parentes mais distantes usavam apenas uma fita preta.
2. Nesse parágrafo, Wharton enfatiza a criação nada convencional de Ellen em contato com povos e costumes que seus pares consideram exóticos.
3. Alessandro Manzoni (1785-1873), um dos maiores romancistas italianos.
4. Tratava-se, em geral, de uma pessoa nua. O fato de Ellen ter tido essa experiência é particularmente chocante, pois as mulheres, sobretudo nos Estados Unidos, não podiam desenhar ou pintar a partir de modelo vivo.
5. Porto e centro de iatismo na costa norte da ilha de Wight, Inglaterra.
6. Região da Europa Oriental tida como a pátria do conde Drácula, o vampiro do romance homônimo do escritor irlandês Bram Stoker (1847-1912), publicado em 1897.
7. Referência a *Debrett's Peerage of England, Scotland and Ireland* (1. ed., 1803), sobre a nobreza inglesa, escocesa e irlandesa.
8. Porcelana de alta qualidade fabricada em Sèvres, França.
9. Baixela antiga, banhada a prata.
10. Porcelana fina, produzida na China e exportada para os Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX; a presença dessa porcelana numa casa geralmente sugere que a família enriqueceu no comércio com a China.
11. Porcelana fabricada em Derby, Inglaterra, entre 1784 e 1848.
12. Jean-Baptiste Isabey (1767-1855), pintor francês famoso por suas miniaturas.
13. Deusa romana correspondente à Ártemis dos gregos, associada com a Lua, a luz, a caça e a virgindade; como muitas vezes também era associada com a fecundidade humana, as mulheres a veneravam para obter sucesso no casamento e no parto. As descrições de May como Diana se devem, em certa medida, ao fato de que, enquanto escrevia *A época da inocência*, Wharton estava lendo *O ramo de ouro* (1914), de Sir James George Frazer (1854-1941), obra sobre antropologia em catorze volumes. Trata-se de uma coletânea de mitos, costumes e práticas de magia que o autor apresenta de modo a fundamentar sua crença no progresso humano ao longo do tempo.

1. O reboco era uma forma barata de restaurar paredes externas de tijolo ou de arenito pardo, recobrando-as inteiramente. Aqui, indica que Ellen mora num bairro nada elegante.
2. Processo barato que consiste em mergulhar o metal derretido num molde para criar efeitos de entalhe, muito comuns no século XIX.

3. Rua próxima da Madison Square, área elegante no final da década de 1840 e início dos anos 1850.
4. Dante Alighieri (1265-1321) e Francesco Petrarca (1304-74), poetas italianos que celebram o amor idealizado e nunca consumado.
5. Poeta e historiador da arte inglês (1840-93).
6. Pseudônimo de Violet Paget (1856-1935), romancista e teórica de estética francesa que Wharton conheceu em 1894.
7. Philip Gilbert Hamerton (1834-94), crítico de arte e ensaísta inglês.
8. Walter Pater (1839-94), ensaísta e crítico inglês, autor de *Estudos sobre a história do Renascimento* (1873), com ensaios sobre artistas como Botticelli e Leonardo da Vinci (1452-1519).
9. Sandro Botticelli (c. 1445-1510), pintor italiano cuja reputação foi restabelecida na segunda metade do século XIX por críticos como Pater e Ruskin.
10. Pintor e frade dominicano italiano (c. 1400-55), que se dedicou quase exclusivamente à pintura religiosa; sua reputação como artista declinou na mesma época em que a de Botticelli cresceu.
11. Nome popular de uma gramínea sul-americana usada como enfeite na Europa durante o século XIX; é prateada e alcança de 3,6 a 4,2 metros de altura.
12. John Rogers (1829-1904) era um escultor americano que tinha ateliê na rua Doze, a oeste da Quinta Avenida. Fez sucesso com estatuetas de gesso agrupadas em cenas do cotidiano, como *Jogadores de damas na fazenda* (1875) ou *Pesando o bebê* (1876), que vendia em lojas e pelo correio. Entre 1860 e 1893, criou 77 grupos que foram muito reproduzidos.
13. Rosa vermelha que recebeu o nome do militar francês Jean-François Jacqueminot (1787-1865).
14. Substância cerosa secretada pelo intestino do cachalote e utilizada na fabricação de perfumes.
15. Situada numa parte mais nova de Nova York, longe de áreas antigas como Washington Square ou Madison Square.
16. No estilo das casas de Pompeia, descobertas nas escavações. A casa que Newland imagina para ele e May tem um saguão decorado no estilo de casas em que a vida parou no tempo. A referência de Wharton sugere que Newland teme que o casamento vá enterrá-lo como as cinzas vulcânicas enterraram os habitantes de Pompeia.
17. Imitação da Vieux (Velha) Saxe, porcelana de alta qualidade produzida nas proximidades de Dresden, Alemanha. Também conhecida como Meissen, a Vieux Saxe era considerada a melhor porcelana da Europa no início do século XVIII.
18. Charles Lock Eastlake (1836-1906) era um arquiteto inglês que escreveu um livro famoso, intitulado *Sugestões sobre o gosto no lar* (publicado nos Estados

Unidos em 1872). No final do século XIX, seu nome se tornou uma palavra comum, associada com o gosto vitoriano. A biblioteca de Archer terá móveis produzidos industrialmente, e não os móveis antigos, feitos à mão, encontrados na casa de famílias de velha cepa, como as Lanning.

19. Em italiano: “Virá... virá”.
20. Em francês: “bairros excêntricos”, como um subúrbio distante, habitado por artistas ou estudantes.
21. Uma das cidades mais antigas da Ásia Central, famosa por seus perfumes.
22. Em italiano: “claro”.
23. Pablo de Sarasate (1844-1908), violinista e compositor espanhol que na segunda metade do século XIX se apresentava com frequência na Europa, na América do Norte e na América do Sul.
24. Os livros do século XIX sobre a linguagem das flores associam a rosa amarela com infidelidade.

10.

1. A velha aristocracia nova-iorquina, descendente dos fundadores, frequentava a Igreja Episcopal, confissão anglicana que rompeu com a Igreja da Inglaterra em 1789.
2. O peixe sem olhos que vive em Mammoth Cave, Kentucky, era usado para ilustrar a teoria darwiniana da seleção natural.
3. Rua elegante de Paris, perpendicular à Place Vendôme, na margem direita do Sena.
4. Essa é a maneira como Wharton sugere que Fanny Ring, a “senhora loira” na carruagem, é amante de Beaufort.
5. Charles Algernon Swinburne (1837-1909) foi um poeta e crítico inglês; *Chasterlard* (1865) é a primeira de suas três peças baseadas na vida de Maria Stuart (1542-87), rainha da Escócia.
6. *Contos droláticos*, do romancista francês Honoré de Balzac (1799-1850), publicados originalmente em 1832.
7. Na mitologia grega, Cassandra recebeu do deus Apolo o dom da profecia; era filha de Príamo, rei de Troia, e previu a queda de sua pátria.
8. O domingo dos franceses, ou domingo continental, era dedicado aos passeios com a família, enquanto o tradicional domingo dos ingleses era dedicado à igreja e ao descanso.
9. Anteparo oval ou quadrado preso a uma haste de 1,5 ou 1,8 metro diante da lareira para proteger o rosto do calor, podendo ser levantado ou abaixado. Geralmente era bordado, mas esse é feito de penas.

11.

1. Madeira comumente usada nos móveis Chippendale.
2. Quadro do pintor americano John Singleton Copley (1738-1815), elaborado em 1779-81.
3. Quadro elaborado em 1805-7 por Jacques-Louis David (1748-1825), pintor francês que enalteceu com sua arte muitos feitos de Napoleão.
4. Fabricados por Thomas Sheraton (1751-1806) ou em seu estilo, esses faqueiros geralmente ficavam sobre o bufê na sala de jantar; popularizaram-se no século XVIII.
5. Vinho tinto de qualidade produzido em Bordeaux, França.

12.

1. Rua do Greenwich Village, Nova York, ao norte da Washington Square, estendendo-se no sentido leste-oeste. Grafia atual: Waverly.
2. Na década de 1850, essa avenida, que se estende no sentido norte-sul, era a fronteira oriental da área residencial elegante, próxima à Madison Square; a fronteira ocidental era a Sexta Avenida.
3. Ator americano (1833-93), especialista nas tragédias de Shakespeare. Seu irmão John Wilkes Booth (1838-65) assassinou o presidente Lincoln (1809-65).
4. O principal crítico teatral (1836-1917) do *New York Tribune* em 1865-1909.
5. Ator londrino (1839-1912) que se apresentou pela primeira vez em Nova York em *Henrique V*, de Shakespeare.
6. Irving (1783-1859) foi um dos primeiros escritores americanos profissionais e também um dos primeiros a conquistar fama internacional. O *livro de esboços* (1819-20), sua obra mais famosa, inclui “A lenda do cavaleiro sem cabeça” e “Rip van Winkle”, dois contos bem conhecidos. Halleck (1790-1867) era um poeta americano que colaborou com Joseph Rodman Drake (1795-1820), autor de “A fada culpada”, em *Os papéis Croaker* (1819), e fez parte do Knickerbocker Group, grupo de escritores nova-iorquinos cujo nome é o mesmo do autor fictício da *História de Nova York por Knickerbocker* (1809), de Washington Irving. Wharton menciona Irving e Halleck em sua autobiografia como membros de um pequeno grupo de escritores que seus pais respeitavam e consideravam “seguros”. É surpreendente que coloque Drake ao lado deles, pois, ainda em sua autobiografia, destaca-o como exemplo de escritor que não

pertencia à alta sociedade e tampouco era um grande poeta. Mas é significativo que não mencione seu nome.

7. Área ao sul da Washington Square, na qual teve origem a cidade de Nova York. No início do século XIX, o que depois se tornou a Canal Street ainda era um canal. O Battery era uma das áreas residenciais mais elegantes no final do século XVIII e começo do XIX, mas, durante o XIX, quando os elegantes se mudaram para o norte, passou a abrigar armazéns, bares e pensões para marinheiros e trabalhadores das docas vizinhas. Na década de 1850, era habitada principalmente por imigrantes.
8. Clube noturno parisiense.
9. Prosper Mérimée (1803-70), escritor francês famoso por seus contos e novelas. *Lettres à une inconnue* (*Cartas a uma desconhecida*, 1874), um dos livros “inseparáveis” de Newland, contém sua correspondência com uma de suas numerosas amantes. Robert Browning (1812-89), poeta inglês famoso por seus monólogos dramáticos. William Morris (1834-96), poeta e designer inglês que fundou a Liga Socialista, em 1884, e editou *Commonweal*, jornal dessa organização. Como essa lista mostra, os gostos de Newland são bem ecléticos; ao contrário da mãe e da irmã, que preferem romances ambientados em sua classe social, ele gosta de ler sobre mundos que desconhece.
10. Clube masculino nova-iorquino fundado em 1847 na rua Quinze e formado por escritores e artistas; o nome é uma referência aos cem membros originais. Pertencer a esse clube é uma temeridade da parte de Newland.
11. Bairro habitado por artistas, escritores, atores e outros indivíduos criativos, que não se prendem às convenções sociais.
12. Poeta, romancista e crítico francês (1852-1935). Wharton o conheceu em 1893, e os dois se tornaram amigos.
13. Charles Marie Georges Huysmans (1848-1907), romancista francês.
14. Edmond Louis Antoine (1822-96) e Jules Alfred Huot de Goncourt (1830-70), romancistas franceses cujo nome é sinônimo de realismo. Escreveram juntos a maioria de seus romances.
15. As barbatanas de baleia eram utilizadas para o perfeito ajuste do vestido, mas Wharton sugere que, em certa medida, sua rigidez também oferece proteção à usuária.
16. Bracelete espiral no estilo do que as romanas usavam durante a monarquia etrusca (753-509 a.C.).
17. Charles-Émile-Auguste Durand (1837-1917), retratista francês que obteve muito sucesso na década de 1870.
18. Exposição anual de arte organizada pela Academia Real de Pintura e Escultura da França e realizada no Louvre, em Paris; em 1881, a Société des Artistes Français assumiu as exposições, que se tornaram cada vez mais conservadoras

ao longo do século XIX. Outros salões surgiram nas últimas décadas do século XIX para apresentar obras de artistas como os impressionistas.

19. Restaurante elegante de Nova York.
20. Italo Campanini (1845-96), tenor italiano que fez sua estreia nova-iorquina em 1873; apresentou-se em *Fausto*, na inauguração do Metropolitan Opera House, em 1883.
21. Sofia Scalchi (1850-1922), contralto italiana.
22. Em francês: “imprevisto”.
23. Ellen se identifica como protestante, em oposição aos católicos, cuja Igreja proibia o divórcio; mas, nessa época, os protestantes também eram contrários ao divórcio.

13.

1. O segundo dos três teatros de Nova York mantidos por James W. Wallack (c.1794-1864) e, depois, por seu filho Lester (1820-88).
2. Peça em três atos escrita por Dion Boucicault (1822-90) e ambientada na Irlanda; o título significa “vagabundo”. Estreou no Wallack, em 14 de novembro de 1874, e manteve-se por mais tempo em cartaz que qualquer outra peça na década de 1870.
3. Dramaturgo, ator e diretor nascido na Irlanda; suas peças tiveram muito sucesso nos Estados Unidos no final do século XIX.
4. Conn, o protagonista.
5. Henry James Montague (1843-78), ator de origem inglesa; representou o papel do capitão Molyneux na montagem de 1874.
6. Uma das estrelas do Wallack, Ada Dyas (1843-1908) representou o papel de Claire Ffolliott, a amada do capitão Molyneux, na montagem de 1874.
7. Embora se trate de uma comédia, Wharton se concentra na cena da despedida dos amantes para enfatizar o tema da renúncia em sua narrativa.
8. Sophie Croizette (1847-1901) e Jean-Baptiste Bressant (1815-86), atores franceses, atuaram na Comédie Française na década de 1870.
9. Nomes artísticos de Margaret Robertson (1848-1935) e William Hunter Grimston (1843-1917), casal de atores ingleses famoso no final do século XIX.
10. A cidade mais antiga dos Estados Unidos, fundada por espanhóis no nordeste da Flórida, em 1565. O clima ameno e as atrações históricas faziam de St. Augustine uma popular estação de veraneio.

14.

1. Avenida que começa no Battery Park, atravessa a Quinta Avenida e se estende para noroeste. A baixa Broadway (mais próxima do Battery Park) correspondia à parte mais conhecida da cidade no começo do século XIX. O calçamento data de 1809, e as calçadas foram instaladas mais além da Washington Square. A A. T. Stewart Store, uma das primeiras lojas de departamento do mundo, situada na Broadway com a Chambers Street, surgiu em 1846; na década de 1850, a Broadway era a avenida de Nova York mais famosa por suas lojas e hotéis elegantes.
2. Referência aos funcionários e políticos corruptos, provavelmente a “Boss” [Chefão] Tweed em especial, que aproveitaram as oportunidades de fraude proporcionadas pelo desenvolvimento da indústria e pelo crescimento da população da cidade nas décadas de 1860 e 1870. William Marcy Tweed foi um político que fez fortuna cobrando propina de empreiteiros; foi preso em 1871, depois de roubar algo entre 75 milhões e 200 milhões de dólares.
3. Ambientada na Suíça; estreou em 1860.
4. Eugène Marin Labiche (1815-88), prolífico dramaturgo francês.

15.

1. Fundado por Charles Alexander e Samuel Coate Atkinson em 1821, o *Evening Post — Saturday Evening Post* —, periódico semanal, publicava, inicialmente, notícias, editoriais e textos literários; na década de 1870, passou a dedicar-se sobretudo à ficção.
2. Fabricados em Delft, Holanda.
3. Escritor francês (1828-1905), considerado um dos fundadores da literatura de ficção científica por causa de seus livros sobre viagens fantásticas e avanços tecnológicos que pareciam fantasiosos em sua época.
4. Filósofo e cientista social inglês (1820-1903) que se antecipou aos conceitos de Darwin. Sua filosofia conjuga aspectos do utilitarismo e do evolucionismo; foi o primeiro a usar o termo “sobrevivência dos mais aptos”. Wharton mostra o interesse de Newland pelos últimos achados das ciências sociais ao mesmo tempo que cresce seu interesse pela teoria da evolução.
5. Escritor francês (1840-97), autor de poemas, contos e peças teatrais.
6. Romance de George Eliot (pseudônimo de Mary Anne Evans, 1819-80), com muitas referências a ciência e filosofia; foi publicado em capítulos em 1871-2.
7. Sonetos de Dante Gabriel Rossetti (1828-82), poeta e pintor nascido em Londres, filho de um exilado político italiano.
8. Igreja episcopal em estilo gótico e mármore branco projetada por James Renwick Jr. (1818-95) e construída em 1843-6 na esquina da Broadway com a

rua Dez Leste; no século XIX, era frequentada pela alta sociedade nova-iorquina.

16.

1. Poemas de amor da poeta inglesa Elizabeth Barrett Browning (1806-61).
2. Poema de Robert Browning.

17.

1. Tipo de vestido usado na década de 1870, caracterizado pela anquinha e pela sobressaia drapeada.
2. Botões pretos feitos de um tipo de carvão encontrado na costa de Yorkshire, Inglaterra; nas décadas de 1870 e 1880, o azeviche era considerado muito elegante, sendo usado não só em botões, mas também em medalhões, broches e braceletes.
3. O regalo era um acessório feminino muito usado na segunda metade do século XIX. O de Ellen é feito da pele sedosa de um macaco africano de pelos longos, considerada muito elegante na virada do século.
4. Limite setentrional de Nova York na primeira metade do século XIX.
5. A expressão “sair à francesa” designava, originalmente, o costume de sair de uma reunião sem se despedir do anfitrião, na França do século XVIII; mais tarde, passou a indicar qualquer saída que se procura fazer às escondidas.
6. Casaco traspassado com capa curta, originalmente feito com uma lã áspera, produzida em Ulster, Irlanda.
7. Casaco sem mangas, com aberturas para os braços e capa curta.
8. Na parte da manhã, os homens elegantes da segunda metade do século XIX geralmente usavam camisa com colarinho duro de ponta virada, echarpe ou gravata, colete cinzento, sobrecasaca, calça listrada cinzenta, luvas e polainas cinzentas e cartola.
9. O nome da comunidade do dr. Carver sugere uma semelhança com a Comunidade Oneida, criada em 1848, entre Syracuse e Utica, no estado de Nova York. Até 1879, a Oneida, liderada por John Humphrey Noyes (1811-86), praticava o comunismo econômico e rejeitava a monogamia.
10. Em francês: literalmente, “um pouco selvagem”, mas aqui indica o sarcasmo de Winsett.
11. Uma forma específica de espiritismo. Nos Estados Unidos, um movimento espírita teve início depois de 1848, quando Margaret (1833-93) e Kate

(1839-92) Fox relataram uma comunicação com espíritos ocorrida em sua casa, em Hydesville, Nova York. Na segunda metade do século XIX, esse movimento um tanto excêntrico conquistou alguns adeptos, mas nunca deixou de ser associado com charlatanismo.

LIVRO 2

19.

1. Substância de cheiro forte, usada para eliminar traças; dizia-se que era um antiafrodisíaco, o que é muito irônico, já que o cheiro está presente num casamento.
2. Quartzo precioso que, colocado contra a luz em determinado ângulo, parece um olho de gato.
3. Obra do compositor inglês de origem alemã Georg Friedrich Händel (1685-1759).
4. Renda delicada, fabricada em Chantilly, França; provavelmente uma relíquia de família.
5. Louis Spohr (1784-1859), compositor e violinista alemão, um dos músicos mais famosos na primeira metade do século XIX.
6. Marcha nupcial tradicional do compositor alemão Felix Mendelssohn (1809-47).
7. May seria um bom modelo para uma estátua ou um mural moderno que personificasse a cidadã exemplar ou uma virtude abstrata. A referência sugere a força e a pureza da personagem.

20.

1. Nome alemão de Bolzano, cidade do norte da Itália.
2. Em 1868, Frances Waddington Bunsen (1791-1876) publicou, em dois volumes, as memórias do barão, seu marido (1791-1860).
3. No século XIX, Paris era a capital da indústria da moda feminina, liderada por Charles Worth (1825-95). Nos Estados Unidos, as elegantes ricas anualmente compravam vestidos de Worth.
4. Museu de arte fundado em Londres em 1824.
5. Situados no sul dos Alpes, os lagos italianos — de Como, Maggiore e outros — eram muito procurados pelos turistas no final do século XIX.

6. Cidade suíça que se tornou atração turística no século XIX em função do crescente interesse pelos Alpes.
7. Cidade nas montanhas da Suíça; atração turística.
8. Em francês: literalmente, “café-cantante”, tipo de bar em que os clientes ouvem música.
9. Famosa avenida na margem direita do Sena, em Paris; estende-se do Arco do Triunfo, de onde partem mais onze avenidas, à Place de la Concorde.
10. Bairro elegante de Londres, limitado pela Regent Street a leste, pelo Hyde Park a oeste, pelo Piccadilly Circus ao sul e pela Oxford Street ao norte.
11. Área de Londres que abriga várias faculdades e museus, como o Victoria and Albert Museum, criado em 1857 e denominado South Kensington Museum até 1899.
12. Material macio, muito usado para debruar peças do vestuário.
13. Estabelecimento particular de ensino secundário para filhos de nobres ricos; situado a uns vinte quilômetros de Londres, foi criado em 1571.
14. Também chamado lago Genebra; situado na fronteira da Suíça com a França.
15. Salão literário na casa dos irmãos Goncourt em Auteuil, bairro no oeste de Paris. A primeira reunião oficial ocorreu no sótão (*grenier*, em francês) em 1o de fevereiro de 1885; como essa parte de *A época da inocência* transcorre na década de 1870, a referência de Wharton é um anacronismo.
16. Guy de Maupassant (1850-93), romancista e contista francês.
17. Em francês: “distanciamento”, “reserva”.
18. Em francês: “veja”.
19. Gustave Flaubert (1821-80), romancista francês, famoso autor de *Madame Bovary* (1856).

21.

1. Cidade litorânea da ilha Aquidneck, Rhode Island; às vezes chamada de “Primeiro Balneário Americano”.
2. Clube masculino superexclusivo cujos membros pertenciam às famílias mais ilustres de Nova York.
3. Bela ilha na costa do Maine que começou a atrair turistas em 1855, ligada a Boston por um serviço de transporte a vapor inaugurado em 1868.
4. Cidade na extremidade norte da ilha Aquidneck.
5. Cavalos de tiro criados e treinados para ser velozes e resistentes; na segunda metade do século XIX, nova-iorquinos ricos investiam muito dinheiro nos melhores cavalos e gostavam de exibi-los no Central Park.
6. Rio da Escócia famoso por seus estaleiros.

7. Jean-Louis-Ernest Meissonnier (1815-91), pintor, litógrafo e escultor francês de grande sucesso.
8. Em francês: “O que você quer?”.
9. Avenida de Newport, paralela à praia, na qual foram construídas numerosas mansões na segunda metade do século XIX, como Château-sur-Mer (1852, ampliada em 1872) e Beechwood (1851-2).
10. Carruagem aberta muito apreciada na segunda metade do século XIX, com piso baixo que facilitava o acesso.
11. Carruagem de duas rodas, puxada por um cavalo; entre seus dois bancos, colocados encosto com encosto, havia espaço suficiente para transportar cães.
12. Em francês: literalmente, “frente a frente”; carruagem com espaço para duas pessoas sentadas de frente uma para a outra.
13. Avenida de Newport com muitas mansões.
14. Avenida de Newport cujo nome é o mesmo de uma tribo indígena da região.
15. Rua próxima ao porto de Newport. O trajeto de May e Archer indica que a casa de Catherine Mingott se situava nas proximidades da costa oeste da ilha Aquidneck, longe do centro elegante de Newport.
16. Casa de campo grande e pitoresca.
17. De Ulysses S. Grant (1822-85), presidente em 1869-77, ou de Rutherford B. Hayes (1822-93), presidente em 1877-81; ambos notórios pela corrupção.
18. Entre Goat Island e a costa de Newport; segundo a lenda, Ida Lewis (1842-1911), que sucedeu o pai no farol, salvou muitas vidas.
19. Ilhota a oeste da ilha Aquidneck, na entrada do porto de Newport.
20. Ilha na baía Narragansett, diante de Portsmouth.
21. Ilha a oeste da Aquidneck e da Goat Island.
22. Forte de granito que data da Revolução Americana, situado na costa oeste da ilha Aquidneck, na entrada do porto de Newport.
23. Em latim: literalmente, “santa simplicidade”. Indica surpresa ante uma demonstração de ingenuidade.

1. Estado mexicano; as tumbas são dos maias, que habitavam a região antes da colonização espanhola no início do século XVI.
2. Área de Newport na costa leste da ilha Aquidneck, afastada do centro da cidade; ao longo da costa há um caminho chamado Cliff Walk.
3. Em francês: “chá dançante”; forma de entretenimento vespertino em que os participantes tomam chá e dançam.

4. Praia que se estende por mais de um quilômetro pela costa atlântica; também chamada de Easton's Beach, First Beach e Newport Beach.
5. Estreito entre a ilha Aquidneck e o território continental de Rhode Island.
6. Planta de flores amarelas que se abrem no final do verão e no outono. Alguns livros sobre a linguagem das flores associam a vara-de-ouro com encorajamento; outros, com precaução.
7. Os livros do século XIX sobre a linguagem das flores associam a dália com elegância e dignidade.
8. Mary Frances Scott-Siddons (1844-96), atriz inglesa.
9. Poema em que Elizabeth Barrett Browning enaltece a poesia do futuro marido.
10. Hotel de Boston na esquina da Tremont Street com a School Street, diante da King's Chapel. Fundado em 1856 por Harvey Parker (1805-84), é um dos hotéis mais antigos dos Estados Unidos.

23.

1. Cidade industrial de Massachusetts, perto da baía Narragansett e da fronteira com Rhode Island.
2. O clube masculino mais antigo e exclusivo de Boston, fundado em 1851.
3. O Boston Common, parque público de vinte hectares, diante da Assembleia Legislativa estadual.
4. Referência à maçonaria, organização política masculina que se reunia em segredo, e não em locais públicos como o Boston Common.
5. Jornal diário nova-iorquino voltado para indústria e comércio.
6. Estação de águas situada 24 quilômetros a sudoeste de Viena, Áustria.
7. Canetas providas de reservatório de tinta criadas na segunda metade do século XIX.
8. Uma das principais ruas de Boston, ao lado do Common; abriga numerosas mansões, como a Sears Mansion, sede do clube Somerset.
9. Em francês: literalmente, “gabinete particular”; “reservado”.

25.

1. Esse meio de transporte público puxado por cavalos tinha capacidade para trinta ou quarenta passageiros. Em meados do século XIX, substituiu o ônibus puxado por cavalos nas grandes cidades, pois não só proporcionava uma viagem relativamente tranquila, já que corria sobre trilhos, como era duas vezes mais rápido.

1. Referência ao lazer da classe alta nova-iorquina nos meses de inverno.
2. “Evita que teus pés fiquem desnudos e a tua garganta, sedenta. Mas tu dizes: ‘É inútil! Não! Porque eu amo os estrangeiros e corro atrás deles”.
3. O Boston Music Hall, na esquina da Winter Street com a Bumstead Place, foi construído em 1852. Mrs. Pennilow não teria escutado a famosa Orquestra Sinfônica de Boston, fundada em 1881. O Boston Music Hall foi sede da orquestra até 15 de outubro de 1900, quando se inaugurou o Symphony Hall, na esquina da Huntington Avenue com a Massachusetts Avenue.

1. Esse meio de transporte público puxado por cavalos tinha capacidade para doze passageiros e seguia um trajeto fixo. Os primeiros ônibus dos Estados Unidos surgiram em Nova York, em 1829.
2. Em francês: literalmente, “nobreza obriga”. Refere-se a um gesto de generosidade ou a uma conduta honrada que se espera de um indivíduo da alta sociedade.
3. Em francês: “pequena escrivãzinha”.

1. Empresa de telégrafo que foi criada em 1856 por Hiram Sibley (1807-88) e Ezra Cornell (1807-74) e praticamente monopolizou o setor até a década de 1870. Em 1861, a Western Union inaugurou a primeira linha telegráfica transcontinental do país.
2. Referência à coragem e à férrea disciplina associadas com os habitantes de Esparta, cidade da antiga Grécia. A ironia de Wharton está na referência ao hipocondríaco Mr. Welland.
3. Antes da Guerra Civil, área elegante que atuava como polo teatral de Nova York; situa-se entre a Park Avenue South e a Broadway, ao norte da rua Catorze.

1. Em 1871, a United Companies of New Jersey criou um terminal no porto de Nova York para a Pennsylvania Railroad, o maior sistema de transporte da costa atlântica e da região dos Grandes Lagos.
2. Referência à coletânea de contos antigos originalmente escritos em árabe, intitulada *As mil e uma noites*.
3. Ellen e Archer estão indo para a casa da vovó Mingott, situada nas proximidades do Central Park, que começa na rua 59.

30.

1. Jules Michelet (1798-1874), historiador francês cuja grande obra é *Histoire de France* (1833-67).

31.

1. Atriz inglesa (1848-80) que se apresentou pela primeira vez em Nova York em 1872 no papel de Julieta.
2. Referência à primeira grande aquisição de obras para o museu. Johnston pagou 60 mil dólares por cerca de 10 mil objetos que iam de pontas de lança a esculturas procedentes de tumbas fenícias, gregas, assírias e egípcias na ilha de Chipre saqueadas pelo general Louis Palma di Cesnola (1832-1904).
3. Nome latino de Troia, antiga cidade da Ásia Menor, palco da Guerra de Troia.

32.

1. Referência ao duque de Morny (1811-65), político francês e meio-irmão de Napoleão III.
2. Final do terceiro ato de *Fausto*.

33.

1. Situada na rua Quinze, no lado oeste da Union Square, a Tiffany's era a loja em que os nova-iorquinos elegantes compravam joias, cartões com inscrição gravada e objetos de decoração.
2. Móvel ornamental para plantas ou flores.

3. Flores vistosas, associadas com inconstância e pouco valor; também são interpretadas como um pedido de confiança em quem as tem ou as dá.
4. Pequena réplica da escultura em mármore que representa Afrodite, a deusa do amor. O original, sem braços, data do século IV ou V a.C.; descoberto na ilha de Milos, em 1820, encontra-se desde então no Louvre.
5. Eugène Joseph Verbeekhoven (1798-1881), pintor belga, famoso por suas representações de animais.
6. Em sua autobiografia, *A Backward Glance*, Wharton diz que seu pai, George Frederic Jones, foi um dos diretores do Asilo dos Cegos, uma das principais organizações de caridade de Nova York.
7. Cidade da Turquia, na costa do mar Egeu, e o segundo maior porto do país; é habitada desde o terceiro milênio antes de Cristo.
8. Fundada com o nome de Bizâncio, no século VII a.C., é a atual Istambul, na Turquia.
9. Enquanto Paris era o centro da indústria da moda feminina, Londres era o centro da indústria da moda masculina. Henry Poole (1814-76) era um dos mais famosos alfaiates londrinos.

34

1. Exemplos no estilo de arquitetura colonial adotado nos Estados Unidos em 1730-1830.
2. Termo vago que abrange numerosos estilos de arquitetura presentes nas colônias americanas.
3. Theodore Roosevelt (1859-1919), 26º presidente dos Estados Unidos (1901-9), foi governador de Nova York em 1899-1900. Wharton tinha grande respeito por esse amigo poderoso.
4. Publicações semanais engajadas em movimentos por mudanças políticas e/ou sociais. Enquanto o *Citizen* de Thomas J. Creamer (1843-1914) se concentrava em reformas políticas, periódicos como o *Voice* (1884-1906), de Nova York, apoiavam o movimento pela abstinência de bebidas alcoólicas. Alguns dos maiores reformistas da virada do século defendiam um socialismo utópico, a denúncia da corrupção e da imoralidade nos negócios e na política (o movimento “*muckraking*”), os direitos das mulheres e os sindicatos; cada movimento usava a imprensa em suas tentativas de conquistar adeptos.
5. A Biblioteca Pública de Nova York, criada em 1895 e construída em 1902-9 na Quinta Avenida, entre as ruas Quarenta e 42, segundo projeto de John Mervin Carrère (1858-1911) e Thomas Hastings (1860-1929).

6. Clube de bibliófilos fundado em 1884. A referência sugere que Wharton associa a criação desse clube com um progresso ou evolução na sociedade nova-iorquina.
7. Gravuras feitas a partir de placas de cobre mediante um processo inventado por Ludwig von Siegen (1609-c.1680) em 1642. A indústria da meia-tinta inglesa alcançou o auge no século XVIII.
8. A segunda igreja mais antiga de Nova York, construída em 1795-9 na esquina da Stuyvesant Street com a Segunda Avenida.
9. Uma das cidades do Meio-Oeste que se desenvolviam mais rapidamente na virada do século.
10. Navio da Companhia de Navegação Cunard em grande atividade entre 1906 e 1934; entre 1907 e 1929 foi o mais rápido na travessia do Atlântico, o que lhe valeu o prêmio Blue Ribband.
11. Ao contrário das viagens na década de 1850, que demoravam o dobro do tempo. Referência aos “visionários” em que Archer está pensando, no início do capítulo 29, enquanto espera por Ellen no terminal Pennsylvania. Ao longo deste capítulo, Wharton enfatiza que algumas coisas tidas por inimagináveis trinta anos antes acabaram se concretizando.
12. Referência à Companhia de Navegação Cunard, fundada em 1840 por Sir Samuel Cunard (1787-1865), armador inglês. A partir de 1848, dez navios da empresa zarpavam semanalmente. Na década de 1850, a Cunard competia com a Collins, que estabeleceu um recorde, ao percorrer a distância entre Liverpool e Nova York em dez dias e quatro horas. No século XX, os navios de luxo mais velozes eram da Cunard.
13. Associados com a chamada Era do Progresso, na virada do século. Ao contrário de seus antepassados, os homens da classe alta agora se envolviam com a política, esforçando-se para reparar os danos causados pela corrupção posterior à Guerra Civil.
14. Praça de Paris, na margem direita do Sena, concebida por Jules Hardouin Mansart (1646-1708), arquiteto francês.
15. Claude Debussy (1862-1918), compositor francês iconoclasta, autor de *Prélude à l'après-midi d'un faune* (1894) e *La Mer* (1904), entre outras obras.
16. Teatro de Paris fundado em 1897 por Oscar Metenier (1859-1913) e dirigido por Max Maurey (1866-1947) a partir de 1899. Era famoso por apresentar peças de caráter violento e assustador.
17. Tiziano Vecellio (c. 1485-1576), grande pintor italiano.
18. A câmara baixa do Parlamento francês; Archer e o filho estão passando da margem direita para a margem esquerda do Sena.
19. Hôtel des Invalides, na margem esquerda do Sena, criado em 1671 por Luís XIV (1638-1715) para abrigar soldados inválidos.

20. A cúpula dourada da igreja de Saint-Louis-des-Invalides, de Jules Hardouin-Mansart, sob a qual se encontra o túmulo de Napoleão Bonaparte.
21. Entrada de veículos.

Copyright da introdução © 1996 by Cynthia Griffin Wolff
COPYRIGHT DAS NOTAS © LAURA DLUZYNSKI QUINN

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

PENGUIN AND THE ASSOCIATED LOGO AND TRADE DRESS ARE REGISTERED
AND/OR UNREGISTERED TRADEMARKS OF PENGUIN BOOKS LIMITED AND/OR
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
RAUL LOUREIRO, CLAUDIA WARRAK

PREPARAÇÃO
LENY CORDEIRO

REVISÃO
ADRIANA CRISTINA BAIARRADA
MARISE LEAL

ISBN 978-85-8086-753-4

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
WWW.PENGUINCOMPANHIA.COM.BR
WWW.COMPANHIASLETRAS.COM.BR
WWW.BLOGDACOMPANHIA.COM.BR